Billy e Eu

Norte editora



Giovanna Fletcher

Billy e Eu

INSTITUTO PHORTE EDUCAÇÃO
PHORTE EDITORA

Diretor-Presidente

Fabio Mazzonetto

Diretor a Financeira

Vânia M. V. Mazzonetto

Editor-Executivo

Fabio Mazzonetto

Diretor a Administrativa

Elizabeth Toscanelli

Billy e Eu

GIOVANNA FLETCHER

TRADUÇÃO
Flávia Yacubian

Phorte editora
São Paulo, 2014

Billy and Me

Copyright © 2012 by Giovanna Fletcher
Copyright © 2014 by Phorte Editora

Rua Treze de Maio, 596
Bela Vista – São Paulo – SP
CEP: 01327-000
Tel/fax: (11) 3141-1033
Site: www.phorte.com.br
E-mail: phorte@phorte.com.br

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio sem autorização prévia por escrito da Phorte Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F631b

Fletcher, Giovanna

Billy e eu [recurso eletrônico] / Giovanna Fletcher ; tradução Flávia Yacubian. - 1. ed. -São Paulo : Phorte, 2014.

recurso digital : il.

Tradução de: Billy and me
Formato: ePUB
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7655-530-8 (recurso eletrônico)

1. Romance infantojuvenil inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Yacubian, Flávia. II. Título.

14-18848 CDD: 028.5
CDU: 087.5

Este livro foi avaliado e aprovado pelo Conselho Editorial da Phorte Editora.
(www.phorte.com.br/conselho_editorial.php)

Sumário

Cobrir
Página de Título

Eu

PARTE UM
1
2
3
4
5
6
7
8

PARTE DOIS
9
10
11
12
13
14
15
16

PARTE TRÊS
17
18
19
20
21
22
23

24

PARTE QUATRO
25
26
27
28

Eu

Quando eu tinha quatro anos de idade, a única coisa que queria era uma boneca que chorava. Eu não era muito ligada em bonecas até que a minha melhor amiga ganhou uma de aniversário, então decidi que uma boneca que chorava lágrimas reais e fazia xixi era o que faltava em minha vida. Depois de perturbar meus pais por algumas semanas, eles acabaram cedendo. Mas, pra falar a verdade, o brinquedo recebeu minha atenção por uma semana e depois ficou largado sem ninguém limpar sua fralda (ops!). Não tenho ideia do que aconteceu com ele, mas chuto que minha mãe doou.

Quando eu tinha oito anos, a única coisa que queria era aparecer no programa Live & Kicking *e dançar com o sr. Blobby. Alguma coisa naquela figura rosa e amarela me hipnotizava por horas. Infelizmente, o desejo nunca se tornou realidade – mas o bichinho de pelúcia do sr. Blobby ainda é um dos meus maiores tesouros e me embala para dormir todas as noites (apesar de hoje estar caolho).*

Quando eu tinha dez, a única coisa que queria era ser uma Spice Girl. Deixava meus pais loucos com minha correria pela casa entoando "Wannabe" com coreografia e tudo. Sempre com a mão na cintura, balançando pra lá e pra cá, fazendo o sinal da paz com a outra mão e gritando "girl power!" bem alto. Amava tanto essas meninas que até batizei meu peixinho dourado de Ginger, em homenagem à Geri, minha Spice preferida. Fiquei arrasada quando ela saiu do grupo. As Spice sem a Ginger não eram a mesma coisa e a obsessão de me tornar uma delas simplesmente desapareceu (depois de horas de choro, claro).

Em algum momento, aquela menininha extrovertida, que cantava para qualquer pessoa com ouvidos, que dançava sem estar nem aí, se tornou terrivelmente tímida e atrapalhada. De repente, não tinha mais autoconfiança na escola, perto de outras pessoas, e preferia a companhia de um bom livro à de um ser humano. É bizarro como tudo mudou. No primário, todos queriam ser meus amigos, mas no ginásio me tornei retraída e me esforçava para fugir das pessoas. Odiava atenção ou que me perguntassem qualquer coisa, preferia passar despercebida. Eu me sentia mais segura assim. Quando alguém por acaso me olhava nos olhos, eu tremia muito ou meu rosto ficava vermelho intenso e eu consequentemente baixava a cabeça pelo resto do dia. Na verdade, tinha uma amiga, sim, a Mary Lance, tão desajustada quanto eu. Eu a chamei de "amiga", mas quase nunca conversávamos, então melhor dizer que ela era minha "parceira silenciosa". Era bom ter alguém ao meu lado no

intervalo ou nas aulas, alguém que não bisbilhotaria minha vida. Pelo menos não estávamos sozinhas.

Quando as provas do vestibular acabaram, quando meus colegas já tinham garantido uma vaga na universidade (Mary foi estudar odontologia em Sheffield) ou decidido por uma viagem ao redor do mundo, eu ainda não sabia o que fazer da vida. Decidi me juntar a esses que não iriam direto para a faculdade, mas também sem a parte da viagem. Vagar sem rumo pelo globo, experimentando o que o mundo tinha a oferecer, era interessante, mas eu não estava pronta para sair de casa e ficar longe da minha mãe. Eu iria ficar em Rosefont Hill, cidadezinha do interior de Kent, e arranjar um emprego até decidir o que fazer da vida.

Comecei a busca por emprego deixando currículos nas poucas lojas da cidade. Na cidade há um banco, uma biblioteca, um correio, uma mercearia, uma floricultura, algumas lojas de roupa, uma loja de ferramentas, um café e uma loja de chás… Não é um centro comercial dos mais emocionantes! O último lugar que visitei foi a Tea-on-the-Hill, empoleirada no topo do morro da cidade, com uma bela vista.

Ao entrar na casa de chá, meus olhos passaram pelas sete mesas com toalhas de estampa floral rodeadas por duas ou três cadeiras – as toalhas não combinavam entre si e cada cadeira tinha um modelo diferente. As xícaras, os pires e os bules também não faziam parte de um mesmo jogo. Nada combinava ali, mas, de algum modo, tudo ficava perfeito. O cheiro de bolinho recém-assado encheu meus pulmões. Jazz dos anos cinquenta tocava baixinho ao fundo. Eu estava em um refúgio secreto feminino. Por que nunca tinha entrado lá antes?

Uma mulher de uns sessenta anos percorria o ambiente. Seu cabelo grisalho estava penteado em um topete de rolinho e o restante dos cachos ficava preso sob uma touca. Observei-a ir de um cliente para outro: anotava pedidos, trazia a comida e parava rapidamente para um bate-papo. Sempre com um sorriso calmo no rosto, embora estivesse fazendo tudo sozinha.

Parei no balcão e esperei que ela viesse até mim. Ela se aproximou limpando as mãos no avental de flores rosa que cobria um glamoroso vestido azul-claro.

"Olá, querida. Desculpe a demora. O que deseja?", perguntou com um sorriso aberto e bondosos olhos azuis.

Nas lojas em que tinha passado antes dessa, tive vontade de enfiar o currículo nas mãos do gerente e sair voando porta afora, incomodada pelo pânico, mas havia algo a respeito daquela mulher que me paralisou. Até olhei em seus olhos por alguns instantes, quase à vontade.

"Na verdade, vim deixar meu currículo", expliquei enquanto fuçava na bolsa e tirava uma das cópias. Ela pegou das minhas mãos e então deu uma olhada por cima.

"Você tem experiência com comércio?", ela perguntou, cerrando os olhos sobre o

papel.

"Sim, trabalhei numa floricultura", respondi baixinho.

"Então você já sabe como receber os clientes com um sorriso simpático?"

Assenti educadamente enquanto percebia que ela me analisava da cabeça aos pés, com o sorriso ainda estampado no rosto enrugado.

Talvez eu devesse ter contado que passei a maior parte do tempo lavando baldes sujos nos fundos, longe da vista de todos, sem nenhum cliente por perto, mas, antes que pudesse falar, ela continuou:

"Quantas horas pretende trabalhar?"

Não tinha pensado a respeito, mas só de olhar aquele lugar, sabia que não me importaria de passar um tempão ali.

"Quantas você precisar."

"E mais uma coisa: você gosta de bolo?"

"Amo!", respondi com um sorriso nervoso.

"Que bom! Está contratada. Chegou em boa hora, inclusive, minha garçonete pediu demissão ontem. De repente, sem explicação!"

"Sério?"

"Infelizmente, sim... Embora ela fosse muito mal-humorada, então nem me importei tanto. Ah, eu sou a Molly."

"E eu, a Sophie." Estendi a mão para um aperto, mas ela olhou e me puxou para um abraço caloroso. Lembro de até quas e engasgar com aquela intimidade, algo com o qual não estava acostumada. No começo, fiquei paralisada e dura, mas, após o choque inicial, a situação se tornou calmante e agradável.

"Bem, você tem planos pra hoje?", ela perguntou com suavidade ao me soltar.

Sacudi a cabeça e dei de ombros.

"Ótimo, hoje é seu primeiro dia então." Ela deslizou uma bandeja com bule, pires e xícara na minha direção. "Leve isso para a sra. Williams, a mulher com a blusa creme e cabelo rinsado, à esquerda. Aquela com o nariz enfiado na revista de fofoca. Vou buscar um avental."

Peguei a bandeja e fui na direção da mulher. Coloquei o bule de chá fervente com cuidado à sua frente. Ela baixou a revista e espiou por cima dos óculos. Imediatamente a reconheci de vista.

"Você é nova por aqui", ela disse.

"Sim, acabei de começar. Literalmente."

"Você mora em Willows Mews, não? Sua mãe não é a mulher simpática da biblioteca?"

"Isso mesmo", assenti timidamente.

"Ah, ela é tão boazinha, sempre me ajuda a levar os livros para casa. Eu sou

esganada com livros, sabe?" Ela deu uma risadinha infantil e fechou os olhos. "Mande lembranças, por favor, querida", pediu enquanto se servia de uma xícara de chá com duas pedrinhas de açúcar.

"Mando sim, sra. Williams", disse ao retornar para a Molly no balcão.

"Você é a filha da Lilly May?", a Molly perguntou.

"Correto", respondi com um leve aceno de cabeça.

"Foi o que pensei. Bem, se você se parece com ela, estou com sorte", disse com um sorriso bondoso ao me entregar o avental.

Meu primeiro dia de trabalho passou voando. Houve um momento mais tenso, quando um prato escorregou da minha mão e com um estardalhaço se espatifou em bilhões de pedaços, o que me fez soluçar dramaticamente. Exceto por isso, tudo correu bem.

***

Meu ano sabático passou num piscar de olhos, tanto que nem tive tempo de pensar no que fazer no seguinte. Desse modo, ele se estendeu para dois anos… depois três… quatro, até eu perceber que não tinha nenhuma vontade de fazer faculdade. Eu estava feliz ali, e ainda estou, depois de oito anos.

Embora eu tenha começado como garçonete, Molly acreditou em mim e me ensinou tudo que sabia sobre assar bolos e servir com um sorriso. Diariamente assamos bolinhos, muffins e bolos frescos, e testamos novas receitas, enquanto resolvemos todos os problemas do mundo. Aos sessenta e seis anos, a Molly continua recebendo ordens médicas para diminuir o ritmo. Mas quem disse que ela escuta?

Não apenas encontrei uma paixão e uma carreira ao entrar aquele dia na Tea-on-the-Hill como também encontrei minha melhor amiga. Olhando para trás agora, sei que Molly teve um pressentimento de quem eu era assim que entrei na casa de chá. Também acredito que, sabendo quem eu era, ela não me daria as costas sem me ajudar, pois é da sua natureza ajudar aqueles que precisam de cura. E eu certamente precisava.

PARTE UM

1

Estamos no começo de abril. Depois de um inverno tenebroso, a cidadezinha volta aos poucos à vida com o florescer de narcisos selvagens, tulipas e outras flores coloridas. Cores variadas explodem do chão, trazendo sensações de esperança e otimismo. Coelhos pulam alegremente pelas alamedas, felizes com o sol esquentando suas costas outra vez, e os pássaros nas árvores parecem cantarolar mais alto.

Aperto o casaco de lã vermelha para me proteger do vento frio da primavera que ameaça regelar meus ossos. Meu nariz gelado está enfiado em uma cópia esfarrapada de *O morro dos ventos uivantes* enquanto desço a alameda cercada de árvores que leva à quieta High Street. Sim, admito, graças à minha obsessão literária sou dessas pessoas irritantes que andam pela vida sem prestar atenção ao ambiente, apenas observando perigos iminentes pela visão periférica. Sou capaz de fazer o aceno de cabeça obrigatório ou dar o "bom dia" educado para os passantes sem sair do mundo de Cathy e Heathcliff, embora encontre poucas pessoas a essa hora da manhã de uma quarta-feira, e a maioria dos donos de loja esteja ocupada. Assim, posso me permitir mergulhar profundamente nessa trágica história de amor.

Com passos largos morro acima, avisto Molly na loja, ao telefone, com o nariz espremido na janela. Ela pisca de leve e acena em minha direção, depois continua com seus afazeres.

"Tem certeza de que ela está vindo?", Molly questiona a pessoa ao telefone enquanto eu entro e coloco o livro na bolsa. "Ainda não estou vendo…" Ela aperta os olhos, quase os fecha, e em seguida os arregala, surpresa. "Oh, June", ela fala com voz aguda. "Lá está ela! Meu Deus, que roupa é essa? Parece uma fantasia de banana!"

Sigo o olhar de Molly e vejo a sra. Tayler, que ousou enfrentar o dia com um conjuntinho amarelo-berrante. Oh, o escândalo! Reviro os olhos e ligo o forno. Ouço Molly fofocando enquanto visto o avental vermelho e rosa.

"Você sabe do que se trata, né? É aniversário dela semana que vem. O filho dela telefonou e encomendou um bolo. Acho que ela está surtando… Sessenta e cinco! Hum… Sim… Bem, sim, June, ela nunca superou o abandono do Robert. Que coisa horrível… Oh, June, preciso desligar, ela tá chegando… Sim, sim! Ligo mais tarde."

Molly salta para longe da janela, coloca o telefone no balcão e finge estar ocupada com a arrumação antes de a sra. Tayler entrar. Reviro os olhos outra vez enquanto Molly lhe dá boas-vindas com um sorriso radiante.

"Olá, sra. Tayler! Oh, mas você está colorida hoje… Amarelo combina com você!"

Ah, as amizades duas caras da vida interiorana. Bloqueio mentalmente a conversa e

me concentro no pão de ló que estou batendo. Pouco depois, a sra. Tayler vai embora e Molly se junta a mim ao pé do fogão.

"Vai", ela fala rindo.

"O quê?"

"Desembucha!"

"Hein?"

"Você tá batendo as panelas faz quinze minutos. Por quê?"

Achei que estava disfarçando bem meu incômodo, por isso não consigo evitar a cara desenxavida (velhos hábitos e tal).

"Desculpa, é que…" Não sei como continuar. Já fui alvo de fofocas e sei que não existe nada pior do que notar as frestas das cortinas se abrindo ou perceber que a conversa parou com a sua presença. Poderia contar que me irrito com o fato de que todos nessa cidade acham que têm o direito de discutir a vida dos outros. Poderia explicar que não gosto quando ela fala mal dos outros. E poderia falar que deve haver algo mais para fazer na vida do que comentários sobre os deslizes alheios. Mas não falo nada. Porque sei que no fundo Molly não faz por mal. Ela não tem o direito de descarregar de vez em quando? Ainda mais com algo tão bobo quanto a cor da roupa de alguém?

"Desculpa", repito, balançando a cabeça, suspirando e esfregando a testa. "Não dormi nada esta noite. Estou com dor de cabeça."

"Oh, queridinha", ela fala com voz meiga ao sentir minha temperatura. "Quer ir pra casa? Tentar dormir? Eu fico bem sozinha aqui."

Viu? Ela pode ter a língua afiada, mas nada é maior que seu coração.

"Não, não precisa. Deve ser desidratação", eu digo e me sirvo de um copo de água. "Fico boa rapidinho."

Ela me olha como se eu estivesse doida, mas, por fim, seu sorriso radiante domina e nós começamos a guardar os *cupcakes* já assados na geladeira.

***

Ao fim do meu turno, passo para visitar minha mãe na biblioteca, que fica perto da casa de chá, descendo o morro. Por ser municipal e pequena, não é muito lu xuosa. Possui dez fileiras de livros maltratados, dois computadores velhos (que demoram uns cinco minutos pra conectar), uma área de estudos com mesas e cadeiras de madeira e uma área de relaxamento com pufes coloridos espalhados pelo chão. Poderia ser deprimente, mas minha mãe se orgulha muito do lugar e faz questão de deixar as prateleiras brilhantes e as exposições divertidas e convidativas, além disso, ela está sempre disposta a encomendar qualquer obra que não tenham no catálogo.

Eu a encontro de joelhos empilhando revistas novas.

"Oi, mocinha!", ela me cumprimenta com um sorriso cansado e deixa uma das revistas sobre o colo. Foi um dia longo. Olheiras sob seus olhos castanhos, que se esforçam para permanecer abertos. Suas mãos sobem até o cabelo também castanho, que está preso em um coque alto e apertado. Ela passa as mãos pela cabeça para verificar se está tudo no lugar porque odeia quando fios rebeldes voam em seu rosto.

"Oi, mãe", digo ao me abaixar e beijar sua bochecha. "O que é isso?", aponto para as revistas à sua frente.

"Ah, é uma maneira de encorajar os jovens a frequentar a biblioteca."

"Com revistas de fofocas?"

"Por que não?", ela pergunta com uma careta. "Vi artigos interessantes na hora que desempacotei."

Pego um dos exemplares da prateleira e folheio, passando os olhos pelas imagens de homens e mulheres perfeitos sobre o tapete vermelho em comparação com os momentos seminus de férias.

"Você acha mesmo que vai incentivar as pessoas a ler com fotos de celebridades gordas ou magras na praia?"

"Fala baixo", ela sussurra e olha por cima do ombro. "Leitura é leitura, não importa o quê. Importa que venham. Pode ser que leiam um livro também."

A ideia me parece otimista demais e devolvo a revista à prateleira. Mas, ao olhar o rosto esperançoso de minha mãe, sinto culpa imediata pela bronca.

"Também recebemos livros novos", ela continua ao se levantar e limpar o pó da saia preta e da blusa. "Inclusive uma cópia de *Jane Eyre*. Não precisa mais se preocupar com as páginas perdidas!"

"Maravilha! Mas, pra falar a verdade, eu que devo ter perdido aquelas páginas, já li umas cem vezes."

"É. E também as estudantes que largam na bolsa e jogam por aí."

"Verdade."

"Fiquei sabendo de uma coisa hoje."

"Mãe, não quero saber de fofoca!"

"Ah, Soph, não é fofoca! Você vai gostar. A sra. Woodman, de Cavalier Hall, veio aqui esta tarde. Ela se reuniu com uma pessoa de produção de filmes. Eles querem usar o *hall* como *set* de filmagem." Ela sorri, confiante de que quero saber mais, apesar dos protestos.

"Que filme?"

"Você vai gostar dessa parte…" Ela empurra os óculos no nariz e faz uma pausa dramática. "*Orgulho e preconceito!*"

"Não!"

"Sim!"

“Outro?”, eu reclamo. Minha mãe olha pra mim em choque.

“Pensei que você fosse gostar. Você ama esse livro.”

“Sim, eu amo o livro, isso não significa que eu gosto de ver as produtoras acabando com ele.”

“Ah, tenho certeza de que não vão fazer isso”, ela dispensa minhas preocupações. “De acordo com a sra. Woodman, o filme vai ter orçamento e elenco maravilhosos. Eles não contaram quem, mas…”

Eu interrompo com um suspiro.

“Quem será que vai ser o Darcy?” Minha mente analisa as possibilidades, mas apenas um eu amaria receber em Rosefont Hill: Jude Law.

***

A sra. Woodman não contou a novidade apenas para minha mãe, o que não é de surpreender. No dia seguinte, encontro Molly outra vez ao telefone com June, discutindo quanto os Woodman receberiam por ceder a casa. A notícia não para por aí. Na verdade, parece ser o tema da cidade pelos trechos de conversa que escuto ao longo do dia.

Com o passar do tempo, a loja se tornou o *point*, atraindo desde vovós e mamães durante o dia até estudantes depois das quatro da tarde. Há grupinhos de garotas que vêm sempre, mas dessa vez recebemos a visita de Janet, Ella e Charlotte, três jovens de quinze anos que amam falar sobre garotos, maquiagem e fo-focar enquanto tomam uma xícara de chá de hortelã e beliscam *muffins light* de mirtilo.

Enquanto analiso as encomendas de bolo para o dia seguinte, não consigo deixar de ouvir o bate-papo sobre os rumores de quem atuará no filme.

Janet, uma morena animada, obviamente a líder do grupo com seu jeito mandão, é a primeira a opinar.

“Eu vi no *getcluedup.com* que o Bobby Green vai fazer o tal sr. Darcy.”

“Quem é esse?”, Ella pergunta com uma expressão confusa em seu belo rosto, emoldurado pelo cabelo crespo e loiro, todo selvagem.

“Você sabe”, suspira Janet. “Aquele cara do *Big Brother*.”

“O que fez xixi na piscina?”, Ella fala e dá um gritinho. “E fez sexo a três no jardim?”

Dou uma risadinha discreta ao ouvir as jovens falando tão abertamente sobre sexo, um assunto que eu não conseguia discutir com tanta desenvoltura na idade delas.

“Isso!”, assente Janet.

Ella solta um grunhido.

“Mas ele nem é ator! Que lixo!”

Me lembro vagamente das meninas falando sobre esse tal Bobby Green. Seria

eufemismo dizer que ficaria desapontada se esse "mocinho" aparecesse em vez de um ator sério. Na verdade, tornaria algo que poderia ser muito animador em algo totalmente desanimador.

"Mas foi o que eu li", diz Janet, aborrecida porque sua descoberta não impressionou as amigas.

"É, mas não dá pra acreditar em tudo por aí…"

Charlotte, a ruiva quietinha, que parece tremer diante das garotas que chama de "melhores amigas", hesita antes de dizer:

"Eu ouvi falar que pode ser o Billy Buskin."

Observo Janet e Ella virarem a cabeça com tudo, incrédulas, para encarar a amiga.

"Ai, meu Deus!", grita Janet. "Tipo, eu ia amar! Onde você leu isso?"

Charlotte se retrai na hora, a atenção a deixa desconfortável. Sei bem como é. Aos poucos, ela conta para as amigas, em voz tão baixa que me esforço para ouvir.

"Eu não li. Me contaram", ela murmura.

"Quem contou?", pergunta Ella, já cética.

"A Lauren Davenport." Antes que as duas possam questionar a fonte, ela continua rapidamente: "A mãe dela vai ensinar o elenco a cavalgar. Ela contou que o nome dele estava na lista. Mas a Lauren pediu pra eu não contar pra ninguém…"

"Você é tão ingênua, Char! Não posso acreditar que caiu nessa", Ella interrompe com seu tom de menosprezo, que me gela por dentro. "Até parece que o Billy Buskin ia se dar ao trabalho de fazer filme de livro velho. Ele só faz sucessos. O que ele ganharia com isso?"

"Mas ele acabou de fazer aquele filme de guerra", argumenta Charlotte.

Não faço ideia do que elas estão falando e me distraio pensando no Jude. Imagina só passear pela cidade e topar com ele todos os dias! Eu estaria no paraíso! Claro que ele seria ótimo para o papel também, com seu charme e carisma. Não quero que ele venha apenas para ser meu colírio. Sério!

Não sei bem de onde surgiu essa minha obsessão pelo Jude, mas acho que começou quando minha mãe trouxe *O amor não tira férias* pra gente assistir, há alguns anos. Bastou dar uma olhadinha para o sorriso maroto, os olhos ardentes e o rosto arrebatador para que eu caís se em seu feitiço. Tenho vergonha de admitir, mas às vezes me pego sorrindo para ele na tela, como se suas palavras românticas fossem para mim. Sim, é triste, eu sei, mas ele me hipnotiza. Não sou uma grande cinéfila, nem de longe, mas pergunte sobre um filme do Jude e eu darei a resposta certa!

2

Rosefont Hill é uma cidade minúscula, onde todos sabem tudo que há para saber sobre todos que aqui vivem. Nada digno de nota realmente acontece, então dá para imaginar o impacto que uma equipe de filmagem causa.

Mesmo quatro semanas após a notícia ter se espalhado, a cidade continua agitada. Todo o comércio está incrementado, à espera da nova clientela. O Instituto Feminino, o qual Molly encabeça, examinou cada plantinha da High Street, conferindo se está regada, podada e aparada à perfeição. Cada poste de luz que acompanha a rua recebeu uma cesta de flores. Até os estudantes do primário puderam contribuir com a produção de um enorme *banner* de boas-vindas. Feito com as mãozinhas pintadas das crianças, foi orgulhosamente pendurado na entrada da rua, para garantir que recebesse cada visitante. Parece que todos os membros da comunidade fizeram algo para preparar a rua e receber os forasteiros. E o trabalho duro valeu a pena, porque ela ficou simplesmente um sonho!

Preciso admitir que, apesar de meu ceticismo inicial, embarquei na excitação e agora me encontro ansiosa por tudo, principalmente porque caminhões cheios de equipamento rodaram pela cidade, bem como vários membros da equipe. Aos poucos, esses estranhos começaram a frequentar a cidade, embora a maioria ficasse ocupada preparando o Cavalier Hall para as filmagens, que teriam início a qualquer momento.

Muita gente da cidade também ajeitou o visual para o evento – com a possibilidade de encontrar celebridades top e VIPs na cidade, os moradores queriam estar com tudo em cima. Não sei ao certo o que eles querem com a tinta nova no cabelo ou o novo cardigã, mas ficar bonito parece algo importante. Por exemplo, agora mesmo, noto que a sra. Sleep, de Pemberton Way, decidiu passar um batonzinho que não costumava usar antes de a equipe de filmagem chegar. Eu, no entanto, continuo a mesma de sempre: enrolada no avental vermelho, com minhas botas pretas, *jeans* justinho e blusa branca simples. O cabelo castanho e arrepiado está para cima, sob um enorme lenço vermelho de bolinhas brancas (ainda no estilo anos cinquenta que Molly ama, mas mais discreto). O toque final é a camada de farinha da primeira fornada da manhã. Sim, sempre glamorosa! O pó branco gruda em minhas roupas e em minha pele já pálida e se recusa a sair, não importa o quanto eu esfregue. Me acostumei a esse visual ao longo dos anos, embora eu pareça um fantasma. Meu estado de relaxamento não é por indiferença às estrelas vindouras, mas me preocupar com a aparência enquanto cozinho em frente ao forno quente o dia todo é complicado. Se eu me desse ao trabalho de passar maquiagem pela manhã, ela simplesmente derreteria dos meus olhos castanhos depois de alguns

minutos. Seria uma perda de tempo!

"Ah, Sophie", diz a sra. Sleep enquanto cerra os olhos e conta as moedas na mão. "Quanto é mesmo?"

"Três libras e cinquenta, por favor, sra. Sleep."

"Aaah, tá certo, querida? Esqueci os óculos." A senhora de oitenta e quatro anos estica a mão e vejo que ela não tem o suficiente para o chá e o pão de ló que já engoliu.

Confiro se Molly está ocupada com outra coisa, me inclino sobre o balcão e cochicho:

"Faltam quarenta centavos, mas como você é a minha cliente favorita, vou deixar passar!"

Ela ri como uma garotinha que ouve um segredo, com a mão sobre a boca. Seus olhos se iluminam. Ela ainda está sorrindo ao puxar seu carrinho de feira e sair.

Pego duas moedas de vinte do bolso da calça e jogo no caixa, resolvendo logo o assunto antes que me esqueça.

"Você vai ficar pobre se continuar dando dinheiro assim."

A voz grave do estranho me assustou. Olhei para o homem, que tinha por volta da minha idade e me olhava de volta com um sorriso no rosto. Ora, não é comum um homem visitar a loja, somos florais e arrumadinhas demais para eles, por isso, preferem o café logo ali. Portanto, a entrada desse homem – bem lindo por sinal – fez meu coração parar por um momento e minhas bochechas queimarem. Bonito de cair o queixo, com o cabelo castanho num topete estiloso, bronzeado saudável e olhos castanhos profundos que brilhavam quando ele sorria.

"Desculpa, não tinha visto você…" Dei um jeito de falar, apertando a mandíbula e me forçando a não voltar a ser a antiga e inadequada eu. Mudei muito desde aquela garotinha que tremia diante da atenção dos outros, mas em boa parte por conta da segurança daquelas quatro paredes e do cuidado de Molly. De vez em quando, principalmente quando pega de surpresa, preciso de todo o autocontrole que possuo para ficar calma. Claro, com esse desconhecido o problema era ele ser lindo de morrer, então não consigo evitar a vermelhidão das bochechas.

"Tudo bem, você estava ocupada… com a sua favorita", ele diz com um leve sorriso. "Não se preocupe, já chequei os bolsos e tenho dinheiro suficiente."

"Que bom! Só posso ter um favorito por dia."

Ao ouvir isso, o homem joga a cabeça para trás e dá uma gargalha. É bem perturbador, pois sei que não foi tão engraçado. Minhas bochechas pioram.

É como se a risada o tivesse chocado também porque rapidamente pega o cardápio do balcão e esconde o rosto enquanto lê. Eu desvio o olhar para dar a ele um pouco de tempo antes de perguntar:

"O que deseja?"

"Vou querer uma xícara de café e uma fatia de bolo de limão, por favor", ele pede, menos confiante.

"Você vai comer aqui ou quer pra viagem?"

Ele olha em volta. Há apenas alguns clientes lendo ou batendo papo.

"Aqui mesmo, por favor."

"Ótimo, pode escolher um lugar e eu já levo."

"Obrigado."

Observo enquanto se vira com uma mão enfiada no bolso de trás do *jeans* desbotado. Ele pondera sobre qual mesa escolher e por fim opta por uma de canto, longe da janela. Enquanto preparo o café, Molly aparece ao meu lado.

"Conta tudo!"

"Como assim?", perguntei, ainda abalada com o novo cliente.

"Quem é?"

"Não faço ideia!"

"De onde ele surgiu?"

"Sério, Mol, não faço ideia. Nunca vi na vida."

"É? Eu tenho impressão de que já o vi antes. Não é o neto dos Williams, não?"

"Talvez, mas acho que não. Ele não estava no Exército? E era ruivo? Mas ele não me é mesmo estranho..."

"Deve ter algo a ver com a filmagem. Olha só pra ele", ela comenta, dando uma olhadinha por cima do ombro. "Ah, se eu fosse dez anos mais nova!"

"Só dez? Que tal quarenta?", eu brinco.

"Folgadinha… Eu posso fazer uma ou…"

"Com licença?"

Ambas paramos de falar imediatamente e nos viramos para dar de cara com o belo estranho parado no balcão. Sem saber o que ele ouviu, ficamos quietas por alguns segundos, assustadas.

"Desculpa, meu amor, posso ajudar?", diz Molly, que entra em ação e volta a ser a doce e receptiva senhora, saindo do modo papa-anjo.

"É que estou com mais fome do que tinha pensado", ele fala, alisando a barriga como uma criança. "Posso pedir um sanduíche de presunto com picles também?"

"Claro. Levo já."

"Obrigado."

Enquanto ele volta para a mesa, Molly se vira para mim e finge desmaiar. Eu preciso segurar a risada e ronco pelo nariz. Que vergonha!

***

Pouco depois, quando Molly sai para fazer compras, a srta. Peggy Brown me chama

até sua mesa. Notei que a mulher de setenta e cinco anos não parava de olhar o forasteiro, com o cenho franzido de preocupação.

"Você sabe de quem se trata, querida?", ela pergunta e aponta com a cabeça na direção do homem.

"Não faço a mínima ideia."

"Hum… Achei ele meio gozado."

Uma coisa que adoro nas senhorinhas que frequentam a casa é sua franqueza. Não disfarçam nada, simplesmente falam o que têm na mente. É uma qualidade que aprendi a apreciar, mesmo que signifique saber que elas não gostaram do meu cabelo ou da minha roupa.

"Por que você acha isso, srta. Brown?", perguntou, segurando a risada.

"Ele está olhando a mesma página faz uma hora e murmurando coisas pra si mesmo." Para esclarecer a esquisitice dessas ações, ela arregala os olhos e acrescenta: "Falar consigo mesmo é o primeiro sinal da loucura, querida!"

Sigo o olhar dela e observo o homem ler, depois cobrir a página e murmurar para si mesmo, às vezes com os olhos fechados, às vezes olhando o teto. Ele não para de bater o calcanhar do seu Converse roxo na perna da cadeira. Seu rosto está animado e cheio de vida, como se estivesse em uma conversa, e depois se contrai expressando concentração. Nunca vi nada do tipo – não é à toa que a srta. Brown ficou de cara feia!

"Talvez valesse a pena você perguntar se ele está bem!", ela acrescenta.

"Eu?", pergunto, com o tom de voz bem mais agudo.

"Você não quer que uma velhinha como eu vá conversar com um lunático, quer? Eu fico de olho e grito se ele atacar. Também vou querer outro chá, por favor", ela diz com um aceno, uma piscadela e um empurrão firme na direção do rapaz.

Enquanto ando hesitantemente em sua direção, ele mantém os olhos firmemente fechados, os braços e as pernas cruzados e os dedos frustrados batendo na testa.

"Com licença", começo.

Ele para e me olha com uma mistura de confusão pela interrupção e frustração a respeito daquilo que fazia, com o cenho ainda profundamente franzido. Agora que consegui sua atenção, sou tomada pelo nervosismo e fico tentada a sair correndo para meu porto seguro atrás do balcão. Olho por cima do ombro para a srta. Brown e vejo seus olhos se arregalarem para mim, me incentivando a seguir em frente. Sinto as bochechas vermelhas outra vez e preciso olhar para o chão para continuar:

"Sinto muito interromper… é que a srta. Brown, a mulher sentada atrás de mim, encarando você, está um tantinho preocupada com a sua saúde mental", eu digo, de forma leve e brincalhona. Se é que é possível fazer piada com a saúde mental dos outros.

Eu olho rapidamente para cima e vejo que a curiosidade substitui a frustração em seu

rosto quando ele dá uma rápida olhada para a srta. Brown.

"Sério? Por quê? Eu fiz alguma coisa ofensiva? Comi de boca aberta? Fiz barulho na hora de tomar o chá?", ele pergunta, divertindo-se.

Ouço o "tsc tsc" da idosa atrás de mim.

"Na verdade, ela está preocupada porque você está falando sozinho." E me obrigo a continuar: "De acordo com ela, é o primeiro sinal da loucura…"

De repente, ele começa a gargalhar outra vez. Levanto a cabeça e vejo seu rosto alegre, o que provoca em mim um sorriso incontrolável. Depois de se recompor, ele se debruça, segura meus braços, me puxa de leve, olha nos meus olhos e fala em uma voz baixa e calma:

"Por favor, diga a srta. Brown que sinto muito por chateá-la. Não precisa chamar os homens de jaleco ainda. Estou apenas…"

Paro de ouvir.

Algo dispara dentro de mim, fico zonza e trêmula. Não consigo impedir o medo crescente. Não consigo convencer meu cérebro de que está tudo bem. Sinto o pânico me atravessar, secar minha boca, acelerar a respiração e dispersar minha mente. Fico paralisada.

"Você tá bem?", ele pergunta com expressão preocupada.

"Desculpa", eu tento falar, mas não sai nada da minha boca.

"Ei, você tá tremendo. Vem, senta aqui!"

Antes que consiga impedir, ele levanta, puxa a cadeira ao lado, me pega pelos ombros e me abaixa.

"Quer alguma coisa? Um chá de camomila?", ele pergunta antes de correr para detrás do balcão e fuçar nas coisas.

O barulho que ele faz se intensifica na minha cabeça. SWIIIIIISH. CLANG. CLANG. CLANG. PLOP. TING. TING. TING.

"Aqui, beba isto", ele diz ao vir em minha direção.

Pego o chá e bebo devagar, tentando me concentrar no líquido quente que desce garganta abaixo e ignorar o terror irracional que borbulha dentro de mim.

Percebo que ele puxa uma cadeira ao meu lado e estende a mão para pegar a minha, acariciando a palma com o dedão. Em vez de surtar ainda mais, sinto o efeito contrário: é relaxante e calmante, me sinto segura.

Fico feliz por ele não me encarar. Apenas estamos sentados e olhamos as nossas mãos. A minha na dele.

Ficamos em silêncio por alguns minutos.

Lentamente, o medo vai embora e uma calma gostosa toma conta de mim. Suspiro de alívio.

"Tá melhor?", ele pergunta e interrompe o movimento de sua mão, mas a mantém

presa à minha.

Mexo a cabeça devagar. Na hora, me sinto idiota. Não tiro os olhos da xícara, envergonhada demais.

"Que vergonha!", digo, ao fechar os olhos.

"Imagina! Não seja tola."

Olho para ele e suspiro outra vez. Nos últimos cinco minutos, fui mesmo uma tola abobada. É mais do que vergonha, é humilhação.

"Ei... tá tudo bem", ele diz, apertando minha mão e sorrindo compreensivamente.

Dou uma olhada para a srta. Brown e vejo que, felizmente, ela está ocupada demais com uma palavra cruzada. Já deve ter até esquecido que me enviou nessa missão, mal sabe o drama que provocou.

"Eu chutaria que você teve um ataque de pânico", ele continua com cuidado.

Fecho os olhos e solto um gemido.

"Ei! Eu disse pra não ser tolinha", ele fala e aperta minha mão outra vez. "É frequente?"

"Costumava ser. Não acontecia há muito tempo... e nunca na frente de ninguém. Desculpa."

"Desculpa por quê? Eu sei como é."

"Você sabe?"

"Sim", ele diz, olhando ao redor.

Ele não fala mais nada, então não pergunto. Já é o suficiente saber que ele me entende de algum modo e não acha que eu sou uma doida varrida.

Fecho os olhos e tento focar em me acalmar. Aproveito a segurança, que aumenta a cada respiração.

***

Ainda me lembro do primeiro ataque de pânico. Eu tinha onze anos.

Pode-se dizer que eu estava fragilizada. Meu mundo havia virado de ponta-cabeça da noite para o dia, aconteciam altas mudanças em casa e eu descobria sentimentos inéditos. Apesar disso, me obrigaram a voltar para a escola de imediato. Acho que a minha mãe pensou que ajudaria, talvez me fizesse esquecer os problemas. Ou talvez ela quisesse ficar sozinha para lidar com seus próprios pensamentos. Com sua própria dor. Quaisquer que fossem as razões, eu me sentia expulsa. Banida, pois ela não conseguia olhar para mim.

Naquele dia, pela manhã, dei um jeito de encontrar conforto na normalidade de vestir o uniforme: saia cinza plissada, camiseta branca e malha verde, meias brancas três quartos e sapatos pretos de fivela. A mesma coisa desde o primário. Era algo familiar. No entanto, ao passar pelos portões da escola, atravessar a porta principal,

andar pelo corredor e entrar na sala de aula, percebi que tudo tinha mudado. Me senti uma alienígena, diferente de todos da class e. Sentia todos os olhos em mim, surpresos por me ver, analisando meu rosto. Julgando. Procurando sinais de tormento ou culpa.

Incapaz de lidar com a atenção, mantive os olhos no chão enquanto meus pés se rastejavam até a minha cadeira. Sentei e encarei o estojo, tentando ignorar os cochichos e olhares.

Senti uma comichão na pele, desconfortável no meu próprio corpo. Queria fugir, escapar dos olhares esbugalhados. Fiquei parada e em silêncio. Queria desaparecer.

A professora, a sra. Yates, uma gordinha de bochechas rosadas e sempre vestida em tons pastéis, entrou na sala com autoridade, o que fez a maior parte da turma correr para as respectivas cadeiras.

"Bom dia a todos. Por favor, sentem-se. Rápido, rápido", ela urgiu, tirando o longo cabelo loiro da face. "Bem, estávamos trabalhando com o projeto de pintura, mas, antes de retomarmos, vamos continuar com o trabalho sobre os Tudor da semana passada. Jamie, último aviso: pare de mexer no cabelo do Luke e sente-se", ela gritou e a classe ficou em silêncio.

Fiquei contente. Eu gostava dos Tudor. Toda aquela raiva, a tragédia e a paixão. Peguei meu livro e retomei o resumo da era Tudor. Estava bem na parte interessante em que Henrique VIII inventa uma religião apenas para poder se divorciar. Trabalhei com afinco, imersa nesse mundo, bloqueando a zoeira da classe.

Não demorou para a professora se aproximar e ajoelhar ao meu lado, colocando uma mão nas minhas costas e a outra sobre a mão que escrevia, o que a impediu de continuar e me puxou da minha solidão.

"Sophie, olha só como você é dedicada. Você é uma garota tão boazinha", ela disse baixinho.

Subi o olhar e a peguei me observando com olhos tristes. Tive que desviar, incapaz de lidar com aquela expressão piedosa.

"Quero apenas que saiba que se quiser conversar sobre o que aconteceu, estou aqui pra você. Para ajudar da maneira que for."

Para me ajudar da maneira que for... Era legal, mas ela não podia me dar o que eu precisava. Não podia mudar o que tinha acontecido, então para que conversar?

Não respondi. Apenas fiz que sim com a cabeça, devagar, e voltei a atenção à tarefa.

Ela ficou ali mais um tempinho, provavelmente sem saber se deveria insistir no assunto, então se levantou e saiu andando com um suspiro.

Não demorou para outro visitante aparecer: minha melhor amiga, Laura Barber.

"É verdade?", ela perguntou na cara dura, mas com terror estampado no rosto.

“O que aconteceu com seu pai?”

Eu não sabia como responder. Abri a boca, mas nada saiu.

Por sorte, a sra. Yates me salvou da conversa.

“Laura, volta para a sua cadeira, por favor. A não ser que queira ficar estudando no intervalo.”

Laura apertou meu braço e correu para sua mesa.

Fiquei aliviada.

No intervalo do almoço, não queria me juntar às crianças no pátio. Não queria correr e pular alegremente e não queria ter que responder às perguntas de ninguém. Então quando todos saíram da sala para brincar, fiquei para trás, decidida a trabalhar mais um pouquinho no projeto Tudor.

Tudo tinha sido recolhido e guardado no armário da sala para que a gente não estragasse nada com a tinta da pintura.

Estava tentando alcançar o livro quando meu corpo todo ficou tenso e uma sensação poderosa de devastação tomou conta de mim. Segurei na prateleira, certa de que um buraco se abriria no chão e eu seria engolida.

Eu ia morrer. Com certeza.

Lentamente, agachei e me abracei, formando uma bolinha. Minha cabeça estava zonza, girando incontrolavelmente.

O silêncio ao redor era ensurdecedor.

Meu cantinho foi invadido por livros e pastas gigantes, que ameaçavam cair e me esmagar.

A luz branca inundava. Tive que cerrar os olhos, agoniada com o brilho.

O fim estava próximo. Eu sabia.

A morte estava chegando.

Porém, tão rápido quanto veio, o que eu sentia foi embora. Substituído por uma sensação de calor e paz.

Fiquei na posição de bolinha, com os joelhos grudados no peito. Tentei entender o que tinha acabado de acontecer.

Não sabia quanto tempo havia passado, mas o som de pessoas entrando na sala e cadeiras arrastadas foi o indício de que o almoço tinha acabado.

“Você está bem, Sophie? Está meio pálida”, a sra. Yates comentou quando eu me afastei do armário.

“Eu quero ir pra casa”, implorei.

Dadas as circunstâncias, eles não puderam objetar.

Não queria que minha mãe viesse me buscar, eu era capaz de voltar sozinha, pois era o que fazia todos os dias, mas não deixaram. Então, fiquei sentada no corredor, passeando os olhos por diversos trabalhos infantis ali expostos, e esperei.

Minha mãe demorou um tempão. Quando finalmente chegou, não olhou para mim. Seus olhos inchados e vermelhos, resultado de lágrimas recentes, estavam preocupantemente inquietos. Ela balbuciou algo para a recepcionista, assinou minha saída e atravessou a porta. Segui em silêncio, na sombra da mulher devastada.

Hoje fica claro que esse episódio no armário foi meu primeiro ataque de pânico, mas eu não sabia à época. Eu só tinha certeza de que queria me afastar o máximo possível de todos. Eu só me importava com minha mãe. Mas ela era a única que não queria conversar comigo.

***

Um barulho alto na porta e a comoção de Molly entrando com as mãos cheias de sacolas de compras me lembraram de que eu deveria estar trabalhando. Ainda perturbada pelos pensamentos, levanto para ir até ela quando o desconhecido me faz sentar outra vez.

"Fica aqui, eu ajudo", ele insiste e sai andando até Molly.

Ela arregala os olhos quando ele se aproxima e toma as sacolas de suas mãos. Fica feliz com a ajuda. No entanto, percebo a preocupação cruzar seu rosto quando ele fala com ela, baixo demais para eu ouvir. Quando Molly me olha, já sei. Ele está me dedurando.

Para a minha surpresa, Molly não vem me paparicar. Em vez disso, guia o homem até o outro lado do balcão e o coloca para ajudar a desempacotar as compras. Ali, continuam a cochichar.

Não me deixam fazer mais nada naquela tarde. Molly gostaria que eu fosse para casa e esticasse as pernas, mas, dessa vez, não quero ficar sozinha em casa. Quero ficar aqui. Passo o restante da tarde – após o belo desconhecido ter dito adeus – sentada à mesa com uma xícara de chá de camomila enquanto Molly não para de servir um bolo atrás do outro, os quais fico beliscando com satisfação.

3

Deitada na cama, à noite, minha mente viaja enquanto observo as paredes cor-de-rosa claro com as fotos emolduradas. Vejo fotografias de anos atrás, de quando éramos uma família feliz. Nunca redecorei, não troquei sequer uma foto. De vez em quando, colo um pôster na parede de trás, mas nada além disso. Nada que não possa ser facilmente removível. Assim, sei que o que já foi não está tão distante.

***

Lembro-me vividamente de nós três na loja de construção. Eu podia escolher a cor do meu quarto. Assim que falei "rosa", meu pai resmungou que logo eu enjoaria, que em poucos meses ele teria que repintar, mas mesmo assim permitiu. Como sempre. Filha única quase nunca ouve "não". Ele tinha razão, claro, rosa pode ter sido uma escolha divertida na hora, mas conforme eu crescia, achava cada vez mais coisa de menininha e infantil. Contudo, nunca mudei. Não depois da diversão de montar minha toca.

Me lembro da animação de trazer as lonas para casa. Assim que chegamos, a decoração começou. Ao abrir a lata de tinta, meu pai e eu ficamos boquiabertos com a cor berrante, mas minha mãe garantiu que ficaria melhor na parede, que ia desbotar com o tempo. Morremos de rir ao molhar o pincel na tinta chamativa e aplicar na parede, pintando os cantinhos antes de pegar os rolos. A tinta cor-de-rosa espirrava por toda parte. Por querer, sujei o nariz do meu pai (por influência da minha mãe) e ele me caçou pelo quarto tentando revidar. E conseguiu, claro, o que provocou a minha corrida atrás dele. Virou um pega-pega bem bagunceiro. Ao fim da pintura, estávamos tão rosa quanto as paredes. Imediatamente me mandaram tomar banho para tirar a tinta que tinha se infiltrado em orelhas, nariz e cabelo. Meu pai saiu e comprou um balde tamanho família do KFC. Fast-food *era coisa rara em casa, apenas em ocasiões especiais. Comemos a gostosura sentados no meio do quarto recém-pintado, observando nosso trabalho. Que dia incrível!*

Quando cheguei da escola no dia seguinte, encontrei meu pai no quarto, pendurando as molduras de madeira grossa, de diversos tamanhos. Ele tinha selecionado com cuidado as fotos da família, havia escolhido as que estávamos em parques alimentando patos ou apenas juntinhos em casa. Os três. Antes que tudo desaparecesse. Como eu desejei ao longo dos anos mergulhar naquelas molduras e reviver todos aqueles pequenos momentos. Momentos que só valorizei de verdade

quando se tornaram inalcançáveis.

***

Eu odiava mudanças. Odiava me afastar de algo tão valioso. Algo que parecia tão perfeito. No entanto, deitada no meu quarto, pela primeira vez em anos, fico animada com a possibilidade de algo novo. Pensamentos excitantes com o bonitão rodopiam em minha cabeça.

Assim que paro de me horrorizar com o fato de quase ter tido um ataque na frente de um desconhecido, não consigo evitar pensar no seu sorriso, no seu toque, até no seu cheiro. Só de lembrar, sinto arrepios por dentro. Nunca senti algo assim. Estou animada e repleta de algo que parece esperança.

No final da infância, dei um jeito de evitar companhias. E desde então fico rodeada por mulheres o dia todo. É justo dizer que não tenho muita experiência com o sexo masculino, exceto por cumprimentar os locais pelas ruas. Claro que houve um ou outro relacionamento passageiro ou os ocasionais encontros às cegas que as senhorinhas da casa de chá arranjavam com seus netos. Mas nenhum deu muito certo. Por isso, fico chocada com os sentimentos dentro de mim.

Eu me pego repassando trechinhos do dia: a mão dele alisando meu cabelo, minhas mãos sendo acariciadas pelas dele para me acalmar, seu sorriso preocupado ao dizer adeus... Como eu sou tonta! O pior é que não sei nada sobre o belo desconhecido. Não sei o que o trouxe a Rosefont Hill, mas creio que Molly tem razão, ele dever ter algo a ver com o filme. O mais irritante é que nem sei seu nome.

Será que ele vai voltar à casa de chá logo ou se enfiou no buraco de onde saiu e nunca mais vai voltar? Reviro a noite toda sem conseguir dormir, acordada pelas perguntas que preenchem meu cérebro.

***

Depois do almoço no dia seguinte, quando eu já estava perdendo a esperança de que um dia ele voltasse, o desconhecido entra na loja. Não consigo evitar o sorriso.

"Oi, moça. Tá melhor?", ele pergunta.

"Sim... mas estou me sentindo a maior tonta do mundo."

"Sério? Espero que isso ajude a animar", ele diz ao estender um buquê de tulipas multicoloridas.

Estou em choque. Nunca ganhei flores.

"Não precisava", digo ao pegar e observar aquela beleza.

"Ah, não é nada. Eu passei na frente da floricultura e vi." Ele dá de ombros e sorri, espantando a ideia de que poderia significar algo mais.

“Bom, obrigada”, agradeço. Sem saber o que fazer, ficamos em silêncio por alguns instantes. “Vai tomar café ou comer algo?”, pergunto por fim.

“Ah, sim, por favor. Um café tá ótimo.”

“Legal. Eu levo.”

“Valeu!”, ele diz e se vira na direção da mesma mesa de ontem.

Enquanto ele está de costas para mim, deixo a excitação espalhar um sorriso gigante no meu rosto. Me esforço muito para não pular e comemorar.

Novamente ele está com a cara enfiada em papéis. Quando me aproximo com o café, ele os coloca sobre a mesa. Não consigo evitar e leio.

“Ah, então você está trabalhando no *Orgulho e preconceito*!”, exclamo.

“Estou mesmo. Por isso falo tanto sozinho”, ele diz e levanta as sobrancelhas. “Estou decorando as falas. Pelo menos, tentando.”

“Então seu comportamento estranho faz sentido. A srta. Brown vai ficar feliz em saber.”

“Que bom”, ele sorri.

Meus olhos se arregalam e quase saem das órbitas quando penso que ele deve saber.

“Então pode acabar com os rumores: quem vai interpretar o Darcy?”

“Bom...”

“Todas as adolescentes que vêm aqui falam que vai ser um queridinho delas, que fez a trilogia sei lá o quê, nada que me interesse, nunca vi. Um tal de Billy qualquer coisa.”

“Sei.”

“Hum, mas eu queria mesmo o Jude Law”, declaro.

“É mesmo?”

“É... Sei que é pedir demais, mas ele seria muito melhor que um galã adolescente que não deve entender de romantismo. Então, você sabe se vamos receber o Jude por essas bandas?”

Ele me encara por alguns segundos antes de responder:

“Eu só começo no *set* amanhã, então vamos descobrir até lá.”

“Aí você volta aqui e me conta tudo!”

“Pode deixar”, ele sorri. Não consigo evitar: sorrio de volta.

“Tá certo. Agora, de volta ao trabalho.”

Ele não fala nada, apenas continua sorrindo.

Fico surpresa por ter conseguido deixar de ser tão bobona e conversar com um desconhecido, mesmo que um pouco nervosa. Não sei o que deu em mim. Talvez eu esteja mais animada com essa filmagem do que pensei, ou talvez tivesse algo a ver com a preocupação em seu rosto ontem e por ter voltado. Com flores.

Sinto os olhos dele em mim enquanto asso *muffins* para o *rush* pós-escola. Sempre que olho, ele está me observando intensamente, mas disfarça assim que nosso olhar se

encontra, coçando a testa, como se estivesse muito concentrado e nem olhasse para o meu lado. Atenção desse tipo é o que costumo evitar, fico desconfortável e quero desaparecer, mas há algo nesse cara que acho intrigante. Quero saber mais sobre ele. Infelizmente, esses sentimentos não impedem minhas bochechas de enrubescer quando percebo que estou sendo notada.

Acabo de colocar os *muffins* numa bandeja quando a porta se abre e Janet, Ella e Charlotte entram com algumas amigas, falando sobre o mais recente drama *teen*.

"Bom, eu ouvi falar que o Matthew só disse que gostava da Michelle pra fazer ciúme na Sarah", Ella declara, em tom de sabe-tudo.

"Não sei, não", retruca uma das garotas novas. "Eles foram ao parque. Ele deve gostar dela."

"Vamos ver...", diz Ella com um sorriso metido.

Eu suspiro com o drama todo.

"Olá! A gente gostaria de chá de hortelã com *muffins*, para seis, por favor", Charlotte pede educadamente quando elas se reúnem em volta do balcão.

"Claro." Começo a fazer o chá enquanto elas escolhem os *muffins*.

"São todos *light*, Sophie?", Janet questiona com olhar desconfiado. Há alguns meses eu servi, sem querer, *muffins* normais (elas ficaram horrorizadas). Desde então Janet sempre confere se não são as pragas cheias de calorias.

"Sim, Janet. Eu fiz especial..."

Sou interrompida por Ella, que liberta o grito mais alto e agudo que já ouvi:

"AAAHHHH! É O BILLY BUSKIN!"

Por sorte, eu tinha colocado a chaleira com água fervente antes de o restante das meninas se juntar à loucura. É o belo forasteiro que provocou essa atitude bizarra. Janet pega o celular na hora e começa a tirar fotos. Charlotte corre e quase o derruba ao chão. E uma das meninas que não conheço começa a chorar histericamente.

Meu. Deus.

Tenho vontade de me encolher atrás do balcão e me esconder até que todas tenham ido embora quando me toco de que ele é o tal ator que elas amam. Ele é o Billy Buskin – é dele os pôsteres que elas penduram na parede. Por que não percebi isso antes? E por que ele não me falou? Ficou ouvindo meu blá-blá-blá sobre o Jude Law e sobre como o Billy sei lá o quê não tem ideia do que é paixão. Então, basicamente, ele foi supergentil comigo ontem, me deu flores hoje e eu acabei com ele dizendo que seria péssimo no papel. Droga! Como eu sou idiota!

Me concentro no pedido das meninas para tentar me recompor, o que não é fácil, pois sinto minhas bochechas se avermelhando e preciso lutar para não chorar de vergonha.

Billy, por sua vez, é um sonho. Recebe as meninas superbem. Autografa cadernos, tira fotos e conversa com uma amiga delas pelo celular. Até ri com educação das

piadas e responde todas as perguntas pessoais.

As meninas já estão se acalmando quando eu levo o chá e os *muffins* para a mesa, embora ainda estejam esquisitas. Janet se esforça para sentar de forma sedutora (pernas cruzadas, peito estufado) e fazer biquinho. Charlotte e Ella apenas o encaram. E a menina chorona continua a fungar. Estão todas ainda perplexas por terem encontrado sua paixonite na casa de chá.

Depois de toda a balbúrdia, não é de surpreender que Billy decida ir embora. Quando ele se aproxima do balcão para pagar, mal consigo olhá-lo nos olhos, consciente das bochechas parecendo tomate em chamas. Embora eu não esteja olhando, percebo que ele sorri.

Dez segundos agonizantes de silêncio seguem após o pagamento. Então ele se inclina e fala baixinho:

"Bom, eu sou o canastrão adolescente que você mencionou."

"Percebi", eu balbucio.

"E eu sei quem vai interpretar o Darcy. Eu teria dito antes, eu ia dizer, mas quando você disse que preferia o Jude para o papel, não sabia como dar a notícia."

"Bem, estou muito decepcionada", digo ao levantar a sobrancelha e balançar a cabeça.

"Que o galã seja o Darcy?"

"Não...", digo, finalmente o olhando nos olhos. "Que não vou conhecer o Jude Law."

Ele joga a cabeça para trás e solta outra gargalhada poderosa, que repercute por todo o salão. Ele nem tenta disfarçar. As meninas olham, boquiabertas.

"Preciso dizer que o atendimento aqui é um pouco peculiar. Ou você passa mal e os clientes têm que acudir ou você os insulta. Muito esquisito, mas deve funcionar, pois eu mal posso esperar pra ver o que vai acontecer na próxima." Então ele acrescenta baixinho: "Mas vai ter que ser durante o horário das aulas". Com uma piscadinha e um sorrisão, ele se vira, dá um tchauzinho para as admiradoras e vai embora. Eu fico apenas encarando.

Assim que ele some da vista, Molly vem correndo.

"Eu falei que já tinha visto o rosto dele antes."

"Ah, Molly..."

"O que foi, florzinha?"

"Fiz o maior papel de idiota!", falo e enterro o rosto nas mãos.

"Até parece!"

"Não, sério..." Passo um resuminho da conversa, cada vez mais vermelha de vergonha. Sinto os olhos ardendo com lágrimas. Ela me interrompe e segura meus ombros para que eu a olhe nos olhos.

"Soph, aquele rapaz veio ver se você estava se sentindo melhor e trouxe flores. Ele

não tirou os olhos de você desde que chegou. Eu notei antes de saber que ele era uma estrela em ascensão! Tô falando: ele vai voltar."

"Duvido, Molly!", eu soluço. Desisto e deixo as lágrimas rolarem.

"Bom, acho que só o tempo irá dizer!", ela fala enquanto me puxa para um abraço caloroso.

4

Na manhã seguinte, não leio na ida para o trabalho. Não estou a fim. Na noite anterior, não dormi de tão animada; ontem à noite, fiquei olhando para o teto por conta da sensação de humilhação. Portanto, na caminhada de hoje, chuto pedrinhas e galhos, liberando um pouco da raiva de mim mesma.

Da alameda para a High Street, levo um susto quando olho para o morro e vejo uma pessoa na entrada da loja, espiando pelas janelas. Não demoro muito para perceber que é o Billy. Uma onda de nervosismo toma conta de mim, mas continuo andando.

"O que você tá fazendo aqui tão cedo?", pergunto.

"Ah, Sophie! Você chegou!", ele fala e depois assopra nos dedos para aquecê-los na manhã fria. "Não sabia que horas abriam."

"Só às oito, você vai precisar esperar um pouco."

"Sério?"

"Sim."

"Droga."

"Eu posso deixar você entrar, mas não tem nada pronto para servir. Nada de café."

"Não me importo com algo gelado então. Posso só sentar numa mesa e estudar o *script* enquanto você assa, ou sei lá?", ele pede com olhos suplicantes.

Sei que Molly não se importará. Na verdade, sei que ela vai ficar fora de si por ter acertado que ele voltaria.

"Ah, então entra." Suspiro ao abrir a porta para nós dois.

"Obrigado. Tenho que estar no *set* às nove mesmo, não vou demorar."

"Ainda estudando o *script* então?"

"Bom, eu sempre acabo me distraindo", ele fala com um sorriso brilhante. "Culpa da srta. Brown, que começou tudo com suas suspeitas."

E minha também, por uma porção de coisas, eu penso.

"Bem, acho que ela não vai fazer isso outra vez. Não agora que sabe que está diante de uma celebridade. Na verdade, acho que ela passou a noite toda no telefone contando pra tudo mundo que conhece você. Ela vai falar pra todo mundo que tinha notado algo 'especial' em você."

Juro que as bochechas de Billy ficam rosadas quando ele murmura:

"Tenho certeza de que não."

Fico surpresa com esse lado tímido dele. Afinal, ele é uma estrela de Hollywood. Atores não têm superegos e se acham o máximo? Ele deve estar acostumado com elogios melhores do que esse.

“Certo”, eu digo, preocupada com as horas. “Preciso começar a assar.” Aceno na direção do forno. “O que você quer?”

“Nada, nada. Estou bem. Pode... fingir que eu não tô aqui.”

Dou um leve sorriso antes de ir para trás do balcão e preparar a fornada de *muffins*, *cupcakes*, pão e um bolo especial de cenoura para a sra. Wallis, que receberá a família no fim de semana. Estou quase no fim quando ouço Molly entrar às sete e quarenta e cinco, pronta para preparar seus bolinhos, sua marca registrada. Eu a observo primeiro ficar confusa ao ver Billy à mesa e depois sorrir. Sei exatamente o que ela está pensando.

“Já de volta, sr. Buskin? Não esperava vê-lo tão cedo. Não pelo menos até a hora de funcionamento.”

“Eu não sabia que horas vocês abriam, mas ainda bem que me deixaram entrar, assim posso trabalhar.”

“Hum. A Sophie é boazinha mesmo. Vou deixar você em paz. Avise se precisar de algo.”

Molly ainda está sorrindo quando se aproxima e retira o casaco.

“Bom dia, querida”, ela cumprimenta antes de dar uma piscada e falar só mexendo a boca: “Tá vendo? O que foi que eu falei?”

Não consigo evitar e fico vermelha.

Ao terminar minha contribuição para a fornada da manhã, observo Billy, que parece hipnotizado pelo *script*. Para tentar minimizar meu comportamento péssimo, decido agradecer e me desculpar com uma xícara de café e *muffins* fresquinhos. Ele leva um susto quando coloco a bandeja sobre a mesa.

“O que é isso?”

“Você parece estar precisando. Sua testa está cada vez mais enrugada. Isso não é legal para os *closes*!” As palavras saem da minha boca antes que eu me censure. “Digo, no cinema essas coisas parecem mais sérias.” Percebo que estou fazendo papel de idiota outra vez, mas Billy entende o comentário e começa a rir alto, novamente.

Assim que ele se acalma, olha para as páginas em suas mãos e geme.

“São essas falas que estou tentando decorar...”, ele fala com um brilho no olhar que sugere uma ideia, “acho que você não pode sentar aqui e me ajudar, né? É bem mais fácil quando se lê em voz alta com alguém”.

Acho melhor falar não, mas seus olhos suplicantes me vencem.

“Passa pra cá”, digo ao esticar a mão. “Não sou profissional, mas fiz um pouco de teatro amador.” Uma leve mentirinha. Atuei apenas uma vez como a Bruxa Má do Leste em uma produção infantil de O *mágico de Oz* quando eu tinha nove anos. Sabe, aquela que morre assim que aparece? Geralmente o papel é feito por um boneco, mas como eu estava pagando duas libras por semana para fazer parte do clube, tinham que dar um

jeito. Minha mãe e meu pai disseram que nunca viram o papel interpretado com tanto entusiasmo. À época, achei que tinha sido um elogio.

Billy sorri enquanto eu puxo a cadeira e sento.

"Obrigado. Tem certeza de que não vou atrapalhar seu serviço?"

"Infelizmente não", eu sorrio. "Os clientes só chegam daqui meia hora. Bom, de onde a gente começa?"

Com um sorriso enorme, ele fala:

"Do começo, de 'ora, Darcy'. Você conhece o livro?"

"Sim... É um dos meus favoritos", admito.

"Ah, então você sabe o que tá acontecendo."

"Sim. Ok... lá vai. Ora, Darcy." Faço uma voz grossa e masculina para o sr. Bingley, o que provoca risadas. "Ei, você não pode rir de mim!", digo, fingindo ficar ofendida.

"Foi mal!"

Continuo com a voz boba, mas sem tanto entusiasmo:

"Ora, Darcy, você precisa dançar. Odeio vê-lo parado e sozinho desse modo. Seria muito melhor se dançasse."

"Certamente não", começa Billy. "Você sabe como odeio, a não ser que conheça a parceira. E nesse tipo de... reunião?" Ele faz uma careta esperando confirmação.

"Encontro."

"Certo, desculpe. Nesse tipo de encontro seria insuportável. Suas irmãs estão ocupadas e não há outra mulher na sala que não fosse uma punição suportar."

"A quem... a quem não fosse..."

"Ah... a quem não fosse uma punição suportar."

"Eu jamais seria tão melindroso quanto você! Juro por minha honra, nunca conheci garotas tão agradáveis quanto hoje. E várias possuem beleza incomum."

"Você está dançando com a única garota bonita do salão." Algo a respeito de como ele desacelera na última parte da fala, enquanto seus olhos penetram os meus com tanto significado, me pega de surpresa e me deixa sem ar, provocando uma amnésia momentânea.

"Ops... Desculpe, perdi minha fala", digo com aborrecimento enquanto meus olhos sobem e descem pela página. "Ah, sim. Ah, ela é a mais bela criatura que já vi! Mas ali está uma das irmãs dela, sentada bem atrás de você, que é muito bonita e, ouso dizer, muito agradável."

Trabalhamos a cena algumas vezes, e mais duas outras, até que os clientes começam a chegar e Molly parece sobrecarregada. Na verdade, fico feliz de parar, por me sentir cada vez mais atrapalhada enquanto Billy parece mais confiante com as falas e eu mais impressionada, combinação que levou a muitos silêncios constrangedores.

Próximo das nove horas, Billy se vira para mim com um sorriso caprichoso.

“Obrigado.”

“Ah, não foi nada”, digo, dando de ombros.

“Sério, ajudou muito.”

“Não esquenta.”

“Mas você arranjou um probleminha”, ele fala, levantando as sobrancelhas e fazendo expressão de preocu pação.

“Ah, é? Que problema?”, pergunto com curiosidade.

“Bem, você foi muito útil, então vou ter que voltar e pedir mais. Você nunca vai se livrar de mim! Falando sério, vou seguir você por toda parte pra passar todos os seus minutos comigo e com o roteiro.”

“Ah...”, fico sem palavras para responder.

“Tchau, Sophie”, ele ri ao sair da loja, me deixando para trás com bochechas vermelhas, de novo!

***

Não vejo Billy outra vez por alguns dias e isso é uma tortura. Embora fique animadíssima só de recordar aquele sorriso, não consigo evitar as dúvidas que surgem com essa ausência. Claro que, se eu fosse racional, pensaria apenas que ele estava ocupado com as filmagens. Mas não sou assim e fico cada vez mais ansiosa conforme o tempo passa. Será que eu o afastei de algum modo? Se sim, como?

Estou rodeada por mistura de bolo e dúzias de recipientes por conta de uma encomenda de aniversário de dezesseis anos quando Billy entra na loja. Na hora, o medo que crescia se desfaz. Meu estômago dá cambalhotas e um raio de excitação provoca um sorriso gigante em meu rosto. Ele está aqui. Ele voltou.

Eu decido falar oi enquanto Molly o atende. Não resisto!

“Ei! Como andam as filmagens?”, pergunto enquanto ando em sua direção com uma tigela na qual misturo açúcar, manteiga e ovos.

“Tudo ótimo! Bem, na verdade, está a toda, por isso andei sumido.”

“Sei... A gente já estava achando que você tinha sido substituído pelo Jude Law”, brinco.

“Um ator de verdade?! Não estão com tanta sorte”, ele fala com um sorriso irônico.

“Que pena! Mas bom ver você.” Eu sorrio ao retornar ao trabalho.

Misturando, batendo e amassando, olho para Billy, que parece agitado com o roteiro outra vez. Noto que ele suspira dramaticamente diante da página à sua frente, o cenho mostra rugas ainda mais profundas. Sinto como se ele estivesse chamando por ajuda. Adoraria, mas hoje não dá.

Após enfiar a última leva no forno, olho para cima e vejo Billy avermelhado andando em minha direção.

“Sophie, sei que não nos conhecemos há muito tempo. Mas eu só queria falar que adorei esse tempo que passei com você e gostaria muito que jantasse comigo hoje... num encontro. Para que eu possa agradecer.”

Choque é a única explicação que tenho para a risada que sai da minha boca. A minha mão corre para tampá-la, mas é tarde mais, ele ouviu. Ele olha em volta para Molly, a srta. Brown, a sra. Sleep e outras clientes (todas encarando de boca aberta), então se vira e corre para a porta, derrubando um estande de cartões na pressa.

Fico horrizada diante de minha própria reação, arranco o avental e corro atrás dele.

“Billy! Billy! Para!”, eu grito conforme o alcanço. “Desculpa a risada, mas eu não esperava por isso.”

“Sério?” Ele se vira e noto que parece um menininho, magoado e envergonhado.

“Sim! Acredite ou não, mas os caras não costumam vir bailando até o balcão para me chamar pra sair.”

“Não?”

“Pior que não. Quase nem frequentam a casa.” Olho para o chão, sem saber o que dizer agora que impedi a fuga.

“Eu não fui bailando. Fui saltitando”, ele fala baixinho e sorrindo enquanto raspa o pé na calçada. “E aí? Jantar sofisticado hoje?”

“Na verdade, eu não...”

“Tá certo. Olha, não se preocupa”, ele interrompe, já virando-se para ir embora e com a pá virada.

“Ei! Dá pra parar de ser tão dramático?”, grito. Ele para e se volta para mim, o rosto surpreso com a explosão. Respiro fundo algumas vezes para me recompor antes de continuar: “O que eu ia dizer é que não posso porque já marquei com a minha mãe”.

“Ah!”

“É, mas se quiser me chamar outro dia, em que eu estiver livre, então... pode ser que eu diga sim.”

“Entendi”, ele diz, com os olhos brilhando de animação. “Quando você está de folga?”

“Domingo.”

“E já tem planos para este domingo?”

“Por enquanto não.”

“Perfeito.” Ele se ilumina.

***

Eu volto para a loja com o maior sorriso, fingindo ignorar o fato de que Molly e as clientes estiveram com o rosto colado no vidro da janela pelos últimos minutos na tentativa de entender o que estava acontecendo. A casa de chá está em completo

silêncio, todo mundo me encarando, esperando as novidades.

"Vai, fala logo! O que aconteceu?", pergunta Molly, provocando gargalhadas pelo salão.

"Bem, minhas queridas, parece que eu consegui um encontro!"

As senhoras comemoram, animadas. Molly me faz sentar e traz um bule enorme de chá e bolo de cenoura. Passamos a próxima hora beliscando o bolo e bebericando o chá enquanto a plateia exclama "ohs" e "ahs" ao devorar todos os detalhes do romance.

***

A casa ainda está escura quando volto do trabalho. Encontro minha mãe aninhada no sofá, de olhos fechados. Ligo um abajur ao lado dela e noto um lenço úmido amassado em sua mão. Seus olhos se abrem devagar até me ver. Ela fica confusa e depois chateada por eu tê-la encontrado nessa situação.

"Oi, amor. Desculpa, cochilei", ela explica enquanto passa a mão correndo pelo cabelo para checar se está tudo em ordem.

"Não se preocupa, mãe."

"Mas eu nem comecei a janta ainda", ela entra em pânico.

"Mãe! Tá tudo bem. Eu faço alguma coisa. Ou podemos pedir, o que acha?" eu digo, tentando acalmá-la.

"Boa ideia. Uma folga pra nós duas!"

"Exato. Comida chinesa?"

"Ótimo!"

Ligo e faço o pedido de sempre: frango agridoce, arroz com ovo e carne desfiada.

"E como foi seu dia?", ela pergunta assim que desligo o telefone e começo a fazer o chá, o qual bebemos aconchegadas em nosso velho sofá verde-água.

"Foi bom." Faço um sinal positivo com a cabeça.

"Nada de interessante?", ela questiona com um sorriso apagado e me dá uma leve cotovelada.

"Você já tá sabendo!", exclamo.

"Ah, Soph, você acha mesmo que uma fofoca dessa não ia se espalhar?"

"Verdade, mas seria mais legal se eu mesma contasse. Quem dedurou?"

"A srta. Brown."

"Que surpresa!"

"E a sra. Williams, que tinha falado com a sra. Sleep, e também a June Hearne, que tinha acabado de falar com a Molly por telefone."

"Como fofoca se espalha!", comento e damos risadas do absurdo.

"Sabe, eu conheci seu pai no trabalho."

Por um instante, fico em silêncio, pois ela nunca fala do meu pai. Nunca. Tomo um

gole de chá antes de reagir:

"É mesmo?"

"Sim... Eu trabalhava numa banca de jornal. Logo cedo ele comprou o jornal, meia hora depois voltou para um chocolate, dali cinco minutos foi uma latinha de coca, então cigarros."

"Eu não sabia que o papai fumava", comento, chocada com essa pérola.

"Ele não fumava. Ele estava tentando criar coragem pra me chamar pra sair. Estava prestes a falar, mas deu pra trás e pediu o cigarro. Depois disso, quando voltou pra comprar chiclete é que finalmente teve coragem."

"O que ele falou?"

"Ah, não lembro direito...", ela admite com tristeza. "Um grupo de amigos dele estava planejando ir ao cinema no fim de semana, então ele perguntou se eu queria ir junto."

"E você foi?"

"Um cara bonito daquele jeito me chamando pra sair? Claro que sim!"

Antes que ela revele mais, a campainha toca avisando que o jantar chegou. A troca de confidências é interrompida enquanto brigamos para ver quem paga.

***

Já admiti que não tenho muita experiência com homens e só fui em poucos encontros, mas este talvez seja o momento de revelação total. Eu tinha dezenove anos no meu primeiro encontro e foi com o James, neto da sra. Sleep, um cara baixinho, loiro, que andava como um rinoceronte em miniatura por conta de seu porte largo e atarracado. Fomos ao cinema ver *Piratas do Caribe: O baú da morte*. Ele passou o filme todo jogando pipoca no pessoal à nossa frente e rindo. Dei um jeito de ignorar e assistir ao filme, que achei muito legal. No entanto, no fim, quando ele lambeu os beiços e veio pra cima de mim, fui correndo para casa. A imagem ficou na minha cabeça e provocou arrepios por dias. A sra. Sleep ainda pergunta – depois de todos esses anos – quando vamos sair de novo. Não me surpreende que James ainda esteja solteiro.

O encontro seguinte, uns dois anos depois, foi arranjado pela sra. Wallis com seu neto, Russell, auxiliar de laboratório. Ele tinha estatura média, um rosto bonito e cabelos muito negros. Ele me levou para jantar, o que foi uma péssima ideia, pois não tínhamos assunto. Foi um desastre, cheio de silêncios constrangedores. Ficamos olhando a toalha ou comendo em silêncio. Havia a possibilidade de Russell ser quieto mesmo, mas fiquei com a impressão de que ele estava lá obrigado pela avó e nem queria ter se dado ao trabalho. Ele me deixou em casa depois e não tentou me beijar. Ainda bem. A sra. Wallis me mantém informada sobre a vida do Russell. Acho que agora ele está noivo de uma auxiliar de laboratório. Que bom para ele.

Depois dessas duas experiências, eu não estava a fim de outras, principalmente as arranjadas por vovós. No entanto, um dia, descendo o morro para fazer uma entrega, equilibrando uma pilha de caixas de bolos que ameaçava ruir, Shane veio me salvar. Gentilmente, ele pegou metade do fardo e me acompanhou até meu destino, ali perto. Como forma de agradecimento, concordei com um café logo em seguida. Talvez por não ter havido tanta antecipação e a palavra "encontro" não ter sido mencionada, fiquei à vontade. Ou talvez por ele ser tão simpático e ter lábia. Além de um rosto redondo e de confiança. Nos vimos algumas vezes ao longo dos meses seguintes.

Olhando para trás, percebo que o encarava mais como um amigo do que qualquer outra coisa – foi a primeira pessoa da minha idade com quem me divertia havia anos. Por causa dessa afeição, permiti que ele me chamasse de namorada, me beijasse ou colocasse a mão por baixo da blusa, abrisse o sutiã e agarrasse o meu peito, ou me levasse à noite ao parque para que fizéssemos sexo sob as enormes árvores. Nunca fiz objeção. Mas a gota-d'água aconteceu quando ele começou a falar que me amava. Não consegui lidar com isso. Molly e minha mãe me acharam louca quando terminei com Shane sem dar motivo. Ele ficou arrasado, mas logo a fila andou. Meses depois, ficou noivo e se casou. Agora tem gêmeos e se mudou de Rosefont Hill. Hoje em dia, penso que deveria ter sido mais corajosa.

Isso significa que, como qualquer solteira por aí, minha vida amorosa não tem sido bem-sucedida. Encontros de amargar seguidos de um relacionamento que não deu certo porque o coitado me amava não podem ser contabilizados como vitórias. Então, embora eu esteja nas alturas pelos acontecimentos de hoje, quando deito na cama a realidade pesa. Vou sair com um cara bem especial, de quem eu acho que gosto de verdade e não quero estragar tudo como antes.

Prevendo outra noite insone, decido ligar o *laptop* e fazer uma pesquisa pré-encontro. Tenho certeza de que vou ficar um pouco mais preparada. E que mal pode fazer? Enquanto digito seu nome no Google, aparecem fotos glamorosas de tapete vermelho e capas de revista. Seu sorriso contagiante e seus olhos faiscantes me dão um frio na barriga. Dou risada quando percebo que estou sorrindo para a tela como uma idiota (ele provoca o efeito Jude Law em mim).

Meus olhos vagueiam pela página e encontram uma lista de filmes dos quais ele participou. É enorme! Sério, faz sentido que Molly o tenha reconhecido no primeiro dia. Na verdade, fico surpresa por eu não ter reconhecido, pois vi alguns, embora tenham sido os primeiros da carreira, em papéis menores.

Continuo a inspecionar os resultados do Google e acho uma página na Wikipédia. Clico sem hesitar.

Billy Buskin

William Andrew Buskin é um ator inglês e modelo. Nascido em Surrey, Billy começou a atuar com uma ponta na novela *Eastenders* e depois encenou em inúmeros projetos ao longo da infância e da adolescência. Aos dezenove anos, um encontro por acaso com o produtor hollywoodiano Alfred Higgins lhe providenciou o papel principal de Sid Quest na trilogia *Halo*, baseada no *best-seller* de Matilda Sutton.

Biografia
Buskin nasceu em Surrey, na Inglaterra. Seu pai, Clive, é encanador. Sua mãe, Julie, representante comercial, mas parou de trabalhar para cuidar de Billy e seus irmãos. Billy é o filho do meio e possui duas irmãs gêmeas mais velhas, e um irmão e uma irmã mais novos.

Nossa! A família dele é grande. Como a seção sobre sua infância e vida familiar é bem pequena, suponho que ele seja bastante discreto quanto a isso. Algo admirável em uma celebridade. Desço a página, passando por cima dos detalhes de sua carreira desde *Halo*.

Até que a seção "Vida pessoal" chama minha atenção. Paro antes de seguir lendo. Embora saiba que não devo continuar, que devia fechar o *laptop* e nunca mais entrar nessa página, ali está: a lista de namoradas do Billy Buskin. Fico muito curiosa. Respiro fundo e sigo em frente.

Vida pessoal
Enquanto filmava *Halo*, Billy começou um relacionamento que durou três meses com a modelo brasileira Ariane Salvador. Eles se conheceram durante o MTV Movie Awards. O relacionamento terminou quando ela o deixou pelo veterano Hugo Miles, 47 anos mais velho, embora ela tenha vindo a se arrepender, dizendo em entrevista: "Eu deveria ter me casado com Billy, mas eu era jovem e tola". Ainda que arrasado com o fim do namoro, Billy logo foi para os braços da colega de *Halo*, Heidi Black, e se tornaram um casal fora das telas também. Após o término das filmagens da trilogia, no entanto, o relacionamento não andava bem, com relatos de discussões, afastamentos e retomadas. Decidiram terminar, mas permaneceram amigos.
Embora Billy não tenha uma namorada oficial há alguns anos, ele se aproximou de inúmeras atrizes e modelos, incluindo Sarah Atkins, Ruth Yates, Makaela Truce e Betty Sugar, dentre outras. Os encontros frequentes chamaram a atenção de diversos tabloides, principalmente o *The Daily Dawn*, que o nomeia "Garanhão do Ano" há quatro anos.

Não preciso nem dizer que não consigo parar de clicar nos nomes e observar as

mulheres deslumbrantes que aparecem. Ariane Salvador é uma deusa, Heidi Black, uma loira linda, Sarah Atkins tem a melhor pele que já vi...

O número de garotas com quem ele já saiu, teve casinhos ou simplesmente foi visto junto é enorme. Dá a impressão de que todas as mulheres mais quentes do *showbiz* estão na lista. Claro, muita coisa pode ser mentira, especulação e fofoca sem fundamento. Mas dá para perceber uma coisa: essas são as mulheres com as quais Billy convive. São hipnotizantes, lindas e glamorosas. O que eu poderia oferecer a ele? Após me deprimir com mais um clique nessas fotografias, fecho o *laptop* e encaro o teto pelo restante da noite, sem dormir um segundo. Minha excitação de antes cedeu lugar à ansiedade e ao temor.

***

No dia seguinte, estou um caco. Queimo três bolos e derrubo dois pratos até que a Molly me chame de lado.

"Menininha, o que está acontecendo?"

"Como assim?", pergunto, me esforçando para segurar as lágrimas e não soluçar em voz alta.

"Ora, Soph. Você está esquisita. Não costuma ser tão desajeitada assim."

"Eu sei, é só que..."

"Tá preocupada com o encontro?"

"Ah, Mol!" Eu soluço. "Eu sou normal. Sem graça!"

"Ah, flor", ela fala mansinho ao me dar um abraço. "Não fique assim." Ela dá uma risadinha. "Não acha que talvez seja disso que ele goste? Hein? Talvez você ser normal é o que tenha chamado a atenção dele. Porque, precisamos admitir, ele ficou hipnotizado por você desde o primeiro dia."

"Mas eu sou só eu! Do que vamos conversar? O que temos em comum?"

"Amoreco, ele não é apenas um Adônis hollywoodiano ou sei lá... ele é um ser humano, sabe? E para de se subestimar, pra variar! Ele pode ter todas essas fãs e tal, mas elas não o conhecem de verdade, elas têm uma fantasia na cabeça. Enquanto você é adorada por todos que te conhecem e isso conta muito mais." Molly então se afasta e me obriga a olhá-la nos olhos. "Sabe o que mais, mocinha? Ele tem sorte de sair com você. Devia agradecer aos céus. Porque você é a garota mais especial do mundo e eu nunca tive tanto orgulho de alguém."

Nem preciso dizer que solucei ainda mais.

5

Quando o despertador dispara às oito da manhã, acordo em pânico ao perceber que ainda não escolhi uma roupa para o encontro. Que descaso imprudente! Não tenho ideia do que Billy planejou para hoje, ele quer fazer surpresa, apesar da falta de opções de Rosefont Hill.

Como não sei aonde vamos nem o que vamos fazer, não tenho ideia do que é apropriado. Devo usar um belo vestido? Ou calça *jeans* e botas, caso façamos algo mais aventuroso? Corro pelo quarto pegando vestidos florais e saias coloridas antes de os descartar como "frufru demais". Roupas de todas as formas e tamanhos voam pelo ar enquanto faço uma escavação em busca do traje perfeito.

Depois de experimentar tudo no guarda-roupa pelo menos três vezes, percebo que Billy só me conhece de avental e coberta de farinha, qualquer coisa vai ser melhor! Portanto, decido por *jeans* e botas, o de sempre, mas com uma blusa rosa bonitinha para ficar mais chique. Pelo menos vou ficar confortável, sem me preocupar com a barra da saia o dia todo.

Depois do banho, faço uma escova com ondas, tiro a sobrancelha e passo maquiagem com cuidado (sim, hoje pede base, bronzer e rímel).

Ao terminar a maquiagem, fico zonza. Paro e sento na privada com a cabeça entre as mãos. Sei que são os nervos me atacando outra vez. Tento respirar para passar essa sensação. Assim que me acalmo, alguém bate na porta do banheiro.

"Tudo bem, Soph?", minha mãe pergunta.

"Sim...", eu respondo, me levanto, abro a porta e dou um sorriso nervoso.

"Está linda!"

"Obrigada...", agradeço, mordendo o lábio.

"Ah, não! Olha essa cara!" Ela ri e aperta meu nariz entre os dedos.

"Só tô um pouquinho nervosa..."

"Não tem por que ficar nervosa. É só um encontro."

"Eu sei..."

"Ué, então! Vai e se divirta", ela diz enquanto cutuca meu braço.

Depois de uma última olhada no espelho, dou um beijo de despedida em minha mãe, pego a bolsa e o casaco e saio voando porta afora.

***

Billy já está esperando na casa de chá quando viro na High Street. Ele está com as

mãos atrás do corpo, uma mochila roxa pendurada no ombro e um sorriso enorme no rosto. Fico feliz de ver que ele também está com roupas casuais, de *jeans* desbotado e moletom laranja com zíper branco. E galochas pretas...

Quando o alcanço, ele se inclina e me dá um beijo na bochecha. Sinto frio na barriga na hora.

"Você tá linda", ele sussurra no meu ouvido.

Sorrio de volta, os nervos me dominando e sinto as bochechas avermelharem.

"Ok", ele diz em tom mais assertivo. "Pra você." Então sorri e me entrega um par de galochas com estampa floral rosa e azul, que ele vinha escondendo atrás das costas.

"Pra que isso?", pergunto, rindo de nervoso e pegando os sapatos da mão dele.

"Bom, sei que não anda chovendo, mas achei melhor precaver. Não queremos enfiar o pé na lama, certo? Tem umas meias dentro também."

Eu o encaro abismada. Por essa eu não esperava mesmo.

"Já ouvi falar que algumas meninas ganham flores no primeiro encontro, até chocolates, mas nunca galochas!"

"Você já ganhou flores", ele retruca levantando a sobrancelha. "Rápido, rápido. Calce as galochas."

"Espera. Como é que você sabia meu número?", eu questiono, levantando suspeita. "Você anda me espionando?"

"Puxa, pego no flagra!" Ele dá um sorriso cínico.

Me apoio na parede da loja e troco de sapatos em silêncio enquanto Billy me observa e guarda as botas na mochila. Testo os calçados novos e Billy me pega pela mão.

"Vem", ele diz ao me puxar pela rua.

Viramos a esquina e damos de cara com dois cavalos enormes amarrados a uma árvore, à nossa espera.

"Conheça o Tony e a Connie", ele diz.

"Uau!", eu solto antes que consiga impedir. Tony tem a pelagem marrom com uma mancha branca em formato de diamante na testa e meias brancas também. Ele está ocupado mastigando folhas do jardim da sra. Wallis. Connie, no entanto, com a pelagem cinza e crina negra, nos encara.

"Espero que não tenha medo de cavalos."

"Não, não. Eu costumava cavalgar sempre, mas há anos não monto!"

"Não parou por causa de uma queda ou coisa do tipo, foi?", ele pergunta com ansiedade.

"Engraçado você perguntar. Eu caí e quebrei o pulso quando tinha dez anos. Na época, eu queria fazer saltos com obstáculos, mas depois da queda fiquei meses parada. Quando meu pulso sarou, já tinha outros sonhos."

“Então você não vai ficar preocupada de montar?”, ele pergunta, enquanto segura a rédea do Tony e deixa Connie para mim.

“Claro que não!”, declaro enquanto subo em Connie em um salto.

Admito que fico impressionada pelo modo que montei, como uma profissional, quase sem esforço. Ajusto o estribo e sento. Observo Billy tentar montar, sem sucesso. Primeiro, ele tenta levantar uma perna, mas não consegue alcançar o estribo. Depois, tenta puxar o cavalo na direção da cerca para tentar subir por lá, mas o cavalo não obedece. Quando Billy está pronto para montar, Tony anda alguns passos.

“A semana toda eu acertei e agora na sua frente não consigo. TONY!”, ele berra quando o cavalo desobedece outra vez.

“Fica calmo, *cowboy*”, eu brinco ao descer do cavalo e ajudá-lo. Pego Tony e o guio até a cerca, segurando firme pela rédea para ele não sair quando Billy pular. “Aí... Pronto!” Sorrio para Billy antes de devolver as rédeas e montar Connie outra vez com facilidade.

“Que começo péssimo!”, ele lamenta.

“Ah, fica quieto. É bom saber que você não é bom em tudo, senhor galã de cinema!”

“Pode acreditar: sou um lixo em muitas coisas!”

“Ótimo! Agora, aonde vamos?”

Passeamos por uma hora pelo bosque, que está coberto por uma colcha de jacintos. Lindo. Estou adorando cavalgar outra vez depois de tanto tempo e me divirto em alternar trote com meio galope, para tristeza de Billy, cujo cavalo quer apenas copiar o meu. Fica claro que embora ele esteja à vontade nas costas de um cavalo, não tem experiência. Decido diminuir a marcha quando escuto sua respiração rápida e viro para vê-lo se remexendo dolorosamente.

“Foi mal”, grito. “Me empolguei um pouco!”

“Não, que bom que está se divertindo”, ele grita de volta, sem fôlego, com um sorriso contagiante no rosto. Ele é tão lindo, até mesmo nessa situação comprometedora.

“Você quer parar um pouco? Andar?”

“Acho que tem um lago por esse caminho.”

“Sei qual é.”

“Claro. Bem, vamos indo até chegar lá, aí paramos.”

“Ok, bom plano. Pode ir na frente agora”, digo, forçando Connie a parar para deixar os dois irem na frente, mas ela não fica muito satisfeita.

Vamos devagar até o lago e paramos debaixo de um carvalho enorme, onde amarramos os dois cavalos.

“Tá com fome?”, ele pergunta ao limpar as mãos no *jeans*.

“Morrendo”, admito.

Passando mal de nervoso de manhã e correndo para ficar pronta, acabei esquecendo de comer. Com a menção à comida, percebo que estou faminta!

"Eu também. Estava nervoso demais hoje cedo para comer."

"Sério? Por quê?"

"Eu tinha um encontro com uma garota maravilhosa."

"Rá! Ainda bem que dão pra você essas falas nos filmes, senão estaria enrascado", digo, dando uma risadinha.

"Valeu. Enfim, de volta ao assunto comida... Fecha os olhos."

"Quê? Por quê?" Dou risada.

"Por favor?", ele implora.

Dou um sorriso cético e reviro os olhos, depois faço o que ele pede. Imediatamente me sinto exposta e vulnerável ao desconhecido. As bochechas queimam quando as mãos quentes dele tomam as minhas e ele me leva para dentro do bosque. Excitação e nervosismo pinicam minha pele. Luto para não abrir os olhos. De algum modo os mantenho fechados enquanto ouço folhas e galhos quebrando sob os meus pés.

"Ok...", ele fala ao colocar a mão no meu ombro. "Pode olhar."

Abro os olhos e fico sem fôlego diante do que vejo. Luzes pisca-pisca circulam troncos de árvores e dependuram dos galhos no alto, formando um céu estrelado sobre nós. Um lençol escuro abrange o nosso entorno, deixando o mundo lá fora e realçando o brilho das luzes. Sob a cobertura estrelada, uma toalha de piquenique xadrez, azul e roxa, foi estendida, rodeada por jacintos e coberta por cumbucas com comida, copos e garrafas. À sua volta, almofadas macias. Parece um refúgio ou um forte da infância, mas bem mais mágico. É mesmo de tirar o fôlego.

Fico encarando tudo, boquiaberta. Ninguém nunca teve tanto trabalho comigo. Nunca. Me sinto tão abalada que as lágrimas ameaçam explodir. Preciso cerrar a mandíbula para impedi-las.

Billy, parado ao meu lado, me observa e aperta minha mão, provavelmente porque apenas fiquei ali, paralisada, sem falar nada.

"Uau!", dou conta de falar, com os olhos úmidos.

"Dois 'uaus' em um encontro, hein? É um bom sinal..."

"É mesmo. Como você fez isso?"

"Ah, segredo. Vem, vamos sentar", ele fala e me guia até a toalha, onde tiramos as galochas enlameadas antes de nos ajeitarmos nas almofadas.

Ele escolhe uma das garrafas, abre e serve duas taças.

"Imaginei que a gente teria sede depois da cavalgada, então pensei que suco de laranja e cranberry seria bom, em vez de vinho ou coisa do tipo."

"É meu suco preferido!", digo, surpresa, e dou um gole.

"Quem diria?", ele fala com cinismo.

Abrimos uma das cumbucas e vejo os bolinhos. Agora estou entendendo.

"Bolinhos?"

"Isso", ele diz ao pegar uma vasilha com sanduíches de presunto.

"Parecem deliciosos."

"Hum... Que gostoso."

Ele evita me olhar e pega outra cumbuca, dessa vez com salada de tomate. Eu o cutuco de leve nas costelas.

"Ai!" Ele ri.

"Você fez tudo sozinho? Ou teve uma ajuda?"

"Eu fiz sozinho, mas sob a supervisão de uma cozinheira mais experiente!"

"Molly!"

"Como você adivinhou?", ele pergunta com a voz aguda.

"Como ela conseguiu guardar segredo?"

"Ela disse que foi muito difícil."

"Imagino! Você sabe como ela é fofoqueira? Isso deve ter quase matado a mulher." Dou uma gargalhada. "Quando vocês aprontaram essa?"

Ele solta um longo suspiro, arrasado por ter sido descoberto. Ele sabe que não vou sossegar enquanto não responder tudo.

"Acho que agora já posso contar... Foi hoje cedo. Encontrei Molly na loja às oito e ela me ajudou a preparar tudo. Ela é ótima. Falou toda as suas comidas prediletas."

"Mas quem montou tudo isso?", perguntei ao olhar em volta, encantada com a floresta ao nosso redor.

"Um pessoal da equipe de filmagem ajudou. Eu vim aqui com eles antes de ir preparar a comida."

"Sua manhã foi agitada."

"Foi, mas eu quis causar boa impressão."

"Bem, isso você conseguiu."

"Que bom."

Ficamos nos olhando e rindo antes de atacar a comida.

Nunca me senti tão relaxada e animada ao mesmo tempo. Billy tem um jeito que me faz sentir confortável e segura, mas também ardente. Ele é tão carismático! Fico sem ar.

***

Depois de comer até dizer chega, deitamos na toalha, com a cabeça em uma das almofadas, e olhamos as luzinhas sob nós. Noto claramente que nossos ombros se tocam de leve e sinto o calor que irradia do corpo dele, o que provoca calafrios apreensivos dentro de mim.

"Qual o seu livro favorito?", pergunto depois de um momento de silêncio.

“Puxa!”

“O que foi?”, pergunto.

“Bom, eu poderia mentir, mas a verdade é que nunca li um livro inteiro na vida.”

“Nunca?”

“Não.”

“Caramba.”

“Eu sei. Putz, me pegou”, ele fala e leva as mãos ao rosto de vergonha. “E o seu?”

“*Jane Eyre*”, declaro sem hesitar. “É um clássico.”

“Um dia eu leio.”

“Até parece! Espera: quer dizer que não leu nem *Orgulho e preconceito*?”

“E o que você queria ser depois de perder o interesse em cavalos?”, ele pergunta e a mudança de assunto provoca gargalhadas em nós dois.

“Escritora, depois médica e por fim florista. Por um tempo.”

“Por quê?”

“Eu amo flores.”

“Mas por que não quis mais ser florista?”

“Eu consegui um emprego na floricultura. Nada sério, eu era muito jovem. Mas eu passava todos os sábados limpando baldes sujos e ganhava quinze libras por isso. O fedor e o lodo me fizeram desistir.”

“Parece nojento.”

“E era. Mas eu ainda tenho vontade de fazer alguma coisa com flores.”

“É mesmo? E agora, o que você quer?”

“Ter minha própria casa de chá.”

“Pra concorrer com a Molly?”, ele pergunta e dá um cutucão.

“Não, não, não. Nada disso. Molly está ficando velha... Quer queira quer não, não vai conseguir gerenciar a loja por muito mais tempo”, explico. “Na verdade, ela tem um filho, o Peter, que se mudou para a Austrália há uns anos, e ela sempre fala sobre se mudar pra lá, pra ficar com ele. Desde que o marido morreu, ela está só. Acho que ela gostaria de ficar com a família. Com isso em mente, meu plano é economizar o máximo possível e comprar a loja dela, quando ela decidir vender e se mudar.”

“Sério?”

“Sim. Odeio admitir, mas minha vida se consiste em livros e fornadas.” Viro o rosto para vê-lo e começo a rir. “Nossa, não acredito que admiti ser tão sem graça.”

“Não acho.”

“A verdade é que não saio pra balada, não bebo, fumo ou uso drogas. Simplesmente vou gastar meu dinheiro com coisa melhor. Sei que parece bobagem, mas assim que entrei na casa de chá, me senti em casa. Desde então ela se tornou... tudo que eu sempre quis.”

“E o que você vai mudar por lá depois que virar a chefe?”

“Quero que seja ainda mais um porto seguro para as mulheres.”

“O quê? Mais do que as toalhas floridas e porcelana delicada?”, ele pergunta fingindo surpresa.

“Sim!”

“Não acho que isso é possível.”

“Ah, é sim”, eu retruco e me levanto, animada. “Quero acrescentar uma seção de flores. Não uma floricultura de verdade, com arranjos. Quero apenas algumas flores disponíveis. Talvez oferecer aulas de arranjos à noite.”

“Parece legal.”

“Também quero montar uma seção de presentes. Para vender trabalhos manuais... E cartões!” Noto que a minha boca tomou vida própria. Nunca tinha contado meu sonho para ninguém. Não sei por que estou fazendo isso agora. “E você?”, pergunto na tentativa de tirar a atenção de mim, e me deito outra vez.

“O quê?”

“Ah, certo. Acho que ser ator já é o seu maior sonho.”

“Não, na verdade. Nunca quis ser ator. Queria ser encanador, como meu pai.”

“E o que aconteceu?”

“Eu sou um bom ator”, ele diz, dando de ombros.

“Que bom que também é modesto”, provoco.

“Ha, ha!”, ele fala devagar, fazendo coceguinhas para que eu ria também. “Eu era muito tímido. Tudo bem em casa, mas sempre que saía ficava muito quieto. Então minha mãe me obrigou a entrar no clube de teatro da cidade, para melhorar minha segurança.”

“E foi aí que descobriram seu talento nato?”

“Algo do tipo”, ele fala e eu o escuto respirar profundamente, como se hesitasse em continuar. “Depois que comecei a receber mais papéis e ganhar um bom dinheiro, ficou difícil dizer não. Posso dizer que caí de paraquedas, sem nem pensar se era o que eu queria mesmo. Não me entenda mal, eu amo fazer isso!”, ele insiste.

“Sei que sim”, eu falo, chocada com sua honestidade. “Acho que é engraçado como a vida nos empurra para certos caminhos. Você acha que vai atuar pra sempre?”

“Não sei”, ele responde, mexendo em seu bracelete. “Acabei ganhando esse papel de ídolo adolescente e não é o que quero. Quando aceitei atuar em *Halo*, não sabia que tudo mudaria tanto. Queria ser visto como um ator sério. Não como alguém de quem se ri”, ele admite com um suspiro pesado. “Gostaria que reconhecessem meu talento e queria poder escolher os papéis em que fico mais à vontade.”

“Parece uma boa.”

“Bem, a família é tudo pra mim. Cresci numa família de sete.”

“Sete!”, exclamo para disfarçar que eu já sabia pela busca no Google. “Aposto que

era uma casa barulhenta."

"Sim, era, mas eu sempre tinha alguém pra brincar ou conversar."

"Que gostoso."

"É. Mas agora eu quase não vejo ninguém."

"Por quê?"

"Por causa do trabalho. Levei todo mundo pra Los Angeles para ficar comigo durante a filmagem de *Halo* e agora estou sozinho na Inglaterra há um ano."

"Você não acha que eles voltariam pra cá?"

"Duvido. Eles têm um estilo de vida diferente lá, e já se acostumaram. Você tem irmãos?", ele pergunta, se ajeitando sobre um cotovelo.

"Não, só eu, minha mãe e meu pai. Me conta uma coisa", tento mudar de assunto e me concentro nas luzes acima.

"O quê?"

"Você faz isso pra todas?"

"Isso o quê?"

"Pendura luzinhas, assa bolinhos e compra galochas?"

Na espera pela resposta, fico ansiosa e imediatament e me dou uma bronca silenciosa pela pergunta tão patética e carente.

"Não", ele responde devagar. "As meninas que namorei antes não gostariam desse tipo de coisa, por incrível que pareça."

"Sério?", eu pergunto, sem acreditar. Que tipo de mulher não gostaria de tanto romantismo?

"Sim, infelizmente, elas gostam mais de um restaurante ou de balada exclusiva. Preferem ir a algum lugar para ver e ser vista."

"Manter as aparências?"

"Exato. Só a aparência e os lugares que frequentam importam. Elas fugiriam se eu as obrigasse a tirar o salto de marca e colocar galochas, e ainda vir para o meio do bosque e sentar no chão pra comer. Mas é isso que gosto em você. Não é fresca. É real e adorável."

"Nossa", eu dou um gritinho e depois rio. "Eu viver coberta de farinha é o que fez você se interessar? Porque eu não ligo pra sujeira?" Cubro o rosto com as mãos e solto um gemido brincalhão.

Billy se senta e tira as minhas mãos do rosto, me forçando a sentar de frente pra ele.

"Não! Não foi isso que eu quis dizer", ele fala com um sorriso largo enquanto tira meu cabelo do rosto. "Quero dizer que você não dá bola pra besteiras. A vida em Hollywood gira em torno da marca que você usa, do carro que dirige, do seu endereço... Mas não é isso que define uma pessoa. Essas coisas não significam nada." Ele coloca a mão sob o meu queixo e o levanta para que eu o olhe nos olhos. "A

primeira vez em que eu vi você na loja, alegrando o dia daquela velhinha por causa do dinheiro, admirei suas prioridades. São momentos assim que fazem a vida valer a pena. As outras coisas não significam nada."

Paro de respirar quando ele se aproxima lentamente e coloca seus lábios carnudos e macios sobre os meus. Todos os outros pensamentos somem. Meu corpo e minha mente são tomados por aquele delicioso momento de intimidade.

Uma vontade súbita de empurrá-lo ao chão e devorá-lo inteirinho toma conta de mim, mas eu me aguento... Tudo a seu tempo, Sophie May. Tudo a seu tempo.

6

As semanas seguintes passam rapidamente. Billy e eu ficamos o máximo possível juntos, o que não é muito, pois trabalho seis dias por semana e o cronograma de filmagem é caótico. Mas damos um jeito e aproveitamos muito cada segundo disponível. Se ele tem um dia cheio, mas não precisa chegar no *set* logo cedo, vem até a loja antes do horário de abertura, me ajuda com as fornadas e trabalhamos no roteiro. Surpreendentemente, ele já consegue fazer *cupcakes* de baunilha sem a minha ajuda. No entanto, o bolo de chocolate e caramelo ainda é um desafio. O nosso *kit* de sobrevivência inclui caminhadas tarde da noite, encontros adequados no domingo (se ele estiver de folga) e telefonemas… muitos.

Apesar de ele ter implorado inúmeras vezes, recusei o convite de ir ao *set*. Eu já preciso ficar me beliscando pra saber se é verdade que euzinha consegui um namorado, ir ao *set* de filmagem e ver o pessoal mimando esse namorado pode ser demais. Estou satisfeita em ter o delicioso Billy que conheci na casa de chá.

É justo dizer que estamos vivendo em uma bolha… uma maravilhosa, brilhante e animada bolha cheia de romance e afeição melosa. Mas como todo mundo sabe, todas as bolhas um dia explodem.

Um dia, poucas semanas após o primeiro encontro, passo na mercearia que fica no caminho para o trabalho porque preciso de corante cor-de-rosa. Ao seguir para o caixa, algo no jornal chama minha atenção: é o meu rosto. Está em quase todos os jornais do estande. Meu coração afunda e a respiração fica rápida. Me esforço para não vomitar bem ali. Ando devagar até conseguir observar melhor a imagem. Billy e eu nos beijando na frente da casa de chá, a foto foi tirada no dia anterior. Sei porque estou com a roupa de ontem: um lenço rosa na cabeça e um avental rosa de bolinhas.

Estou coberta de farinha e massa.

Estou péssima.

Lembro que o segui até a saída para podermos dar um beijinho sem a vigilância de Molly e das freguesas, pois estamos tentando ser discretos, embora a maioria dos frequentadores já saiba. Agora o país todo sabe!

Como a gente não viu alguém tirando fotos? Como podem tirar fotos minhas e publicar sem autorização? Isso é permitido por lei?

Meus olhos percorrem os jornais e leem as chamadas: “Billy e a menina do pó mágico”, “Buskin apaixonado”, “Billy encontra o amor no interior”, “Billy estrela romance” e “A fila anda pra Billy”.

“Ah, é você!”, fala o sr. Tucker, o gerente magricela e de cabelos escuros, postado

atrás do balcão. “Eu ia levar uns desses pra você. Pensei que fosse querer ver.”

Me viro para encará-lo sem saber o que responder.

Ele sorri à espera de uma reação, com as mãos na cintura.

“Obrigada”, dou um jeito de falar.

“Deve ser estranho se ver no jornal, assim.”

Eu faço que sim com a cabeça, ainda em transe.

“Não se preocupe, amanhã o assunto muda e isso vira embrulho de comida”, ele afirma ao perceber meu desconforto.

“É…”

“Bom, olha só, leva um de cada.” Ele pega uma sacola e dobra um a um com cuidado dentro dela. Quando termina, me oferece o embrulho. “Por conta da casa.”

“Obrigada.”

“Mas não vou fazer isso sempre, não, você vai me dar prejuízo”, ele brinca. Devolvo um sorriso apagado e vou embora enquanto ele ri com a piada.

Ao subir o morro, não consigo evitar e olho para os lados com suspeita, tentando achar homens com câmeras escondidos nos arbustos. Não é isso que os *paparazzi* fazem? Se escondem em arbustos ou carros? Espionam cada gesto das vítimas, apenas esperando a oportunidade de pegá-las? Contudo, a High Street está quieta como sempre, há apenas alguns locais resolvendo seus próprios problemas. Não parece que algo mais possa me preocupar.

Embora eu saiba que Billy tinha compromisso logo cedo e não estará me esperando na frente da loja, fico chateada quando não o vejo. Suponho que ele ainda não tenha visto os jornais, senão com certeza passaria para me ver ou ao menos me ligaria… Certo? Será que está com vergonha de ter sido flagrado com uma garota normal cheia de farinha na cara em vez de uma superestrela maravilhosa?

Ao abrir a porta, sou recebida pelo telefone tocando. Corro para atender, na esperança de ouvir a voz do Billy.

“Alô. Tea-on-the-Hill. Como posso ajudar?”, digo, com o cérebro treinado para falar isso.

“É a Sophie May?”

“Hum...” Isso me pega de surpresa. Ninguém liga aqui para falar comigo, a não ser minha mãe e Billy. E certamente ninguém me chama pelo nome completo.

Percebendo minha hesitação, a pessoa entra no assunto, esperançosa.

“Aqui é Sarah Green, do *The Daily Star*”, ela fala com voz meiga e amistosa. “Gostaria de saber se você poderia falar um pouco sobre seu relacionamento com Billy Buskin.”

“Desculpe, eu...”

“Não precisa ser muita coisa. Só, você sabe, como se conheceram e tal.”

“Hum...” Sem saber o que fazer, desligo. Segundos depois, toca outra vez.

“Alô?”, atendo com hesitação.

“Alô, eu poderia falar com Sophie May?” Dessa vez é uma voz masculina, bem mais firme e direta que a educada voz anterior.

“Não, sinto muito, ela não está”, minto e desligo outra vez. O telefone toca de novo. Dessa vez, não atendo e deixo tocar. Assim que para, retoma. Então encaro seu grito incessante.

Decido desligar da tomada e em seguida escuto Molly entrar. Em pânico, me viro para ela.

“Saiu no jornal”, digo e levanto a sacola antes que ela fale qualquer coisa.

“O que, meu amor?”, ela pergunta, preocupada.

“Billy e eu.”

“Ah... bem, o que os jornais estão falando?”

Eu a encaro, confusa.

“Não sei... não li.”

“Por que não?”

Dou de ombros, sem resposta.

Ela me encara por um instante.

“Oras, você nem sabe por que está preocupada”, ela diz enquanto toma a sacola de minhas mãos e se senta à mesa, puxando uma cadeira ao lado. Então retira os jornais e os espalha sobre a mesa. “É uma foto linda, querida”, ela comenta mansamente enquanto lemos o primeiro artigo, no *The Daily Dawn*.

BUSKIN APAIXONADO

Desde o fim do relacionamento com Heidi Black, sua parceira em *Halo*, Billy Buskin ficou solteiro por anos. Muitos especularam que ele estava tendo dificuldades em esquecer a antiga namorada. No entanto, durante as filmagens de seu novo filme, no interior de Kent, alguém parece tê-lo fisgado.

Billy, que atualmente participa de uma adaptação do clássico de Jane Austen, *Orgulho e preconceito*, no vilarejo de Rosefont Hill, não para de falar sobre a bela (foto acima) durante as filmagens, com menções até sobre casamento.

Uma fonte afirma: “A última coisa que Billy esperava encontrar no interior era uma namorada, ainda mais alguém de fora do cinema. E isso com certeza é o que o atrai, ela estar fora da bolha do *showbiz*. Ela é uma garota normal, que trabalha num café. Tem boa índole e não está envolvida no drama de Hollywood. Na verdade, ela nem sabia quem era o Billy quando se conheceram”.

E continua: “O Billy não esconde os seus sentimentos. No *set*, ele só fala da Sophie. Declara que está apaixonado e vai se casar com ela”.

Ontem, o novo casal foi flagrado em um momento amoroso diante do local de trabalho de Sophie, confirmando o relacionamento.
Billy já namorou inúmeras celebridades no passado, o que o levou a ganhar o título de Garanhão do Ano quatro vezes seguidas. Mas seria uma típica rosa inglesa o que ele sempre procurou? Fique de olho!

Nós duas ficamos encarando o papel, digerindo as palavras.
Então pego o próximo.

***

Após ler todos os artigos, e todos usaram a mesma fonte e publicaram histórias quase idênticas, Molly se vira para mim:

"Está se sentindo melhor?", ela pergunta enquanto acaricia o meu braço.

"É tão esquisito!"

"Eu sei, amorzinho."

"Odeio fofoca e agora eu sou o assunto."

"Bem, é a natureza do mundo do Billy, não, querida? Você precisa aceitar que isso faz parte do pacote."

"É, eu nem tinha pensado nisso. Sei que ele é uma figura pública e que as pessoas se interessam pelo que ele faz, mas... Não sei. Não percebi que eu faria parte disso", digo e dou de ombros. "Pelo menos só falaram coisas positivas!"

"Verdade."

"Bem, agora vamos trabalhar, senão os clientes vão ficar mal-humorados. Está disposta?"

"Claro! Só mais uma coisa."

"O quê?"

"Podemos deixar o telefone desligado? Vai ficar tocando."

"Ah, sim, claro. Aposto que a June deve estar tentando ligar. Com certeza ela leu todos os jornais!", Molly fala acompanhada por uma risadinha.

Meia hora depois, a porta da frente se abre e Billy entra com o rosto vermelho, vestido com o traje do sr. Darcy: fraque preto e calça, gravata e camisa brancas.

Eu tinha me enganado ao escolher Jude Law para o Darcy perfeito: Billy está lindo de tirar o fôlego! Me sinto transportada para outra época e lugar, onde sou a Elizabeth Bennet, talvez?

Sem fôlego, ele me acha atrás do balcão e corre até mim, preocupado.

"Desculpa. Você tá bem?", ele pergunta ao segurar minha cabeça entre as mãos, se inclinar e procurar perceber como encarei as notícias.

"Estou bem. Fiquei chocada no começo, mas..."

“Eu tentei ligar”, ele fala desesperadamente.

“Desliguei o telefone porque não parava de tocar”, explico, ainda atordoada com a beleza de Billy no personagem.

“Eu estava esperando uma cena quando olhei uma pessoa da equipe lendo o jornal. Assim que vi a manchete sabia que era sobre a gente”, ele fala rapidamente. “Tentei ligar na hora, mas não consegui, aí fiquei preocupado que você estivesse em pânico, então eu vim.”

“Você simplesmente largou a filmagem?”

“Eu não queria que ninguém me impedisse.”

Rio do absurdo da coisa toda. A risada vira gargalhada e eu não consigo parar. Quanto mais eu tento, pior fica. Até os roncos horrorosos saem pelo nariz. Me sinto como uma louca, mas a sensação de abandono me acalma. Quando paro, ele me está me encarando, perplexo.

“Você tá bem?”

“Desculpa. Acho que estou em choque.”

“Certo... Sinto muito.”

“Não é culpa sua, Billy.”

“Eu sei, mas eu devia ter avisado. Uma hora isso ia acontecer. Me promete uma coisa: se piorar e alguém aparecer, me liga”, ele fala e aperta a minha mão.

“Sério, eu tô bem.”

“Meu agente está tentando descobrir quem é a fonte no *set*.”

O tom sério da voz do Billy me pega de surpresa.

“Por quê?”

“Bem, não é bom ter alguém por lá que sai espalhando o que eu digo. Não tenho que me censurar. Torna a vida insuportável. Prefiro confiar em todos.”

“Então você falou aquelas coisas?”

Ele olha timidamente para o chão e um sorriso encabulado surge em seu rosto.

“Talvez”, ele fala baixinho. “Digo, talvez você tenha sido o assunto da conversa algumas vezes. E talvez eu tenha enchido o saco das pessoas contando como você é incrível... Mas tudo talvez.”

“Entendo”, digo com um sorriso.

***

Assim que convenço Billy de que não estou prestes a ter um ataque de pânico e que ele pode encarar o *set* outra vez, Molly permite que eu vá até a biblioteca falar com minha mãe. Sei que ela já viu tudo por conta da nova seção de jornais e revistas, mas não veio me ver. Pode estar ocupada com os frequentadores, claro, ou pode ter tentado ligar e não conseguido. De qualquer modo, vou vê-la.

Ao atravessar a porta da biblioteca, tudo está vazio, exceto por dois leitores. Susan, a colega de trabalho da minha mãe, que não gosta muito de conversa, está curvada no balcão. O cabelo castanho jogado sobre seu rosto deixa apenas o mínimo de espaço para ela enxergar.

"Olá, Susan", digo quando me aproximo.

"Oi", ela responde em tom robótico, sem tirar os olhos da tela do computador.

"Minha mãe tá por aí?"

Susan me olha por um milésimo de segundo e depois volta para a tela.

"Ela foi organizar umas coisas no almoxarifado."

Minha mãe está organizando, limpando – coisas que ela faz quando quer esquecer algum problema. É uma tática antiga.

"Posso passar lá pra falar oi? Preciso conversar com ela."

Ela nem se importa em responder, apenas assente.

Entro no almoxarifado e encontro minha mãe rodeada por pilhas de livros, revistas e papéis.

Sua testa está coberta de rugas.

"Nossa, cuidado para não se perder!"

Ela pula de susto.

"Sophie! Não escutei você entrar!", ela fala com a mão no peito.

"Desculpa."

Ela sorri sem falar nada.

"Você já viu os jornais, né?", digo, entrando direto no assunto, sem delongas.

"Eu vi. Mas não está só nos jornais, na internet também. Por toda a parte. As meninas vieram mexer nos computadores. Todas gritando. Fiquei pensando o que poderia ser."

"É esquisito, né?"

"Só um pouco", ela fala baixinho, olhando para o chão.

"Mãe?", chamo, preocupada.

"Eu não quero perder você, Sophie", ela grita.

Observo seu corpo escorregar para o chão, derretendo de desespero. Me aproximo rapidamente e a abraço.

"Mãe, você não vai me perder", eu retruco.

"Vou, Sophie. Sempre soube que um dia você se mudaria e eu ficaria sozinha."

"Mãe..."

"Não é culpa sua. E nem do seu pai. Mas cedo ou tarde vou ter perdido as duas pessoas mais importantes da minha vida e vou ficar só. Naquela casa. Sozinha."

"Pra onde você acha que eu vou? De onde tirou isso?"

"Dos jornais, acho. Sempre vejo você como minha garotinha, esqueço que já cresceu. Tem mais idade do que eu quando casei com seu pai, sabe?"

“Mãe, eu acabei de conhecer o Billy! Não vai me casando assim!”, tento brincar.

Ela me olha com tristeza.

“Querida, você precisa viver a sua vida. Não quero que deixe de fazer as coisas por minha causa. Não quero ser um fardo.”

“Mas você não é.”

“Ah, sou sim. É por minha causa que você não fez faculdade. Pode admitir.”

“Não, mãe... Digo, talvez no começo, mas depois as coisas mudaram. Eu encontrei a loja e...” Não consigo formular as palavras e sacudo a cabeça.

“Nenezinha, quero que você experimente a vida e sinta o amor que seu pai e eu tivemos. Não precisa me acomodar nas suas decisões.”

Ficamos em silêncio. Deixo as palavras circularem na minha mente e penso em como a minha vida teria sido diferente. E se...

“Sabe, a gente costumava inventar diferente vidas pra você”, ela continua. “Todos os tipos de emprego, relacionamentos e coisas. Mas apenas um desejo era real: que você encontrasse o amor e fosse feliz. Não quero impedir isso.”

“Mas você é tudo pra mim.”

“Sim, Soph... Mas não deveria ser.” Ela brinca com as minhas mãos antes de agarrá-las. “Desculpa, amor, isso andou passando pela minha cabeça e agora que vi nos jornais se tornou algo real. Sabe?”

“Sim, sei.” Penso na noite em que Billy me chamou pra sair e lembro da dor que senti ao ver o lenço amassado na mão dela. Pensei que ela estava triste por causa do meu pai, mas ela temia me perder enquanto eu estava com a cabeça nas nuvens. Inconsciente da sua dor. “Desculpa não ter percebido, mãe.”

“Ah, para. Quero que siga o seu coração e comece um novo capítulo em nossas vidas. Deus sabe que eu já sofri o bastante.”

Ela me beija na testa e eu abraço seu corpo magro, trazendo-a bem para perto.

7

Nove anos atrás...

Fim de setembro, começo do último ano do colegial. Somos reunidos no hall *de conferência ao fim da aula para um bate-papo animado sobre nosso futuro e tudo de bom que a vida tem a nos oferecer.*

O diretor escocês, o sr. Hall, falou com entusiasmo sobre as decisões que teríamos de fazer no ano seguinte. "Vejo vocês aqui e me recordo do primeiro dia em que se sentaram nestes mesmos lugares e eu dava boas-vindas em nome do colégio", ele bramiu, balançando o corpo para a frente e para trás. "Estavam tão entusiasmados para começar o colegial, se misturar aos colegas mais velhos. E aqui estamos agora. Vocês são os colegas mais velhos e estamos nos preparando para dizer adeus neste último ano conosco. Olhando pelo salão, vejo que estão tão entusiasmados quanto naquele dia, mas agora querem mais. Querem o mundo. E com direito. As decisões que tomarem ao longo do ano vão ser as mais importantes de suas vidas, pois vão ajudar a moldar o futuro." Pausa dramática. "Quando começarem a se inscrever para o vestibular, a procurar estágios ou planejar uma viagem pelo mundo, espero que percebam que o futuro é ilimitado. Tenho grandes esperanças para todos."

O sinal marcou o fim das aulas e as conversas sobre os planos de cada um geraram um burburinho inebriante. Mary Lance, sentada ao meu lado como sempre, me cutucou e deu um sorriso resplandecente. O mundo era nosso. Que noção emocionante! Sorri timidamente e fui para a saída.

No caminho para casa, as palavras do sr. Hall dançaram no meu cérebro, alimentando ideias sem nexo sobre viagens pela Austrália para abraçar coalas ou ir para a faculdade estudar Língua Inglesa e ler em paz o dia todo, sem me preocupar com mais nada. Passei a noite animada com as possibilidades dos anos vindouros, pensando como seria diferente longe de Rose-font Hill.

Algumas semanas depois, a realidade me deu um tapa na cara, quebrou as ilusões e confirmou que, para mim, a vida fora de Rosefont Hill não existia.

Fui acordada por uma sensação assustadora. Por meio segundo, fiquei horrorizada com a possibilidade de estar tendo outro ataque, mas então vi o rosto da minha mãe na escuridão e percebi que ela me chacoalhava.

"Sophie, querida. Sophie, querida!", ela chamava loucamente.

"Mãe, o que foi?"

Ela não disse nada, mas pude ver que apertava o lábios enquanto torcia os dedos nervosamente. Parecia muito assustada.

“Mãe?”

“Eu... Eu queria dormir. Queria que tudo parasse. Eu só queria dormir. Eu...”

“Tá tudo bem, mãe. Tudo bem”, falei mansinho, tentando acalmá-la. “O que aconteceu?”

Estava tão agitada que não conseguia falar. Em vez disso, levantou a mão trêmula e me mostrou o frasco vazio de remédios. O remédio que tinha tomado com uma garrafa de uísque.

Obviamente, eu sabia que ela não andava bem. A limpeza constante e a obsessão com a perfeição de tudo à vista, o fato de que não conseguia sair à noite e os soluços que vinham do seu quarto fechado eram os sinais. No entanto, eu achava, erroneamente, que com o tempo ela melhoraria. Que ela aprenderia a viver outra vez. Pensei que haveria um clique que a traria de volta. Em vez disso, o que clicou foi o desejo de fugir da dor e dos pesadelos que a aterrorizavam dia e noite.

Se ela quis mesmo se matar, eu nunca soube, mas não penso muito a respeito. Não quero saber a resposta.

Ela ficou no hospital por cinco semanas e foi diagnosticada com depressão.

Acho que ela se sentiu aliviada ao saber que algo realmente estava errado com ela, que outros também passavam por isso, que ela não era um monstro. Certamente isso não facilitou a experiência com a doença, mas deu um conforto.

Para mim, foi um alerta. Um lembrete do que a nossa vida tinha se tornado por minha causa.

Novamente os sussurros na escola. Mas não liguei dessa vez. Eu já tinha me desligado de todos, me afastado. Eu tinha muitas razões para deixá-los de fora e nenhuma para deixá-los se aproximar.

Qualquer pensamento infantil de sair de casa sumiu. Precisava me focar em trazer minha mãe de volta e não queria que mais nada causasse sofrimento a ela.

8

Eu esperava que as aventuras do dia me deixassem exausta, mas a uma da manhã ainda estou de olhos arregalados, sem conseguir dormir. Então decido ligar o *laptop* e deixar a curiosidade correr solta. Digito "Billy Buskin Sophie" no Google, na seção de notícias. Meu coração para quando o resultado com duzentos e quarenta e três artigos aparece. DUZENTOS E QUARENTA E TRÊS? Foi notícia até na Índia, na Austrália e nos Estados Unidos. É surreal e alucinante.

Clico no *link* e vejo que é a mesma história regurgitada, mas com o acréscimo de detalhes de relacionamentos anteriores do Billy. Descendo a página, vejo uma seção que permite comentários dos leitores. Meu estômago dá um nó quando leio.

> Qual o problema do Billy Buskin? Foi da Heidi Black pra isso? Ela é tão... comum! Se liga, Billy B!
>
> Ela precisa de um *stylist* urgentemente! Rápido, alguém ajude a moça!
>
> Que tédio! Não se apega muito, Sophie! Ele parte pra próxima semana que vem!
>
> Casamento? Bobagem. O cara gosta de galinhar. Ela parece um TÉDIO!
>
> Quê?! Olha esse lenço ridículo. Como se uma pessoa assim conseguisse segurar o BB por mais de 5 segundos. Ele já deve ter dado um pé na bunda dela e pegado outra!
>
> Gente... Só de pensar nela pelada fico com vontade de vomitar! Para de comer bolo.
>
> Ela parece uma ratazana! E qual é a dessa farinha toda? Se cuida, amiga... e perde uns quilinhos.

Alguns comentários são simpáticos, contentes pelo Billy. Na verdade, a maioria é positiva, mas eu ignoro esses. Não têm o mesmo peso do resto. O que mais me machuca é sentir a mesma coisa que algumas pessoas expressam. É como se soubessem das minhas inseguranças e cutucassem cada uma, tornando-as ainda mais reais. Não sou bonita o suficiente. Sou normal demais. Ele vai achar alguém melhor, da lista A de celebridades, e cair fora. Não sou boa o suficiente. Não tenho nada que o segure. Não

mereço.

Será que nós dois nos enganamos nesse último mês? O Billy fora do mundo das estrelas, preso no interior. Mas será que temos chance de dar certo? Pra valer? As filmagens terminam em poucas semanas. Billy vai fazer a mala e voltar à sua vida anterior. Eu tenho lugar nesse mundo? Claro que não. Fui boba de pensar o contrário.

***

Na manhã seguinte, não saio da cama quando o alarme toca. Em vez disso, fico deitada ali, sob uma camada grossa de vazio. Meu corpo todo dói. O rosto e a cabeça estão inchados e pesados. Os olhos ainda doloridos de chorar. Não sou um ser humano digno e quero ficar aqui, debaixo das cobertas, o dia todo, ou pelo resto da vida.

Ligo para a loja e deixo uma mensagem para Molly dizendo que não estou me sentindo bem. O nariz entupido soa convincente. Depois, me enrolo numa bolinha e subo o cobertor até a cabeça, bloqueando o mundo lá fora.

Acordo com batidas na porta da frente. Pulo da cama, com a cabeça ainda latejando, e desço de pijamas. Abro a porta com tudo para que aquele barulho pare. Billy está ali, sorridente.

"Um passarinho me contou que você estava doente demais pra trabalhar. Então, vim ser o enfermeiro. Trago presentes: uvas, chocolate, *sudoku*", ele fala animadamente ao apontar para a sacola de compras.

Fico sem fala e tento conter as lágrimas.

"O que foi? Você tá bem?", ele pergunta com um traço de pânico na voz.

Eu levanto os braços e enterro o rosto na dobra do cotovelo quando recomeço a chorar incontrolavelmente.

"Ei, ei, ei!", ele diz suavemente ao entrar e me dar um abraço apertado. "O que aconteceu?"

Não consigo falar, as lágrimas estão me sufocando.

"Vamos, Sophie... Se acalma", ele fala enquanto fecha a porta e me acompanha até o sofá. Ele me aninha em seus braços.

"Desculpa. Não é nada. É só... Acho que a gente devia terminar."

"O quê? Sophie, de onde você tirou isso?"

"Não é nada."

"Não vem com essa. O que aconteceu?"

"Eu li..." Meu peito começa a arquejar de novo, me obrigando a parar.

"Soph, o que você leu? Me conta", ele pede.

"Co-co-comentários."

"Que comentários? Espera um pouco! Na internet?", ele pergunta enquanto tenta ver meu rosto. Com a quantidade de muco e lágrimas que andei produzindo, a missão é

impossível. “Nunca leia comentários da internet, Sophie. Você sabe quem escreve essas coisas? Pessoas solitárias e tristes que não têm nada melhor pra fazer do que escrever bobagem. Elas não conhecem você e não se tocam que estão falando de pessoas reais com sentimentos... Nenhuma delas teria coragem de falar essas coisas na cara. Elas se escondem atrás do computador digitando porcarias.”

“Mas eles falaram a verdade!”, eu solto entre um soluço e outro.

“Ah, querida...”

“Eu não sou boa o suficiente pra você! Sou sem graça. Não sou ninguém. Sou uma gorda idiota.”

“Você não é nada disso! Pode parar!”

“Daqui a pouco a filmagem vai terminar e você vai embora. Quem sabe onde vai trabalhar depois? Não vai me querer mais na sua vida. Vai voltar para as suas modelos. A próxima. Não vai precisar de mim.”

“Sophie, nunca fui tão feliz! Sério. Sei que não falamos sobre o amanhã, mas apenas assumi que você sabia o que eu sinto. Pode dar certo, não importa aonde eu vá. Londres é o meu lar, eu fico aqui quase o tempo todo mesmo.”

“Mas e quando você voltar pra Los Angeles?”

“Você pode vir comigo.”

“O quê? Simples assim? Deixar tudo pra trás?”

“Se você quiser.”

“Não é tão simples”, eu gemo.

“Pode ser simples. A gente pode deixar tudo mais fácil. Eu quero você perto de mim. Não se deixe influenciar por essas pessoas. Você sabe a verdade, Sophie. Eu estaria aqui agora se não me importasse?”

“Acho que não.”

“Exatamente. Vem. Deixa eu ver o seu rosto”, ele diz e tenta mexer os meus braços.

“Não!”, eu grito, resistindo. “Tô coberta de ranho!”, confesso, rindo e chorando.

“Não ligo.”

“Bem, eu ligo!”

Ele me solta e ouço seus passos saindo da sala. Ele volta com uma caixa de lenços.

“Aqui.” Ele me entrega.

Abaixo os braços, mas deixo uma mão sobre o rosto enquanto pego os lenços com a outra.

“Obrigada”, eu digo enquanto limpo a bagunça. “Nossa, eu devo estar horrível. Você vai retirar tudo o que disse. Rápido, corre enquanto ainda estou presa nessa montanha de catarro.”

Ele me olha intensamente ao se inclinar e me beijar.

“Não vou a lugar algum, Sophie. Eu te amo. Simplesmente te amo muito.”

Não consigo evitar um sorriso, mesmo com a cara inchada, quando escuto isso. Anos antes, eu teria fugido depois de uma declaração dessa. Mas agora, com Billy, as palavras são mais do que reconfortantes, pois espelham o que sinto por ele.

***

Quando Billy chega na minha casa no domingo para me pegar, está com um carro esportivo vermelho e lustrado parado na entrada.

"Hum, o que é isso?", pergunto ao sair de casa e fechar a porta.

"Meu carro!"

"Achei que você não tivesse trazido o seu carro pra cá."

"Não tinha, mas queria levar você pra um lugar, então pedi para alguém trazer."

"É um pouco chamativo, não?", eu provoco.

"Uma compra impulsiva de quando eu era jovem e inconsequente."

"Sei... Pra onde vamos?", pergunto e dou um beijinho de oi.

"Londres."

"Quê?"

Pode ser difícil de acreditar, já que vivo a apenas uma hora de distância da capital, mas fui poucas vezes a Londres e apenas com minha mãe e meu pai durante a infância. Lembro a excitação de esperar na estação e olhar os trens passarem rapidamente, fazendo o meu cabelo voar, antes de finalmente embarcar com sanduíches de geleia e *chips* sabor molho inglês. E, quando chegávamos em Londres, passeávamos à beira do rio, e eu tinha permissão de tomar uma casquinha de sorvete de chocolate. O passeio terminava na Trafalgar Square, onde meu pai me colocava em cima de uma gigante estátua de leão e eu me sentia a tal lá em cima.

"Podemos dar comidinha para os pombos?", pergunto, animada.

Billy não consegue segurar a risada.

"Infelizmente não. É contra a lei."

"Quê? Desde quando?", eu pergunto, decepcionada.

"Não sei... Anos."

"Por quê?"

"Acho que eles faziam cocô nas estátuas."

"Que ridículo!" Uma das coisas que mais amava em nossas viagens a Londres era alimentar os pombos na praça. Eu gritava e ria quando centenas – pelo menos era a minha impressão – de pombos se juntavam ao meu redor para pegar as sementes na minha mão. Quando todas as sementes tinham sido distribuídas entre eles (sempre tinha um gordinho tentando pegar todas), eu corria entre os meus novos amigos e eles saíam voando. Girava embaixo deles enquanto voavam, como se eu fosse uma pomba maluca no comando da re voada. "Por favor, me diga que ainda é permitido sentar nos leões?",

perguntei, desesperada.

"Sim..."

"Bom, pelo menos isso."

"... Mas estão falando em proibir também."

Eu o encaro, incrédula, enquanto ele abre a porta do passageiro para mim. Subo de maneira bem pouco feminina, já que nunca tinha entrado num carro tão baixo antes. O meu erro foi colocar a cabeça primeiro e depois tentar enfiar o bumbum, que fica empinado para fora. Me remexo até conseguir sentar. Billy sorri ironicamente para mim.

"Mas meu plano não é ir à Trafalgar Square. Quero que conheça a minha casa."

"Ah... Hora de conhecer o cafofo", digo e fecho a porta.

Ele ainda está rindo quando abre a porta, entra e coloca o cinto. Aperta um botão no meio do painel e levo um susto quando o motor é ligado... sem chave.

***

Uma hora e meia depois, estamos estacionados na garagem subterrânea cheia de carros que devem valer mais do que minha casa em Rosefont Hill. Pegamos o elevador até o seu *apê* londrino. Ele abre a porta para mim.

É uma casa linda e não tem nada a ver com o que eu esperava – nada de couro preto e vidro. É enorme, mas despretensiosa. Chão de madeira escura, paredes de tijolinho e móveis caramelo fazem com que me sinta numa cabana em plena cidade.

Um lado da casa é tomado por janelas que permitem a entrada de muita luz. Vou até elas e vejo a paisagem do parque abaixo.

"É o Hyde Park", explica Billy, sem eu precisar perguntar.

Olho de novo para dentro e vejo as fotografias emolduras que ocupam as paredes, nenhuma de atuações ou do tapete vermelho, exibicionistas, como eu poderia ter imaginado, mas sim imagens do mesmo grupo de pessoas, rindo e brincando.

"Minha família", ele explica, confirmando o que tinha pensado sobre como eram próximos.

Viro para ele.

"Que lindo! Não é o que eu esperava."

"O que você esperava?"

"Sério? Pensei que seria supermoderno, com todos os tipos de eletrônicos, como lâmpadas que acendem com palmas ou cortinas que fecham por comando de voz e tal. Esperava sofás de couro e mesas de vidro, prêmios expostos ou ao menos fotos enormes de você atuando."

"Uau! Eu não sabia que você pensava que eu fosse tão egocêntrico!" Ele ri.

"Não, não é isso! É que... aqui é tão aconchegante!"

“Que bom que você gostou”, ele diz antes de respirar fundo e continuar: “Sophie, tenho novidades”.

“Certo. O que aconteceu?”, pergunto, pega de surpresa pela ansiedade em sua voz.

“Você sabe sobre as reuniões das semanas passadas?”

“Sim.”

Embora a filmagem continuasse à toda, ele precisou voltar a Londres para reuniões de futuros projetos.

“Bom, eu já tenho o próximo trabalho.”

Meu coração afunda com a possibilidade de ele voltar para Los Angeles. Sabia que isso aconteceria em algum momento, claro, só não queria que fosse tão rápido.

“Ah, certo”, digo, tentando soar mais entusiasmada.

“Não contei antes porque não queria que se animasse demais, precisei reagendar alguns projetos, mas... Bem, vou fazer uma peça em Londres”, ele diz animadamente.

Meu cérebro demora alguns segundos para entender as palavras.

“O quê? Você vai ficar?”, pergunto lentamente, para deixar claro.

“Isso mesmo! Ensaio em Londres por um mês e depois a peça fica em cartaz por doze semanas.”

“Que demais!”, dou um gritinho. Pulo nos braços dele e o beijo na boca. O alívio por ter ele perto por ao menos quatro meses me deixa fora de mim. Tive tanto medo ao pensar que ele iria embora assim que as filmagens se encerassem! As preocupações a respeito de como isso repercutiria no nosso relacionamento vinham me incomodando durante as últimas semanas. Elas imediatamente são substituídas por empolgação.

“Achei que você fosse gostar.”

“Gostei mesmo. E qual é a peça?”

“É uma nova, do Simon Edwards, chamada *Embebidos*. Vai ser encenada no Duke of York’s, perto da Leicester Square. Você já foi lá, né?”, ele pergunta enquanto me guia para o sofá, onde nos sentamos.

“Leicester Square? Não me lembro. Pode ser. É perto da Trafalgar Square?”

“Você só se lembra desse lugar?”, ele pergunta, o que provoca risadas em ambos. “Muitas *premières* são no Odeon na Leicester”, ele explica.

“Ah, sei... E do que se trata a peça?”, eu pergunto, ansiosa por saber mais sobre o maravilhoso projeto que vai segurar Billy no país.

“Bom, é uma peça moderna, de uma companhia bem pequena. Acho que são quatro ou cinco atores. Trata de um grupo de desconhecidos e como as suas vidas são ligadas sem que eles percebam. É bem sombria, mas acho que é disso que preciso pra me afastar dessa imagem de adolescente.”

“Parece interessante.”

“Acho que vai ser. Nunca fiz nada profissional no tea tro e, apesar da fila de críticos

que quer acabar comigo, espero provar que não sou cachorro de um truque só, sabe? Preciso fazer algo diferente."

"Não acredito que você vai ficar!", eu me derreto e o beijo.

"Bom, pensei que isso facilitaria as coisas pra gente, sabe? Não preciso pegar papéis a milhares de quilômetros, mas, mais importante, eu não quero fazer isso. Juro que nunca quero ficar longe de você, Sophie May."

Sorrio, me deliciando com a declaração.

Os olhos cor de chocolate do Billy brilham de animação enquanto ele continua a falar:

"Quero você comigo todos os dias, Sophie. Saber que meus dias vão começar e terminar nos seus braços. Queria que você se mudasse pra cá."

Minha boca fica seca.

Eu só fui a Londres em viagens de um dia com minha mãe e meu pai. Será que consigo chamar essa cidad e de lar? É tão diferente de um lugar vagaroso como R osefont Hill. Tão barulhenta e cheia! Tão grande! Será que consigo lidar com isso?

Me sinto tão segura em Rosefont Hill, com minha mãe, Molly, os moradores da cidade, a casa de chá. Em Londres, tenho apenas uma coisa: Billy.

Olho para aquele rosto esperançoso e minha cabeça roda.

Será que consigo?

PARTE DOIS

9

"*Macchiato* de caramelo grande, quente, com chantili", grita Andrezj, meu chefe polonês. Antes que eu tenha tempo de pegar o copo adequado, ele berra o pedido seguinte: "*Latte* grande, de soja e baunilha, *diet*".

Paro por um segundo e tento entender o que ele pediu antes de pegar os dois copos e colocá-los embaixo da máquina de *espresso*. Na Tea-on-the-Hill, as opções de bebidas eram simples: café puro ou com leite, *cappuccino*, chocolate quente ou chá de sabores variados – qualquer um consegue colocar água quente num saquinho. Aqui é diferente e eu demoro para entender tudo. São tantas opções!

Quando Billy me chamou para morar com ele em Londres, pensei que ele estivesse louco. Afinal, a gente se conhecia há alguns meses, mas aos poucos ele me venceu, me acalmando, me impedindo de enlouquecer com a rapidez do relacionamento. Ele fez com que tudo parecesse tão simples: se a gente quisesse se ver mais, para que o namoro tivesse chance, seria preciso morar junto ou mais perto. Isso daria um jeito no estresse de não se ver, que seria inevitável. E, sim, entendo que pode parecer tudo muito rápido, e é mesmo! Mas na opinião do Billy, se a gente adiasse seria apenas para evitar julgamentos alheios, então pra quê? Uma coisa que aprendi é que é difícil dizer não para Billy Buskin.

Surpreendentemente, minha mãe ficou bastante calma com a notícia. Não sabia como contar depois do último acesso emocional, mas ele decidiu fazer isso junto comigo. Os dois tinham construído uma amizade legal, principalmente por sua presença constante em nossas sextas. Ele era um perfeito cavalheiro para ela – gentil, cuidadoso, atencioso –, mas também histericamente engraçado. Era bom ouvir a risada dela pela casa, algo que não acontecia havia anos. Parece que uma nova página se abre para nós duas e juntas estamos embarcando nisso.

Molly, no entanto, ficou maluquinha quando contei a novidade. Nunca a vi tão perturbada, e foi terrível deixar aquela mulher, que eu considerava tão forte, em tal estado. Ela chorou sem parar durante meus últimos dias na Tea-on-the-Hill e me fez prometer que ligaria todo dia, sem falta. O que estou cumprindo.

Ninguém ficou mais surpresa do que eu com essa mudança de vida: deixar tudo que conheço para trás e me mudar para um lugar em que só tenho Billy. Não que eu tenha saído correndo sem planejamento. Tive tempo para avisar as pessoas que precisavam ser avisadas e pensar em como facilitar a mudança. Decidi que independência era a resposta. Sabia que eu precisava de um emprego, quem sabe em um café *gourmet* ou em uma pequena livraria, de modo que pudesse me sustentar e ter um pouco de estrutura.

Billy odiou a ideia. Disse que ele poderia sustentar nós dois. Foi difícil explicar que viver às custas dele e não ter o que fazer me dava ânsia. Mas ele aceitou, apesar de não concordar.

Antes mesmo de me mudar, comecei a enviar currículos *on-line*, mas sem resposta. Ainda procurava alguma coisa quando Billy entregou a chave do apartamento para mim. Mesmo após semanas, nenhum emprego interessante apareceu. Tive que aceitar o primeiro. E assim vim parar aqui, de avental laranja berrante e boné de beisebol com uma logomarca enorme na frente. Isso mesmo, pessoal, agora eu trabalho na Coffee M atters. O ritmo é rápido e frenético, quase sem interação com o consumidor, embora recebamos centenas por hora, mais do que em uma semana lá na casa de chá. Portanto, é basicamente o mesmo emprego, mas sem assar, o bate-papo agradável e outras vantagens. Preciso constantemente me lembrar de que é uma medida temporária que permite minha independência. Obviamente, não contei para Molly. Não tive coragem, pois sei como ela vai ficar desapontada.

"Com licença!", eu digo para a senhora que batuca as unhas bem-feitas no balcão para demonstrar que está demorando mais do que o aceitável. "Qual é o seu pedido?", pergunto educadamente, sem deixar entrever que a falta de paciência me irrita.

Ela bufa, desesperançosa.

"Um *latte* grande, de soja e baunilha, *diet*."

"Ah, sim! Estou fazendo", digo ao pegar a embalagem de leite de soja, sorrindo. "Sou nova aqui, sabe? Meu primeiro dia foi ontem, estou pegando o jeito."

"Certo...", ela responde sem interesse, olhando para o relógio, o que me faz calar a boca e me apressar.

Horas depois, me sentindo como uma máquina de bebidas para fregueses ingratos, suspiro quando vejo Billy do lado de fora. Ele veste um fedora negro com óculos escuros para se disfarçar e se misturar às hordas de turistas. É hora de ir pra casa, finalmente. Olho para Andrezj para confirmar se posso ir, e em resposta recebo apenas um aceno de cabeça e um muxoxo. Pego a bolsa e vazo.

"Ah, aí está você", Billy exclama. Ele me abraça e me levanta do chão. "Como foi seu dia?"

"Ótimo!", respondo sorrindo. Não quero que ele se preocupe com o meu emprego, ainda mais por ser contra. Ficaria muito chateado se soubesse como eu estava triste e insistiria para que eu pedisse demissão na hora.

"Verdade?"

"Verdadeira! Como foi o ensaio?", pergunto para mudar de assunto. Pego sua mão e puxo na direção de casa.

Fiquei surpresa em perceber como tudo é perto nessa cidade. Sempre pensei que ela se espalhava, mas, na verdade, como vivemos no centro, fazemos quase tudo a pé.

Ainda bem que não preciso passar horas tentando entender as linhas do metrô!

É a quarta semana de ensaios do Billy, junto com Ruth Banks, James Arterton e Ben Drake. A diferença colossal entre atuar no palco e na tela o deixou inquieto, na dúvida se tinha talento de verdade. Honestamente, achei que ele desistiria, de tão desanimado com a coisa toda. No entanto, depois de uma longa conversa com o diretor, ele ficou bem mais otimista. Aparentemente, ele sofria da "parede de ator", semelhante ao bloqueio de escritor, acho, quando nada a respeito do personagem parece funcionar. Depois que ele soube que se sentir péssimo no começo dos ensaios era normal, passou a ficar bem mais relaxado, até mais agradável de conviver!

"Ótimo! Agora as coisas estão começando a fazer sentido."

"Que bom!"

"Tô ansioso para apresentar e ver a reação da plateia."

"Não vai demorar!"

"Menos de uma semana."

"Caramba!"

"E o que vamos jantar hoje, srta. May?"

Estou prestes a responder quando um cara com uma câmera enorme pula perto da gente e começa a tirar fotos. A mão do Billy aperta a minha. Caminhamos mais lentamente, com hesitação, sem saber o que fazer ou para onde ir. Sinto os meus olhos se arregalando quando começo a entender a situação. Ele é um *p aparazzi* e estamos sendo perseguidos.

Estou com o uniforme do Coffee Matters.

Antes que eu possa reclamar ou mesmo sorrir para aliviar a situação, o homem de meia-idade, com *jeans* rasgado, tênis velho e camiseta amassada, pula numa moto e acelera, nos deixando paralisados.

"Merda!", eu solto enquanto Billy me olha, chocado. Arranco o avental e o boné. "Por que eu não tirei isso antes de sair? Ainda estou de avental, pelo amor de Deus! Pareço uma coitada!"

"Não parece!"

Não respondo, apenas olho com as sobrancelhas erguidas, para ele ver que captei a mentira. Estou acabada. É muito pior do que ser fotografada com farinha na cara.

"Sério, Soph, você tá linda. Enfim, eles provavelmente nem vão usar essas fotos, porque vão ocupar memória no computador do cara e ele vai ter que apagar", afirma, dando de ombros.

"Billy, sua namorada trabalha no Coffee Matters...", eu explico lentamente. "Acha que isso não vira história? Vão deitar e rolar com isso!"

Billy olha para o chão e morde o lábio. Eu sabia que provavelmente era por essa razão que ele não queria que eu aceitasse o emprego, apenas não soube dizer isso sem

me ofender ou soar esnobe. Portanto, é injusto que ele se sinta mal por algo que não é sua culpa.

Eu o puxo para perto e aninho a cabeça em seu peito.

"Desculpa. Não é culpa sua", eu falo.

"Querida, você não precisa trabalhar!"

"Quietinho. Eu preciso, sim." Me aproximo para um beijo.

"Mas, querida, não é o que você quer. Deixa que eu cuido de você enquanto nada melhor aparece", ele suplica.

"Nem sonhando!", retruco. Me afasto e puxo o seu braço para continuarmos a andar para casa. "O mais engraçado é que o Andrezj falou que os funcionários não podem levar o uniforme embora. Bela lição!"

***

Na manhã seguinte, ao sair para o trabalho, pego o celular (algo que venho usando mais em Londres, pois se tornou minha ligação com a antiga vida) e vejo cinco ligações perdidas da Molly e uma da minha mãe. Destravo a tela e ouço as mensagens de voz que as duas deixaram.

Molly é curta e grossa:

"Laranja não fica bem em você. Tchau."

A mensagem da minha mãe explica o surto da Molly, mas nem precisava.

"Soph, um aviso: o sr. Tucker levou os jornais para Molly hoje cedo. Não acho que ela gostou da história do Coffee Matters... Pensei que você já tinha contado. Enfim, não se preocupe. Acho que ela tá triste com a sua ausência. E ela falou que a menina nova, a Sally, é uma inútil. Liga pra ela. Nos falamos mais tarde. Um beijo pro Billy e outro pra você. Te amo. Tchau!"

Decido enfrentar a fera e ligar para Molly. Sei que quanto mais demorar, mais agitada ela vai ficar.

"Tea-on-the-Hill, como posso ajudar?", atende uma voz desconhecida, deve ser a tal da Sally.

"Alô, posso falar com a Molly?"

"Sim, quem gostaria?"

"É a Sophie."

"Ahhh, seeeei", ela diz, alongando as palavras para demonstrar que sabe quem está falando. O que será que Molly falou de mim? "Está gostando de Londres? Muito *glamour*?"

"Hum... Sim, é bem legal. Desculpa, mas posso falar com a Molly?"

"Claro." Ela suspira, desanimada.

Molly atende segundos depois.

“Coffee Matters?”, ela guincha. “A porcaria do C offee Matters?”

Sei que não devia, mas dou risada.

“Eu sei, Molly, mas não é pra sempre. Eu tentei todo tipo de lugar, ninguém tem vaga.”

“Tem que haver outra coisa”, ela insiste.

“Sinceramente, Molly, você acha que eu trabalharia lá se tivesse opção?”

Silêncio do outro lado da linha. Sei que ela não vai ficar brava comigo, mas está desapontada por eu ter deixado sua maravilhosa casa de chá para trabalhar numa corporação cruel que cospe produtos desalmados.

“É tão ruim quanto eu imagino?”, por fim ela pergunta com tom simpático, me pegando de surpresa.

“Bem pior. Ninguém sorri. E as únicas palavras trocadas são pedidos ou reclamações.”

“Reclamações? Quem reclama de você, querida? Não passei oito anos ensinando tudo que sei?”, ela pergunta, assombrada, o que me faz rir.

“São tantas opções! E todo mundo com pressa.”

“Bom, é de se esperar, acho, todo mundo quer uma injeção de ânimo logo cedo. Não têm o luxo do tempo.”

“Exato. Não estão lá pra fazer amigos e têm pressa pra sair logo.”

“Azar o deles.”

“É.”

“Eu não falei por mal, sabe?”, ela diz de repente.

“Falou o quê?”

“Sobre o laranja ficar feio em você... Estava linda nas fotos. Cansada, mas linda.” Típica Molly, honesta e justa.

***

Ao chegar ao trabalho, recebo milhares de questionamentos dos colegas, graças às fotos nos jornais. Acho que todos ficaram espantados quando abriram o jornal *Metro* a caminho do trabalho e viram o rosto da garota nova. Então, eu passei de garota-nova-com-quem-ninguém-quer-conversar a pessoa-mais-fascinante-que-já-existiu. A mudança é alarmante.

Surpreendentemente, o Andrezj é o mais curioso e dispara perguntas o dia todo, chateado com as respostas, pois percebe que ainda sou a garota extremamente normal que ele contratou há alguns dias.

“Mas, se o seu namorado é um deus, por que você trabalha aqui?”, ele pergunta com seu sotaque pesado enquanto me ajuda a recolher as canecas sujas das mesas (serviço para um só, mas que hoje necessitou de dois, agora que sou interessante).

“Porque...”

“Sim?”

“Eu quero ser independente.”

“Tsc tsc.” E revira os olhos, chicoteando o longo cabelo castanho para o lado do rosto.

“Quê?”

Embora eu tome cuidado com as palavras, pois ele é um desconhecido que mal falou comigo antes, me animo com a conversa com alguém novo. Dada a minha história, é um milagre. É como se estar com Billy me desse um assunto com o qual eu fico à vontade. Talvez seja uma maneira de esconder minhas falhas, de me sentir mais confiante.

“Se fosse eu, estaria encarnado no papel. Andaria só de motorista, compraria tudo na Harrods, até as compras da semana. Cortaria o cabelo, faria limpeza de pele, manicure toda hora, me arrumaria para jantares e festas com amigos famosos”, ele enumera estalando os dedos no ar, pura ostentação. “Eu aproveitaria ao máximo. Não ficaria catando guardanapo sujo e restos mastigados. Isso não é independência. É burrice.”

“Não é assim que eu encaro. E o Billy não tem essa vida. Ele é, de verdade, tão normal quanto eu. Só tem um emprego bem mais interessante.”

“Não diga!”

“Não quero ter que pedir dinheiro toda hora.”

“Pede uma mesada, então.”

Eu o encaro, chocada.

“Nunca!”

“Então você é uma boba”, ele insiste com tanta certeza que começo a rir. “Quando eu conhecer um cara rico que me queira, saio daqui na hora. Agora, pega o esfregão e dá uma lavadinha nos banheiros.”

10

Na semana seguinte, mal vejo Billy, pois começam as prévias da peça. Essas sessões são mais baratas, porque os ensaios ainda estão inacabados e há muitas experimentações para testar o que funciona ou não. Todos os dias, os atores vão para o palco com comentários sobre o dia anterior e ensaiam as mudanças antes da nova sessão. É trabalho pesado. Billy fica fora o dia todo e quase a noite toda também. Eu não planejei direito minhas horas de trabalho, pois quase não nos vemos. No entanto, sempre o espero acordada pra passarmos um tempinho juntos, meia hora que seja.

As quatro ou cinco horas que fico sozinha no apartamento passam devagar e dolorosamente. Procuro tarefas para manter o meu cérebro ocupado. Ler e cozinhar continuam sendo as atividades que fazem o tempo passar mais rápido, além de conversar com minha mãe e com a Molly. Todas as noites, faço uma coisinha pra gente comer. Às vezes, um *cheesecake*, outras, uma fornada de *cupcakes*... O que me der vontade. Amo. O tempo que passo misturando e batendo me faz perceber o quanto sinto falta do meu antigo emprego. E o cheiro... Uau! Adoro encher o apartamento com esse cheirinho caseiro.

Hoje, fiz um pão de ló, o favorito dele, perfeitamente arrumado em uma bandeja e salpicado com açúcar de confeiteiro.

"Poxa, gata, que cheiro delicioso!", ele grita do corredor ao fechar a porta. Depois, entra na cozinha e me abraça.

"Ora, obrigada, moço! Quer chá?", ofereço ao me afastar e pegar a chaleira.

"Na verdade, vou querer um pouco de *brandy*", ele fala enquanto abre o armário de bebidas. "Só pensava nisso no caminho de volta para casa! Algo pra relaxar."

"Ok", digo e corto dois pedaços grandes.

"Vai tomar também?"

"Não. Amanhã preciso acordar muito cedo", digo ao levar os pratos até o sofá. "E aí, como foi hoje?"

"Uma plateia bem quieta", ele conta, fazendo careta. "Fiquei meio angustiado, porque não costuma ser assim, mas aplaudiram muito, então devem ter gostado."

"Parece que foi bom então."

"É, foi só diferente", ele diz, mordendo um pedaço. "Foi bom porque a noite da imprensa costuma ser bizarra, com os críticos em silêncio, e os amigos e familiares animados, então é bom passar por algo assim antes."

Pelo que ele me contou, a noite da imprensa é a mais importante. É quando críticos, jornalistas e pessoas relevantes do meio assistem à peça e depois contam ao mundo o

que acharam. É considerada a estreia oficial, tem muito peso e pressão.

"Como você tá se sentindo?"

"Estou feliz que você vai me ver", ele diz com um sorriso e aperta uma das minhas mãos.

"Tô ansiosa!"

"O Paul vai receber você", ele me informa.

Paul é o agente do Billy. Ainda não o conheci, mas já ouvi falar muito dele. As duas vezes em que aparecemos nos tabloides, Paul ficou direto no telefone com Billy para entender o que estava acontecendo e afastar os jornalistas. Pelo que percebi, Billy deve muito de seu sucesso a ele, suas negociações duras e seus inúmeros contatos. Como ele é tão importante na vida do Billy, fico nervosa em pensar em conhecê-lo.

"Ele tá ansioso pra conversar com você... Ver do que se trata", ele acrescenta, sorrindo. "Vocês vão sentar juntos, o que é bom, não vai ficar sozinha."

"Ótimo! Vai ser bom finalmente conhecer o Paul."

***

Na noite seguinte, vou ao teatro com o vestido mais glamoroso do meu guarda-roupa: preto com flores vermelhas, e barra pouco abaixo do joelho. Combinei com uma meia preta opaca e salto de verniz. Não muito alto, entenda, mas que me dá um pouco mais de graça. Pensei em usar algo mais alto, pois sei que as namoradas do Billy usavam saltos nas alturas, mas eu já estou uma pilha de nervos nesse ambiente desconhecido, não sei se conseguiria me concentrar em não cair. Então, não arrisquei e escolhi conforto e controle em vez de um tornozelo quebrado.

Ando pelo pequeno tapete vermelho na calçada e passo reto pelo câmera que aguarda pessoas dignas de nota. Sem Billy, as pessoas não fazem ideia de quem sou e uma foto minha não tem valor algum, afinal, sou uma "ninguém". O que sempre gostei de ser.

Ansiedade e medo borbulham dentro de mim. Disfarçadamente, passo a palma das mãos no vestido, tentando me livrar do suor, mas elas permanecem úmidas, se recusando a secar.

A apenas vinte minutos do início da peça, espero pelo Paul no *foyer*. Meus olhos escaneiam o ambiente, observando as pessoas glamorosas que chegam e imaginando quem é quem. A maioria parece se conhecer, pois muitos trocam cumprimentos exagerados e beijinhos no ar.

Começo a ficar paranoica quando algumas garotas passam e me encaram bastante, em seguida se viram e cochicham. São mais novas que a maioria e não parecem o típico público do teatro. Devem ser fãs do Billy. Ansiosa, enterro a cabeça no programa da peça, numa tentativa de me esconder. Do nada, aqueles comentários horríveis que li no *site* pulam na minha mente. Será que alguma delas foi autora deles? As meninas vão

embora e solto um suspiro de alívio.

"Sophie?", uma voz masculina me chama poucos minutos depois.

Diante de mim, um homem de terno cinza, camisa branca e gravata salmão. O cabelo penteado com gel para o lado, elegante e na moda. Olhos verdes penetrantes. Está perfeitamente arrumado e me olha com um sorriso tenso e nada convincente.

"Paul?"

Ele estica a mão para me cumprimentar, o que parece formal demais depois de tantos beijos no ar.

"Que bom conhecê-la depois de ouvir falar tanto sobre você."

"Igualmente. É bom..."

"Vamos entrar?", ele me interrompe e entrega o ingresso. Em seguida, caminha para o auditório. "Está pra começar", acrescenta, virando-se de lado para mim com um sorriso forçado.

Chocada pelo jeito abrupto, sigo em silêncio. Talvez não tenha feito isso por mal. A peça está para começar mesmo. Depois ele será mais educado.

Paul me guia até os assentos, se apertando entre aqueles que já tomaram seus lugares. Apesar disso, eles não parecem se importar, a maioria conhece Paul e manda o beijo duplo no ar, dá um oi rápido ou conta como está ansiosa para ver Billy no palco. Ele não me apresenta, então fico parada atrás, desconfortável, tentando não espremer a pessoa que está de frente para o meu bumbum, com a cabeça sob os meus seios ou teve a bolsa pisada por mim. Quando chegamos, não há tempo para conversar. As luzes diminuem e a peça começa.

Levo as mãos à boca quando a cortina se abre e vejo o bumbum nu do Billy e uma garota também nua de joelhos, simulando sexo oral (ela balança os cabelos loiros com muito entusiasmo). Por sorte, o resto da plateia começa a rir e meu suspiro de susto fica disfarçado. Mas acho que Paul ouviu, pois ele se vira e fala no meu ouvido:

"Espero que ele tenha avisado sobre isso, senão seria um choque."

Pois é.

Por que ele não me avisou antes? Ficou com medo da reação? Ou não pensou no meu sentimento ao ver isso no palco?

***

Eu dou um jeito de esquecer o comentário do Paul (e junto com ele a visão da cena inicial), o que não é fácil. Mas fico hipnotizada pelo que acontece no palco e pela história intrincada. É comovente e intensa. Billy é o ator maravilhoso que sempre pensei que fosse. A transformação no personagem sério e temperamental é impressionante. Sinceramente, não digo isso por ser sua namorada, mas esqueci completamente que era ele ali em cima. Quando o elenco vem agradecer, eu e o restante

da plateia ficamos de pé aplaudindo e gritando. Não consigo evitar o orgulho quando olho na sua direção. Ele foi magnífico. Não é possível acreditar que alguém já duvidou do seu talento.

Assim que as cortinas fecham pela última vez – o elenco teve que voltar três vezes graças aos aplausos incansáveis –, Paul me conduz para os bastidores.

Subindo a escada, ele se vira para mim e dá mais um sorriso forçado.

"Não comenta nada sobre algumas coisas da peça", ele me avisa com os lábios tensos. "É a grande noite dele, não vamos estragar", acrescenta antes de continuar a subir.

Essas palavras descuidadas renovam os sentimentos de há pouco e começam a me perturbar outra vez. Isso faz com que eu me sinta despreparada quando chegamos ao camarim do Billy.

Assim que a porta se abre, ele pula animadamente na minha direção.

"E aí? O que achou?"

O sorriso no seu rosto diz tudo: ele não tem noção de como aquela cena me afetou, o que é bizarro, pois essa insensibilidade não combina com o Billy preocupado que eu conheço. No entanto, não é o momento de abordar o assunto.

"Você estava o máximo!", admito, pois, apesar da nudez e do sexo oral, ele estava mesmo.

"Melhor que o Jude?", ele pergunta com um sorriso travesso. Será que algum dia ele vai esquecer isso?

"Muito melhor. Sinceramente, você estava incrível!"

"Valeu, gata!", ele agradece e me beija.

O Paul pigarreia para nos lembrar da sua presença. E assim nos soltamos.

"Paul!", Billy lhe dá boas-vindas com um abraço. "Espero que tenha cuidado da minha dama."

"Certamente." Ele coloca a mão no meu ombro e fica mais amigável. "Preciso dizer: ótimo *feedback*, cara. Todo mundo me parou pra dizer como você estava bem. Dedos cruzados para as críticas, hein?"

"Nossa, não me lembra. O pessoal estava dizendo que prefere nem ler, sabe, pra não estragar a *performance* ou se deixar afetar. Conhecem histórias de gente que mudou completamente o personagem por causa delas, mas aí todo o restante do público não gostou. Não querem nem ver os jornais."

"Parece uma boa ideia", digo, contente por sua decisão, considerando o quão ansioso ele ficou pela estreia e o que as pessoas pensariam. É uma atitude bem mais positiva diante do que, afinal, é a opinião de apenas uma pessoa.

"Mas para o Bill as críticas são o que importa. Por isso você está aqui, lembra? Para provar que é um bom ator!", Paul fala animadamente.

“Sim, mas se...”, eu começo.

“Que horas são?”, Paul interrompe, olhando o relógio. “Melhor irmos pra festa, tem muita gente ansiosa pra falar com você, Bill!”

Olho para Billy e ele me dá uma piscadinha, sem nem perceber o comportamento rude do Paul.

No caminho para a festa, em um bar da moda em frente ao teatro, notamos uma fileira de fotógrafos à espera. Fico nervosa antes de entrar de braços dados com Billy no bar lotado, pois sei que vou ser analisada e julgada. É a minha primeira saída social com ele, a primeira para a qual me preparei (bem, estou sem farinha e com roupas decentes) e quero causar boa impressão. Até agora, as pessoas só viram duas fotos de *paparazzi*, não sabem mais nada sobre mim. Será bom ser fotografada com a minha melhor roupa e mostrar que não sou uma caipira que faz café. Embora esteja assustada, estou orgulhosa do Billy e quero estar presente na sua noite especial, como uma namorada deve estar.

“Billy”, o Paul nos interrompe durante a passagem, “acho muito importante que você tire as fotos sozinho hoje, tanto aqui fora quanto lá dentro. Você tem que ser o assunto, aonde você chegou. Seria absurdo deixar outra pessoa se sobressair.” Ele olha lentamente do Billy para mim, para ficar claro. Em outras palavras, eu não devo sair em fotos com Billy, porque é isso que a imprensa focaria e, assim, se distrairia do mais importante: Billy ser visto como bom ator. Entendo, claro, mas, vindo dele, não me sinto nada bem.

Billy se vira para mim, preocupado.

“Você se importa?”, ele pergunta.

“Claro que não!”, respondo sem querer causar um drama na sua noite especial. “Faz sentido.” Dou de ombros.

“Tem certeza?”, ele pergunta outra vez e segura o meu rosto com a mão direita, fazendo carinho com o dedão sobre a minha bochecha.

“Ela disse sim, seu bobalhão”, Paul se intromete outra vez e o empurra para a festa. “Vai, entra, Bill! É a sua noite. A Sophie vai ficar bem comigo. Nos vemos lá dentro.”

“Ok, até mais”, Billy responde ao apertar a minha mão, soltá-la e ir seduzir a imprensa.

Observamos Billy posar para as câmeras e rir quando as pessoas gritam coisas sobre seu bumbum. Paul se volta para mim com outro sorriso falso.

“Que bom que entende, Sophie. Seria muito estranho. Sabe, seria diferente se você fosse conhecida também, isso não dá pra ignorar, mas, enfim, a coisa é muita recente ainda. Pode acabar tão rápido quanto começou.”

Lentamente, entendo o que ele quer dizer.

“Então, você acha que não vamos durar?”, pergunto e fico cabisbaixa, puxando um fio do vestido.

“Nada disso, não falei isso”, ele retruca levando a mão ao peito, em choque, como se a minha interpretação das suas palavras fosse loucura.

“Mas foi isso que você quis dizer, certo?”

“Sophie, não seja boba”, ele fala com tom condescendente e coloca a mão de volta sobre o meu ombro. “Só acho que devemos ir devagar. É muita coisa pra você se acostumar. Não quero que fique maluca, só isso. Há muito o que aprender...”

Sim, concordo, e a primeira coisa que já aprendi é que devo tomar cuidado com as pessoas, mesmo com aquelas que trabalham para o meu namorado.

***

Billy passa a hora seguinte dando entrevistas sobre a peça e conversando com atores e críticos. Eu, infelizmente, fiquei ao lado do Paul esse tempo todo. Para a minha sorte, ele deixou a conversa de lado e decidiu me ignorar completamente, sem me apresentar a ninguém, o que me obrigou a ficar parada ao seu lado e receber olhares de soslaios do pessoal do *showbiz*. Embora eu fique irritada com tamanha falta de educação, prefiro assim, pois graças a ele não estou a fim de conversar com ninguém.

Quando Billy finalmente nos alcança, traz consigo uma mulher de braços dados. Ela está com um pretinho básico e saltos com estampa de oncinha. Pernas longas e musculosas que não acabam mais.

“Sophie, está é a Ruth Banks, da peça”, ele apresenta.

“Ah”, digo ao reconhecer a loira de cabelos empolgados.

“Eu queria vir falar oi. E, putz, mil desculpas pela cena de sexo oral. Que vergonha!”, ela diz e coloca as mãos na bochecha em timidez fingida. Billy ri.

“Ah...”, eu reajo com um sorriso, balançando a mão num gesto de desimportância.

Claro que não é como estou me sentindo, mas não sei como reagir. Preferiria que ela nem tivesse mencionado, ainda mais porque Billy nem tocou no assunto.

“Sério, e a gente teve que fazer desde o primeiro dia de ensaio. Que bela maneira de ser apresentada a alguém. Eu não sabia pra onde olhar!” Ela termina a frase com risadinhas.

“Ruth, assim parece que eu fiquei esfregando as minhas partes na sua cara”, Billy comenta e balança a cabeça, levemente irritado. “Não se preocupa, eu fico sempre coberto!”, ele assegura e me beija na testa.

“Oin, que fofos!”, ela fala com voz aguda. “Ele não para de falar de você.”

Paul, ao perceber que o Billy voltou (e sem dúvida irritado por ele me beijar nessa noite tão importante), acena para ele.

“Bill, vem aqui conhecer a Clarissa Hall, do *The Times*”, ele o chama. “Ela tá louca pra saber sobre o processo de construção do personagem e como você lidou com a pressão.”

“Claro!” Ele se solta de mim.

“Fica com a Ruth um pouquinho, Sophie. Ele já volta”, Paul afirma e apressa Billy.

Olho para Ruth, minha babá da vez, e sorrio.

Nós não nos conhecemos.

Que situação chata! “E o que você faz, Sophie?”, ela pergunta, inclinando a cabeça para o lado, como se estivesse interessada de verdade.

É a pergunta que temia, mas como eu saí em fotos de uniforme que a maioria das pessoas no bar deve ter visto, não tenho como escapar.

“Cheguei em Londres faz pouco tempo.”

“É mesmo?”

“Estou no primeiro emprego que apareceu até achar algo melhor.”

“E onde é?”, ela insiste.

“No Coffee Matters, sabe?” Não sei por que eu falo como se ela não conhecesse. Observo pena e desinteresse passarem por seu olhar.

“Ah, que legal”, ela diz de forma pouco convincente.

“Não muito, mas é o que tenho por ora.” Sorrio na esperança de que minha honestidade melhore o mal-estar.

“Tantos amigos meus estão nessa, tendo que ficar em empregos que odeiam até conseguir alguma coisa. Nossa!”, ela diz de repente. Agarra o meu braço e olha por cima do meu ombro para alguém logo atrás. “Um amigo da escola dramática chegou. Preciso falar com ele. Você se importa?”

“Imagina!”

“Ótimo. Volto já.” Então corre e pula no homem distraído dando gritos de alegria.

Brinco com o canudo no copo e observo as pessoas aproveitando esse evento de *networking*. Todos riem e conversam animadamente. De vez em quando olham curiosos para a moça no canto, sozinha.

Eu.

***

Mais tarde, depois de horas observando Billy circular com Paul ao seu lado, vamos para a cama. Um raio de luz do corredor ilumina o quarto. Após um minuto de silêncio, ele se vira para mim e passa os dedos pelo meu cabelo.

“Você gostou mesmo da peça, gata?”

“Você estava ótimo, amor...”, digo e sorrio, olhando-o rapidamente antes de voltar a olhar para o teto.

“Mas?”, ele continua lentamente.

Suspiro. Sei que tenho duas opções: ou deixar o assunto quieto de vez ou falar o que penso para conseguir me tranquilizar de que serei alertada nas próximas. Como não

quero mais passar por sustos assim em público, decido abrir o jogo:

"Bom... Queria que você tivesse me avisado sobre certos momentos."

"Ah..." Ele para de mexer no meu cabelo e se apoia no cotovelo. "Eu falei que era pesada e pornográfica, não falei?"

"Acho que não falou pornográfica, mas, enfim, só seria bom saber de antemão que você ia mostrar o bumbum pra todo mundo", explico. "E que alguém ia ficar ali embaixo fingindo, você sabe..." Não consigo olhá-lo nos olhos.

Ficamos em silêncio por alguns minutos.

"Você sabe que a Ruth não viu nada, né?", ele confirma e faz carinho no meu rosto, na tentativa de aliviar meus pensamentos.

"Sei..."

"Sério, acho que ela estava nervosa com a situação e soltou aquilo. Não é fácil fazer cenas do tipo e depois conhecer os companheiros reais do colega. Pode acreditar, eu só ensaiei de calça, só nos ensaios técnicos é que tive de tirar, e, pra falar a verdade, fiquei mais nervoso com a bunda e preocupado se a plateia veria o fio dental enfiado ali... que não estava nada confortável!"

"Nossa!", exclamo ao imaginar a situação, embora seja bom saber que ele estava coberto, claro. "Como se ensaia algo assim? Digo, precisa se dedicar à cena. Você deve ficar... excitado."

"Amor, é atuação", ele afirma. "E nos ensaios o diretor ficava junto, então eu sempre estava preocupado em acertar o ângulo, sei lá. É profissional e é um trabalho como outro qualquer. Não acho que o acontece lá tem a ver com a vida real."

"Mas você já namorou colegas de trabalho", eu solto.

"Quê?" Ele age como se as palavras fossem um soco.

"Bom, com elas virou realidade...", falo docilmente, arrependida de ter mencionado o seu passado. Eu nem tinha pensado nisso, não sei de onde surgiu.

"Aquilo foi completamente diferente", ele fala secamente e olha para o lado.

Ficamos em silêncio, sem saber como corrigir o que foi dito e eliminar a negatividade, algo inédito no nosso namoro.

"Desculpa...", começo.

"Não, não precisa se desculpar", ele fala e volta para mim. "Eu estava solteiro, Soph. Era tudo diferente. Mas, amor, eu nunca faria nada pra machucar você. Sabe disso, né?" Ele me abraça e eu me sinto segura outra vez.

"É que foi estranho pra mim", explico. "Não estou acostumada com isso."

"Eu sei. Eu devia ter explicado", ele fala com um suspiro doloroso. "Eu sabia."

"Por que não falou então?"

"Eu pensei nisso, conversei com o Paul."

"E o que ele disse?", pergunto.

“Ele achou que seria melhor não preocupar você sem necessidade. Que pareceria pior.”

Interessante que Paul tenha perguntado sobre isso se ele mesmo sugeriu o que o Billy fez.

“Sei...”

“Como você se deu com o Paul, falando nisso?”

“Bem, mas acho que ele não gostou muito de mim.”

“Sério? Claro que gostou. Era uma situação estressante, muito saco pra puxar. Ele devia estar preocupado. Sei que vocês vão se entender.”

“Talvez...”, digo e decido não relatar a conversa com o agente e o seu comportamento. Talvez Billy tenha razão e a culpa seja da noite tensa. Talvez...

11

No dia seguinte, Molly liga para mim, como habitualmente, enquanto estou a caminho do trabalho. Sinto pena da June Hearne, que perdeu o horário da fofoca matinal, apesar de ter certeza de que Molly vai ligar para ela em seguida.

"E como foi ver o namorado no palco?"

"Incrível! Sério, Molly, nunca vi nada do tipo. A produção toda foi fantástica."

"Mais que as peças do grupo aqui da cidade?"

"Só um pouquinho." Dou risada. "Mas umas partes foram... interessantes."

"Interessantes?", ela instiga.

"É."

"Isso não parece bom."

"Não, tá tudo bem. Só que ele mostrou um pouco mais..."

"Nossa...", Molly fica chocada.

"Só o bumbum!", explico, antes que ela conte ao mundo que Billy mostrou o pipi no palco.

"Ah, só isso? Achei que tinha sido a parte da frente. Bom, eu gostaria de ver."

"Molly!" Dou risada.

"Eu quis dizer a peça... Óbvio!" Ela cai na risada também. "Eu fecho os olhos nessa parte se você quiser, mas pense antes de acabar com a alegria de uma velha. Enfim, e o restante da noite?"

"Tudo bem."

"E as pessoas?"

"Educadas. Assim, todo mundo conhece todo mundo."

"Você se sentiu meio deslocada?"

"Como você sabe?", brinco. "É uma verdadeira tribo."

"Ah, sim, mas isso vai mudar com o tempo. Eles ainda não conhecem você, fofa."

"Eu conheci o agente dele também."

"E ele?"

"Acho que ele não gosta de mim."

"Sério?"

"É, ele foi meio frio. Como se achasse que eu fosse corromper seu cliente, ou algo do tipo."

"Você? Corromper?" Ela não para de rir.

"Pois é!"

"Ele deve ser bem-intencionado, querida. O Billy tá com ele faz tempo, não deve ser

de todo mal. Só deve ficar com o pé atrás com gente nova. Esse negócio é dureza. Segue o fluxo, fofa!"

"É. Eu devo ter visto coisa onde não tem", digo, imaginando se pode ser isso mesmo e se hoje ele acordou arrependido por ter sido tão duro. "Sei que é bobagem, mas também me irrito porque ele chama o Billy de Bill. Não é o nome dele! E é tão... aristocrático!"

Molly quase morre de rir.

Penso em repetir os comentários mal-educados, mas desisto. Ele deve só ficar cauteloso com as intenções de quem se aproxima do Billy. Vou dar outra chance.

***

À noite, enquanto coloco framboesas num bolo de merengue, à espera do Billy, o telefone toca.

"Alô?"

"Sophie!", a voz do Billy ecoa.

"Ei! Onde você tá?", pergunto.

"O pessoal quer sair pra beber hoje. Dar uma arejada depois da noite da imprensa."

"Ah..." Olho desdenhosa para o bolo frutado que agora irá para o lixo. "É uma boa ideia."

"Bom, a gente já viu algumas resenhas e, adivinha, a maioria deu cinco estrelas!"

"Uau! Parabéns!", comemoro. "Mas pensei que você não ia ler", digo, um pouco nervosa pela ideia do Paul ter ganhado da minha.

"Não ia, mas a mãe do Ben telefonou logo antes de a gente subir ao palco. Ela estava tão animada, dava pra ouvir os gritos. Quando ela deu as boas notícias, decidimos ler. E são ótimas! Outro motivo pra sair: celebrar."

"E o que elas dizem?"

"Basicamente amaram tudo da peça, acharam emocionante, empolgante, *sexy*. Ah, uma falou que eu era uma surpresa boa e que a única coisa decepcionante é eu não ter ido para o teatro antes", contou orgulhosamente.

"Bom, isso é demais! Parabéns! Não é à toa que você quer comemorar!"

"Vem!", ele chama de repente.

"O quê?" Eu rio ao olhar para o pijama roxo com estampa de pinguim.

"Vem com a gente."

"Ah, meu bem...", hesito para contemplar a ideia.

Devo trocar de roupa, passar maquiagem e encontrá-lo? Claro, seria legal ficar com ele fora do apartamento e conversar direito com o elenco, mas preciso trabalhar amanhã. Além de quê, nunca fui uma pessoa espontânea. Se ele tivesse me chamado antes, talvez, mas a ideia de uma mudança de planos súbita me deixa inexplicavelmente

ansiosa.

"Desculpa, Billy, mas já vou dormir."

"Vem de pijama! Fica linda nele."

"Não...", respondo, decidida. "Mas obrigada. Divirta-se com todos. Preciso mesmo acordar às sete."

"Certeza? Prometo que não vai demorar. Vamos beber um ou dois *drinks*. Todo mundo tá acabado de ontem."

"Tá tudo bem. A gente se vê quando você chegar."

Quando desligo, o apartamento está mais quieto e vazio. Fico paralisada por um tempo, perdida e incerta sobre o que fazer. Não estou com vontade de ver televisão nem ler. Não tenho vontade de nada. Estou desanimada. Vazia.

Olho em volta os objetos que me cercam. Tudo do Billy, tudo no lugar em que encontrei. Trouxe algumas coisinhas minhas – um abajur de leitura, livros, fotos –, mas não queria atrapalhar. Sei que é bobagem, estamos morando juntos, mas não queria abrir espaço para mim. Não queria dominar.

Ele insistiu. Queria que eu me sentisse dona da casa, não uma hóspede. Achou que me faria ficar mais à vontade. Olhando ao redor, devia ter ouvido. Mas será que alguns objetos fariam com que eu me sentisse melhor? Acho que nem o sr. Blobby seria capaz de provocar um sorriso em mim neste momento.

Coloco um protetor de vidro sobre o bolo, que deixo sobre o balcão para que Billy veja quando chegar. Sem dúvida, ele vai comer um pedaço antes de dormir. Pego um copo de água e vou para a cama, fecho os olhos debaixo dos lençóis.

***

Acordo ao som de risadas. Altas. Agudas. Gargalhadas. Elas afastam os sonhos.

Abro um pouco os olhos e observo a escuridão do quarto. É tarde da noite.

Uma mistura de vozes ecoa pelo corredor até o quarto. Ouço muitas vozes falando uma por cima da outra em tons alegres.

O que está acontecendo?

Quem são essas pessoas que perturbam o meu sono?

Por que estão aqui?

Minha mente adormecida não consegue lidar com a comoção inesperada e lentamente monta uma explicação.

Billy.

Ele trouxe convidados para o apartamento.

Por que faria isso sabendo que eu preciso acordar cedo? Vejo que horas são: duas da manhã. Qual é a do Billy?

A porta se abre devagar e a luz forte do corredor entra. Fico ainda mais brava. Por

alguma razão, Billy entra engatinhando no quarto e se aproxima da cama.

"O que você tá fazendo?", ele pergunta num cochicho infantil. Obviamente eles não beberam apenas um ou dois *drinks*.

"Dormindo!", respondo. Espero que meu tom de voz indiferente mostre que não estou nem aí.

"Rá! Não está, não!"

"Billy? O que tá acontecendo?", eu questiono, desejando ainda estar dormindo.

"Ah, meu amor! Você disse que não queria ir, então trouxe a festa pra casa. Você pode ficar de pijama!"

"Mas eu preciso acordar daqui a pouco."

"E daí?"

"E daí? E daí que eu preciso dormir!"

"Mas é só um emprego no Coffee Matters!"

Eu sei que ele tem razão. Sei que meu emprego na porcaria do Coffee Matters não é o melhor, mas ele me irrita mesmo assim. Por que o emprego dele é mais importante que o meu?

"Veeeeeeeeem...", ele implora e puxa o meu braço.

"Billy, eu falei que não!" Puxo o braço de volta e o enfio debaixo da coberta.

"Mas você tá sendo chata! Só quero que a gente se divirta. Por que não quer se divertir comigo?"

Não respondo. Em vez disso, fecho os olhos e travo a mandíbula. Quero bloquear as palavras embriagadas.

"Tá, esquece", ele murmura e sai, deixando a porta aberta.

Estou louca? Foi uma coisa legal da parte dele para eu me juntar à sua turma? Ou é apenas egoísta? Mas o apartamento é dele. Não posso reclamar e colocar regras... Ou posso?

A julgar pelos ruídos da sala, ele não pediu para o pessoal ir embora. Em vez disso, ouço risadas, conversas, cantorias, de pessoas que não estão preocupadas que alguém ali perto queira dormir.

Fico deitada por um tempo, tentando bloquear o som, mas não dá certo. Não consigo dormir com as pessoas no apartamento. Ainda mais porque sabem que estou aqui e escolhi ficar na cama em vez de me juntar ao grupo.

Argh!

Desço da cama, olho no espelho para verificar se o rosto não está horrível e inchado e vou até a sala.

Billy e mais quatro estão esparramados no sofá, com braços e pernas uns sobre os outros, como em um quadro renascentista. Reconheço-os da peça. Em um sofá, James, alto e loiro, com o rosto de um anjo, segura uma taça sobre o joelho com as costas

apoiadas em Ben, porte atlético e voz aristocrática. Ben cruza as pernas sobre Fiona, a mais jovem do grupo, que fuma enquanto devora um pedaço do bolo de merengue. Não sei qual das duas atividades me irrita mais.

No sofá em frente, Ruth, a loira que balança a cabeça na frente das partes do meu namorado no começo da peça. Está deitada no colo do Billy, enquanto ele pousa o braço na coxa dela. A intimidade me deixa desconfortável. Parecem um casal. Tenho vontade de arrastá-lo para o quarto e perguntar qual é a dele. Mas não. Temos testemunhas. Não quero fazer uma cena e parecer uma namoradinha mimada.

"Ei...", James fala ao me ver. Todos olham na minha direção.

Ninguém muda de lugar. Estão todos confortáveis, como se não houvesse nada de inapropriado. E talvez não haja. Pode ser que meu incômodo diga menos sobre o grupo e sua intimidade teatral e mais sobre a minha inabilidade em ser tão espontânea quanto eles.

Billy me olha com um sorriso radiante... inocente.

"Você resolveu aparecer!"

"A gente não acordou você, né?", Ruth pergunta ao se virar e se apoiar no joelho do Billy.

"Bom...", começo.

"O bolo tá delicioso!", Fiona grita e enfia outra garfada na boca. "Sério, nunca comi nada tão gostoso na vida!"

Sorrio para ela. Ela pode estar comendo algo que não é dela, mas pelo menos está gostando.

Não sei o que dizer ou fazer com todos me encarando. Devo sentar com eles, me aninhar com James e Ben, talvez? O pensamento me dá calafrios, então faço o que sei fazer.

"Alguém quer chá, café? Alguma coisa pra comer?"

12

Sair depois da apresentação tornou-se um hábito do elenco. Mas em geral as saídas acontecem sem planejamento. Subir ao palco diante de uma plateia deixa Billy tão alucinado que precisa de um tempo para relaxar antes de voltar para casa.

Na maior parte das vezes, ele fica pouco tempo no bar ou vai jantar com Paul, caso ele tenha ido ver a peça com algum diretor ou produtor importante, e depois vem para casa, por volta da meia-noite. Mas há noites em que a festança termina na casa de alguém e ele chega num horário absurdo. Pelo menos não chamou mais ninguém para ir em casa, mas nessas noites eu não durmo do mesmo jeito. Na maior parte das vezes ele liga ou manda mensagem para avisar o plano, embora às vezes se empolgue e esqueça. Nessas noites, fico acordada imaginando onde ele pode estar, o que está fazendo e quando vai voltar.

Com quem ele sai é o que mais me preocupa. Está só com Paul ou com os meninos do elenco? Ou está com todo mundo, sendo muito afetuoso com Ruth outra vez? Ou, e este pensamento é o mais perturbador, está recebendo cantadas de garotas desconhecidas? Em Londres, fica impossível esquecer que Billy é um galã. Ele nunca sai sem ser reconhecido. Sempre vejo a reação das garotas na rua. Seus olhos acendem, cheios de desejo. Não importa nem se ele está de braços dados comigo, sua namorada. Eu sei, sem sombra de dúvida, que há muitas mulheres (e homens) dispostos a se jogar nele se tiverem a oportunidade. Esses pensamentos, enquanto estou em casa à espera dele, me deixam nauseada.

Quando percebo que estou prestes a ter um ataque de pânico, ligo ou mando mensagem. Mas só uma ou duas vezes, não as milhões que tenho vontade. E ele costuma atender ou responder na hora, o que elimina meu medo crescente e me deixa com cara de boba.

Eu não saio nessas noitadas e já estou dormindo (ou fingindo) quando ele chega em casa. Embora a gente converse antes de eu ir para o trabalho, ele costuma ficar na cama, até de olhos fechados, pronto para cair no sono outra vez assim que eu sair. A conversa não costuma ser nada emocionante e em geral se trata mais de um monólogo.

Apesar disso, ele começou a me encontrar após meu turno para que possamos jantar juntos. Uma coisinha rápida para colocar a conversa em dia antes de ele correr para o teatro.

As noites continuam dolorosas. Há horas em que me sinto perdida, num lugar desconhecido. Fico ansiosa e incomodada, sem saber o que fazer até o momento de ir para cama. Sem rumo.

Até parei de fazer bolo. Não vejo por que se ele não está em casa para comer comigo. De vez em quando, faço uma fornada para ele levar ao teatro. Sei que a Fiona (a devoradora de merengue) gosta. Mas só isso.

Não vou mentir: acho tudo muito deprimente e sinto que nós passaríamos mais momentos bons juntos se eu não tivesse me mudado. Vejo menos meu namorado agora que mudei de vida para estar com ele do que quando ainda morava tranquilamente em R osefont Hill.

Sempre me lembro de que um tempo mínimo juntos é melhor do que nada. Mas é um saco.

Mal posso esperar pelo fim da temporada. Quem sabe terei meu namorado de volta?

***

Costumamos ficar juntos aos domingo, sem fazer nada, relaxando. No entanto, hoje, convidamos minha mãe e Molly, para elas finalmente conhecerem o lugar onde moramos.

Minha mãe costumava dirigir, mas há anos parou. Então para poupá-las do trabalho de pegar trem e metrô, Billy contratou um motorista para buscá-las. Achei o gesto muito amável da parte dele e sei que elas adoraram. Queria ter estado lá para ver a cara delas quando a limusine rosa-bebê apareceu. Isso foi ideia do Billy também, para brincar com essa história de ser estrela do cinema. Sei que elas se divertiram, pois ligaram do telefone do carro completamente histéricas. Aparentemente, Molly abriu o teto solar e enfiou a cabeça para fora quando o carro ficou parado no trânsito. Ela tentou convencer minha mãe a se juntar a ela, mas a vergonha foi maior.

Estou passando um pano na cozinha, para deixar tudo impecável, quando elas batem à porta. Billy as recebe. Sorrio quando ouço as risadas e os cumprimentos. Ele dá boas-vindas e as traz até a cozinha.

“Ah, querida, que saudade!”, mamãe fala com a voz aguda e corre para me apertar.

“Nossa, que lindo!”, Molly comenta sobre o apartamento.

“Você cortou o cabelo!”, me surpreendo ao ver o cabelo mais curto, arrepiado pela aventura na limusine.

Ela passa a mão pelos fios e os sacode até que fiquem mais armados.

“É isso aí. Sempre quis cortar, mas nunca tive coragem. Um dia peguei as tesouras e as madeixas foram todas ao chão. Me senti tão livre!”

Todo mundo a encara, em choque. Acho que minha mãe não sabia do corte caseiro.

“Você cortou sozinha?”, pergunto. “Sim... Ficou bom, não?”, ela quer saber e se vira de um lado para o outro.

“Sim, claro, lindo como sempre.”

“Você, por outro lado, mocinha!”, Molly ralha e me pega pela cintura. “Você

desapareceu. Ele não está dando comida pra você?" Ela olha feio para Billy, que cai na risada.

"Não é culpa minha", ele diz e levanta as mãos para o alto num gesto de inocência.

"Acho que é falta dos seus bolos." Dou de ombros. "As comidinhas do Coffee Matters não são tão gostosas."

"Mas é claro!", ela guincha. "E pode começar a comer. Olha esses braços magricelas."

"Eu já falei pra ela", Billy concorda. "Ela vai ficar um palito."

"Até parece!" Eu reviro os olhos.

"Os homens gostam de curvas, madame", Molly continua, balançando a cabeça. "Se quisessem ficar com alguém que parece um menino, seriam problemáticos da cabeça."

Billy ri diante do comentário totalmente politicamente incorreto.

"Você anda comendo bem, Soph?", minha mãe pergunta com seriedade, incapaz de esconder a preocupação na voz.

Fico incomodada com todos ao meu redor comentando algo que eu nem tinha reparado.

"Gente, eu tô bem. Só estou trabalhando muito e não como mais tantas porcarias de bolos."

Os três ficam boquiabertos.

"Que foi?", resmungo, irritada porque o dia não começou como eu planejava.

"Nada, querida", mamãe apazigua.

"Enfim", recomeço numa tentativa de tirar a atenção sobre mim, "o que vocês querem fazer hoje?"

As duas dão de ombros.

"Ok... Que tal passear no parque? A gente pode alimentar os patos."

"Boa ideia, amor!", mamãe concorda. "Talvez a gente possa dar comida aos pombos também."

Olho para Billy, que segura a risada. Que mania é essa da nossa família?

Pouco depois, passeamos pelo Hyde Park sob o sol agradável. Desviamos de crianças, cães e casais. Billy e minha mãe andam à frente, enquanto Molly e eu dividimos a câmera. Abraço Molly e encosto a cabeça sobre seu ombro.

"Conta sobre a minha substituta."

"Quem, a Sally?" Ela dá o braço para mim.

"Sim. De onde ela surgiu? Como ela é?"

"Ah, bom, um dia ela apareceu com cara de perdida." Ela não dá importância e levanta as sobrancelhas.

"Tipo eu?"

"Pode-se dizer que sim. Ela estava olhando o cartaz com o anúncio da vaga. Quando

perguntei se ela precisava de ajuda, ficou meio muda, então entendi que ela queria o emprego."

"Sei."

"Ela é totalmente inútil", ela afirma com um suspiro alto.

"Sério?", pergunto, rindo e gostando do fato de a garota nova não ser perfeita e minha lembrança perdurar.

"Sério, coitada. Cozinhar não é o forte dela. Eu que estou fazendo as fornadas da manhã antes que ela ponha fogo em tudo."

"Puxa."

"Pois é... Mas ela é muito boa com as freguesas. Adora conversar, fazer perguntas, e você sabe o quanto aquelas velhinhas gostam de um papo. Então, se todo mundo está feliz, não ligo de esquentar a barriga no fogão. Ainda bem que você parece felizona aqui, senão eu arrastava você de volta", ela brinca e aperta meu braço.

"E quantos anos ela tem?", pergunto com curiosidade sobre minha substituta.

"Sabe que eu não sei? Acho que a sua idade", ela dá um palpite.

"E de onde ela surgiu?"

"Acho que ela comentou um dia que mora nas redondezas, disse algo sobre onde está ficando por um tempo. Na verdade, além de ela ser péssima cozinheira, não sei mais muita coisa. Ela é tão boa em perguntar coisas para os outros, mas não fala muito de si." Molly ri.

"Xis", Billy fala e aponta a câmera na nossa direção. Ficamos mais juntinhas e abrimos um sorriso.

Assim que ele volta a conversar com a minha mãe, pergunto:

"Mas você não pegou nem o currículo dela?"

"Não... Apenas resolvi testar, como fiz com você."

"Certo", digo, um pouco confusa. Não entendo por que ela não perguntou mais a respeito da moça, ainda mais que não é alguém da cidade.

"Ela é muito mais segura de si do que eu imaginava, mas, sinceramente, nem se compara a você."

"Ah, Mol", eu digo e inclino a cabeça sobre seu ombro, bem agarradinha.

"Enfim, minha flor, como anda a vida aqui? É tudo que você imaginou?"

"Algumas coisas sim, outras nem tanto", respondo com honestidade.

"Como assim?"

"É diferente, só isso." Dou de ombros. "Eu não estou muito bem adaptada ainda... Acordo cedo para trabalhar, chego e não tem ninguém em casa, aí enrolo até a hora de dormir."

"Não é muito diferente de antes."

"Acho que não, mas me sinto mais sozinha. Antes eu tinha você e a minha mãe."

Vejo a preocupação no rosto dela e me arrependo de ter aberto a boca.

"Ah, não precisa se preocupar, ainda estou me adaptando, só isso. Me acostumando às ruas cheias de gente e ao estilo de vida corrido." Dou risada e chego à conclusão de que é melhor não preocupar as duas com minhas dúvidas. Elas ficariam ansiosas e carregariam um fardo desnecessário. Sei que tudo vai mudar quando eu encontrar um emprego melhor e a temporada da peça acabar.

"É, imagino", ela assente e me abraça forte antes de continuar: "Espero que ao menos esteja gostando, menina, e não só gastando tempo e energia num trabalho ingrato. Precisa aproveitar a vida ao máximo e não deixar as oportunidades escaparem. Antes que se dê conta, estará velha e enrugada como eu, com vontade de ter feito mais. Seja feliz".

***

Uma hora depois, após dar várias voltas pelo parque, abrimos toalhas de piquenique no chão, longe das crianças barulhentas e dos homens que estão jogando bola. Molly e Billy cochilam sob o calor enquanto minha mãe e eu ficamos acordadas, curtindo o dia.

Sentadas ali, conversando sob o sol, percebo algo diferente nela. Bochechas rosadas, olhos brilhantes e gargalhadas. Ela está à vontade. Não parece presa ao seu tormento interior de mais de uma década. Não parece frágil. Pego a câmera e disfarçadamente tiro uma foto.

"Você está ótima, mãe", digo ao olhar para a imagem.

"Obrigada. Eu me sinto ótima", ela diz e aperta a minha mão.

Sorrimos. Fico emocionada ao pensar em como evoluímos em poucos meses, após anos na mesma rotina desgastante.

"Na verdade, quero contar uma coisa", ela diz e olha para o chão. Um lampejo de preocupação atravessa seu rosto. Não parece fácil o que ela tem a dizer.

"O que foi? Tá tudo bem? Você tá doente, é isso?", pergunto em pânico.

"Não, não, não, nada disso", ela fala, torcendo o nariz como antigamente. Eu sorrio. Ela faz uma pausa, respira fundo e solta: "Eu conheci uma pessoa".

Sinto meu sorriso sumir assim que ouço essas palavras. Fico sem reação. Ela continua:

"Não é nada sério. A gente só saiu pra jantar algumas vezes e nos encontramos para ler ou caminhar. Sabe... Eu gosto da companhia dele. Tudo anda tão quieto sem você."

"Entendo...", digo, sem saber como processar a informação.

Nunca tinha pensado nisso antes. Claro que faz sentido, eu odiaria que ela envelhecesse solitária, sem nunca mais experimentar o amor. Mas agora parece algo tão decisivo. Sei que é um pensamento maluco. Meu pai nos deixou há mais de quinze anos e isso não vai mudar. É justo que ela tenha outra companhia. Alguém que ouça seus

pensamentos e medos. Alguém que a faça sorrir. Embora seja idiotice, não consigo me livrar da decepção.

"Isso não muda nada, meu amor", ela argumenta, a expressão séria mostra um pouco da vulnerabilidade de antes e a dor que dominou nossa vida por anos.

Não quero aquela mãe de volta, aquela mãe incapaz de viver. A mãe que eu não pude abandonar. Seria estupidez dizer o que sinto agora ou mostrar a decepção. Seria egoísta querer que ela vivesse na solidão depois de tanto sofrimento, depois de anos torcendo para que seu coração fosse curado.

"Eu sei que não. É só uma surpresa", dou conta de falar. "Você merece, mãe", acrescento com um sorriso. "Verdade."

Ela aperta a minha mão e eu a olho nos olhos. Fico extremamente feliz em ver aquele calor em seu rosto outra vez.

"Nós nunca vamos esquecê-lo, querida. Ninguém pode nos tirar as lembranças e o amor que ele nos deu. Ele sempre vai estar aqui, próximo."

Eu confirmo com a cabeça, pensando se algum dia sentirei menos saudade.

"Querida, o que você contou para o Billy sobre o assunto?", ela sussurra.

"Nada", admito.

"Jura?"

"Ele sempre soube que éramos só nós duas, mas nunca perguntou."

"Ele nunca perguntou sobre a sua família?" "Não. No começo, pensei que iria, ainda mais porque comento sobre o papai na minha infância, mas não perguntou. Então não falei."

"Não acha que deveria?"

"Agora perdi a chance, não? Como entrar nesse assunto?"

Ela não diz mais nada. Apenas aperta a minha mão.

Sei que terei que me abrir sobre o momento mais difícil da minha vida, mas agora não estou pronta para que o passado interfira no presente. Não agora, que tenho uma vida nova, distante da tragédia que sempre me perseguiu. Sobrecarregar Billy com essa informação e ver em seus olhos dor e solidariedade é algo para o qual ainda não estou pronta.

***

No dia seguinte, a visita da mamãe e da Molly passa como um filme em minha mente. Foi um dia maravilhoso sob o sol, apenas descansando, conversando e rindo, mas algumas coisas me perturbam desde então: o novo namorado da minha mãe, Sally e sua habilidade com as freguesas, e o fato de que preciso conversar com Billy sobre meu pai, claro. Mas não só isso. Não acho que sintam minha falta. É como se eu tivesse mudado para Londres em busca de uma vida mais feliz, mas apenas consegui ser

maltratada por clientes e passar noites solitárias, enquanto em Rosefont Hill todos parecem melhores sem mim.

São esses pensamentos que me atrapalham no trabalho. Para incômodo do Andrezj e de alguns fregueses insatisfeitos.

"Ei, com licença", ouço uma ansiosa voz grossa masculina.

"Sim? Como posso ajudar?", pergunto educadamente ao homem de negócios que me olha enojado.

Ele segura o copo de plástico com a ponta dos dedos gordos, como se fosse uma minhoca. Seu rosto está vermelho e parecem surgir brotoejas no pescoço.

"Eu pedi um *mocha frappuccino* gelado de menta com café", ele cospe cada palavra lentamente, como os ingleses fazem ao falar com estrangeiros ou pessoas idiotas.

"Sim?" Não entendo o que ele quer dizer.

"Com café?"

Sorrio à espera de que ele explique logo meu erro e assim eu possa partir para os outros pedidos.

Suas narinas se abrem para mostrar que ele não se importa com o sorriso. Longe disso. Minha educação o deixa ainda mais irritado.

"Não tem café aqui", ele diz com raiva. "Era com café!", fala em voz alta e a loja fica em silêncio. "Será que é tão difícil acertar a porra de um pedido?"

Eu apenas o encaro, esperando que ele ouça a própria voz e peça desculpas, mas seu olhar fica ainda mais malvado e sua mandíbula vai de um lado para o outro conforme a raiva aumenta.

"Sinto muito, senhor, vou fazer um novo." Pego o copo da sua mão, me sentindo completamente mal sob o olhar de todos.

"Esse não é o ponto, mocinha. Você deveria ter acertado de primeira. Seu trabalho pode ser uma bosta, queridinha, mas o meu não é e mereço receber pelo que pago."

"Desculpa, mas o senhor está exagerando...", digo, porém sou cortada.

"O quê?", a voz dele ecoa.

"É só um café...", explico.

"Essa é boa!", ele fala com desespero e levanta as mãos ao ar, como se pedisse a Deus que descesse e me desse um tiro pela insolência. "Se um médico decidisse fazer uma plástica no nariz de quem precisasse de um transplante de coração, ele seria demitido."

"Bom, acho que é um pouquinho diferente, não? Olha, já pedi desculpas e não posso fazer mais nada. Você vai querer outro café ou não?", eu digo e arranco a tampa do copo, pronta para despejar o conteúdo.

"Não quero desculpas, quero que se dê conta de que você é um ser humano inútil, um peso morto", ele berra.

A bebida, gelada, voa pelo ar e acerta o homem no rosto e no terno. Faço sem pensar. A plateia de clientes e funcionários, que apenas olharam o ataque verbal contra mim, sem reação, ficam boquiabertos, em choque.

Silêncio no café.

Droga!

Um aplauso alto soa de algum canto, e mais pessoas se juntam, com gritos e assobios.

"Eu teria feito isso muito antes!", declara uma mulher no fim da fila.

"Que babaca. Bem feito!", grita um operário grandalhão.

"Quem ele pensa que é?", uma adolescente pergunta em voz alta e acrescenta um "tsc tsc".

Apesar do apoio, estou encrencada.

Enquanto o freguês insatisfeito limpa a sujeira do rosto e analisa o estrago no terno (sem dúvida de marca), decido dar um basta. Viro para Andrezj e dou de ombros, sem jeito, então tiro o avental e o boné. Pego a bolsa e saio calmamente pela porta.

13

O caminho para casa passa rapidamente. Tento manter a compostura. A adrenalina e o choque fazem meu corpo tremer incontrolavelmente. Assim que entro em casa, paro e choro. Lágrimas pesadas rolam pelo meu rosto. Choro tanto que fico sem ar.

Billy acorda de outra noitada e me encontra no corredor. Ele não fala nada, apenas me abraça enquanto soluço.

"Quero ir pra casa. Odeio Londres. Quero ir pra casa!" As palavras ficam presas na garganta, o que me faz chorar ainda mais.

Quando as lágrimas arrefecem, ele me leva até a cozinha e me ajuda a sentar. Em silêncio, prepara um chá, se acomoda à minha frente e segura as minhas mãos.

"Ok, amor, o que aconteceu?"

"Eu sou uma tonta."

"Quê? Como?"

Aos poucos, conto os eventos da manhã: falo sobre o babaca e as coisas terríveis que gritou até eu perder as estribeiras e deixá-lo ensopado.

Ele fica em silêncio, boquiaberto e sem acreditar.

"Você simplesmente foi embora?", ele pergunta com um sorriso nascendo no rosto.

"Sim. Pensei que seria demitida de qualquer maneira. O Andrezj não poderia me manter lá, mesmo se quisesse."

As lágrimas recomeçam. Como pude ser tão imprudente?

"Linda, tô tão orgulhoso de você." Ele beija a minha mão.

"Quê? Por quê?"

"Porque você se defendeu."

"Imagina! Eu só surtei."

"Acho que não é tão simples assim. Esse foi o único cara que fez isso com você?"

"Não", admito, envergonhada, e tomo um gole do chá.

"Quê? Sério, gata, se eu soubesse que o pessoal tratava você tão mal, eu não teria deixado que continuasse lá. Não acredito que nunca me contou nada."

"Não era de todo ruim", tento argumentar. "Além disso, eu achava que algo melhor fosse aparecer logo. Não pensei que ficaria lá por tanto tempo."

"Por que você não me contou, Sophie?", ele pergunta com o cenho franzido.

"Você estava ocupado."

"Que desculpa esfarrapada."

"Como assim? Você estava ocupado com a peça, não queria incomodar com as minhas bobagens."

“Por que não me contou que estava tão infeliz?”

“Não estou infeliz”, minto.

“Acho que chorar, falar que odeia Londres e que quer voltar para casa provam o contrário.”

“Billy...”, eu falo com o rosto entre as mãos. “Eu não sei pedir ajuda.”

“Por que não?”

Olho para seu rosto carinhoso e tenho vontade de confessar. Falar tudo, contar o que aconteceu para que independência fosse algo tão importante na minha vida.

Mas ele começa antes que eu tenha a chance:

“Admite: você odeia tudo isso aqui.”

“Não!”

“Eu arrastei você pra cá, pra gente ficar junto, mas aí fico longe o tempo todo. E aí seu emprego é péssimo e você passa as noites sozinha.” Ele faz uma pausa e suspira pesadamente. “Desculpa por ter sido tão egoísta.”

“Não, não, não. A culpa não é sua.”

“Eu poderia ter feito melhor.”

“A culpa não é sua. Só não está sendo como pensei. Sinceramente, eu tô muito solitária.”

Ele me encara, mas em silêncio, e eu continuo:

“Lá em casa, eu passava muito tempo sozinha, mas nunca me senti solitária. Aqui, mesmo vendo centenas de pessoas por dia, nunca estive tão só. À noite, fico sem saber o que fazer comigo mesma. As ruas são superanimadas, mas eu não faço parte disso. Você faz.”

“Por isso queria que você saísse comigo, para fazer amigos.”

“A questão não são amizades, Billy. Não mesmo. Eu nunca tive muitas mesmo”, digo honestamente. “Simplesmente não me sinto em casa.”

“Por enquanto”, ele acrescenta. Encaro seus olhos grandes e esperançosos. “Molly me falou uma coisa interessante ontem, sobre aproveitar as oportunidades da vida”, ele diz.

“Ela falou algo parecido para mim.” Talvez tenha percebido o quão triste estou.

“Bom, acho que devemos seguir à risca e não perder tempo fazendo coisas que odiamos...” Eu suspiro, pois sei o que ele está prestes a falar. “Você pode deixar de ser tão orgulhosa e não ir atrás de outro emprego?”

“Mas...”

“Pelo menos por enquanto? São só mais quinze dias de temporada mesmo e, depois, bom, vai saber aonde vou. Mas quero você na minha vida. De verdade. Comigo.”

“Seria mais fácil se a gente ficasse mais tempo junto mesmo.” Tento aceitar a ideia.

“Exato.”

“E eu tenho minhas economias, posso usar se precisar.”

“Bom, depois vemos isso, certo?”, ele fala com as sobrancelhas erguidas.

Billy ficou impressionado com o fato de eu ter juntado tanto com um simples emprego numa casa de chá. Sei que ele odiaria me ver gastando todo esse dinheiro.

“Só quero que você entenda que tudo que tenho é seu”, ele continua. “Não precisa nem pedir, pega um dos meus cartões pra você.”

“Não! Imagina!”, eu protesto.

“Por que não? Sério, nós somos um time. Odeio pensar que almoço no The Ivy enquanto você, sem dinheiro, vai pra um *fast-food*. Que absurdo.”

“*Fast-food* é muito caro pra mim”, falo, rindo. Nossa relação com dinheiro é bem diferente. “Olha, é legal da sua parte, mas há muito tempo não dependo de ninguém. Não consigo mais”, explico.

“Você não vai depender de mim. Pega um dos meus cartões e finge que é seu”, ele implora.

“E o que eu faço do tempo livre?”

“Fica comigo. Passeia por Londres. Visita museus e faz todos os passeios de turista. Vai, qualquer coisa é melhor do que trabalhar num lugar que não te dá valor.”

“Acho que sim.”

Será que isso poderia dar certo sem eu me sentir uma sanguessuga? Seria possível manter minha independência e estrutura?

“E se eu limpar a casa e lavar a roupa?”, sugiro. Ele ergue as sobrancelhas, perplexo. “Escuta. Se eu fizer isso, pelo menos sinto que não estou abusando. Não vou achar que estou me aproveitando de você.”

“Você prefere se ocupar com faxina?”

“Billy, é um apartamento de dois quartos, não tem muito o que fazer. Dou conta de tudo enquanto você trabalha. Nunca entendi por que você precisa de faxineira mesmo.”

“Tudo bem”, ele concorda, por fim, embora não muito animado. “Pelo menos, por enquanto, vamos ficar o dia inteirinho juntos...”

“É!”

“E sem ter que acordar cedo para ir trabalhar, você poderá vir jantar comigo ou sair depois da peça.”

“Se você quiser”, digo e tento disfarçar a falta de ânimo com a possibilidade.

“Mas na maior parte das vezes eu posso voltar pra casa pra gente relaxar juntos.”

“Perfeito!”

“Você sabe que não costumo vir pra não atrapalhar seu sono, né? Nunca é porque não quero ficar com você”, ele diz com sinceridade.

“Eu sei…”

“Promete que sempre que se sentir mal ou infeliz vai me contar? Não quero segredos

entre nós.”

“Prometo. Na verdade, Billy, tem uma coisa…”

O celular dele começa a tocar, distraindo-o.

“Ah, é o Paul. Posso atender? Ele tinha deixado mensagem, mas não retornei.”

“Claro!”

Ele me beija antes de atender.

“Fala, Paul! Desculpa, acabei de acordar”, diz ao seguir para o quarto.

Era a minha chance.

Eu poderia ter contado a história sobre meu pai e o que aconteceu há tantos anos, explicado as dificuldades que me tornaram quem sou hoje.

Argh!

Billy grita de alegria, Paul deve ter boas novas.

Perdi a chance.

“Você não vai acreditar!”, diz Billy enquanto corre de volta para a sala, onde me aconcheguei com uma cópia surrada de *Jane Eyre*.

“O que foi?”

“Sério, eu nunca fiquei tão empolgado!”

“Vai! Fala logo!”

“Era o Paul…”

“Eeeee…?”

“Certo, são duas coisas”, ele fala e passa a mão no cabelo, o que faz os fios se erguerem como o de um doido. “Ok, primeiro é que li um *script* muito bom há alguns meses. Era uma biografia baseada numa história real de um roqueiro maluco dos anos setenta. Algo bem sujo e muito diferente de tudo que já fiz.” As palavras jorram de sua boca com tanto entusiasmo que fico radiante também. “Eu queria muito o papel principal, mas os produtores estavam com o pé atrás por causa de *Halo*, diziam que eu era muito certinho para o papel, sei lá. Mas o Paul os levou para ver *Embebidos* outro dia e, bom, eles me querem!”

“Que demais!”

“Eu sei! Olharam para os meus fundilhos e se apaixonaram!” Ele ri. “A melhor parte é que vai ser filmado aqui perto, então eu vou pedir pra ficar aqui e o motorista vir me buscar. Acho que vai ser melhor pra nós dois.”

“Que incrível!”, digo, feliz porque ele vai poder ficar em casa durante esse trabalho. “Como chama?”

“Por enquanto, chama *Batida ambulante*, mas pode mudar.” Ele respira fundo antes de continuar: “Mas chega desse assunto. O próximo é ainda melhor”.

“Ainda melhor?”, repito.

“Sim… Não acredito que estou falando isso”, ele diz com um sorriso no rosto.

"Vai logo!", insisto durante a pausa dramática.

"Fui indicado para um Bafta!"

"Quê?", eu dou um berrinho.

"Bafta, pô! De melhor ator!"

Eu pulo, gritando de alegria.

"Isso é maravilhoso!"

"Eu sei… Nunca pensei que isso aconteceria. Sempre me falaram que eu não ia perder o título de astro *teen*, mas agora isso prova que estavam errados. Fui nomeado pra porra de um Bafta... Não acredito!"

"Pelo *Halo*?"

"Não! Você tá de brincadeira? É por um que filmei ano passado, chamado *Gotas torcidas*, sobre um soldado da Primeira Guerra Mundial que é capturado pelos franceses. Nossa, não posso acreditar!"

Eu fico apenas sorrindo, sem nem saber o que falar.

"E decidi que quero você ao meu lado no tapete vermelho", ele afirma. "Ao meu lado. Não quero que fique num canto me esperando. Quero você comigo. Ao meu lado."

"Quê?" Estou chocada. "Tá falando sério?"

"Muito."

As palavras do Paul na estreia da peça surgem na minha cabeça. Ele vai odiar.

"Você comentou com o Paul?"

"Ainda não." Ele parece não dar importância.

"Eu acho que ele não vai gostar da ideia… Vai ser uma grande noite pra você *e* pra sua carreira, Billy. Muito maior do que a noite da imprensa e nesse dia ele não me quis por perto."

"Não tô nem aí. Quero dividir a noite com você e quero mostrar ao mundo como a mulher da minha vida é linda", ele fala, me beija e me abraça.

"Você acha mesmo que vai ser tão simples assim?"

"Claro… Eu falo com o Paul."

***

Mais tarde, depois de Billy passar quase a manhã toda no sofá ligando para a família para contar as novidades, ele decide telefonar para Paul e contar o plano.

Disse "contar", mas ouço súplicas, gemidos e discussão sem fim. Ele fica no telefone com o homem por duas horas.

"Tudo resolvido", anuncia ao se reunir comigo no sofá.

"É?", pergunto, hesitante.

Ele está acabado. Nunca o vi tão pálido. Ele fala com empolgação, mas sua expressão está desanimada. Tenho certeza de que Paul ficou o tempo todo tentando

convencê-lo a mudar de ideia.

"Olha, se for um problema, não ligo de ficar em casa."

"Quê?"

"Vou ficar bem."

"Nem pensar!", ele nega e me pega no colo. "Quero você comigo, lembra?"

"E o que o Paul acha disso?"

"Disse que tudo bem." Ele dá de ombros e faz carinho na minha perna.

"Billy?"

"Bom… Ok, isso foi o que ele disse depois que viu que eu não ia desistir." E dá um sorriso abusado.

"Agora acreditei."

"Tá tudo bem mesmo, ele entende. Até se ofereceu para escolher um vestido."

"Por quê?"

A ideia de passear pelas lojas com Paul não me deixa muito feliz. Sim, eu sei que disse que daria outra chance para ele, mas isso precisa ocorrer durante uma compra tão estressante?

"É uma noite especial, você precisa de um vestido especial. Paul é bom com isso."

"Mas eu já escolhi um vestido!", solto.

"Você escolheu?"

"Sim. Vi um lindo numa vitrine esses dias."

Isso é verdade. Era um modelo lindo com as costas franzidas e um decote profundo. Simples, mas bem mais sofisticado do que as coisas que tenho.

"Amor", ele ri e me aperta, "é por isso que eu amo você".

"Isso o quê?"

"Por achar que pode ir a um evento desse com uma roupa que viu na vitrine."

"Por que não? É o que eu posso pagar", digo com sinceridade. "Além disso, não tô a fim de ir às compras com o Paul."

Ele morre de rir.

Eu o olho, intrigada. Qual é a graça?

"Agora entendi tudo."

"Mas eu não."

"Paul não vai às lojas com você, como em *Uma linda mulher*."

"Ah, que bom", digo, mas ainda mais confusa.

"Paul vai mandar um *e-mail* ou fazer algumas ligações para os assistentes dos estilistas e ver se algum quer vestir você. Vão mandar opções para você experimentar."

"Mas eu não quero…"

"Por que não?"

"Porque eu não tenho dinheiro e não quero que você pague."

“Não, eles não cobram.”

“Hein?”

“O que você não gostar, devolve. E geralmente pode ficar com o que escolheu, isso depende do estilista. Os mais avarentos vão pedir de volta, sem lavar pra não encolher. Pelo menos, acho que é assim que funciona com as mulheres.”

“Então, basicamente, não preciso fazer compras, pois esses vestidos todos aparecem aqui pra eu experimentar, e não preciso nem pagar pelo que escolher?”, eu resumo na tentativa de entender esse acordo bizarro.

“É isso aí. A principal pergunta da noite será: quem é seu estilista? Por isso eles aceitam. É publicidade. Ainda mais se você for a acompanhante de um indicado ao prêmio de melhor ator.” Ele dá um sorriso esnobe.

***

Assim que Billy vai para o trabalho, corro para ligar para Molly e contar as novidades.

“Adivinha aonde eu vou?” Eu nem falo alô.

“Aonde? Chá com a rainha?”

“Não dessa vez.” Dou risada.

“Para Barbados com o Simon Cowell?”

“Não!”

“Que pena. Ele sempre parece se divertir muito naqueles *jet skis*. O que, então?”

“Os prêmios Bafta!”

“Nãããããooooo!”, ela fala, maravilhada. “Com todo aquele pessoal chique de roupa elegante?”

“Sim!”

“Que legal!”

“Eeeee…”, eu provoco.

“Siiiiim?”

“Billy vai concorrer a melhor ator!”

“Não!”

“Sim!”

“Nossa, isso é muito bom, querida! Você deve estar nas nuvens!”

“É um pouco estranho!”

“Como você vai prender o cabelo?”

“Não pensei nisso ainda, nem sei o que vou vestir, Mol.”

“Acho que devia fazer aquela trança. A que usou no Natal, se não me engano. Ficou muito lindo.”

O penteado em questão foi feito para disfarçar uma franja medonha que eu mesma

havia cortado. Ficou horrível. Uma trança desde o topo da cabeça era a única maneira de disfarçar.

"Na verdade, alguém deve vir aqui fazer tudo isso."

"Verdade?"

"Sim, parece que vem uma equipe completa pra me deixar com cara de estrela."

"Você já é uma estrela, querida. Maquiagem e *spray* de cabelo não vão fazer diferença. Eu vi um vestido roxo lindo em promoção na..."

"Bem, Mol", interrompo antes que ela não pare mais, "o Paul vai ver tudo isso".

"O Paul? O agente que não gosta de você?"

"Você disse pra eu não interpretar desse jeito!"

"Eu disse?"

Sinto a decepção de Molly.

"Não se preocupe, ele só vai pedir pra alguns estilistas enviarem vestidos pra eu provar."

"E por que raios eles fariam isso?", ela pergunta, tão confusa quanto eu fiquei.

Explico a história do empréstimo de vestido, que parece ainda mais estranha quando repito em voz alta. Isso a anima.

"Então é assim que acontece", ela se impressiona com esse mundo bizarro. "Se aparecer alguma coisa GG e você não precisar devolver, manda pra mim!"

"E o que você vai fazer com um vestido de gala?"

"Não sei, nunca tive um. Pode ser meu novo uniforme. Ou posso ser enterrada nele."

"Molly!", eu grito, horrorizada. "Não seja tão mórbida."

"Oras", ela suspira. "Ah, você vai ficar um arraso no tapete vermelho, fofa. Mal posso esperar pra ver. É ao vivo? Sim, acho que é! Vou chamar sua mãe pra ver comigo ou fazer um evento na casa de chá. Essa é uma boa."

"Não, Mol, não precisa ter esse trabalho, eles nem devem me filmar."

"Claro que vão, você estará com o Billy!", ela argumenta.

Eu desisto, sei que quando ela encafifa com algo, ninguém a faz mudar de ideia.

"Tenho outras notícias de que você vai gostar", eu mudo de assunto.

"Sim?"

"Não trabalho mais no Coffee Matters", declaro, aliviada.

"Que maravilha! O que fez você sair de repente? Ontem mesmo disse que ficaria."

"Na verdade, precisei sair antes que me demitissem", admito.

"O quê?", ela berra, se divertindo com a notícia chocante. "O que você fez?"

"Pode ser que eu tenha jogado uma bebida na cabeça de um mal-educado."

A gargalhada que ecoa pelo telefone dura uns cinco minutos e acabo caindo na risada também. A cada vez que tento falar, volto a rir, assim como ela. Por fim, desistimos e combinamos de conversar amanhã.

***

À noite, encontro Billy no teatro depois da peça para comemorarmos no J Sheekey, um lugar de peixe e fritas *gourmet*.

Espero na porta do camarim quando Paul chega com uma loira pernuda. Ele veste outro terno elegante, dessa vez verde-escuro, e sua companheira traja *jeans skinny*, camiseta larga, jaqueta fofa e botas. Em mim, pareceria roupa de ficar em casa, mas nela fica lindo. As ondas loiras do cabelo e os lábios vermelhos perfeitos adicionam *glamour*.

Embora eu tenha certeza de que o Paul me viu, ele não fala nada. Então, em vez de fingir que não o vi, vou até ele, me lembrando da decisão de dar uma segunda chance.

"Paul?", chamo.

Ele me olha, confuso, como se não me reconhecesse.

"É a So…"

"Nossa. Desculpa. A gente não costuma se encontrar por aqui", ele comenta, surpreso.

"Não mesmo. Geralmente estou na cama a essa hora", concordo com um sorriso. "Vamos comemorar."

"Que legal."

Eu *estava* errada sobre ele. É o que penso ao receber seu sorriso amigável.

"Coco", ele chama a mulher ao seu lado, "esta é a Suzy, a nova namorada do Billy".

"Oh!", eu digo, com vergonha por ele ter confundido o meu nome. Devo corrigir? Vou deixá-lo com cara de tacho? E por que falar "a nova"?

"Suzy, prazer em conhecê-la", diz Coco com um sotaque americano enquanto estica a mão magra para eu cumprimentar antes de se inclinar para dar dois beijinhos no rosto. Fico surpresa com o gesto. Ela é hipnotizante.

Do canto do olho, vejo Billy saindo abraçado com Ruth. Ao me ver, ele diz adeus e a beija na bochecha. Ela acena para mim antes de sair na direção oposta.

"Você tá linda." Ele se aproxima e me beija.

"Ótima apresentação hoje, Bill", diz Paul, dando um tapa em suas costas.

"Paul, não sabia que você viria!"

"Eu havia esquecido completamente que tinha dois ingressos pra hoje. Ia cancelar, mas a Coco ligou pra avisar que estava na cidade."

"Coco?", ele fala e se vira para a bela loira. "Coco!" Eles se abraçam com força. "Quanto tempo!"

"Tempo demais, querido!"

Enquanto os dois conversam sobre a última vez que se viram, Paul me informa baixinho:

“Eles se conhecem faz tempo. A carreira dos dois começou na mesma época, apesar de a Coco ser modelo. Sempre quis que namorassem, ia ser a melhor manchete, mas Billy não me obedece.”

“Sei”, respondo sem emoção na voz, sem entender por que ele falou isso.

Billy olha o relógio.

“Desculpa, pessoal, mas a gente tem uma reserva.”

“Vai deixar a Coco assim? Ah, eu não deixava”, Paul provoca e cutuca a modelo. Ela faz um biquinho.

Billy olha, sem jeito, depois se vira para mim:

“A gente consegue uma mesa maior.”

“Ótimo!”, Paul se alegra. Ele cruza os braços com Coco e a guia na direção do restaurante.

“Desculpa”, ele fala para mim sem emitir som. Seguimos atrás dos estraga-prazeres.

***

Se no começo da noite eu tinha dúvidas se Paul havia planejado tudo para sabotar nossa noite romântica, agora tenho certeza. Ele ainda conseguiu que eu sentasse ao lado dele e me prendeu numa conversa chata, enquanto Billy e Coco estão distraídos em um bate-papo sobre os amigos em comum. Dos quais não conheço nenhum.

“Então, eu vou pedir pra alguém ligar pra alguns estilistas amanhã”, Paul comenta enquanto limpa o canto da boca com o guardanapo.

“Obrigada, muito gentil da sua parte.”

“Imagina. Se o Billy faz questão de levar você, não podemos deixar que vá de qualquer jeito. Tem que causar boa impressão.” Seu sorriso fica tenso. “Vai estar entre mulheres como a Coco aqui… Mas ela ficaria bonita até num saco de lixo. Só pra quem pode.”

“Você tá falando de mim, Paul?”, ela brinca do outro lado da mesa.

“Só coisas boas!”

Ela ergue as sobrancelhas antes de voltar a atenção para Billy.

“Olha só pra ela. Esse rosto, esse corpo, esse sorriso. Ela exala carisma. Sorte de quem for visto com ela.”

Ele não está falando mal de mim, na verdade, nem mencionou meu nome. Simplesmente enaltece Coco, mas é como se listasse as qualidades dela para mostrar o que falta em mim.

“A química entre os dois me espanta”, ele continua.

“Como é que é?”, Billy pergunta levemente irritado.

Ele se atrapalha um pouco. E eu me regozijo com esse breve momento.

“Estou falando que não acredito que vocês nunca trabalharam juntos”, ele se

recupera. “Combinam tanto!”

“Ah, Pauly!”, Coco fica vermelha.

“Vocês me conhecem, queridos, estou sempre pensando nos negócios.”

“Mas você é modelo, não é?”, pergunto, um pouco confusa.

“Sim, Suzy”, ela começa, debruçando-se sobre a mesa e colocando a mão sobre a minha.

O nome errado faz Billy olhar para mim.

“Mas não posso ser para sempre. A beleza vai embora.” Ela encolhe os ombros tristemente.

“Não a sua”, Paul se intromete.

“Ah, Pauly, você é tão bom comigo. Marquei umas reuniões pra ver para aonde vou”, ela nos explica. “Na verdade, Billy, quase fui escalada para *Batida ambulante*.”

“Fala sério!”, ele exclama e se vira para mim: “Esse é o filme do qual falei hoje”.

“É, seria legal, mas hoje recebi a notícia de que não deu certo. Fiquei chateada. Teria amado contracenar com você.”

Fico aliviada. Só pensar em Billy trabalhando com Coco já é demais pra mim.

“Gostariam de sobremesa ou café?”, o garçom pergunta.

“Oh… Sim, por favor!”, eu começo, salivando ao pensar no maravilhoso *crumble* de groselha do cardápio.

“Não, obrigado”, responde Paul. “Uma xícara de chá verde, quem sabe.”

“Para mim também”, diz Coco.

“*Espresso* duplo pra mim”, é a vez do Billy.

Todos olham à minha espera. Mas agora não posso mais pedir o *crumble*.

“Sim, um chá de menta para mim, por favor.” Sorrio.

“Tem certeza de que não quer sobremesa?”, Billy pergunta. “Eu divido.”

“Não, não… Estou satisfeita. Obrigada.”

Quando o garçom vai embora e Coco se vira para falar com Billy, Paul se aproxima de mim.

“Fez bem”, ele cochicha. “Todas aquelas calorias?”

Mais uma vez, nada foi dito. Parece que agora ele decidiu por outra abordagem: deixar as palavras não ditas pairando no ar.

14

Duas semanas depois, acontece uma experiência surreal: vestidos de todos os modelos, cores e tamanhos chegam em casa, bem como sapatos, bolsas, pulseiras, colares e brincos para arrematar o visual. Paul quis vir me ajudar a escolher o conjunto perfeito. Eu tentei sugerir que ficaria mais à vontade experimentando sozinha, mas nem ele nem Billy entenderam a indireta.

O bom é que Paul trouxe a sua assistente pessoal, Samantha, para me ajudar na tarefa de entrar nos vestidos e sair deles. Tenho que admitir que, embora não estivesse muito animada com a presença dela (e que me visse de calcinha e sutiã), ela foi uma enviada dos céus. Eu não saberia nem como vestir metade desses modelos, com tantos fechos, dobras e laços. Na verdade, alguns são tão pesados que mesmo em duas temos dificuldade.

Samantha mal conversa enquanto me ajuda e não me acompanha quando saio para desfilar para os dois rapazes. Em vez disso, fica no quarto preparando o próximo. Ela é pequena, carregar esses vestidos não deve ser fácil.

"Bill, acho esse exagerado", Paul comenta e balança a cabeça diante de um cor de creme cheio de bordados. Ele anda ao meu redor para examinar tudo.

No começo, fiquei incomodada com a análise do Paul. Mas agora, depois de vinte vestidos ou mais, já estou me acostumando.

"Mas ela está perfeita!", Billy exclama.

"Ah, sim, ela está linda, maravilhosa, mas chama muita atenção", ele afirma e balança a cabeça. "As pessoas vão achar que ela quer roubar os holofotes e pode pegar mal."

Não sabia que escolher um vestido para um evento desse envolvesse tantas questões. Se o vestido é muito aberto ou chamativo, parece que você quer dar uma de Liz Hurley e atrair toda a atenção. Se for sem graça, você não está valorizando o momento. É preciso atingir um equilíbrio e por isso Paul quis dar sua opinião.

"Mas eu quero que ela fique sob os holofotes. Quero que todo mundo preste atenção nela", Billy argumenta.

"Na verdade", interfiro, para lembrá-los de que também tenho opinião, "não sei o que acho desse. Gostei, mas não amei".

"Bem, nesse caso, pode tirar, gata", Billy fala com um estalo teatral nos dedos, a cara do Franck Eggelhoffe r, em *O pai da noiva*. "Se apenas 'gosta', esquece. Se 'ama', então vai usar!"

Eu rio antes de voltar para o quarto.

"Já estou tirando!", grito para os rapazes enquanto Samantha abre os fechos.

Tiro o vestido apertado e observo a arara à minha frente, organizada por Samantha para sabermos em que pé estamos. Já experimentei metade, mas nenhum se destacou. São todos maravilhosos, claro, mas quero usar algo que seja a minha cara, numa versão glamorosa. Os vestidos são deslumbrantes, mas *eu* quero deslumbrar. Resumindo: não quero ser dominada pela roupa.

Samantha pega o próximo: um azul-petróleo, tomara que caia, apertado até os joelhos e que depois se abre numa cauda dramática. É poderoso. Eu me enfio nele e prendo a respiração enquanto ela fecha a fileira de botõezinhos do *corset*. Eu me olho no espelho e suspiro. É apertado e aberto demais. Embora eu tenha perdido peso, meus quadris ainda são a minha pior característica e o modelo chama atenção para essa área problemática. Até Samantha faz uma caretinha. Vou deixar os juízes olharem mesmo assim e me arrasto até a sala, como uma sereia desajustada.

Mordo a língua e faço careta devido à concentração que preciso ter ao andar no modelito. Não é fácil. Apenas com um manquitolar consigo levantar o peso do tecido. É muito esforço para quem gosta de conforto.

Não consigo evitar a risada quando vejo a cara dos dois. Estão tão confusos quanto.

"Credo, a gente não precisa de uma cara dessas no tapete vermelho", declara Paul com expressão deprimida.

"Não gostei muito…", Billy admite, embora chateado por ter que dizer algo negativo.

"É, concordo. Péssimo. Não quero ter que me preocupar em como andar nessa coisa. Já vou estar nervosa demais!"

Ao me virar, escuto Paul falar baixinho para o Billy:

"Ainda bem. Você percebeu que é muito parecido com o que a Coco usou no Oscar? E ela estava sensacional! Seria péssimo se comparassem as duas."

Péssimo para mim. Que garota normal gostaria de ser comparada a uma modelo?

Nem espero a resposta do Billy. Só quero arrancar esse vestido.

Vou bufando para o quarto, pronta para experimentar o milionésimo. Encontro o próximo já preparado. Eu diria que se trata de um *pink vintage*. Não tão rosa que pareça coisa da Barbie e deixe você com cara de criança, mais sutil e menos contrastante com meu tom de pele. O *design* é soltinho. É de um ombro só e ajustado na cintura, sem auxílio de um *corset*, e na parte de baixo tem múltiplas camadas de tecido em vários comprimentos, o que dá um toque extravagante. É lindo, feminino, elegante. Me sinto uma princesa assim que o visto.

Antes que eu vá mostrá-lo, Samantha me entrega um par de sapatos cinza-claro. Surpreendentemente, não é muito alto. Assim que eu o visto, percebo que são confortáveis o suficiente. Ao olhar para o espelho, sorrio.

É este.

Estou decidida.

Me sinto muito linda e especial nele.

Olho para Samantha, parada atrás de mim, e ela também sorri. Dou uma piscadinha e uma risadinha antes de sair com orgulho.

"O sorriso diz tudo!" Billy também abre o semblante. "É perfeito!"

"Bonito", acrescenta o Paul.

"Obrigada", digo, apesar da falta de entusiasmo do Paul. "Amei", eu me empolgo, sem conseguir tirar o sorriso do rosto.

"Você amou?", Billy pergunta com o sotaque do Franck. Eu rio e faço que sim. "Então vai usar!"

Jogo os braços para o alto de empolgação.

"E devo acrescentar que você tem um gosto impressionante pra quem diz que não sabe nada de moda. Esse é o mais caro de todos", Paul informa. "É uma criação de ninguém mais ninguém menos que Vera Wang."

"Ooooh! Boa escolha!", Billy fala com ar sabichão.

Sorrio para os dois, sem ter ideia de quem é essa tal Vera… Embora já a admire por ter feito esse vestido!

***

Uma semana depois, estou à noite em casa limpando o armário da cozinha e jogando fora latas de comida vencida, quando o telefone toca. Atendo e é o Paul.

"O Billy está no teatro", digo, tentando ser simpática, embora saiba que ele não é meu maior fã.

"Sim, eu sei", ele fala com um toque de irritação. "Eu liguei para falar com você mesmo."

Isso não é um bom sinal. E o fato de ele ter esperado Billy ir para o trabalho também não.

"Ah, ok. O que aconteceu?"

"Nada…"

O silêncio do outro lado da linha me perturba. Enquanto espero, arranco a etiqueta de um pote de *picles* e tento me distrair.

"Posso ajudar com alguma coisa, Paul?"

"Não." Ok… "Mas pensei em bater um papinho sobre o fim de semana."

"Ah!"

"Me ligaram avisando que você pode ficar com o vestido da Vera, como agradecimento", ele avisa sem emoção.

Embora eu fique feliz, já tinha sido avisada por Paul e Billy de que só poderia usá-lo uma vez. Então o que vou fazer com ele? Usar para limpar a casa? Não, a verdade é que

vai ficar parado no meu armário, juntando poeira.

"Que legal! Obrigada por avisar", digo, na tentativa de desligar rápido.

"Sei que vai combinar com seu guarda-roupa", ele acrescenta.

Opto por ignorar a cutucada e fico em silêncio.

"E você devia usar os sapatos em casa."

"Para não dar bolhas? Sim, já estou fazendo isso", digo educadamente.

"E para praticar o andar elegante."

Ahhh…

"Mais alguma coisa, Paul?", pergunto, perdendo a paciência.

"Sim", ele fala sem conseguir disfarçar o tom amargo. "Quero apenas avisar que não precisa se preocupar. Vai ser uma coisa lotada, barulhenta, maluca. Mas tente aproveitar. O Billy vai ficar com você o tempo todo. Embora, para ele, seja trabalho. Não diversão."

"Eu sei, Paul."

"Que bom. É uma noite importante." Ele suspira antes de mudar o tom e ser mais agradável: "Sophie, eu sei que você é tímida e tem tendência a entrar em *pânico*. Não se preocupe. Os olhos vão estar todos voltados para as celebridades, não pra você".

"Certo."

"Obviamente, eu adoraria dizer que estaria lá para ajudar, mas você pegou meu ingresso, então, tem que se virar."

"Desculpa, Paul, mas tem algo errado?"

"Não, Sophie. Só mais uma coisinha…"

"Sim?"

"Não fode", ele fala e desliga.

***

À noite, quando vamos deitar, decido relatar a conversa para Billy.

"O Paul me ligou hoje."

"É, ele contou."

"Contou?"

"Sim. Que bom que poderá ficar com vestido! Aposto que você adorou."

"Adorei…" Eu o encaro. "Billy, você contou pra ele dos meus ataques de pânico?"

"Não… Só de quando nos conhecemos."

"Por quê?"

"Por que não? Ele é o meu agente. Eu conto tudo."

"Mas não é uma coisa sua, Billy. É minha. Não queria que o Paul soubesse."

Billy faz biquinho, confuso.

"Não entendo por que você não gosta do Paul. Ele é tão legal com você. Por que

pega no pé dele?”

“Não pego!”

“Pega. Sophie, você precisa entender que ele é muito importante pra mim.”

“Eu entendo.”

“Ele ligou pra ver se você estava contente com os planos para o fim de semana. Ele é legal nesse ponto.”

Não ligou, não. O propósito do Paul era me avisar sobre o que ele sabe e me irritar a ponto de contar para Billy, gerando tensão entre nós. Espertinho.

“Eu só fiquei chocada com o fato de ele saber”, digo, tentando aliviar o clima.

“Pra ser sincero, Sophie, nem eu sei muito sobre o seu pânico. Só o que presenciei quando nos conhecemos. Sempre que pergunto você se cala.”

“Não gosto de falar a respeito.”

“Tá bom”, ele bufa e rola para o outro lado.

“Billy!”

“Tudo bem, Soph, mas saiba que o que a gente quer é ajudar. Nós te amamos.”

“Eu sei.”

Agora não vou contar, nesse clima ruim. Me aninho embaixo das cobertas e fico pensando em como a conversa degringolou tão rapidamente.

15

A caminho da premiação, em um Rolls Royce Phantom de janelas escuras, aliso o vestido e seguro a mão do Billy.

"Tá tudo bem?", ele pergunta e aperta a minha mão.

"Não muito." Dou risada. "E com você?"

Ele sabe que o resultado de hoje pode ter um grande impacto em sua carreira. Por isso mal dormiu nas últimas semanas.

Ele inspira fundo, fecha os olhos, inclina a cabeça para o lado e expira de uma vez, fazendo um barulho engraçado.

"Tô me borrando." Ele balança a cabeça.

Começo a rir de nós dois, nessa condição, e imagino se os outros convidados estão na mesma situação.

"Temos que pensar: 'qual a pior coisa que pode acontecer?'", tento racionalizar.

"Bom, eu posso desmaiar e molhar as calças", ele fala, sério. "Ou falar palavrão, ficar com cara de quem não sabe perder."

"*Se* você perder."

Ele dá de ombros.

"Eu vou ficar bem assim que chegarmos lá. É o caminho que me deixa ansioso", ele afirma e respira fundo outra vez. Então olha para mim. "Tá tão linda."

Não seguro o sorriso. Eu me sinto linda. Fizeram uma transformação completa em mim. Começou com bronzeamento a jato, depois manicure, pedicure. E o melhor foi nem precisar sair do apartamento, duas esteticistas vieram e fizeram tudo.

O bronzeamento deve ter sido a coisa mais bizarra que já fiz. Armaram uma tenda no banheiro e eu fiquei ali de pé, com a menor calcinha que tenho. Uma mulher passou um *spray* gelado e laranja em mim, enquanto me posicionava de jeitos estranhos. Não vou mentir, parecia que eu tinha tomado banho de corante. Fiquei horrorizada, pois tinham falado que a cor poderia escurecer. Mas, felizmente, a maior parte saiu durante o banho e só restou o bronze natural prometido. Ufa!

A transformação continuou com o cabelo e a maquiagem. Cortaram meu cabelo, fizeram escova e enrolaram com bobes gigantes. O resultado foram ondas enormes. Infelizmente, não foi a trança sugerida pela Molly, mas sei que ela vai amar.

A maquiadora inspecionou meu rosto tão de perto que passei a maior parte da manhã com o fôlego preso para não respirar na cara dela. Ela escondeu minhas falhas, realçou as maçãs do rosto e deu um brilho à pele. Até eu mesma achei que fiquei com cara de anjo. Mas, claro, isso foi o resultado de horas. Amanhã, voltarei à velha eu.

“É um passo enorme desde a farinha no rosto e o uniforme do café!”, comento com Billy. “Mas será que vou tropeçar e cair de bunda no chão e fazer papel de idiota? Só o tempo dirá.”

Ele dá uma gargalhada estrondosa, aquela que faz tempo que não ouço.

“Eu seguro você!”, ele promete.

“É bom mesmo… E você, bonitão?”, eu digo e admiro o *smoking* elegante e o cabelo penteado com topete, como quando nos conhecemos. Ele está divino, um verdadeiro galã hollywoodiano.

“O quê? Essa coisa velha?” Ele puxa as mangas da camisa, como nos filmes.

Fico deslumbrada com tanta beleza. Sei que minha mudança para Londres não tem sido fácil, mas estar aqui com ele, nessa noite especial, faz tudo valer a pena. Gostaria de engarrafar esse sentimento de amor dentro de mim e guardar para dias sombrios, assim poderia me lembrar da magnitude do amor nos momentos de dúvida.

“Eu te amo, Billy”, digo e beijo sua mão.

Ele me olha com puro amor e devoção.

“Então nada mais importa.”

Ficamos em silêncio. O carro dobra a esquina e vemos a comoção do lado de fora da London’s Royal Opera House.

Um largo tapete vermelho foi estendido, cercado por barreiras de metal para manter o público e os fãs sob controle. Eles estão esmagados contra as divisões de ferro. O lugar está lotado. Mesmo de dentro do carro ouvimos os gritos pelos nomes dos atores que já estão no tapete, dando autógrafos e tirando fotos.

O carro nos deixa bem em frente à plateia e à mídia mundial. Respiro fundo, incerta se dou conta. Talvez assistir a tudo da TV de casa fosse muito mais fácil. Entretanto, antes de expressar minha preocupação para Billy, as portas de ambos os lados são abertas por funcionários do lado de fora e ele desce. O homem que abriu a porta me oferece a mão e eu aceito. Ele me ajuda a sair do carro e seguir até o tapete, onde encaro a plateia ansiosa.

Os berros por Billy são loucos. Fico paralisada com o pandemônio. Duas meninas ensandecidas conseguem atravessar a barreira e se aproximar, mas em segundos são removidas pelos seguranças. Paul estava certo: é barulhento e assustador. Viro e vejo o carro partindo. Não há saída. Billy segura minha mão.

“Vai ficar tudo bem, gata. Sorria e relaxe. A gente consegue”, ele sussurra no meu ouvido e segura meu rosto entre as mãos, o que agita a multidão. Olho nos olhos dele e vejo nervosismo e emoção.

Estou tão orgulhosa de estar ao lado dele nesta noite importante. Dou uma piscadinha e já me sinto mais confiante.

“Sim, conseguimos.”

“Com licença? Billy?”, pergunta uma mulher que traz um fone de ouvido profissional. “Sou a Heather, do Bafta. Vou cuidar de você até entrarmos. Você poderia ir para a fila das fotos?”

“Claro!” Então seguimos a mulher ao longo do tapete, onde uma enorme estrutura metálica foi erigida para os fotógrafos. Eles ficam em fileiras de três alturas, todos inclinados para a frente, ansiosos pelo próximo a chegar.

“Ei, Billy!”, um deles grita.

“Quem é a moça bonita?”, berra outro.

“Billy Buskin e Sophie May”, fala uma homem de terno que dá um passo à frente. Suponho que ele anuncie todos que chegam para evitar confusão entre os fotógrafos. “Billy foi nomeado para melhor ator pelo papel de *Gotas torcidas*.” Alguns gravam os nomes e a nomeação antes de direcionar as câmeras para nós.

“São tantos”, sussurro para Billy. “Para qual máquina eu olho?”

“Vamos começar da esquerda pra direita, depois para o que gritar mais alto.”

“Gritar?”, repito.

Ele aperta minha cintura e pisca, antes de se virar. Coloco um braço sob o dele, na cintura, e deixo o outro solto ao lado do corpo, segurando a bolsa de diamantes. Assim que olho, os fotógrafos começam a tirar os retratos. Sorrio, passando o olhar de câmera para câmera, e tento controlar meu rosto, que resolveu apresentar tiques nervosos como nunca antes.

Quando terminamos as fotos, a gritaria aumenta.

“Aqui, Billy!”

“Querida, você pode virar um pouco para vermos as costas do vestido?”

“Billy! Billy! Billy!”, grita um homem da fileira mais alta, abanando a mão.

“Você acha que vai ganhar, Billyzinho?”

“Podem ficar mais juntinhos? Não precisa ter vergonha!”

“Aqui!”

“Sorria!”

“Sua moça tá bonita, Billy!”

“Não quis vir de avental hoje?”

“Tá nervosa?”

“Valeu, pessoal.” Billy levanta a mão e se vira.

“Ainda trabalha no Coffee Matters, moça?”, um deles grita de longe.

“Eu quero um *latte* de avelã!”, outro brinca e dá uma risada assustadora.

“Não acredito que um multimilionário fez você trabalhar. Billy, dá uma mesada pra moça bonita!”

Aperto ainda mais a mão dele. A sensação é de receber assobios e cantadas de trinta operários de uma só vez. É mal-educado e intimidador, e fico feliz de me afastar.

“Ignora”, ele me diz e segue em frente.

“Por que eles gritam essas coisas?”

“Para conseguir uma foto minha perdendo as estribeiras.”

“Sério?”

“É… Vale mais do que uma sorrindo igual pra todos, com certeza. Você tá bem?”, ele pergunta ao parar e me olhar com preocupação.

“É um pouco bizarro”, admito. “Mas não se preocupa comigo, rapaz!”

“Billy, Sophie, poderiam vir comigo?”, chama Heather. “Vamos falar um pouco com a imprensa e depois levarei vocês para seus lugares.”

Billy não larga minha mão conforme descemos pelo tapete vermelho, mas quando ele precisa parar para conversar com rádios, programas de tevê, revistas e jornais sobre a noite que o espera, decido ficar para trás, ao lado da Heather, em vez de permanecer parada sem jeito ao seu lado, já que não sei nada sobre os outros indicados.

Embora não esteja ao seu lado, ele aponta para mim com orgulho em todas as entrevistas. Eu apenas sorrio e aceno.

Enquanto espero por ele, aproveito para observar tudo. Ainda está um caos, mas meus ouvidos começaram a se ajustar. Por todo lado, famosos (sei que são famosos pelos gritos do público) descem e sobem o tapete, cumprimentam fãs, tiram fotos e dão entrevistas. Fico impressionada, analisando a loucura da situação e querendo saber quem é quem.

Por fim, chegamos aos nossos assentos no gigantesco auditório da Opera House. No caminho, fomos parados por todos, que desejaram boa sorte ao Billy.

Ao sentarmos nas luxuosas poltronas, observo hipnotizada o lindo teatro vermelho e dourado, com o pé-direito incrivelmente alto. Vejo todas as pessoas glamorosas ao redor. É surreal estar no meio de tanta classe e prestígio.

“Como está a minha cara de perdedor?” Ele vira a cabeça para o lado enquanto assente e bate palmas, com um sorriso sábio.

“Você escolheu o *look* ‘ah, merecido, ele é o verdadeiro vencedor’?”

“Isso! Com um toque de ‘eu já sabia, estou feliz por ter sido indicado’.”

“Tá bom, bem convincente. Hum, mas você chegou a escrever um discurso de agradecimento?”, pergunto, pois subitamente percebo que não o vi escrevendo, nem ensaiando, nem nada do tipo.

Ele me encara com expressão tímida.

“Mas e se você ganhar? Você pode ganhar! Por que não se preparou?”

Percebo que ele não acha mesmo que vai ganhar. Para ele, o importante é a indicação e ter sido colocado na mesma linhagem que os outros merecedores indicados, depois de lutar tanto contra a imagem de galã adolescente.

“Não entre em pânico”, ele assegura e apalpa o bolso do paletó. “Paul me deu uma

lista de pessoas que preciso agradecer, pra garantir. Eu improviso com ela."

"Certo." Pego a mão dele e a beijo.

"Já falei o quanto você tá linda hoje?", ele pergunta, mudando de assunto.

"Talvez."

"Que bom." Ele sorri.

"Hora dos toques finais." Eu retiro um fio de cabelo do seu paletó e ajeito a gravata.

"Senhoras e senhores, por favor, deem boas-vindas ao nosso apresentador: Bernard Sharland!", explode uma voz invisível pelo teatro.

As pessoas aplaudem um homem muito alto com óculos de aro grosso que entra no palco e acena. Billy me encara com olhos arregalados, ansioso, e sacode minha mão. Ficamos bem juntinhos à espera do que virá.

"Boa noite a todos", o homem, um comediante e apresentador de *talk show*, cumprimenta. "Bem-vindos à premiação Bafta, na London's Royal Opera House. Eu sou o apresentador, Bernard Sharland, e vou acompanhar vocês nesta noite, na qual vamos celebrar os melhores filmes do ano e aqueles que se destacaram em seu campo de atuação. Bem, eu sei o que estão pensando: o Billy Buskin se confundiu e achou que hoje era a premiação do Nickelodeon?"

Meu estômago se remexe com as risadas ao nosso redor. Billy já havia me avisado que isso aconteceria. Como ele é conhecido pelos filmes adolescente, sem dúvida receberia alfinetadas desse tipo. Olho para ele e o vejo sorrir e acenar para o apresentador, que devolve o gesto antes de continuar:

"Bem, não se preocupe, pessoal, ele foi mesmo indicado, e merecidamente, devo acrescentar, pela atuação em *Gotas torcidas*. Mas, Bill", ele fala diretamente para Billy, como se conversasse com uma criancinha, "eu me sinto na obrigação de avisar que este é um evento prestigioso… Não haverá interrupções, pegadinhas, meleca verde. Sei que pode ser um pouco confuso pra você, mas se em algum momento se sentir mal, procure o adulto mais próximo e peça ajuda".

A plateia ri ainda mais, alguns até aplaudem. Outros olham na direção do Billy para ver se ele está levando na brincadeira antes de se permitirem rir.

"Não, falando sério, é bom ver você, Billy!", Bernard conclui antes de continuar o discurso de abertura.

"Bom, até que ele pegou leve!", Billy cochicha no meu ouvido. "Poderia ter sido pior. Achei bem engraçado."

Diversos prêmios já foram entregues quando um câmera corre para o nosso lado e vira a lente para nós, um sinal de que a categoria do Billy será a próxima. Ele aperta minha mão e me beija.

"Venha o que vier", ele sussurra.

"Eu acredito em você!", encorajo e então concentramos nossa atenção no palco.

“E agora”, anuncia Bernard, “para apresentar o prêmio de melhor ator, recebemos o vencedor do ano passado. Por favor, deem boas-vindas ao charmoso sr. Andrew McGreal”.

A plateia dá uma salva de palmas quando Andrew se dirige ao palco com o prêmio em uma mão e o envelope dourado que traz o nome do vencedor na outra.

“Boa noite a todos!”, ele cumprimenta com seu forte sotaque do norte, mais simpático que a maioria dos outros apresentadores com dicções neutras. “O que mais me perguntam desde que ganhei este prêmio ano passado é onde o guardo. Sobre a lareira da mamãe? No lavabo? Bem, pra ser honesto, carrego o meu comigo o tempo todo e o exibo em testes para papéis, reu niões importantes ou situações estressantes, para lembrar a todos que sou o melhor.” Ele abre o botão do paletó e tira o seu Bafta, depois o coloca à sua frente no pódio. Todo mundo, inclusive a gente, cai na gargalhada. “Isso é apenas para lembrar vocês.” Ele sorri e olha o envelope. “Vamos continuar, que tal? Os indicados ao Bafta de melhor ator são: Tom McLean por *Mente maligna*, Russell Mode por *Na escuridão*, Sam Watts por *Funileiro* e Billy Buskin por *Gotas torcidas*.”

Faço um carinho na mão do Billy em um gesto de apoio. Mas, para falar a verdade, é mais para mim do que para ele, pois a tensão provoca uma descarga de adrenalina em meu corpo.

Clipes com cenas de cada ator são exibidos nas telas do palco. Todos são aplaudidos.

Billy se vira para mim com um sorriso e um suspiro.

“É agora!”

Ele continua me olhando enquanto Andrew abre o envelope.

“O vencedor do Bafta de melhor ator deste ano é…” Ele pausa. “Ora, ora, ora! É o Billy Buskin!”

O salão irrompe em aplausos. Billy entra em choque. Ele se debruça na cadeira, sem conseguir acreditar. Demora alguns segundos para se recompor antes de olhar para as pessoas que dão tapinhas em suas costas e gritam palavras de felicitações. Eu fico imóvel ao lado, com a mão cobrindo a boca, extasiada. Estou extremamente orgulhosa, tenho vontade de chorar. Ele me olha e me abraça, enfiando o rosto no meu cabelo.

“Não acredito”, ele murmura e balança a cabeça.

“Vai pegar seu prêmio, gato”, eu sussurro ao notar que os aplausos estão diminuindo, pois a plateia quer ouvir o vencedor.

Ele assente, olha dentro dos meus olhos, pega o meu rosto entre as mãos e me beija. Depois corre para o palco e abraça Andrew, que lhe entrega o troféu.

“Uau”, ele começa a falar com o troféu bem firme nas mãos. “Eu realmente não esperava por essa. Não mesmo”, ele confessa e balança a cabeça, surpreso. “Nem

escrevi um discurso… Mas eu não devia admitir uma coisa dessa, né? Muito prestativo, meu agente me entregou uma longa lista de nomes a quem deveria agradecer caso isso acontecesse. Bom, acabei deixando a lista em casa. Achei que era muita pretensão carregá-la comigo. Então, se você está nessa lista, vou agradecer depois que acordar deste sonho louco." A plateia responde com risadas aqui e acolá. "Mas há uma pessoa a quem vou agradecer. A minha metade: Sophie May. Você é o meu maior prêmio. Graças a ela, a minha vida está completa."

Fico com os olhos marejados. Embora tentem fazer com que Billy saia pela lateral do palco, ele desce os degraus e vem até a nossa fileira. Então me abraça forte, como se não houvesse outro lugar onde deveria estar. Ignoramos os aplausos e gritos e focamos este momento especial.

16

Eu já achava Billy muito popular antes da premiação, mas a festa pós-show mostra o que me aguarda. Todo mundo vem cumprimentá-lo pelo filme e o prêmio. Mal conseguimos dar dois passos. Uma aura de excitação o rodeia, é como se todos os olhos estivessem voltados para ele.

"E você, querida?", uma mulher mais velha me inclui na conversa. Até então, não tinha percebido a raridade do momento, mas agora sinto o impacto. "Não está morrendo de orgulho?"

"Estou, sim", declaro, gostando da simpatia.

"E que discurso!", ela fala com a voz aguda e põe a mão sobre o peito. "Faz tempo que não via nada tão romântico. Cuida bem dessa garota, Billy." Ela dá uma piscadinha.

"Com certeza!", ele afirma e aperta minha cintura.

"Agora preciso ir. Essas festas ficam meio selvagens e eu estou muito velha para isso. Parabéns ao casal", ela fala antes de se virar.

Ao observá-la indo embora, meu coração dispara quando vejo um rosto conhecido vindo em nossa direção. Billy percebe minha tensão e tenta entender o que há de errado. Quando ele acompanha meu olhar, ouço uma risada baixinha.

"Billy? Sou o Jude. Apenas queria parabenizá-lo pela vitória", diz Jude Law – sim, minha paixonite! Ele oferece a mão num cumprimento. Ele é muito mais alto do que eu imaginava. Não que seja um gigante, deve ter altura mediana, mas como todo mundo comenta que Billy parece mais baixo fora das telas, pensei que os atores em geral fossem um pouquinho mais baixos. Observo seus dentes perolados quando ele dá um dos sorrisos que são sua marca registrada. Quase derreto.

Aproveito a oportunidade para examiná-lo: o cabelo perfeitamente despenteado (embora um pouco calvo, mas nem ligo), a barba por fazer (dando um ar de durão) e os olhos verdes eletrizantes. Ele é inebriante, sem um defeito (eu pelo menos não vi nenhum), embora eu considere até suas ruguinhas um charme.

"Muito obrigado. É tudo bastante estranho", Billy responde.

"Imagino. Vai demorar um pouco pra cair a ficha. Esta deve ser a sua namorada", ele diz e me cumprimenta. "Sophie May, é isso?"

Eu aceno com a cabeça e sorrio com entusiasmo. O gato comeu a minha língua. Ele disse o meu nome, ele se lembrou do discurso.

"Com licença, pessoal." Um homem careca levanta a câmera à guisa de explicação. "Posso tirar uma foto?"

"Claro", Jude concorda.

“Coloca a Sophie no meio”, Billy sugere, com um sorriso sarcástico. Ele me segura pela cintura, enquanto o Jude apoia a mão no meu ombro. Eu paro de respirar para me focar no sorriso e não desmaiar.

“Valeu, galera”, o fotógrafo agradece após alguns cliques e vai atrás de outras pessoas.

“Espera.” Billy corre atrás. “Posso pegar o seu *e-mail* pra pedir algumas fotos de hoje?”

Enquanto Billy anota o *e-mail*, Jude retira a mão do meu ombro e sorri. Abaixo a cabeça, envergonhada e sem assunto.

“Lindo vestido”, ele elogia educadamente e preenche o silêncio.

“Obrigada. É da Vera Wang”, eu respondo, incerta se deveria ter dito o estilista.

“Bom, você está maravilhosa”, ele fala com um sorriso brilhante.

Felizmente, Billy volta com um papel dobrado no bolso.

“Foi um prazer conhecê-los. Aproveite que a noite é sua!” Ele cumprimenta Billy outra vez e aperta meu braço enquanto dá uma piscadinha.

Ele piscou para mim.

Jude Law piscou para mim.

Billy me dá uma cutucada e me acorda. Percebo que estava encarando o Jude.

“Câmbio, Sophie…”, ele fala baixinho no meu ouvido.

Eu viro para ele, de queixo caído, ainda abobada.

“Mal posso esperar pra contar pra mamãe e pra Molly!”, exclamo.

“Foi o que pensei… Ainda bem que vai ter prova fotográfica!”

***

Ao longo da noite, as pessoas vêm cumprimentar Billy. Com o passar do tempo e o aumento dos níveis alcoólicos, o pessoal perde o respeito pelas conversas alheias. Com menos barreiras sociais, ficam ainda mais focados nele.

Em relação a mim, porém, se tornam mais distantes. Afinal, não sou bem-sucedida, muito menos a estrela da noite. Não tenho importância alguma. Fico assombrada com a quantidade de pessoas que me ignoram completamente. Mesmo quando tentam conversar, voltam-se rapidinho para Billy. É algo estranho de observar e que me deixa um pouco chateada.

“Querido, devo dizer que sempre falei que você ia alcançar o sucesso!”, uma mulher fala com a língua enrolada. Ela repete a mesma coisa há cinco minutos enquanto bate no peito dele.

Embora não tenhamos exagerado na champanhe – porque nenhum dos dois queria ficar zonzo numa noite tão importante –, pelo visto a maioria está aproveitando bem o *open bar*. No momento, cinco pessoas se reúnem ao redor do Billy, todas falando ao

mesmo tempo, sem ligar para a atenção dividida. Ele parece feliz ali no meio, então decido ir ao banheiro e pegar mais uma taça. Faço sinais de aviso para Billy e vou.

Após uma longa espera no banheiro (aparentemente os vestidos não facilitam o xixi rápido), chego ao bar.

"Ele está se divertindo? Aproveitando a noite em que é o melhor amigo de todos?", alguém pergunta à minha esquerda.

Olho para Russell Mode, um dos outros indicados a melhor ator. Ele gira o *drink* na mão e o gelo bate no copo. Pelo jeito, parece que está no bar há um tempo: seus gestos são lentos e o olhar é vidrado.

"Olá. Russell, certo?" pergunto educadamente. Ele responde com um aceno e um biquinho. "Bom, sim, ele está. Ainda não caiu a ficha", repito o que ouço Billy falar a noite toda.

"Ah, vai cair, rapidinho. E então a vida dele mudará pra sempre", fala dramaticamente e olha a bebida em sua mão. "Se eu fosse você, aproveitaria enquanto ele ainda é o Billy Buskin que você conhece e ama", ele continua com o cenho franzido. "Logo, ele será o astro de Hollywood, na primeira divisão, quero dizer. Não mais em porcarias adolescentes pra meninas bobinhas. E, pra isso, pra fazer parte da primeira divisão, ele precisa de alguém à sua altura nos braços."

"Olha só, Russell", falo ao colocar a mão sobre o braço dele, amigavelmente e mostrando mais confiança do que sinto, "eu trabalhei duro pra ficar bonita assim hoje, quer dizer, uma equipe trabalhou. Foram horas. Está querendo dizer que não estou à altura?"

"Você é a moça que trabalha no Coffee Matters, né? Sem ofensas, tenho certeza de que é um doce… Mas, para dar certo, você tinha que ser mais poderosa. Talvez isso aconteça com uma garota que trabalha num café. Talvez eu esteja errado. Espero que sim. De qualquer jeito, não diga que não avisei", ele fala com um toque de malícia que me deixa incomodada. "Se eu fosse você, fugiria antes da humilhação, antes que ele a troque pela próxima protagonista, sem nem pensar duas vezes." Ele se inclina e sua voz fica mais grave e lenta, as palavras se tornam mais pesadas: "É um jogo. E ele agora é a peça-chave. A partir deste momento, todas as garotas dessa indústria vão piscar pra ele, fazer de tudo pra chamar atenção. Você acha que consegue vencê-las? É só questão de tempo".

"Bem…", digo com um suspiro, mas ainda conseguindo sorrir. "Obrigada, Russell. Aproveite o restante da noite."

Volto para o salão lotado, seco uma lágrima, endireito as costas, cerro as mandíbulas e me equilibro. Billy me olha, como se sentisse a minha presença, com um grande sorriso. Ele se desvencilha do atual grupo e vem na minha direção.

"Posso falar? Eu sou o mais sortudo dessa festa, e não é por causa da porcaria do

prêmio.”

Sorrio para ele, tentando esquecer as palavras do Russell, que devoram meu cérebro. Tento lembrar que conheço Billy melhor que ele. Certamente os comentários de Russell estavam repletos de despeito, ele queria se vingar. Billy não seguirá esse velho estereótipo, certo?

“Ei, não pegou bebidas?” Ele nota que minhas mãos estão vazias.

“Não consegui chegar perto do bar”, minto.

“Quer saber de uma coisa? Foi divertido, mas acho que já deu.” Ele olha ao redor.

“Sério?”

“Sim! Me leve pra casa, princesa!” E aponta para a saída com o troféu.

***

No carro, no caminho de volta, ele fala ao telefone com os pais, depois com Paul. Eu pego o meu celular e encontro dezenas de chamadas perdidas e mensagens, não só da Molly e da minha mãe mas de outros números desconhecidos.

Decido ouvir a mensagem da Molly primeiro.

“Olá, fofa!”, ela começa, falando de um lugar que parece cheio de gente. “Bom, quem diria que você ficaria tão chique, hein? Fiquei triste por não ter escolhido as tranças, sabe? Mas eu entendo, não teria dado certo com o vestido. Parabéns para o Billy pela vitória. Nós gritamos quando o nome dele foi anunciado. E que discurso! Ah, sua mãe tá aqui… Vou passar.”

Rio ao imaginar as duas falando comigo como se eu estivesse na linha.

“Oi, amor. Você estava tão linda! Mande os parabéns para o Billy! Tento ligar mais tarde, mas sei que vocês vão comemorar. Divirtam-se!”

Imagino como foi para elas me ver na TV. Imagino que estavam sentadas na casa de chá, passando o bule e os bolos uma para a outra, matracando enquanto esperavam eu aparecer. Sorrio e sinto uma pontada de saudade. O que pensaram quando me viram? Não só as duas, mas também a sra. Sleep e a srta. Brown. Será que se divertiram? Acharam que eu mudei da Sophie que servia chá? Espero que não. Tomara que percebam que ainda sou eu, apenas numa versão glamorosa… uma versão que levou horas para ficar pronta e que vai desaparecer em minutos.

A mensagem seguinte é da minha mãe. Acho que ela decidiu ligar outra vez de casa.

“Oi, amor. Eu de novo. Sei que vocês devem estar comemorando, mas queria ligar pra falar como estava linda. Estou tão orgulhosa! A gente se fala mais tarde ou de manhã. Boa noite. Te amo.”

Já é uma da manhã. Ela deve estar dormindo. Ouço as outras mensagens. A próxima é do Andrezj. “Tá gostosa, dona!”, ele berra. “Vamos almoçar qualquer dia desses, num lugar chique, gata! Pede pro Billy reservar algum lugar maravilhoso. Não o Coffee

Matters!" Ele dá risada antes de desligar.

Em seguida, é a minha amiga da escola, com quem não converso há anos, a Mary Lance.

"Oi, Sophie! É a Mary Lance, da escola. Acabei de ver você na tevê, linda. Que surpresa boa. Pedi seu número para a Molly, espero que não se importe. Estava uma loucura na loja, ela deve estar fazendo uma festa lá. Enfim, adoraria tomar uma café com você pra colocar a conversa em dia." Fico tão animada ao ouvir a voz dela que surpreendo a mim mesma. Faz tanto tempo. Seria bom vê-la outra vez, agora que já somos adultas, com menos barreiras sociais.

Em seguida, passo pelas mensagens de texto.

"Oi, Sophie-Soph. É a Carla Daily, da sua classe, nos velhos tempos, lembra? A Mary me passou seu telefone. A gente fez Sheffield juntas. Nem preciso dizer que não fiz odontologia. Rá! Enfim, nossa, você cresceu, hein? Incrível! A Mary quer marcar um encontrinho. Acho uma boa. Vamos nos ver. É só marcar. Semana que vem vou pra casa visitar meus pais. E você? Eu apareço na loja. Bjos."

Conheci a Carla no primário. Ela era da turma das populares, como eu, por um tempo. Depois que tudo mudou, não me lembro de ter conversado com ela outra vez. É estranho pensar nela e na Mary como amigas, mas ainda as imagino como aquelas garotas de dezoito anos, há tantos anos. Eu mudei, elas com certeza também.

As outras mensagens são parecidas. Mary agora é popular, sem dúvida por influência da Carla, e decidiu espalhar meu número por aí. Deleto tudo sem ler, a empolgação diminui depois da mensagem da Mary.

"De quem são as mensagens?", Billy pergunta após falar com o Paul e começar a espiar meu celular.

"Ah, não é nada. Só um pessoal da minha escola", digo e percebo que é o que são e sempre vão ser. Não eram amigos. Eu não tinha amigos, mantinha distância, não queria perguntas. São estranhos agora, que entraram em contato só porque me viram na tevê.

"Amigos da escola? Chama esse pessoal pra ir em casa!", ele fala com entusiasmo.

Faço uma careta só de pensar.

"Que foi?" Ele parece confuso.

"Faz anos que não nos falamos. Eles assistiram à premiação e quiseram falar comigo, mas não estão interessados em mim de verdade. Na verdade, devem mesmo é querer saber de você", explico, desanimada com a verdade nessas palavras. "Eles nunca tentaram me encontrar antes."

"Mas são seus amigos…"

"Não são", admito. "O que o Paul falou?"

"Estava orgulhoso, claro."

"Não ficou bravo com a história do discurso?"

“Pelo contrário. Parece que o pessoal do *Gotas torcidas* não parou de ligar pra ele, achando a coisa toda hilária. Acho que não ofendi ninguém. Ele também falou que você estava linda. Meu pai e minha mãe também acharam.”

Duvido muito que Paul tenha dito algo positivo sobre mim. Mas não vou exteriorizar isso. Não depois da nossa última conversa sobre ele.

“Acharam mesmo. Paul até falou que ligaram pra saber a seu respeito. Alguns perguntaram se é atriz ou modelo.”

“Para!” Eu dou um soquinho no braço dele.

“É sério! Se você quisesse, teria chance no mercado.”

“Até parece. O que mais ele falou?”, perguntei, envergonhada.

“O produtor do *Batida ambulante* também ligou. Querem me anunciar no papel principal o quanto antes, aproveitar o burburinho.”

“Você ainda quer fazer?”

“Com certeza. Mas acho que vai ser uma experiência doida.”

“Ótimo, vou ter o apartamento todinho pra mim!”, brinco.

“Não vai, não. Você vai comigo.”

“O quê? Pras filmagens?”

“Sim, claro. Quero você lá. Somos um time, lembra? Além disso, quero que você veja como tudo é uma chatice, na realidade. Tô falando: vai ter pena de mim com as filmagens logo cedo, os dias sem fim, todo mundo mandando em mim.”

“Coitadinho!”

“Eu sei… É difícil.”

Ficamos em silêncio, aproveitando esse momento depois de um dia ensandecido.

“Ahhh!”, ele berra, de punhos cerrados. “Não acredito que ganhei! Que loucura. Sempre sonhei em receber um reconhecimento pelo trabalho, mas isso é demais!”

“Você merece.”

Ele abre um sorriso atrevido.

“Essa situação toda me fez perceber o quanto amo isso. Espera, isso soou orgulhoso?” Ele faz uma careta. “Quando conheci você, reclamava de atuar, e agora que ganhei um prêmio eu amo?”

“Nada a ver.”

“É como se tivessem acendido um fogo em mim. O Paul tá tão animado! Ele tem muitos planos. Tá marcando várias reuniões. Aqui, Los Angeles, Nova York… Quem sabe pra aonde vou daqui uns anos. Parece que nosso futuro está cheio de possibilidades. É inacreditável.”

Estou animadíssima pelo Billy, porque ele realmente merece, mas essa conversa de futuro me assusta. Estou inclusa, claro. Ele faz questão de dizer “nosso”, em vez de “meu”, mas esse futuro será ditado pela carreira do Billy. Com Paul de copiloto. Não

sei se saberei lidar com a opinião dele em tudo que fizermos.

***

Não consigo dormir. Uma mistura de animação e ansiedade rodopia dentro de mim. Minha mente está acordada e alerta. Foi uma noite tão incrível para Billy. Estou extasiada por ter presenciado e o apoiado. Senti uma emoção tão grande por estar ao seu lado. Tinha pensado que ficaria de escanteio, como na estreia da peça, mas ele me manteve por perto, como prometido.

Embora eu esteja deslumbrada com a noite (não tropecei com o salto e não passei vexame na frente do Jude), não consigo esquecer os comentários do Russell Mode e a sensação de que a partir de agora será uma bola de neve.

Na questão da fidelidade, confio no Billy. Sinceramente. É difícil desconfiar de alguém que nunca deu motivo para isso. Sim, sei que ele é popular com as mulheres e gosta de ser afetuoso com a Ruth, mas é o jeito dele. Certo? E, sim, a peça foi um problema, mas ele foi muito ingênuo ao lidar com a situação. Como já conversamos, na próxima vez será diferente.

Mas algum dia conseguirei encarar tranquilamente essas cenas quentes? Resolvo esse problema quando isso acontecer de fato, mas, graças ao novo filme, ele vai aparecer logo. Estrelas do *rock* são, afinal, conhecidas pelo mau comportamento. Eu seria inocente se pensasse que o filme não teria cenas inapropriadas.

Se Russell tem razão e é só questão de tempo até Billy fugir com uma coestrela ou modelo glamorosa, então o que faço aqui? Por que estou esperando sentada pela humilhação? A resposta óbvia é porque eu o amo. Desde o primeiro dia sempre soube que não consigo competir com essas mulheres poderosas, mas acreditei nele quando disse que não está interessado na volubilidade dessas moças. Ele queria algo mais duradouro. Acredito que Billy encontrou em mim alguém para ter uma vida normal, dentro dos limites do normal para um ator sempre julgado pela opinião pública. Sei que dou estabilidade a ele, que tem um estilo de vida imprevisível, mas serei só uma fase? Uma maneira de lutar contra a vontade de fazer parte do mundo do estrelato ao qual inevitavelmente vai sucumbir?

Na realidade, não estou preocupada com Billy, pois não acredito que ele me trairia nem me largaria. Acho que não faz parte da personalidade dele, de verdade. O que me aflige são as hordas de mulheres que irão atrás dele, tentando-o. Fazendo de tudo para ganhar sua confiança e atraí-lo, sem se importar com a namorada. Na verdade, de um modo distorcido, prevejo que minha existência será vista por elas como um desafio a mais, aguçando-as. Não consigo dormir diante da imagem de lobas sedutoras rodeando a presa. Sei que apenas o tempo irá dizer se ele será bobo o suficiente para cair nas armadilhas. Por enquanto, preciso manter a fé e ficar ao seu lado, até ele me dar um

motivo para desistir.

E quanto ao futuro brilhante e minha presença nele? Vai saber. Quero apenas me livrar desse sentimento de luto que tomou conta do meu coração.

PARTE TRÊS

17

A luz na tela do celular me acorda. Sempre durmo com ele no modo silencioso quando decido esticar a manhã na cama, pois sei que Molly ou minha mãe vão me ligar ao raiar do dia, me forçando a acordar antes do planejado.

Billy terminou a temporada de *Embebidos* e está à espera de *Batida ambulante*. Por isso, aproveitamos ao máximo a falta de planos para acordar a hora que bem entendemos, tirar uma soneca quando queremos ou simplesmente sermos espontâneos, sem pressa para voltar para casa. Está sendo fantástico poder agir novamente como um casal, sem interferência alheia.

A tela fica tão brilhante que não consigo abrir os olhos para ver quem está ligando e perco a chamada. Fecho os olhos outra vez, me viro e estico os braços acima da cabeça enquanto flexiono os pés, aproveitando a sensação de alongamento após uma noite encolhida. Me aninho no Billy e no calor do seu corpo sob o edredom macio e volto a cochilar.

Pouco depois, me obrigo a acordar e sair da cama, embora Billy ainda esteja dormindo pesado. Pego o telefone e vou até a cozinha. Encho a chaleira e acendo o fogão. Quando ela começa a fazer barulho, sei que aquele café extremamente necessário está quase pronto. Olho outra vez para o telefone. Sessenta e sete chamadas perdidas e dez mensagens de voz. O pânico toma conta de mim. Algo deve ter acontecido para tanta urgência antes das dez da manhã. Vou direto ouvir as mensagens.

"Ah, Sophie, me desculpa!", Molly grita e minha garganta fica apertada. Nunca a ouvi chorar tanto. Ela soa desolada. "Não sabia, não sabia mesmo. Não teria falado nada se soubesse. Mas ela ficava fazendo perguntas. Achei que fosse só admiração ou saudade… Eu", ela pausa para chorar mais, "eu não queria ter contado. Eu não sabia que ela era jornalista, Sophie". Meu peito fica apertado ao entender as palavras entre os soluços arrependidos. Por fim, ela precisa desligar, pois não consegue falar mais nada.

Há mais sete mensagens dela. Cada uma explica um pouco mais sobre o que aconteceu. Sally, a menina que Molly empregou no meu lugar, sem nem verificar o currículo, era repórter. Ela não apareceu em Rosefont Hill por acaso para visitar a tia, ela foi para me convencer a dar uma entrevista exclusiva sobre o meu namoro. Em vez disso, conseguiu um emprego e se inteirou da minha vida com os fregueses desavisados, montando um quebra-cabeça até obter uma história vendável.

Assim que entendo a situação, jogo o celular longe. Respiro fundo, me apoiando no balcão da cozinha e pensando no que fazer. Minha mente está vazia, sem respostas. Por

fim, vou até o corredor, pego o casaco e sigo para a lojinha da esquina, sem me preocupar com trocar o pijama.

A visão das manchetes me sufoca. A página principal traz duas fotografias minhas: uma com Billy na premiação e outra de infância, abraçada ao meu pai, beijando-o na bochecha enquanto ele ri para a câmera. Conheço muito bem essa foto, afinal, a olhei por anos. É a mesma que usaram à época, quando tudo aconteceu.

Cerro o maxilar e seguro as lágrimas que ameaçam jorrar. Rapidamente, agarro um exemplar e pago no caixa, ignorando a conversa do funcionário, pois quero voltar o mais rápido possível para casa.

De volta à mesa da cozinha, coloco o jornal à minha frente e encaro o rosto sorridente do meu pai. Sento e lentamente absorvo os detalhes da minha vida que alguém que nem conheço achou justo compartilhar com o mundo. Sem meu conhecimento e meu consentimento. Sem nem me avisar.

A DOR SECRETA DA NAMORADA DE BILLY BUSKIN

Ela ganhou o coração do sedutor Billy Buskin, como ficou bem claro no discurso que ele pronunciou ao ganhar o prêmio Bafta. Contudo, atrás do sorriso deslumbrante de Sophie May se esconde uma dor amarga, que a levou a se tornar uma pessoa fechada durante a adolescência.

Amigos próximos revelaram que a trágica morte do pai, quando ela tinha 11 anos, impactou consideravelmente a vida de Sophie.

Carla Daily, que cresceu com Sophie, disse: "No primário, ela era amiga de todos. Estava sempre dançando e pulando, rindo de tudo. Era uma garota muito agradável, alegre e gentil. Todo mundo queria ser amigo dela. Ela era a popular, em torno da qual todos se reuniam".

No entanto, Sophie sofreu uma mudança dramática quando seu pai, Dean May, morreu vítima de um atropelamento, próximo à sua casa, em Rosefont Hill. O motorista fugiu.

Carla continua: "Obviamente, havia rumores sobre o que tinha acontecido. Eu ainda me lembro da reunião escolar em que o diretor nos avisou. Naquela idade, ninguém sabia como lidar com situações assim, ainda não entendíamos a morte. Ficamos confusos, compreendemos que se tratava de algo terrível, mas não sabíamos o que sentir ou como reagir. Muitos choraram, imaginando como teríamos nos sentido se estivéssemos no lugar dela e também ficamos com pena da amiga.

"Foi tão triste, mas o que mais nos chocou foi o estado em que Sophie ficou. Ela parecia doente. O rosado de suas bochechas desapareceu junto com o sorriso. O cabelo, antes longo e solto, passou a ficar preso num coque esticado. Ela ficou péssima.

"Ela não queria conversar com mais ninguém, por mais que tentássemos. Sempre que alguém se aproximava, ela começava a tremer, como se tivesse medo da gente. Era assustador. Ela se tornou um livro fechado, uma prateleira vazia. Em muitas ocasiões, tentei falar com ela, mas sua reação me apavorava, eu não queria incomodá-la ainda mais. Então, por fim, desisti, todos desistimos."

De acordo com a fonte, a mãe de Sophie, Jane May, sofreu de depressão severa por muitos anos após a morte repentina do marido, e Sophie também precisou cuidar dela.

"Acho que boa parte disso aconteceu por ter que cuidar da mãe. Dizem quem ela entrou em colapso após o acidente. Deve ter sido muito pesado para a Sophie, tão jovem. Muito estressante, imagino.

"Poucos meses depois, começamos o ginásio. Minha mãe pensou que um novo ambiente seria bom para a

Sophie, um recomeço longe de todos que sabiam da história, mas só piorou. De algum modo, ela conseguiu se isolar ainda mais. Eles não sabiam como ela era antes, então a aceitaram como a menina quieta, e ninguém a perturbava."

Aos 18 anos, os colegas de Sophie faziam planos para o futuro, mas ela não quis ingressar na faculdade nem viajar, preferiu ficar em casa.

"Era óbvio que a Sophie não queria deixar a mãe", a amiga explicou. "Era como se a culpa por fugir da dor a dominasse. Para falar a verdade, nunca conversei com ela sobre o assunto, mas, desde que o seu pai morreu, a Sophie que conhecíamos desapareceu."

Ela nunca refez os laços com as antigas amizades. Em vez disso, foi trabalhar na casa de chá da cidade, o que a reaproximou da comunidade, graças à amiga e ex-chefe Molly Cooper.

Ao se lembrar do dia em que Sophie entrou na loja pela primeira vez, ela comenta: "Eu sabia quem ela era assim que entrou pela porta. Todos já tínhamos ouvido falar no que havia acontecido com seu pai, claro, mas eu não esperava que ela ainda estivesse tão frágil, tantos anos depois. Queria fazer tudo ao meu alcance para ajudar no seu progresso, mas, claro, a morte de alguém tão próximo, de forma tão inesperada, é dolorosa. Acho que ninguém se recupera totalmente. Nunca.

"De vez em quando, ela ainda tem dias difíceis. Mas sua maior preocupação é, e sempre foi, a mãe."

Ao falar da noite do acidente, Molly recorda:

"Uma morte desse tipo, em um vilarejo como este, atinge com força toda a comunidade. Por dias, foi proibido rir ou se divertir. Uma nuvem negra pairava sobre nós. Só posso imaginar como foi para a pobre Sophie e sua mãe. O Dean só tinha saído para comprar uma coisinha. Estava a poucos metros de casa. Não foi possível salvá-lo.

"Ela não precisou lidar apenas como a morte. Ela sabia que todos falavam pelas suas costas. Foi uma dificuldade, e acho que por isso se tornou tão fechada. Ninguém fazia por maldade, era apenas preocupação, mas uma criança tem outra visão. Ela só quer desaparecer. Acho que trabalhar aqui [na Tea-on-the-Hill] a ajudou a entender que, às vezes, depender dos outros é uma coisa boa. Às vezes, a vida se torna difícil demais para ser enfrentada sozinha, não importa o quanto queira se afastar."

Parece que, com a ajuda de Molly e dos fregueses da casa de chá, Sophie saiu de sua concha após anos se escondendo.

Foi nesse ambiente acolhedor que conheceu Billy.

"Eu percebi de cara que ela tinha chamado a atenção dele", continua Molly. "A Sophie sempre evita qualquer tipo de atenção, então nem notou. Mas eu via que ele a observava, divertindo-se com o jeitinho dela. Sabia que estava 'amarradão'.

"Eles têm uma conexão que a faz se sentir segura em um mundo incerto, enquanto ele tem o relacionamento normal que deseja."

No discurso do Bafta, ele afirmou que Sophie o completa, dizendo: "Mas há uma pessoa a quem vou agradecer. A minha metade: Sophie May. Você é o meu maior prêmio. Graças a ela, a minha vida está completa".

Bem, parece que, de algum modo, Billy também completou a vida dela, preenchendo o vazio que a trágica morte do pai amado deixou.

"O que é isso?", ouço Billy perguntar atrás de mim. Dou um pulo de susto. Estava tão concentrada no artigo que nem o ouvi chegar. "O que foi?"

Fico em silêncio, lágrimas e muco escorrem pelo meu rosto. Sem saber o que falar, fecho o jornal e o deslizo pela mesa na direção dele. Escondo o rosto, incapaz de olhá-lo enquanto ele lê. Fico parada, à espera.

"De onde tiraram isso?", ele pergunta suavemente. "Pra quem elas contaram tudo isso? A Molly não falaria com um jornalista."

"Sally...", eu guincho.

Sinto a mão dele sobre as minhas costas, movimentando-se com delicadeza, fazendo massagem. Ele se aproxima, beija o topo da minha cabeça e fica ali, pertinho. Ouço sua

respiração e percebo as tentativas de falar algo, mas, assim como eu, acho que ele nem sabe por onde começar.

"Por que você não me contou?", ele pergunta tristemente.

"Nunca achava que era o momento certo", respondo com honestidade.

"Eu sabia que havia algo errado. Sempre que você falava da sua infância, contava lembranças do seu pai, mas, obviamente, ele não está mais por perto. Eu não queria perguntar."

"Não, eu devia ter contado. Quase contei algumas vezes", digo e suspiro. "Perder o meu pai foi a coisa mais difícil da minha vida. Sempre achei que, se contasse, tudo se tornaria real demais. Demorei tanto para seguir em frente. Queria deixar no passado. Fiquei com medo de estragar o que a gente tinha. Não queria que sentisse pena de mim, nem ver pena nos seus olhos."

"Eu entendo, amor, mas é uma parte muito importante da sua vida. Ok, prometo que não vou olhar com pena", ele fala e me abraça antes de se sentar ao meu lado. "Mas, agora que todo mundo sabe, você pode me contar", ele implora. "Me conta a sua versão dos fatos."

***

Foi um dia depois de pintar meu quarto de rosa. Ao voltar da escola, encontrei meu pai pendurando as fotografias na parede, fotos de nós três. Aquela parede me fez sentir tão feliz, amada e querida. A gente sempre se divertia tanto. Éramos um time.

Foi nesse momento que minha mãe decidiu vir sentar comigo na cama, com um sorriso enorme no rosto. Ela tinha novidades. Eu pensei que a gente iria para a Disney. Animada, esperei por essas palavras.

"Estou grávida", ela anunciou e olhou para o papai, que também sorria ao seu lado. "Você vai ter um irmãozinho ou irmãzinha para cuidar. Você é tão sortuda." Ela apertou meu nariz entre os dedos.

Acho que entrei em choque. Ou fiquei decepcionada porque não ia conhecer a Cinderela e a Minnie. Não costumava ser mal-educada com meus pais, nem pirracenta, mas eu simplesmente tive um chilique. Lembro que gritei, disse que os odiava. Perguntei como podiam ser tão ruins. Era para ser sempre só nós três. Eu não era suficiente? Não entendi por que fizeram algo tão horrível. Falei para a minha mãe que ela era muito velha para ter nenê, que seria nojento quando meus amigos a vissem pela cidade com uma barrigona horrível, que ela era uma vergonha.

Eu só tinha onze anos, claro, mas eu já sabia. Sabia que estava dizendo coisas rancorosas, maliciosas. Que estava ferindo os meus pais. Até hoje sou assombrada

pelas palavras e pela expressão de dor no rosto dela. Como posso ter sido tão egoísta com as duas pessoas que mais amava?

Primeiro eles tentaram me acalmar, mas depois me deixaram sozinha no quarto. Gritei, berrei e solucei até me exaurir e cair num silêncio raivoso.

Um tempo depois, ouvi a porta se abrir e alguém entrar de mansinho. O suspiro revelou que era meu pai. Eu estava enrolada debaixo da colcha, agarrada ao sr. Blobby, fingindo dormir. Ele se aninhou ao meu lado na cama, que balançou.

"Soph, você sempre vai ser especial para nós", ele disse e puxou a colcha para revelar meu rosto e fazer carinho na minha testa.

Permaneci em silêncio, ainda de olhos fechados, fingindo dormir.

"Você quer saber um segredo? Você sempre vai ser a minha número um", ele insistiu. "Chorei tanto quando você nasceu, senti tanto amor por essa coisinha pequena que berrava. Acho que não sou capaz de amar tanto alguém quanto amo você."

"Isso é o que você diz agora, mas espera só o bebê chegar", eu respondi ao abrir os olhos e fazer um bico mal-humorado. "Você não vai me amar mais, não serei a favorita."

"Ah, vai sim." Ele beijou a minha testa e pousou o rosto ao lado do meu no travesseiro.

Eu olhei nos seus olhos e vi sinceridade.

Ele nunca mentiria para mim, certo?

Eu mordi o lábio e pensei.

Precisava ter certeza.

Precisava de uma garantia.

"Promessa de dedinho?", eu falei baixinho e estiquei o dedo.

"Promessa de dedinho." Ele riu e sacudiu meu dedo, fechando o contrato e me fazendo rir. "Agora", acrescentou, em tom mais sério. "Sua mãe está lá embaixo um pouco triste por você ter ficado chateada." Então tirou meu cabelo da frente do rosto. "Agora precisamos cuidar muito bem dela. Não podemos gritar com ela, nem deixá-la triste. Ela precisa de você."

"Desculpa, pai", murmurei com o lábio trêmulo.

"Ei, bebezinha", ele falou mansamente e me beijou outra vez na testa. "Eu sei como você se sente. Por que não vai falar com a mamãe, dar um abraço nela e pedir desculpas?"

Fiz uma careta, precisava de mais um empurrãozinho para encarar o desafio.

"Se você fizer isso, vou preparar o chocolate quente especial do papai."

"Com creme e marshmallows*?", aproveitei para barganhar ainda mais.*

"Isso! E a gente pode tomar na frente da lareira se você quiser. Agora, corre."

Ele me tirou da cama e me guiou até a porta.

Pulei escada abaixo e corri até a sala. Mamãe estava deitada no sofá. Ela havia chorado e me senti muito mal.

"Desculpa, mamãe", choraminguei e depois caí no choro ao pensar no que tinha feito.

"Ah, amor..." Ela me pegou e me deitou ao lado dela no sofá em um grande abraço. Eu retribuí, com força.

"Eu não falei por mal." "Eu sei, amor.

Eu sei", ela sussurrou e deu um beijo na minha cabeça.

"Vai ser menina ou menino?"

"Não sabemos ainda."

"Se for menina, podemos chamar de Ginger?", falei, animada.

"Como a Spice Girl?"

Eu fiz que sim e a olhei com olhos suplicantes.

"Vamos ver, amor. Mas você já tem uma peixinha chamada Ginger. Ela pode ficar chateada."

"Verdade", concordei tristemente e desejei não ter dado um nome tão bom para um reles peixe.

Ainda estávamos juntinhas quando meu pai avisou que não tínhamos marshmallows.

Resmunguei. Não seria chocolate quente de verdade sem marshmallows.

Fiquei com raiva outra vez. Será que ele sabia e me enganou? Ele mentiu? As lágrimas ameaçavam rolar de novo.

Na tentativa de evitar outra crise, ele decidiu sair para comprar.

Ufa. Chega de crise.

"Você quer vir comigo, Soph?", ele perguntou e me cutucou.

Deitada ali com a mamãe, toda aninhada na frente do fogo, sair no frio não parecia boa ideia. Nem dei resposta. Apenas fechei os olhos, apertei a mamãe e sacudi a cabeça.

Pegamos no sono.

Acordamos assustadas com o som de sirenes e as luzes azuis. Pulamos do sofá.

No mesmo instante, os olhos dela se encheram de medo. Foi como se soubesse que algo sério tinha acontecido. Algo com o papai.

"Soph...", ela falou calmamente. "Vou atrás do papai. Fica aqui quentinha, ok?"

Assenti e observei enquanto ela saía pela porta da frente, para a noite fria e escura.

Ela nem vestiu o casaco.

Saiu de chinelo.

Sem saber o que fazer, fiquei parada. Olhando para porta. Esperando pelos dois.

Quando ouvi alguém bater na porta, sabia que não era nenhum dos dois. Meu pai havia levado as chaves.

Abri e dei de cara com uma policial. Ela tinha um rosto gentil. Parecia sorrir, mas seu sorriso era triste. Perturbado.

"Sophie?", ela perguntou.

Não disse nada, apenas assenti com a cabeça, lentamente.

"Olá, Sophie. Me chamo PC Wallis. Sua mãe pediu para eu vir buscá-la. Vamos vê-la, ok?"

Lembro o meu pensamento: "Ela não falou nada sobre meu pai. E meu papai? Por que não vou vê-lo?". Mas não disse nada. Subi para pegar o sr. Blobby no quarto e segui a PC Wallis até o carro.

Era tão estranho estar no banco traseiro de um carro da polícia, atrás da PC Wallis e seu parceiro – um rapaz que nem se virou para me cumprimentar. Lembro perfeitamente o caminho. Sei quais faróis estavam verdes e quais nos pararam com um vermelho ameaçador, sei também onde ficamos ao lado de outros veículos e que ruas estavam vazias.

Durante todo o caminho, eu não falei nada para os dois adultos que me acompanharam e eles não falaram nada para mim. Eles mal conversaram entre si. O único som no carro eram as chamadas no rádio: "... dirijam-se e deem retorno. Câmbio", "... suspeito a pé, seguindo na direção oeste pela Brucknell Road", e muitos outros jargões policiais que eu não entendia. No entanto, prestei atenção, tentando ouvir alguma menção ao meu pai. Não houve.

No hospital, fui levada até a minha mãe, que estava largada em uma cadeira em um corredor lotado. Com o rosto vermelho e inchado, percebi que ela havia chorado.

Isso não era bom sinal.

Fiquei mais assustada ainda.

"Mãe?", chamei baixinho quando cheguei à sua frente. Os passos pelo corredor pareciam ter levado uma eternidade.

Ela me olhou com expressão de dor, seu rosto e seu corpo se contorceram ao escorregar da cadeira e ficar de joelhos. Ela me agarrou pela cintura e enfiou o rosto na minha barriga.

Então começou a chorar.

Eu nunca tinha ouvido um som parecido, tão alto e animalesco. Era um som de muita dor.

Os soluços vibravam, fazendo nossos corpos tremer.

Lembro que não sabia para onde olhar quando as pessoas paravam para observar aquela mulher despedaçada, de joelhos, me abraçando. Mas não senti vergonha. Estava inerte.

Nada fazia sentido.

Ela nunca chegou a falar que meu pai tinha morrido. Essas palavras nunca foram pronunciadas. Seu choro, que durou meses, bastou. Isso e o fato de que papai não estava mais lá para acalmá-la.

Eu não chorei. Nem uma lágrima sequer caiu quando meu pai morreu, pois um único pensamento martelava: foi minha culpa. Se eu não tivesse sido uma mimada maldita, ele não teria saído para comprar uma porcaria de pacote de marshmallows. *Ele não estaria no meio da rua quando um carro, no dobro da velocidade permitida e dirigido por um bêbado, o atingisse e o matasse.*

Eu tinha provocado isso.

A culpa era minha.

Era errado chorar.

Eu via a tortura no rosto da minha mãe e me sentia consumida pela culpa.

Voltar para a escola e rever as pessoas foi horrível. Eu não suportava os olhares, as encaradas, os sussurros. Não suportava as palavras generosas, piedosas, vazias. Ou como seus olhos marejavam quando falavam. Sentia essa dor se juntando à minha, aumentando meu sofrimento, pesando sobre mim.

Tinha certeza de que um dia alguém descobriria a verdade e me declararia assassina. Todos dariam as costas para mim, enojados.

Eu me voltei para dentro de mim. Minha linguagem corporal mudou. Estava tão abatida, com os ombros caídos, o peito para dentro, a cabeça baixa. Era como se tentasse me diminuir até que ninguém mais me visse. Odiava a atenção.

No começo, eles tentaram me ajudar, queriam me convencer a falar, como fez a professora, a sra. Yates, e a menina que tinha sido minha melhor amiga, Laura Barber. Mas depois desistiram e me deixaram quieta, porque já não sabiam o que dizer ou tentar, incapazes de entender por que eu ainda não tinha "superado". A desistência veio a calhar. Não achava que valia o tempo deles. Eu havia feito uma coisa horrível. Eu tinha matado meu pai. Não queria que conversassem comigo, ou sobre mim. Queria desaparecer.

Foi então que os ataques de pânico começaram. Embora eu nunca tenha tido coragem de pedir ajuda, era vergonhoso. Mas pensei que fosse uma punição por eu ser tão má.

Para mamãe, as coisas iam de mal a tão pior que talvez não valesse mais a pena viver. Ela perdeu o bebê poucas semanas depois que meu pai morreu.

Os médicos não souberam dizer se foi a idade, o estresse ou uma dessas coisas que acontecem. Enfim, ela perdeu o marido e o bebê em questão de semanas. Ela ainda tinha a mim, mas o bebê seria uma ponta de esperança, uma conexão com o papai.

Ela logo se tornou uma sombra do que havia sido. Estava constantemente nervosa e ansiosa, sempre limpando tudo, obcecada, e assustada quando as coisas não saíam como planejado.

Nessa época, nosso relacionamento ficou fragilizado, para dizer o mínimo.

Ela nunca me culpou. Nunca mencionou o fato de que se eu tivesse deixado meu pai fazer um chocolate quente sem as porcarias dos marshmallows*, ele ainda estaria com a gente. Mas eu sabia que ela pensava isso. Eu havia tirado dela o marido e o bebê.*

A luz de seus olhos agora estava apagada, como se uma parte dela também tivesse morrido. Ela não me amava tanto quanto antes. Ainda me abraçava, às vezes, e conversava comigo como uma mãe, mas de forma rígida, dura, com a mente em outro lugar. Estava vazia. Fria. Distante.

Ela não parou de trabalhar. Não podia. Sem o papai, ela era a única provedora. Passava o maior tempo possível na biblioteca, odiava ficar em casa. Não sei se porque algumas coisas dele ainda estavam espalhadas por lá, como um lembrete constante de sua ausência, ou se preferia não ficar comigo.

Quando eu já tinha idade suficiente, decidi arranjar um emprego na floricultura para ajudar com as contas. Eu não ganhava muito, quinze libras por um sábado de trabalho, mas ajudava. Eu cuidava dos baldes usados ao longo da semana. Gostava do emprego, pois ficava na minha, escondida nos fundos, sem falar com pessoa alguma. Também gostava porque o dono permitia que eu levasse as flores que estavam mais velhas. Havia algo na vida de uma flor, além da brevidade da sua beleza, que me hipnotizava. Toda a energia canalizada para a floração. Por um momento, elas seriam lindas e quase perfeitas, mas assim que esse instante passava, começavam a murchar quase instantaneamente. Eu via minha vida naquelas pétalas podres. Minha família tinha atingido o auge, mas agora definhava.

Tudo o que eu queria era a minha mãe de volta. Eu ouvia os soluços do outro quarto. Às vezes, principalmente nas noites em que sofria ataques de pânico, eu queria apenas poder ir até ela. Receber um abraço. Nessas ocasiões, agarrava o sr. Blobby e andava na pontinha dos pés até o corredor. Não entrava no quarto dela. Nem sequer batia na porta. Apenas sentava do lado de fora, agarrado ao meu brinquedo. Sentindo falta dela, mas com muita vergonha de pedir sua companhia. Não queria ser mais uma preocupação, ela já estava fragilizada

demais.

Por seis anos, vivemos sob a nuvem da morte, não havia comunicação ou expressão de como nos sentíamos. A vida parou. Andávamos pela casa em silêncio, sem saber como seguir adiante, sem querer nos distanciar do passado.

O início da recuperação aconteceu quando ela escapou por um triz das pílulas. Ela jurou que não tinha sido sua intenção. Apenas queria acabar com os pesadelos sem fim e dormir. Não estava raciocinando. Não tinha pensado sobre como essas ações poderiam me deixar sozinha no mundo. Foi um período péssimo, principalmente porque nos levou de volta à ala de emergência do hospital, aquele lugar horrível.

Após sua estadia no hospital, as coisas se tornaram mais suportáveis. Começamos a conversar, não sobre meu pai ou algo importante, mas bobagens: livros e notícias. Isso permitiu a reconstrução do nosso relacionamento.

Eu fazia a minha parte para ajudá-la, ela querendo ou não. Quando chegava da escola, cozinhava e organizava a mesa para sentarmos e comer – algo que tínhamos parado de fazer desde a morte do meu pai. Passei a colaborar mais com a limpeza da casa, para que ela não se preocupasse tanto, embora a obsessão continuasse, o que limitava minha ajuda. Eu passava mais tempo em casa, no térreo, em vez de me enfurnar no quarto e bloquear o mundo. Assistia a filmes e à televisão com ela. Ou apenas líamos na companhia uma da outra. De vez em quando, até montávamos quebra-cabeças.

Penso que foi então que ela voltou a me amar. Antes disso, cheguei a acreditar que ela não pudesse mais sentir isso por mim.

Com ela aos poucos de volta para mim, como eu poderia pensar em deixar Rosefont Hill para estudar ou viajar? Como poderia fugir e viver outra vida, se eu tinha feito aquilo com ela?

A culpa ainda se agarrava a mim, me fazia duvidar de mim mesma e me afastava das pessoas. Toda a minha energia e o meu tempo estavam direcionados para o bem-estar da minha mãe. Ainda não me sentia digna de amor ou afeição de ninguém.

Foi a Molly quem me fez ver que isso não era verdade. Ela nunca me perguntou sobre esse período, que obviamente teve grande impacto na minha vida, e nunca me olhou com piedade. Para os outros, eu era a personificação ambulante da morte trágica do meu pai, mas, para Molly, eu era simplesmente Sophie May, a menina quietinha que queria aprender.

O marido dela, Albert, havia morrido alguns anos antes, de um ataque cardíaco, portanto, ela entendia o sofrimento pela perda da pessoa que mais ama no mundo. Tínhamos isso em comum. Ela nunca me indagou, mas sempre falava

sobre ele. Contava histórias sobre os dois e também sobre o filho, Peter. Eu a admirava por isso. Via que ao falar do homem que amava, ela mantinha o espírito dele vivo, e assim ele continuava sendo parte dela. Então eu falei sobre meu pai, como ele me fazia rir e como eu sentia sua falta. Apenas para ela eu realmente me abri. Em casa, eu não podia, mesmo anos depois, eu não sabia como a minha mãe reagiria. Não conseguia lidar com a ideia de ver mais angústia em seus olhos, não quando ela estava num caminho tão bom.

Com o passar do tempo, conversei com a Molly sobre a noite do acidente, o aborto e como me senti culpada. Expliquei a ela que, na minha opinião, eu era tão culpada quanto o motorista bêbado. Ela ficou horrorizada com o peso dos sentimentos que eu carregava por tanto tempo. Chocada por saber que foi a culpa que me levou a me afastar do mundo e me sentir indigna. Por fim, ela me fez perceber que o que aconteceu foi um acidente trágico, pelo qual eu já tinha me castigado por tempo demais.

Não transformou a minha vida, não fez eu voltar a ter a personalidade despreocupada e exuberante de antes da morte do meu pai – acho que ela nunca mais vai voltar –, mas passei a me abrir um pouco mais. A me sentir humana outra vez.

Obviamente, na vida adulta, olho para trás e compreendo que não me matei o meu pai, foi um idiota embriagado que nem percebeu o que fez. Também sei que não provoquei o aborto da minha mãe, isso acontece. No entanto, em algum lugar dentro de mim aquela menina de onze anos ainda me faz duvidar de mim mesma. Afinal, a cadeia de eventos começou em mim, com o meu péssimo comportamento…

***

Paro de falar e noto que as lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto contava os detalhes desses anos mórbidos para o Billy.

"Desculpa", digo e respiro fundo algumas vezes para tentar me acalmar.

"Amor, você não precisa se desculpar", ele fala baixinho, com a testa enrugada de preocupação.

"Eu fico com medo de me esquecer dele…", confesso. "Não me lembro mais do seu rosto. Quer dizer, eu lembro, mas a imagem que tenho é a das fotografias, não uma real, viva. Não me lembro mais da sua voz, sua risada."

"Isso é normal, não significa que o ame menos."

"Mas nunca conheci o meu pai de verdade. Não do jeito que os adultos se conhecem e se entendem, sabe? Eu era criança", explico. "Ouvi dizer que quando alguém morre, os sobreviventes querem transformar essa pessoa em santo, colocar num pedestal, fora

da realidade. Talvez eu tenha feito isso. Talvez ele não fosse alguém especial."

"E talvez fosse."

"Talvez…", murmuro e olho para o chão, tentando colocar ordem nos pensamentos. Fico surpresa por ter expressado esse medo, há tanto tempo escondido. "Tô com tanta raiva da Molly!", resmungo.

"Mas ela não tinha ideia das intenções da Sally. Você sabe."

"Não, Billy, não é isso. Achei que ela nunca contaria pra ninguém."

"Mas ela não contou. Ela não falou nenhum desses detalhes que você acabou de me contar. Você não sabe o que a Sally fez para conseguir aquelas frases ou como ela distorceu o que foi dito. Deve ter sido essa Carla quem começou, com certeza não foi a Molly."

Me recordo da mensagem da Carla que recebi na noite do Bafta. Ela contou que ia para Rosefont Hill, visitar os pais, e que passaria na casa de chá. Sem dúvida, foi então que falou com a Sally. Ela deve ter declarado que era minha melhor amiga ou qualquer bobagem do tipo. Ia se sentir o máximo fingindo que era próxima de mim, talvez até um pouco vingativa por eu não ter respondido a mensagem. Meu chute é que, depois de ficar sabendo da história, a Sally se voltou para Molly, para preencher as lacunas.

"Só queria que ela não tivesse dito nada. Sei que ela ama uma fofoca, mas isso…" Balanço a cabeça, sem palavras.

"Ela tentou falar com você?", Billy pergunta calmamente.

"Sim. Mais de sessenta chamadas", digo, encabulada.

"Não quer ligar de volta?"

"Não! Ainda não… Não consigo. Preciso pensar no que falar."

"E a sua mãe?", ele pergunta com um suspiro.

Eu nem havia pensando na minha mãe. Não me lembro de ter visto chamada perdida dela, mas ela deve ter visto os jornais na biblioteca.

"Vou ligar!", digo e corro para o celular, envergonhada por não ter feito isso antes.

"Olá. Aqui é da Biblioteca de Rosefont Hill. Meu nome é Susan. Como posso ajudar?", Susan pergunta com sua voz entediada de sempre.

"Susan, é a Sophie."

"Ah, olá", ela fala, mais animada ao ouvir o meu nome.

"A minha mãe tá aí?"

"Não, ela tirou o dia."

"Ah."

"Ela chegou hoje cedo e recebeu os jornais. Mas depois, quando eu cheguei, pediu para ir embora. Não estava se sentindo bem." Ela deixa entrever que não foi só isso.

"Certo, vou tentar em casa, então. Obrigada, Susan", digo e logo em seguida tento na casa da minha mãe. Olho com preocupação para o Billy. "Ela foi embora ao ver os

jornais", digo, balançando a cabeça, atenta ao toque do telefone. "Ninguém atende." Me viro para ele em pânico.

"Não se preocupe… Vamos pra lá."

"Tem certeza?", pergunto, mas já corro para o quarto para me trocar.

"Claro!" Ele me segue e também se troca. "A gente não vai relaxar até saber se está tudo bem, né?"

***

Eu nem bato na porta. Pego a minha chave e abro. Na sala, encontramos a minha mãe sentada no chão, rodead a de caixas. Passo mal só de pensar na obsessão por limpeza, mas logo percebo o que está espalhado: fotos do papai. Imediatamente, lágrimas pinicam meus olhos.

"Mãe?"

"Oh." Ela leva um susto, estava absorta na imagem. "Olá. O que vocês dois estão fazendo aqui?", ela pergunta e leva a fotografia ao rosto, sorrindo.

"Eu tentei ligar."

"Ah, era você? Pensei que fosse *telemarketing*", ela fala distraidamente.

"Mãe?", insisto, pois sei que ela viu os jornais e que é por isso que estamos aqui.

"Estou bem, querida", ela fala e abaixa a foto que está em sua mão. Suspira e nos olha.

"Sério?"

"Sim…", ela responde lentamente e volta a olhar as imagens. "Eu vi a foto no jornal e tive vontade de ver mais. Não me lembro de quando fucei nisso aqui pela última vez. Acho que desde…", ela interrompe tristemente.

"Você quer uma xícara de chá?", Billy pergunta enquanto faz uma massagem suave nos ombros dela.

Mamãe coloca a mão sobre a dele e dá um tapinha enquanto assente.

"Muito obrigada, querido."

Billy sai da sala e eu ajoelho ao lado dela, observando as fotografias espalhadas.

"Acho que eu nunca nem vi a maior parte!" Pego uma em que os dois estão muito jovens e descolados.

"Não, porque você não está nelas", ela comenta com uma risadinha.

"Como assim?"

"Você tinha uma obsessão por nós três… Acho que sua mente de criança não conseguia entender que o papai e a mamãe tinham uma vida antes de você. Era como se fosse excluída, ficava mal-humorada. Só se interessava pelas fotos em que você aparecia."

"Que pirralha mimada", murmuro.

“Não, não era… Tinha umas manias, só isso. Ele achava uma graça. Dizia que era encantador, que sua necessidade de inclusão era linda. Você nunca foi carente, amor, sempre foi uma doadora. A queridinha do papai.”

Sinto a garganta apertar e as lágrimas rolarem ao ouvir essa novidade.

“Desculpa…”, digo e me sinto mal pelo choro.

“Não há nada de errado em chorar, amor”, ela fala e coloca a mão sobre o meu joelho. “Eu me preocupava porque você não chorava.”

Eu faço que sim e mordo o lábio, não sei o que dizer.

“Às vezes imagino o que ele pensa quando nos olha lá de cima”, ela confessa. “Sei que ele deve estar muito orgulhoso de você, Sophie.”

“É?”, pergunto timidamente, sem saber por que ele estaria.

“Ah, sim, se mudar para Londres foi uma decisão importante, movida pelo amor, ele iria gostar dessa parte. Ele era tão romântico! Mas não sei se ele agiria assim na frente do Billy.”

“Você acha que ele não iria gostar do Billy?”

“Ah, seu pai iria amar o Billy. Mas ele era tão protetor da anjinha dele. Acho que ficaria de olho no Billy e deixaria claro que, se algum dia aprontasse, ia se ver com ele.”

“Eu ia conquistá-lo de primeira!”, Billy declara ao voltar para sala com uma bandeja e três xícaras.

“Não duvido.” Minha mãe sorri.

“O que é isso que vocês estão vestindo nesta foto?”, eu pergunto, dando risada. Na foto, a minha mãe está de vestido xadrez amarelo e o meu pai, de camisa floral aberta, revelando um pouco demais o peito cabeludo, e calças justas de cintura alta e cor de laranja.

Ela pega a foto, olha de perto e apenas sorri.

“Foi no nosso primeiro encontro, no cinema, um dos amigos dele tirou a foto.”

Olho para mamãe enquanto ela absorve a imagem e relembra tempos mais felizes. Ela está uma bolha de amor depois de passar tantos anos bloqueando as memórias.

A campainha toca. Olhamos uns para os outros. Mamãe fica vermelha.

“Hum… Eu atendo”, ela diz antes de se arrastar para a porta.

Billy se vira para mim com uma interrogação no olhar. Dou de ombros. Não sei quem pode ser nem o que provocou a mudança de atitude.

Ouvimos a conversa abafada e fica claro que ela quer dispensar quem chegou. É um homem. Deve ser o namorado. Sem pensar, vou até eles.

Mamãe está na porta falando rapidamente com um homem pálido.

“Olá, sou a Sophie”, digo. “Quer entrar para um chá? O bule ainda está quente.”

A minha mãe se vira para mim, com a boca aberta, pasma, sem saber como lidar com

a situação.

"Hum… Tudo bem por você, Jane?" O homem olha de maneira hesitante para ela.

Ela me encara antes de responder, estudando o meu rosto para ver se é uma boa ideia.

"Sim… Sim, tudo bem. Sophie, este é o meu amigo, Colin", ela o apresenta e o deixa entrar.

"Olá, Sophie, que bom finalmente conhecê-la. Ouvi falar tanto de você." Ele me beija na bochecha.

Sorrio e observo seu rosto redondo e o cabelo grisalho arrumadinho. Sua voz é suave e gentil. Sim, entendo por que mamãe gosta de ficar com ele, parece muito amigável.

"Vamos pra cozinha?", pergunto, tentando evitar que as fotos espalhadas pelo chão tornem a visita ainda mais desconfortável.

"Boa ideia", ela concorda e aperta minha mão antes de nos guiar.

"Eu levo as xícaras", Billy se oferece e mostra que já está inteirado.

"Eu trouxe pra você, Jane", diz Colin ao tirar um quebra-cabeça de quinhentas e cinquenta peças de uma sacola plástica. "Pelo que dizem, é um dos mais difíceis. Foi o Aaron, meu filho", ele se volta para me explicar, "que me deu de Natal."

"Ah, é?", diz mamãe.

"É bem frustrante, tudo parece a mesma coisa, mas acho que é isso que deixa a brincadeira mais divertida", ele acrescenta timidamente. "Levei dias."

"Bem, obrigada." Ela pega a caixa e analisa.

Fico fascinada pela inocência do presente, feliz por mamãe ter alguém na vida dela que faça esses gestos simples, porém amáveis.

O silêncio toma conta da sala enquanto ficamos sem jeito olhando para o nada.

"Ah, desculpa! Vou pegar o seu chá!" E me viro para o bule.

***

Antes de voltarmos para Londres, vou até o meu quarto para pegar alguns porta-retratos – ideia do Billy. É estranho tirá-los do lugar em que papai os pendurou há tantos anos, mas sei que vai ser melhor olhá-los todos os dias.

A minha mãe se aproxima e me abraça.

"Obrigada", ela sussurra.

"Não seja boba. Você não podia ter mandado o cara embora." Sorrio. "Ele parece legal."

"Ele é."

Ela se senta na cama e suspira profundamente. Está prestes a dizer algo que não quero ouvir.

"Você devia ligar para a Molly, meu amor."

“Vou ligar.” Dou de ombros, não quero falar sobre ela agora, prefiro ignorar a situação.

“Florzinha, eu falei com a Molly hoje cedo e ela está se sentindo ma…”

“Mãe!”, interrompo com um grunhido.

Ela suspira outra vez, decepcionada porque eu não quero conversar sobre o assunto, mas não consegue deixar quieto:

“Só se lembre de tudo o que ela já fez por você. Isso não foi culpa dela.”

“Eu sei, mãe, eu sei. Prometo que vou ligar mais tarde.”

“Bom, mas não demora. Ela é uma senhorinha boa que está triste por ter decepcionado você. Não faça com que ela sofra mais”, ela implora. “A Molly não fez nada de errado.”

Tento focar as fotografias à minha frente, enquanto as empacoto, e bloquear as palavras. Não quero falar com a Molly ainda. Sei que ela está mal e odeio a Sally por tê-la usado assim, mas não estou pronta pra falar que está tudo bem, que não tem problema. Ainda não. O dia já foi muito angustiante, estou exausta, e acho que não consigo lidar com mais uma conversa séria.

***

No carro, a caminho de casa, Billy pega a minha mão e a beija.

“Tudo bem?”

“Por mais estranho que pareça, sim. Que dia bizarro!”

“Foi bastante emotivo.”

“É. Tô exausta.”

“Imagino.”

“Mas foi bom ver a mamãe feliz com o Colin.”

“Foi esquisito?”

“Na verdade, não. Eles parecem mais amigos do que qualquer outra coisa, não acha? Mas, mesmo assim, isso me fez perceber como ela andava solitária. Que bom que agora ela tem alguém que cuide dela e com quem possa conversar.”

“Ele parece bem atencioso.”

“É, gostei dele.”

“Ele é viúvo também, sabia?”, Billy revela.

“Verdade?”

“A esposa dele morreu enquanto dormia, há dois anos.”

“Nossa…”

Apesar de ser trágico que ambos tenham perdido seus parceiros, é bom saber que agora ela tem alguém para dividir essa dor. Ele é a razão de ela ter conseguido encarar com outros olhos a vida sem o meu pai, demonstrando alegria. E eu sou agradecida a

ele por isso.

"O Paul ligou quando você estava lá em cima com a sua mãe", Billy continua. "Ele estava atrás de mim o dia todo. Conversamos rapidinho."

"O que ele queria?"

"Nada de mais, só saber se você estava bem."

"Legal da parte dele."

"Alguns jornalistas entraram em contato pra saber se você quer contar a sua versão. Mas ele falou que como não tiveram a decência de contatar você antes de publicar a matéria, você não quer falar com eles agora. Acho que foi a coisa certa."

"Sim! Com certeza."

"Ele te defendeu mesmo."

Do que isso se trata? Paul foi bondoso comigo? Ele tem a cabeça voltada para os negócios quando o assunto é o Billy, e está sempre querendo alcançar o cume do estrelato, mas talvez em algum lugar dentro dele exista um coração. Talvez… Ou talvez na verdade ele queira que Billy pense isso.

18

"Certo. Eu só quero que você leia", Billy diz, alguns dias depois, com o roteiro de *Batida ambulante* nas mãos.

Lanço um olhar questionador.

"Por quê?"

"Para que você saiba o que esperar…", ele fala e morde o lábio.

"Em que sentido?"

Ele não responde, com culpa no rosto.

"Tá querendo dizer que eu não vou gostar de algumas cenas?"

Ele suspira e se senta ao meu lado no sofá.

"Só quero que leia no contexto. Se eu contar, você vai pirar."

"Nossa, estou bem mais tranquila assim", retruco com sarcasmo.

"Desculpa. Só se lembre de que é um roteiro incrível com um diretor brilhante, que vai filmar de um jeito bem artístico. Vai ser muito mais elegante e menos pornô."

"Quê?"

"Argh! Tá vendo? Eu não sei explicar", ele resmunga e cobre os olhos com as mãos. "Quero apenas que pense que é uma coisa mais mecânica do que parece, não tem sentimentos. Lê, por favor?"

"Tá bom!", concordo, mal-humorada, e viro a primeira página enquanto ele me encara – o que me irrita ainda mais. "Você vai ficar aí olhando pra mim?"

"Desculpa", ele diz e se levanta. "Na verdade, o Paul quer que eu assine uns papéis. Vou lá resolver isso rapidinho."

"Ok."

"Te amo", ele grita da porta.

Eu não preciso ler muito para chegar na primeira cena "romântica". O filme abre com uma. E ela me dá ânsia de vômito.

ABRIL DE 1971, LONDRES, INGLATERRA INT.
O QUARTO DE HOTEL DO STAN

A porta de um quarto de hotel é aberta violentamente e por ela entra STAN BAR – UM ROCKSTAR DE VINTE E TANTOS ANOS, PERIGOSAMENTE SEXY – com uma mulher – MEGAN REACH, VINTE E POUCOS ANOS – abraçada à sua cintura. Ele a carrega para dentro e bate a porta atrás de si, com pressa. O casal se agarra com desejo, explorando a boca um do outro, contorcendo-se de excitação.

Stan joga Megan na cama, distante dele, para desacelerar o

processo. Ele pega um maço de cigarros, tira um e acende, depois dá uma tragada longa. O casal não para de se olhar, como se isso fizesse parte das preliminares. Stan desabotoa a camisa e a joga no chão, revelando o corpo esculpido. Ele traga outra vez e observa Megan, enquanto espera que ela faça o mesmo. Stan olha o sutiã de Megan e levanta levemente as sobrancelhas, depois pede que ela o tire. Ela obedece, libertando os seios. Ela olha para ele com ansiedade, mordiscando o lábio de excitação pelo que virá a seguir. Com uma mão, Stan desafivela o cinto e desabotoa a calça, que cai. Sem esperar pelo próximo passo de Megan, ele abaixa a cueca. Um *close-up* nos olhos de Megan, que se arregalam de deleite. Ela rapidamente tira a saia e fica apenas de calcinha. Ela se deita na cama e arqueia as costas, com os olhos suplicantes para que Stan venha. Ele anda até o pé da cama, dá outro trago e segura o cigarro com uma mão. Com a outra, desliza a palma pela perna da Meg, parando ocasionalmente para provocar. A respiração de ambos fica mais ofegante conforme ele sobe. Ainda a olhando nos olhos, ele vai tirando a calcinha dela, centímetro por centímetro. Depois, a joga no chão e apaga o cigarro. Ele levanta uma das pernas dela e esfrega o lábio inferior no arco do seu pé. Com a língua, traça o trajeto perna acima, ignorando a parte que ela mais deseja, até chegar ao pescoço. Quando ele suga o lóbulo, Megan geme de prazer.

Cerro o maxilar enquanto leio o restante do roteiro. Cada massagem, lambida, beijo e esfregação ressoam pelo meu cérebro e me dão dor de cabeça. Coloco o caderno sobre a mesinha à minha frente, resisto à vontade de atirá-lo pelo ar, e me abraço com força à almofada mais próxima.

Apesar de todas essas cenas detalhadas, entendo por que o Billy se sentiu tão atraído pelo roteiro: é intenso, sombrio e eletrizante. Resumidamente, ele segue a vida de um roqueiro que alcança o auge da fama e tem tudo: todo o dinheiro do mundo, *grou-pies* em todos os *shows* e boa recepção da crítica. No entanto, quando a bebida, as drogas e o sexo dominam sua vida, ele se torna autodestrutivo, paranoico e cada vez mais violento, o que resulta no assassinato da esposa. Embora ele seja absolvido, graças a uma propina dada ao juiz, sua reputação fica fragilizada. A incerteza do futuro provoca mais uma vez abuso das drogas, e com isso ele começa a ver o rosto da esposa por toda parte, como se ela o assombrasse. É emocionante e convincente, e a anos-luz do drama adolescente de *Halo*. Entendo por que é um ótimo projeto para o Billy. Mas, mesmo assim, não o torna mais fácil para mim.

Não sei se fico feliz por Billy ter me mostrado. Só que seria um grande choque aparecer no *set* sem saber de nada e ver todas aquelas cenas quentes. Mas é o trabalho dele, certo?

Não importa o quão diferente Stan Bar seja do sr. Darcy, eu sempre soube que essa é a ocupação dele, não posso reclamar e fazer exigências agora. Mas só de pensar nele

lambendo, acariciando e se esfregando com diversas garotas nuas fico com o coração partido. Não importa quão inocente as filmagens sejam.

Ao ler o roteiro, entendo por que atores namoram outros atores. Para quem é de fora, a ideia de que seu parceiro passa o dia acariciando alguém é anormal. Pelo menos numa relação entre dois atores, como ambos vão fazer isso, a compreensão é mútua.

Suspiro pesadamente quando me lembro das palavras do Russell Mode: "A partir deste momento, todas as garotas dessa indústria vão piscar pra ele, fazer de tudo pra chamar atenção". A melhor hora para uma garota se aproximar do Billy e chamar sua atenção é quando está cavalgando sobre ele, nua, enquanto ele mordisca o lóbulo da sua orelha.

Sei que minha reação ao roteiro é essencial. Se reagir mal, estourar e pirar diante da estupidez de um homem comprometido gravar cenas assim, vou afastá-lo e criar um abismo entre nós. Vou dar a essas garotas a vantagem de as coisas não estarem às mil maravilhas em casa. Vou permitir que elas deem um jeito de se infiltrar nas rachaduras e se instalar entre nós. No entanto, se ficar ao seu lado, entender que é sua profissão e nada mais, ir ao *set* e ser simpática com todo mundo, fazer amizades, elas não vão passar dos limites. Não se eu mostrar que sou uma pessoa real na vida dele, que ele ama e respeita. Certo?

Preciso permanecer calma e racional, ignorar a vontade de gritar e berrar e chamar tudo isso de ridículo. São só oito semanas, afinal. Quão difícil pode ser?

***

"Preciso contar uma coisa", o Billy fala assim que entra pela porta, uma hora depois. Ele bufa, estressado.

"Ok…"

Ainda estou um pouco nauseada com o roteiro, e a afobação dele não torna a situação melhor.

"O Paul…", ele começa e coça a cabeça ao fazer uma careta angustiada. "Ele descobriu quem foi escalada para contracenar comigo."

"Quem?"

"A Heidi Black."

Repito o nome na mente, sei que soa familiar, mas não consigo lembrar.

"Heidi Black? Eu conheço esse nome…", digo, confusa. De repente, lembro. "Ela é a sua ex."

"Isso", ele diz e morde o lábio, nada à vontade.

"Ah…"

"Não quero que você entre em pânico", ele fala e pega as minhas mãos, acariciando-as.

“Você vai fazer aquelas cenas de sexo com a sua ex?”

“Sei que parece muito estranho, mas confie em mim, vai ser totalmente profissional. É só seguir ordens diante da câmera.”

“Sei…”, digo, tentando entender. Me recordo do dia que fiquei pesquisando sobre o Billy no Google, antes do nosso primeiro encontro, e a Heidi apareceu com seu cabelo loiro sedoso e corpo malhado. Fiquei arrasada com as fotos. Como lidar com o Billy por perto daquela perfeição todos os dias?

Preciso ir com cautela, ainda mais porque ele foi sincero e não deixou que eu descobrisse sozinha.

“Ela é uma amiga hoje em dia. Quer dizer, uma amiga com quem eu nem converso. E ela tá noiva do produtor, vão casar no fim do ano. Não é mais a mesma coisa. Isso foi há anos…” Ele para e suspira. “Não consigo parar de falar.”

“Não mesmo!”

“Desculpa. Eu não sei por que escalaram a Heidi. O tempo todo falando que queriam me afastar de *Halo*. Não faz sentido.”

“Billy, tá tudo bem.”

“Não tá.”

“Tá sim”, eu asseguro e o abraço.

“Quero você lá, pra ver como é tudo profissional, só questão de acertar posição. É técnico, nada mais.”

“Gato… eu confio em você de todo coração”, falo com sinceridade, de verdade. Fico feliz por ele estar sendo tão cuidadoso com essa questão, em vez de exigir que eu aceite tudo.

“Que bom! Nessas últimas semanas, percebi o quanto te amo, Sophie. Quero proteger você da dor pelo resto da vida. Sinceramente, não precisa se preocupar com essas cenas. Elas não significam nada, não precisa entrar em pânico.”

Não tenho como impedir isso, penso. E imagino como vou manter a calma ao vê-lo beijando Heidi Black.

***

O assunto Heidi Black me leva a telefonar para Molly. Apenas com ela quero desabafar. Só ela não vai julgar se eu choramingar ou vociferar. Preciso dela.

Estive tão obcecada com meu próprio tormento que, de forma egoísta, eu me esqueci de pensar em como a Molly estaria se sentindo esse tempo todo. Nos oito anos em que nos conhecemos, nunca passamos um dia sem conversar. Faz uma semana, tempo demais, e sei que deveria ter ligado antes.

Espero Billy sair e dar o horário de a Molly chegar em casa. Assim, ela poderá conversar sem outros ouvidos por perto. Deito na cama e ligo.

Meu coração bate acelerado enquanto o telefone toca.

"Alô?", por fim ela atende, sem fôlego.

"Molly, sou eu."

"Ah, minha querida! Me desculpa."

"Não precisa pedir, Molly. Não foi culpa sua."

"Não, mas…", ela começa, indecisa. "A Sally fez amizade com a Carla, sabe? Ela perguntava umas coisas, mas eu não queria falar nada, só que eu precisava explicar, porque a Carla falou muita bobagem."

"Molly, sério, não precisa justificar nada."

"Ela nem me contou", a Molly continua. "No sábado, ela não apareceu, não ligou nem nada. Passei o dia preocupada. No domingo, quando vi o jornal, entendi."

"Que horror."

Como alguém podia enganar uma senhora tão boazinha quanto a Molly? Essa tal de Sally não tem vergonha na cara?

"Todo mundo aqui tá inconformado!", ela continua. "Todo mundo foi tão legal com ela."

De repente, percebo que não sou a única que precisa desabafar. Afinal, não fui a única enganada.

Escuto, pois ela quer contar sua versão dos fatos.

"Algumas senhoras vieram me procurar, preocupadas com o que tinham dito. Entrei em pânico. A srta. Brown estava descompensada. Mas, quando eu perguntei, não tinha nada a ver com você, ela só havia falado bem de você. Ela estava preocupada porque tinha confessado que mentia pra família, dizendo que fazia os bolos." Então Molly começa a rir histericamente. "Ah, eu sei, não devia… mas até parece que alguém poderia se importar com isso."

"Sei lá, imagina a reportagem 'Vovó engana sem dó'. Parece boa." Eu rio também.

"Ah, minha fofa, me desculpa mesmo. Deve ter sido um golpe tremendo."

"Sabe, Mol, foi, sim, mas que bom que agora todo mundo sabe."

"Sério?"

"É. Eu devia ter contado há muito tempo pro Billy."

"Isso deve explicar pra ele um pouco do seu comportamento de ermitão!"

"Ei! Acabei de perdoar você." Dou risada.

"Você disse que eu não precisava de perdão!"

Algumas pessoas podem caçoar das nossas manias sem ofender. Para mim, a Molly é a única que permito brincar com os meus defeitos. Deve ser porque nos conhecemos tão bem.

"Desculpa ter demorado tanto pra ligar, Mol. Foi bobagem minha."

"Não seja boba."

“Não, foi infantilidade mesmo. Eu devia ter ligado na hora.”

“Está ligando agora, amor, é tudo que importa!”, ela fala mansinho. “Como anda a vida?”

“Tudo bem… Mas você não imagina quem vai contracenar com o Billy.”

“Quem?”

“A ex.”

“Nãããooo!”

“Sim.”

“Caramba. Você tá preocupada?”

“Não tô muito feliz.”

“Imagino. Mas faz parte.”

“Sim, Mol, é que o roteiro é tão… explícito!”

“Em que sentido?”

“Sexo. Muito.”

“Nossa.”

“Sério, eu não consegui nem ler sem ficar vermelha.”

“Com o que você se preocupa mais? Ele ficar com a ex ou as cenas quentes em si?”

“Pra falar a verdade, as duas coisas”, confesso após ponderar. “E se os antigos sentimentos voltarem? Não sou páreo pra ela, Molly, eu sei.”

“Mas não é uma competição!”

“Eu não consigo nem pensar em perder o Billy.”

“Sabe, eu nunca imaginei a vida sem o Albert. Nunca pensei: ‘Como vou viver sem ele?’. Mas aí ele morreu e eu tive que aprender. Mesmo quando o Peter decidiu mudar de país, eu aprendi. Meu ponto é: não adianta se preocupar em perder o Billy enquanto está com ele. Qual o sentido? A dúvida só vai estragar tudo.”

“Acho que sim…”

“Menininha, apenas se lembre de que é pra você que ele volta todas as noites.”

“Sim, mas de que adianta ele voltar se quiser estar em outro lugar? Tanta coisa está acontecendo, surgem tantas oportunidades todos os dias. Tudo tão emocionante pra ele. Mas pra mim é…”

“Demais?”

“Sim. Acho que é isso. Eu não tenho nada de emocionante.”

Ouço Molly suspirar.

“Não encha sua cabeça de caraminhola. Isso sim vai afastá-lo. O menino te ama, Sophie. Você precisa começar a acreditar que você é o suficiente.”

19

Billy encontra o elenco nos ensaios quinze dias antes da filmagem. O diretor quer fazer um aquecimento para não perder tempo. Após o primeiro dia, não faço muitas perguntas quando ele entra em casa (não quero que perceba que estou tentando avaliar a situação), mas, um pouco mais tarde, sentados para jantar, pergunto delicadamente algumas coisas sobre o elenco. Tento arrancar informação sem que ele perceba que estou preocupada com as garotas prontas para atacar na primeira oportunidade.

"E aí, como é o pessoal?", pergunto inocentemente ao enrolar o espaguete no garfo.

"Bem legal, na verdade. Não deu pra conversar muito, tinha muita coisa pra fazer. Os caras da banda são demais. Param pra tocar em toda pausa. Queria saber tocar algum instrumento."

O personagem do Billy, Stan, é o líder e vocalista da banda. O restante foi escalado devido às habilidades musicais, pois queriam que a banda fosse real. O papel do Stan precisava de alguém com carisma, charme e *sex appeal*… ego acima do talento musical.

"Se sentiu excluído?"

"Um pouco… e sem talento." Ele ri. "Minha meta é aprender a tocar uma música até o término da filmagem."

"Qual?"

"Sei lá… uma fácil!"

"E as outras pessoas? As meninas são legais?", pergunto e enfio o garfo cheio de macarrão na boca para me impedir de questionar mais.

"As *groupies*? Parecem legais." Ele dá de ombros. "Todas simpáticas e tão nervosas quanto eu."

"Com certeza. Como elas chamam?"

"Hum…" Ele se esforça para lembrar. "Nossa, que difícil. Tem a Holly, a Rebecca, a Karen e a Sarah. Não lembro o nome das outras duas, não nos falamos muito. É bom ter esse tempinho de ensaio, pra se acostumar à intimidade. Assim, na hora da filmagem é muito mais fácil."

"Sei…"

"Elas querem conhecer você."

"Ué, achei que nem tinham conversado direito."

"Não conversamos, mas você não sai da minha cabeça", ele fala com um sorriso e dá uma piscadinha.

É bom saber que Billy anda falando sobre mim, que não esquece que eu existo assim

que entra no estúdio cheio de garotas. No entanto, será que ele tocou no assunto porque está ansioso para me levar ao *set* ou porque alguém se aproximou demais?

"E com a Heidi?"

Ele faz uma careta.

"Que cara é essa?"

"Ela estava meio esquisita comigo. Meio… fria."

"Por quê?"

"Sei lá. Achei que estava tudo bem entre a gente. Mas parece que ela tá assim com todo mundo, deve ser coisa dela."

"Deve ser estranho, depois de terem sido tão íntimos."

"Um pouco, mas, contanto que ela faça o trabalho direito, não me importo."

Fico feliz por ela ter colocado certa barreira entre eles. Melhor isso do que se aproximar demais para lembrar os velhos tempos.

***

Na manhã do primeiro dia de filmagens, um motorista nos busca às cinco da manhã. É extremamente difícil acordar nesse horário, mesmo animada para acompanhar o Billy no trabalho. Me arrasto pelo quarto, tentando fazer com que meu cérebro funcione o suficiente para me vestir. Mas não sei o quê. Ao ver que o Billy escolheu roupas confortáveis, opto por *jeans*, blusa de lã e botas Ugg, que ele me deu de Natal – e são as coisas mais confortáveis do mundo.

No carro, caímos no sono.

Assim que chegamos no estúdio, uma hora depois, ele é levado ao camarim, que se trata de um *trailer* no estacionamento. É simples, bonitinho e aquecido. Tem uma cozinha/sala/quarto com um sofá-cama marrom perto da janela, tevê, chaleira e geladeira. Tem banheiro com pia e chuveiro. Não é o lugar mais glamoroso do mundo, mas é divertido. Para mim, pelo menos. Billy obviamente já conheceu diversas versões da mesma coisa.

Mal chegamos e alguém bate.

"Entra", o Billy fala.

A porta se abre e um homem com gorro de tricô e jaqueta preta de couro entra com uma prancheta sob o braço.

"Olá, Billy!", ele cumprimenta alegremente.

"Stephen, que bom ver você, parceiro!", Billy responde enquanto eles se abraçam entusiasmados. "Esta é a Sophie."

"E aí?", ele fala e aperta minha mão.

"Olá!"

"Já ouvi muito sobre você. Eu sou o Stephen, o segundo diretor-assistente.

Basicamente, preciso me certificar de que o Billy está aqui e contente."

"Ele é péssimo nisso", o Billy brinca.

"Qual é?" Stephen ri e dá um soquinho no braço do Billy.

"Tá vendo? Se ficar roxo, as maquiadoras vão ficar fulas com você!"

"Que moçoila. Ok." Ele se volta para mim: "Se precisar de alguma coisa, é só gritar ou pedir pra algum ajudante ou qualquer pessoa com um desse aqui". E gesticula para um tipo de *walkie-talkie* no bolso de trás da calça.

"Obrigada", agradeço.

"Certo, vamos resolver as paradas. Pessoal, o que querem de café da manhã?", ele pergunta, esfregando as mãos.

"Como é o primeiro dia da Sophie, quero o completo!", Billy sugere.

"Não podia ser diferente." Stephen dá uma risadinha.

***

Depois de experimentar quase tudo que o *buffet* tinha para oferecer – cereal, *bagels*, bolinhos, café inglês completo e rabanadas –, estamos lotados.

Quando o Stephen bate na porta outra vez, nos encontra aninhados no sofá assistindo ao jornal da manhã.

"Billy, tá pronto pra cabelo e maquiagem?"

"Sim!", ele afirma e se levanta do sofá, em seguida dá uma boa espreguiçada.

"Quer ir com ele, Sophie? É um pouco apertado, mas deve ser rápido."

"Não com uma cara como a minha!", o Billy faz piada.

Ambos olham para mim querendo saber se vou acompanhar Billy na primeira saída do trailer. Para falar a verdade, bem que eu gostaria, mas o Stephen falou de um modo meio desencorajador.

"Hum… Se não vai demorar e o espaço é apertado, eu espero aqui", falo como se não me incomodasse.

***

"BillyBillyBillyBillyBillyBilly Buskin", cantarola uma garota ao bater na porta e em seguida abrir. "Oh!", ela exclama em choque ao me ver no sofá e fica parada na escada. "Desculpa", ela fala, confusa, e relê a placa para ver se não errou.

"Não esquenta, ele tá fazendo cabelo e maquiagem. Deve voltar logo."

"Ah." Ela se enrola no longo casaco macio.

"Eu sou a Sophie", falo ao me aproximar, ansiosa para me apresentar a essa garota que parece íntima do Billy.

"Sophie? Ah! É a namorada dele! Claro! Ele estava tão animado que você viria!

Prazer em conhecê-la. Eu sou a Holly." Ela oferece a mão, já mais amigável.

"Holly!", a voz do Billy ecoa.

Estico a cabeça para fora e o vejo caminhando na nossa direção. Ele usa uma peruca castanho-clara na cabeça, de fios longos em volta do rosto e na altura do ombro. Ridículo!

"Eeeeeei! Menino Billy! Bela cabeleira!" Ela ri ao correr na direção dele e o abraçar.

Ele ri e ambos seguem na minha direção.

"Então já conheceu a Sophie!"

"Acabamos de nos conhecer", digo.

"Faz horas que cheguei. Já tô entediada!", ela me interrompe. "O Stephen me contou que você já tinha chegado então vim dar um oi."

"Já fez cabelo e maquiagem?"

"Não dá pra perceber?", ela pergunta e joga o cabelo vermelho para o lado. "Já até estou com o figurino!", ela comenta enquanto abre o casaco para mostrar um minúsculo vestido, então joga o pé para trás, de um jeito fofo – tipo Marilyn Monroe – e dá uma risadinha.

Apesar de saber que é um figurino, me sinto mal vestida com as minhas roupas confortáveis. Embora Billy tenha vindo com roupa casual, não pensei que ele passaria o dia todo de figurino. Preciso me esforçar mais amanhã, principalmente se todas as garotas forem maravilhosas como a Holly.

***

"Ela é simpática", digo, assim que Billy volta ao *t railer* e Holly sai para falar oi a outra pessoa.

"A Holly? É, ela é boazinha."

"Vocês já parecem bem próximos."

"Não muito. Eu converso um pouco mais com ela do que com as outras meninas, só isso. As outras ficam meio tímidas, mas a Holly não se abala com nada."

"Acho que ela tá a fim de você."

"Nem! Não seja boba", ele fala ao tirar o sapato e se ajeitar no sofá, ao meu lado.

"Ela parecia bem encantada."

"Não, ela é assim com todos, abraça todo mundo. Não significa nada."

Não sei por que ele está tão esforçado em negar a possibilidade. Será que está cego para a afeição óbvia dela por ele? Ou apenas quer me acalmar?

Outra batida à porta. Billy abre e aparece uma mulher de cinquenta e tantos anos, carregando cabides pesados com roupas.

"Olá! Sou a Judith, a camareira."

“Prazer em conhecê-la. Sou o Billy e esta é a Sophie”, ele fala e pega as roupas.

“Obrigada. Você pode colocar no guarda-roupa?”, ela pede e tira a franja dos olhos. “Ah, sim, alguém me avisou que você tinha companhia.” Ela me olha. “Boa ideia. Nesses trabalhos se espera tanto. Pode ficar bem entediante. Olá.” Ela dá um sorriso acolhedor na minha direção antes de pegar o bloco do bolso.

“Como você chama mesmo?”, Billy pergunta.

“Judith”, ela repete ao tirar os olhos do bloco. “Desculpa, estou checando se trouxe tudo. Como eu disse, sou a camareira. Vou trazer a roupas que precisa para as cenas do dia, ajudar a vestir... Não porque acho que não saiba se vestir sozinho, é só pra eu me divertir um pouco.” Ela ri e provoca a nossa risada.

***

Entro no estúdio com o Billy pela primeira vez e me sinto nervosa e minúscula ao olhar para o espaço enorme ao nosso redor, que parece um depósito gigante. As paredes são de metal, há inúmeros andaimes para segurar as luzes brilhantes e várias peças de equipamentos caros espalhadas por todos os lados, erguidos no meio de um vasto espaço. É tudo muito intimidador. Estranhamente, é mais frio do que imaginei, tanto em temperatura quanto na atmosfera.

O local está cheio e a equipe, vestida de preto da cabeça aos pés, corre para lá e para cá, gritando ordens para que tudo fique pronto logo. De vez em quando, alguém vê Billy e o cumprimenta, mas a maioria está muito concentrada nas suas tarefas individuais e nem percebe a nossa presença.

Os atores chegam já paramentados e imediatamente se servem de café e chá, que estão dispostos em uma grande mesa de madeira, apesar de todos terem quantidades imensas de chá nos camarins. Pelo menos assim eles têm alguma coisa para fazer enquanto esperam. Todos estão concentrados em seu próprio mundinho, se animando para a cena seguinte. Sentindo a ansiedade no ambiente, ficamos quietinhos num canto. É melhor fazer as apresentações depois que o pessoal estiver mais à vontade.

Hoje vão filmar cenas do começo do filme, quando a banda está no auge da fama. Como quase todos os atores vão participar, vai ser um dia bastante intenso. Pelo que enxergo do cenário, no local da apresentação há sofás de couro vermelho ao longo de uma parede espelhada, banquinhos também de couro perto do bar e chão de azulejo preto e branco. Poderia ser lindo, mas só depois de uma limpeza. O chão foi sujo e os móveis estão esfarrapados, para dar uma aparência *rock’n’roll*. Nas cenas de hoje, Stan, o personagem do Billy, vai ser o *showman* perfeito, desfilando pelo clube com arrogância. Sempre que olho para ele dou risada, graças ao cabelo comprido e à roupa: uma camisa creme aberta, *jeans* de cintura baixa que só não cai por conta do cinto de fivela enorme, e botas pretas. Ele realmente parece um astro do *rock* dos anos setenta.

É surreal ficar abraçadinha com ele.

"Como você tá se sentindo?"

"Tô bem", ele responde, dando de ombros. "Hoje vamos nos divertir."

"Onde eu devo ficar?"

"Bom, qualquer lugar que não atrapalhe e não entre na cena."

"Não diga."

"Você não tem ideia de como os visitantes costumam entrar na cena sem querer."

"Sério? Ok, vou ficar atenta", prometo e espero que não passe vergonha.

"O Stephen sabe que você tá aqui. Ele vai ficar de olho e cuidar de você."

Paro de ouvir quando uma mulher em um longo casaco de pele branca entra. O casaco está aberto e expõe as botas pretas até o joelho, o shortinho *jeans*, a blusa curta, além das pernas bronzeadas e musculosas, e o abdome magro. Observo enquanto ela olha ao redor, inspecionando tudo, além de marcar presença. Todos ficam em silêncio e a encaram. Por fim, um rapaz com *walkie-talkie* corre até ela e pergunta como pode servi-la.

Billy se vira para conferir o que atraiu a minha atenção.

"Ah... a Heidi."

"Uau!", exclamo, surpresa ao ver como ela é maravilhosa ao vivo.

"Hum...", ele grunhe com o cenho franzido.

"Ela ainda tá esquisita?"

"Sim."

"Que pena."

"Problema dela." Ele dá de ombros.

"Ok, todo mundo", ecoa uma voz masculina. Com tanta gente em volta, não sei quem fala. "Agora que todos chegaram, os atores podem ir para o *set*, por favor?"

"Certo, fique aqui e evite as câmeras. Se sirva de chá e café. E, se ficar muito chato, pode voltar para o camarim, se quiser", Billy diz antes de me dar um beijo e correr até o Stephen para mostrar onde estou.

***

É uma longa manhã, com grandes intervalos entre os *takes*. Quando as gravações são interrompidas, todos se acomodam pelo *set* à espera do que fazer. E o diretor, Max Rossini, conversa com cada ator para aperfeiçoar os menores detalhes imagináveis.

Graças ao Stephen, estou sentada em frente a um pequeno monitor, pelo qual vejo o que está sendo filmado, em vez de espiar por cima dos ombros dos outros. Apesar de estar num cantinho agradável, sem atrapalhar, me sinto excluída. Todos os outros, todas aquelas centenas de pessoas às pressas, têm um papel no grande esquema, mesmo que seja apenas segurar o casaco dos atores ou pegar água no intervalo. No entanto, eu,

como namorada, e a única no *set*, parecia atrapalhar, até, por consequência, ser empurrada para o canto. Por isso o Stephen deu um monitor para mim. Então agora estou sentada aqui, assistindo, enquanto bebo litros de chá e devoro bolachinhas. Sei que, conforme for conhecendo as pessoas, vou me sentir menos mal. E é interessante ver o Billy no trabalho. Como ele bem disse, é bem menos glamoroso do que se pensa.

Enquanto Billy conversa com o diretor, noto a Holly me olhando com um sorriso gigante e acenando freneticamente.

Não consigo evitar a risada enquanto retribuo com um aceno tímido, para não chamar atenção. É um pequeno gesto o dela, mas é simpático e faz com que me sinta mais incluída. Talvez eu tenha feito um mau julgamento sobre ela. Talvez ela seja boazinha com todos, sem interesses escusos.

A postura de Billy me surpreende no *set*. Embora tenha dito que não conhecia ninguém do elenco, todos são amigáveis entre si, exceto Heidi, claro. Em cena, ele é brincalhão com as atrizes, pois o personagem é um verdadeiro ímã de garotas. Elas cochicham no ouvido dele, mas fico pasma quando vejo que isso continua depois do fim da cena. Quase todas as garotas, em algum momento, chegam nele durante o intervalo e brincam com o cabelo comprido, tocam o peito nu, fazendo poses com as roupas reveladoras e rindo de tudo que ele fala. É um flerte óbvio. Fico perturbada porque elas permanecem em poses sedutoras sobre ele mesmo depois de a cena ter sido cortada.

Isso me irrita, mas o que me surpreende não é o que elas fazem, mas o fato de ele retribuir. Obviamente, ele é um cara simpático, cheio de charme. Foi isso que me atraiu e me conquistou. Pode ser que ele apenas queira ser legal e criar uma ligação para as cenas, sem pensar em como isso pode parecer. Mas percebo que ele gosta do contato com essas mulheres, como a Ruth. A relação com ela parecia íntima demais para mim. Esse mundo do cinema é tão difícil de entender. O que é real e o que não é?

Para defendê-lo, preciso dizer que ele também apontou na minha direção para que algumas das garotas me vissem e mandou beijos no ar, excessivamente afetuosos, mas uma gracinha. Então, ele não está fingindo que não existo. Mas como ele se comporta quando não estou perto?

Eu sei, eu sei. Não devia analisar tudo desse jeito. Não posso ter ciúme, ainda mais com o que falta acontecer nas filmagens. Porém, quanto mais assisto, mais desanimada fico.

***

Durante a tarde, quando Billy vai retocar a maquiagem e eu volto ao trailer, recebo uma ligação da minha mãe, muito animada com a filha no *set*.

"Me conta."

"Pra falar a verdade, mãe, não tem o que contar."

"Quê?"

"A coisa anda bem devagar."

"Alguma coisa deve ter acontecido. Como ela é?"

"Maravilhosa, como eu temia."

"Aposto que não é nada perto de você."

"Será que você não é parcial, por acaso?"

"De jeito nenhum", ela insiste.

"O Billy tinha razão: ela é muito antipática. É incrível como ela muda diante da câmera."

"Ela é boa, então?"

"Muito!"

"Nada de cenas pesadas?"

"Por enquanto não. Mas hoje foi o primeiro dia. Ainda virão."

"Está com medo?"

"Não estou muito animada, com certeza", admito.

"Não sei como você consegue, querida. Eu não conseguiria."

"O Billy pediu pra eu vir", respondo, embora esteja duvidando se foi mesmo uma boa ideia. Ainda mais depois de ter ficado tão alterada ao ver como ele interage com as atrizes.

"Você é mais forte do que eu. Se eu tivesse que observar alguém sequer olhando estranho para o seu pai, não ia me segurar."

"Mãe!", eu a reprimo.

"Bom..."

"O que você vai fazer hoje?", pergunto.

"Vou ao teatro."

"Verdade?"

"É. O Colin comprou ingressos em promoção para uma versão musical de *Desencanto*."

"Virou musical?" Dou risada.

"Acho que sim... Ou talvez seja *Bonequinha de luxo*." Ela também ri.

"E como andam as coisas com o Colin?"

"Ah, ele é um cara legal. Eu gosto da companhia."

"Que bom."

"Ele sabe que nunca vai substituir o seu pai", ela fala baixinho. "E eu também nunca vou substituir a esposa dele."

"Você quer?"

"Substituir? Não. Só é gostoso ter alguém que me trata de forma especial."

"Você é especial."

“Obrigada, meu amor... Mas acho que preciso ouvir isso de outra pessoa, pra variar.”

***

Deitados no *trailer*, após uma semana de filmagens, ficamos aninhados debaixo das cobertas, esperando o chamado para o *set*. Estamos aqui há duas horas, mortos de tédio. A Judith estava falando sério quando disse haver muita espera nessa profissão. E, como Billy fica pronto para a cena, de roupa e tudo, não podemos dar uma fugidinha. Nós, ou pelo menos o Billy, precisamos ficar no camarim ou por perto.

“Se você fosse namorar uma das meninas, quem seria?”

Não sei por que pergunto, e não quero saber a resposta, mas ao vê-lo todos os dias com elas, tão confiante de si, não consigo parar de pensar que ele gostaria de namorar alguém como elas. A dúvida me consome, não importa o quanto eu tente me acalmar.

“Eu não vou namorar, eu namoro você.”

“Mas e se eu não existisse?”

“Bom, isso seria triste... Eu teria que viver o resto da vida sozinho.”

“Qual é, fala sério, qual delas?”

“Eu não quero brincar disso.”

“Por que não?”

“Porque eu não gosto de nenhuma desse jeito.”

“Ah, até parece. Elas são supergostosas e todas estão a fim de você.”

“Sophie!”

“Que foi?”

“Elas não estão a fim.”

“Estão, sim. Qualquer chance, já pulam em você.”

“Sophie, que bobagem”, ele fala com uma ponta de irritação.

“É só uma brincadeira”, explico, fazendo beicinho.

“É mesmo? Ou será que vai deixar você paranoica? Olha, Sophie”, ele suspira, “eu amo você totalmente. Não há nada que eu não faça por você. Preciso que acredite nisso. Sei que as coisas podem parecer estranhas, mas juro que estou fazendo de tudo pra facilitar, ok?”

Faço que sim com a cabeça, me sentindo idiota por ter perguntado. Me aproximo dele e fecho os olhos, fingindo dormir. Não quero mais falar sobre o assunto.

20

Não demora para o diretor agendar a filmagem da cena de abertura com o Billy e a Heidi, a primeira da longa lista de cenas românticas. Fico mal quando a vejo marcada para o dia seguinte.

Ao me ver suspirar, Billy vem espiar por cima do meu ombro.

"Ah..." Ele faz massagem nos meus braços.

"Ah, mesmo." Viro para olhá-lo.

"Eu sei que pedi pra você vir, mas não vou obrigar a ver essa se não quiser."

"Bom, não vai ser o melhor dia da minha vida, com certeza."

"Nem da minha. Tô bem nervoso." Ele torce minhas mãos.

"Por quê?"

"Não estou acostumado."

Eu nem tinha pensado em como é para ele filmar esse tipo de cena. Deve dar muita vergonha. Talvez, se eu assistir, a pressão ainda aumente.

"Não quero que a minha presença piore as coisas."

"Não vai. Quero que veja que não tenho segredos, que não é uma coisa sórdida."

"Eu sei que não é", digo e suspiro outra vez.

"Não consigo me imaginar na sua posição, acho que ficaria louco."

"Bem, acho que não vou rolar seminua com outro homem na cama nos próximos tempos, pode ficar tranquilo."

"É verdade." Ele se inclina e me beija, depois encosta a testa na minha. Ficamos de olhos fechados, abraçados.

"Eu quero apoiar você. Estou me esforçando para isso não se tornar uma coisa esquisita."

"Eu sei e admiro você por isso." Ele pega minha mão e a beija.

"Toque, toque! É hora da vovó ver você pelado!", Judith chama do lado de fora e nos separamos.

***

No dia seguinte, ao entrar no *set* com o Billy, fico ansiosa e preocupada com a minha reação. Quero encarar numa boa, mas, só de pensar, fico arrepiada. Observo o quarto de hotel. É escuro, emporcalhado, com cortinas cor de laranja, papel de parede marrom e cheio de tapete. De novo, merecia uma boa limpeza.

Cenas assim costumam ser filmadas em um "*set* fechado", apenas com a equipe

mínima. Pelo que o Billy falou, é para os atores ficarem à vontade, sem inibições e concentrados. Mas ele pediu aos produtores para que eu assistisse. Eles permitiram após conversar com a Heidi, que autorizou sem frescuras.

Penso em como deve ser para ela. Primeiro, fazer uma cena dessa, segundo, com o ex, terceiro, sabendo que a namorada do ex vai estar assistindo. Eu não dirigi sequer uma palavra para ela. Ela é realmente uma pessoa fria. Sorri apenas para o diretor e os produtores, ou outros em posição de poder.

Para eles, é simpática, alegre, risonha, mas, quando eles não estão falando com ela, sua expressão é metálica. Observa todos como um falcão.

A maioria já aprendeu a deixá-la quieta no canto. Mas já vi a Holly tentar inúmeras vezes, em vão, conversar com a Heidi.

Ver o rosto animado da Holly murchar é penoso.

Com toda a sua beleza, eu deveria ficar mais apreensiva em relação à Heidi, mas com essa atitude, a qual o Billy garante não ter nada a ver com a antiga Heidi, não me preocupo tanto. Mas esse pensamento se enfraquece assim que a vejo entrar no *set* com botas de cano alto, blusa transparente e a minissaia mais curta que já vi. Está incrivelmente *sexy*. Em comparação, me sinto desmazelada.

"Ok, podem ir para o *set*, pessoal?", o Stephen pede baixinho para os dois, realçando a delicadeza da cena a seguir.

"Eu te amo." Billy dá uma piscadinha e aperta minha mão antes de ir.

Sento no meu lugar de sempre, diante do monitor. Max, o diretor, que sempre usa camisa e calça *jeans* e tênis, vai até os dois para conversar e fala tão baixo que não escuto. Percebo que Billy, de braços cruzados, já está desconfortável.

De repente, o Max se afasta e fala com o Stephen, que explica a todos como as coisas vão suceder.

"Certo. Vamos começar do momento em que o Stan joga a Megan na cama. A cena da porta será filmada depois. Billy, pode começar com o empurrão na Heidi, para posicionar as câmeras?"

"Sim", o Billy concorda e anda até o meio do quarto de hotel de mentirinha.

***

A manhã não transcorre tranquilamente. Embora os dois ultrapassem os limites de barreiras pessoais com os toques, esfregações e lambidas (que fazem o meu coração murchar como uma uva-passa), eles não ficam à vontade e a cena não dá certo na câmera. A parte do *striptease* terminou e começou a cena de amor em si, na qual o Billy tem que lamber o corpo todo da Heidi até beijar o pescoço.

Fico arrasada. Às vezes, preciso virar o rosto para não ver o meu homem ter o seu lóbulo mordiscado por essa mulher maravilhosa, com os seios empinados de fora. Por

enquanto, estou bem comportada. Por enquanto.

A cada novo *take*, um Max mais estressado corta um minuto depois, vai até os dois e conversa. Ele tenta diferentes táticas para conseguir o que deseja, descontente com a falta de calor e paixão. Embora ainda esteja educado, percebo que a cada cena perdida fica mais irritado.

"CORTA! Não tá dando certo!", Max berra ao andar na direção do Billy e da Heidi, com as mãos para o alto, em desespero. "Precisa de algo mais. Precisa ser mais *sexy*. Gente, qual é, vocês não estão conseguindo. Isso vai ditar o tom do resto da cena. O Stan é um deus do sexo. Brinque com ela, use-a, provoque. Manipule o corpo dela como se o dominasse. A Megan está doidinha por ele. Ela o quer e quer agora. Ela tem que mostrar a que veio. Provocar com o corpo. Eles são loucos. Loucos! Vocês estão pensando demais, precisa ser mais físico", ele diz e bate o punho na mão para realçar o ponto. "Por um *take* que seja, vamos tentar... não sei, você pode sugar o mamilo dela ou algo do tipo? Ou dar uma beliscadinha? Vocês topam? Precisa ser mais ilícito, à beira da explosão. Preciso de desejo!"

O Billy e a Heidi se olham, incomodados. Fico aliviada ao ver que ambos acharam aquele pedido absurdo. Qualquer olhadinha das meninas para o Billy em cena já faz com que eu fique sensível, isso, então, está me deixando louca. O que ele pediu é demais. Eles a tuam, claro, mas os corpos são das pessoas reais. Sei que a maioria concorda comigo, é um exagero.

Percebendo a relutância, o Max continua:

"Vocês querem se afastar de *Halo*, certo? Aquela imagem certinha não serve mais, querem fazer papéis mais sujos. Bom, então vamos causar um rebuliço. Vamos agarrar o touro pelas bolas!"

As palavras pairam no ar.

"Por mim tudo bem", a Heidi bufa e volta para a posição inicial, com o cabelo de lado e os seios empinados.

Observo a hesitação do Billy: fica cabisbaixo, bate o pé no chão.

Ele não olha para mim, está de costas. Assente devagar e fica ao pé da cama.

"Podemos tentar", ouço o murmúrio.

Algo dentro de mim morre.

No monitor, vejo a tristeza no seu rosto. Vejo que ele está contrariado. Mas o desânimo desaparece assim que alguém grita "Pronto... Câmera... Ação", e ele se transforma no Stan Bar, feroz e intenso.

Olho ao redor, desamparada, sem poder acreditar no que vou testemunhar.

Ninguém me vê.

Todos estão envolvidos na cena, cuidando de suas tarefas.

Eu me contorço ao olhar para a tela, seguro o fôlego, sem acreditar. Observo a

câmera acompanhar o Billy enquanto ele lambe as pernas brilhantes da Heidi, o abdome delineado e chega ao mamilo. Ele para. Por um segundo, acho que não vai até o fim. Mas, em vez disso, olha para o rosto dela, ardente, suplicante. Então sorri, dá uma risada profunda e uma lambidinha brincalhona antes de colocá-lo inteiro na boca.

Um lamento irrompe, todos param.

No monitor, o Billy levanta o rosto chocado, com raiva e confuso. As pessoas começam a olhar na minha direção. Só então percebo que a lamúria vem de mim. Cubro a boca e congelo. Todos me olham feio.

Saio correndo.

Já estou de volta ao camarim quando Billy me alcança. Ele bate a porta.

"O que foi aquilo? Não se preocupe, já tô indo, aí você fica à vontade", eu desabafo enquanto pego o casaco e a bolsa.

"O que você quer que eu faça? Eu não posso ignorar o diretor. Quer que eu desista? É isso?", ele berra. "Quer que eu vá embora só porque você não gostou?"

"O qu-quê?", eu balbucio, sem entender por que de repente eu sou a errada. Ele não viu o que ele fez?

"Eu tentei de tudo pra você se sentir bem-vinda. Passei horas explicando cada detalhe, pra você se sentir incluída na coisa toda."

"Eu sei..."

"Horas que eu deveria ter passado com o pessoal, pra ficar à vontade na hora da cena."

"Eu nunca falei pra você não ficar com eles."

"Não, nunca, mas sempre que isso acontece, você faz com que me sinta mal. Eu percebo você fumegando assim que uma das meninas vem aqui pra me ver."

"Eu não faço isso."

"Se eu converso com qualquer menina, logo em seguida você fala que ela tá a fim de mim. Aí me sinto mal, porque não quero que elas pensem coisa errada."

"Eu nunca impedi você de falar com ninguém..."

"Impediu, sim! Você não percebe?"

"Billy! Eu fiquei sentada, quieta, com um sorriso no rosto, enquanto olhava você beijar meninas agarradas em você, falando besteiras. Pra falar a verdade, um pouquinho de paranoia é de se esperar, não?"

"Mas é atuação, é um personagem. Só isso. Por que é difícil entender que é um trabalho, e não as besteiras que você tem na cabeça?"

"Como você não me entende?", eu berro.

"Entendo, mas você tá exagerando. Não tem nada a ver com a gente, é um personagem."

"Exagerando? Billy, você colocou o mamilo de outra mulher na boca!"

"E?"

"E?!", eu repito aos berros. Como ele não percebe que isso pode ser um problema? "O peito da sua ex-namorada? Não tem nada de errado nisso?"

"É o meu trabalho!"

"É nojento!"

"Foi o que o diretor pediu. Eu não tinha escolha."

"Tinha, sim", falo com firmeza. "Podia ter pensado em mim, ter visto que o pedido não é normal, é doentio, e você é idiota de obedecer só porque o diretor falou. Não percebe como isso é absurdo?"

"Mas eu estava atuando. É o que eu faço."

'Então você é patético."

Ele olha para o chão em silêncio, com o rosto vermelho de raiva.

"Eu não virei mais aqui", falo baixinho. "Não tinha percebido que a minha presença era um problema, uma dificuldade."

"Sophie..."

"A gente se vê mais tarde", eu o interrompo e saio.

Passo pelos *trailers*, pelo estúdio e pelo *buffet*. Fora dos portões, olho em volta e fico desesperada: o Billy não veio atrás de mim. Pensei que viria.

Sigo até um banco e me sento, com as mãos na cabeça. Respiro fundo para me acalmar.

Meu telefone começa a vibrar no bolso. Imagino que seja o Billy, querendo saber onde estou, querendo fazer as pazes. Não é ele. É a Molly.

Observo o nome dela na tela e quero muito atender, soluçar e reclamar. Mas algo me impede. Ainda não estou pronta para falar sobre isso. Ainda não entendi o que aconteceu.

A culpa é minha? Sou paranoica? Estou mesmo tratando as meninas mal? Se sim, não segui o conselho da Molly.

Encaro o telefone até ele parar de tocar.

"Sophie?" Levanto o rosto e vejo Holly ansiosa caminhando na minha direção. "A Judith me contou o que aconteceu. Você tá bem?"

"Não muito!", admito com um sorriso forçado.

"Isso tudo deve ser muito estranho pra você." Ela se senta ao meu lado e me abraça.

"Um pouco."

"Sei lá como eu ia me sentir no seu lugar."

"Como uma idiota."

Ela me abraça mais forte e eu grunho, frustrada.

"Desculpa."

"Você sabe que o Billy ama você, né? Ele só falou de você sem parar desde o

primeiro dia de ensaio.”

“Duvido.”

“Falou mesmo. Acho que é por isso que a Heidi tá tão mal-humorada.”

“Você acha?”

“Com certeza. Pensa: ela está trabalhando com o ex-namorado... O que é pior que isso? Trabalhar com um ex-namorado que não quer saber de você.”

“Talvez.”

“Com certeza!”

“Eu achei que não seria assim. Ele ficou irado comigo.”

“É muita pressão.”

“Mas ele estava errado! Será que ele não enxerga?”

“Você sabe que sim. Ele não quer admitir que precisa voltar lá e refazer a cena.”

“Acha que ele vai fazer isso?”, pergunto, torcendo para que ele não seja tão idiota.

Holly levanta os ombros tristemente e lança um sorriso piedoso para mim.

Ahh...

“Obrigada por vir me ver”, digo ao levantar. “Acho que preciso ir pra casa.”

“Você quer pedir para o Stephen chamar um carro?”

Faço uma careta só de pensar em voltar. Não quero ver as pessoas comentando meu surto ou o Billy se preparando para voltar ao *set*.

“Quer saber? Vou avisar o Stephen onde você está e ele manda o carro. O que acha?”

“Obrigada!”

Ela me dá outro abraço antes de atravessar os portões de volta.

21

Por horas, me ocupo com a limpeza do apartamento, à espera do Billy. Para falar a verdade, ainda estou possessa e tenho vontade de rasgar todas as roupas dele e quebrar tudo. Além de irritada por ele ter sido tão frio, estou muito nervosa, porque ele voltou ao *set* para refazer aquela cena nojenta sem considerar meus sentimentos.

Nós nunca discutimos, não assim. Acho que desde pequena eu nunca tinha brigado com alguém desse jeito. Pelo menos dessa vez sei que tenho razão, não estou "exagerando".

Durante a tarde, quando fico em dúvida sobre a maneira como reagi, um novo pensamento surge e me lembra de como ele foi babaca e me fez de idiota, o que reaquece minha raiva.

Estou pronta para o confronto, quero falar as milhões de coisas que ele fez de errado e como estou magoada.

O celular bipa e interrompe meus pensamentos descontrolados.

É uma mensagem do Billy.

> O Max me chamou pra jantar. Desculpe, tenho que ir. Chego mais tarde. Quero resolver isso. Bj

Depois de um dia tão horrível, que poderia significar o fim de nosso relacionamento, ele prefere jantar com o diretor em vez de vir para casa correndo e resolver a situação. Isso diz tudo. Nos últimos meses, principalmente depois do Bafta, as prioridades dele mudaram. O foco dos pensamentos dele não estavam mais em uma vida caseira feliz, no nosso futuro juntos, em manter as raízes para não se perder nessa indústria volúvel. Em vez disso, tudo é a carreira, está concentrado em ter sucesso, obter mais respeito. A sede por ser admirado tomou conta dele.

E o personagem Stan, com seu ego enorme, piorou a situação, parece ter dado corda ao narcisismo. Talvez esteja sendo difícil para ele sair do personagem no fim do dia, mas levar uma vida de mentirinha é ridículo.

***

As horas passam, já é depois da meia-noite, e ele não está de volta. A rebeldia começa a arrefecer. A raiva dá lugar à paranoia e à fragilidade. Me sinto só, ansiosa.

Cadê o Billy?

Sei que amanhã ele começa cedo, por que ainda está fora se já é tão tarde? Talvez alguma coisa tenha acontecido. Pensar nisso me deixa atordoada. Lembro a última vez que tive uma discussão tão explosiva.

Por volta das duas da manhã, tento ligar. Chama, ninguém atende. Quando ligo novamente em seguida, cai direto na caixa postal.

Sem conseguir pensar em mais nada, fico sentada na sala, abraçada a uma almofada, e observo os ponteiros do relógio se moverem devagar, segundo a segundo. Quero que ele chegue logo.

***

Cochilei sem perceber e acordo com o toque do telefone. Pego, na esperança de ver o nome do Billy, mas é o Paul, a última pessoa com quem quero falar, mas que deve ter alguma notícia do Billy.

"Alô?" Minha voz está rouca e baixa por causa da tensão acumulada na garganta.

"Sophie?", Paul fala, mais seco do que nunca.

"Você sabe onde o Billy está?"

"Sim."

"Aconteceu alguma coisa com ele? Ele não veio pra casa."

"Ele tá bem."

"Cadê ele?"

"Passou a noite aqui."

"Por quê? Achei que ele tinha saído pra jantar."

Ouço o suspiro do Paul. Está irritado por ter que falar comigo? Incomodado por ter que lidar com esse assunto bobo em vez de algo mais importante? Sou um incômodo?

"Ele foi, mas... Olha, Sophie, eu tenho que resolver um milhão de coisas. Depois ele explica. Ele pediu pra avisar que vai chegar às nove. Não tenho nada a ver com o que aconteceu."

"Como assim, Paul? O que aconteceu?" Entro em pânico.

"Sophie. O Billy é o meu chefe, eu tenho que fazer o que ele manda. Por isso liguei. Depois da sua atitude ontem, eu, pessoalmente, nem teria me dado ao trabalho."

"Quê?

"Não posso falar mais nada. É melhor você saber por ele."

"Mas..."

"Não é minha tarefa tratar de assuntos do coração, apenas preciso tornar o Billy o melhor. Um trabalho que a sua presença torna muito difícil."

"Paul?"

Ele desliga.

Faço uma careta de dor quando lágrimas começam a rolar.

Algo aconteceu.

Algo aconteceu e levou Billy a ir para o Paul em vez de voltar para casa. A não ser que ele não tenha ido para o Paul... Ele pode estar encobrindo o Billy.

Agora entendo. Entendo tudo.

Billy me traiu.

Longe das câmeras e sob o disfarce do personagem idiota, onde tudo parece possível, ele fez o que eu temia.

Billy me traiu.

***

As horas passam. Espero. Não me ocupo como ontem. Não tenho energia. Fico sentada no sofá. Encaro a parede. Espero. Lentamente, me torno insensível à dor que me consome.

A Molly me liga. Talvez o Billy tenha falado com ela, explicado tudo, dito que eu poderia precisar de uma voz amiga. Ignoro as ligações. Prefiro o silêncio.

***

Por fim, ouço a chave do Billy destrancar a porta. Percebo que ele hesita antes de virar a maçaneta e entrar. Ainda estou sentada. Ele está cabisbaixo, com o rosto inchado e vermelho. Parece esgotado, em choque, e isso me pega de surpresa. Não esperava que ele estivesse tão mal. Olha para mim e abaixa a cabeça entre as mãos, envergonhado. Depois cai ao chão, uivando. Com a cabeça no carpete, ele bate no chão com o punho.

Não vou até ele.

Permaneço no sofá, incapaz de me mexer. Cada soluço confirma o que eu pensava, palavras são desnecessárias.

Ouço a lamúria cheia de autopiedade. Quero que isso pare de martelar no meu cérebro. Meu coração está partido, o mundo, desmoronando. Cerro a mandíbula para ficar firme e tentar bloquear a dor.

"Me desculpa", ele grita e se levanta lentamente do chão. Tenta controlar a respiração com a cabeça ainda enfiada entre as mãos. Recuo conforme ele se aproxima, mas ele não tenta me tocar nem buscar consolo. Apenas encara o chão e balança a cabeça. "Desculpa", ele repete.

"Acho que é um pouco tarde para isso", falo sem emoção ao encará-lo.

"Me deixa explicar!", ele choraminga.

"Explicar vai apagar tudo?"

"Não..."

“Bom, então não quero ouvir.”

“Por favor... Você precisa entender.”

Não digo nada. O silêncio lhe dá permissão para continuar.

“Me deixa explicar tudo antes que...” Ele respira fundo, tentando se recompor para descrever os eventos que o levaram a ficar nesse estado. “Depois que você foi embora ontem, fiquei mal. Queria voltar pra casa e ficar com você. Fiquei imprestável, não conseguia parar de pensar em você. Odiava saber que tinha te deixado tão triste... O Max nos levou para um canto no fim do dia e nos chamou para jantar, dizendo que queria conversar num ambiente mais relaxado, longe do estúdio. Eu precisava passar pra ver o Paul, então avisei que encontraria os dois mais tarde, no restaurante. Quando cheguei, só a Heidi estava na mesa. Pensei em ir embora, mas ela falou que o Max estava chegando e que insistiu para que a gente começasse sem ele. Eu devia saber. Eu devia ter ido embora...”, ele reflete com um suspiro.

“Continua”, falo, com náusea. Quero que ele se apresse e conte logo.

“Eu sentei. Notei na hora que ela estava mais à vontade que no *set*, como a Heidi de antes, sorridente, simpática. Foi bom, melhor que o mau humor. Ela falava de coisas que aconteceram no *Halo*, fazia piadinhas, relembrava momentos.”

“Que gracinha!”

“Por favor, não faça isso”, ele pede antes de continuar. “Ao ver que estava tarde, tentei mandar uma mensagem para o Max, mas a Heidi me impediu. Ela sabia o tempo todo que ele não ia.” Outro suspiro pesado. “Quando a confrontei, ela disse que queria uma noite legal, sem distrações. Pensei em ir embora, mas nossos pratos chegaram.” Ele pausa, provavelmente escutando a justificativa bizarra que deu para permanecer. “Foi aí que o clima mudou. Ela começou a falar que sempre pensava em mim, como seria se a gente voltasse, agora que somos mais velhos e mais maduros, na atenção da mídia se reatássemos. Dei risada, sem querer incentivar aquela bobagem. Sou tão feliz com você, ela sabe disso, e eu achava que ela ia se casar, então encarei como a besteira que é. Comecei a falar de outras coisas, mas percebi que ela se abalou.”

“Coitadinha”, falo com sarcasmo.

“Terminamos de comer, pedi a conta e saímos”, ele continua, ignorando minha interrupção. “Eu devo ter bebido mais vinho do que pensava, minhas reações estavam lentas. Assim que deixamos o restaurante, ela me agarrou. Literalmente. Antes que eu entendesse o que estava acontecendo, ela me beijou e pegou nas minhas partes.” Ele balança a cabeça.

“E aí você foi pra casa dela, que lindo”, digo. Quero que a conversa acabe, não quero ouvir mais nada.

“Não! Eu a empurrei. Acabou ali, mas...”

“Mas o quê?”

"Um fotógrafo flagrou tudo."

Eu rio, provavelmente por causa do nervosismo, mas não falo nada.

"Olhei para a Heidi, confuso, mas ela estava sorrindo e falou algo do tipo 'conheça o novo Brad e Angelina', e piscou para mim. Ela tinha armado tudo. Eu não conseguia acreditar. Fui atrás do cara, mas ele já tinha desaparecido. Ela tentou me abraçar, mas eu a empurrei de novo, falei que tinha nojo dela e fui embora. Ouvi a gritaria atrás de mim. Queria vir pra casa, queria abraçar você e..."

"Mas não veio. O que você fez?"

"Liguei para o Paul e fui pra casa dele."

"E me deixou acordada a noite toda, preocupada com o que podia ter acontecido."

"Me desculpa. A gente ficou tentando descobrir quem era o fotógrafo e o que tinha acontecido. O jantar foi ideia da Heidi, desde o começo. Ela sugeriu isso para o Max depois que eu fui atrás de você. Ele não ia aparecer mesmo. Era um plano para me levar até lá. Obviamente ele não sabia de tudo, pensou apenas que ela queria diminuir a tensão entre nós."

"E quem era o fotógrafo?"

"Não sei. O Paul está doido no telefone tentando descobrir quem tirou as fotos, mas todos estão de bico fechado. Eles sabem que têm uma manchete na mão. Me desculpa", ele soluça outra vez.

"Você tá tentando impedir que a matéria seja publicada?"

Ele não fala nada, apenas assente. Estou com ânsia. Mais uma vez minha dor será exposta para o julgamento injusto de todos.

"Você beijou a Heidi de volta?", pergunto secamente.

"Quê?"

"É uma pergunta simples: você beijou a Heidi de volta?"

"Não sei. Não. Foi tudo muito rápido. Eu não estava pensando."

"Você tá a fim dela?"

"O quê? Não!"

"Ainda gosta dela?"

"Não! Eu odeio aquela biscate que pode me fazer perder você."

"Mas não é só culpa dela, não é mesmo?"

"Como assim?"

"É tudo. As meninas no *set*, eu tenho que sentar e ficar olhando, o modo como você falou comigo ontem..."

"Eu sei, estou me sentindo péssimo por tudo."

"Mesmo?"

"Sim!"

"Você mudou, Billy. Quando nos conhecemos, você tinha noção da realidade, do que

importa na vida, mas agora acho que perdeu a perspectiva."

"Por favor, Sophie, me desculpa."

"E eu também mudei. Estava extremamente feliz quando vim morar aqui, contente por fazer parte da sua vida, mas a questão é: não há espaço para alguém como eu nela. O seu mundo gira ao seu redor. Acho que preciso de algo que tenha mais a ver comigo, pra variar."

"Mas tem a ver com você. Eu faço de tudo pra fazer você feliz. Estou tão triste por ter te magoado! Meu comportamento foi péssimo. Sei que não falei nada na hora, mas entendo sua posição em relação à cena. Você está certa, é nojento. Não consigo acreditar que eu ainda justifiquei. Pior: falei que o problema era seu. Eu estava muito frustrado, não com você... mas foi em você que eu descontei, e não devia. Me desculpa."

Ele cai aos prantos outra vez. Deita no meu colo e me prende com um abraço.

"Eu te amo tanto. Você é a coisa mais importante pra mim. Por favor, não me deixe", ele implora.

***

Depois de horas de lágrimas e desculpas, resolvemos ir pra cama e conversar amanhã cedo, mais calmos e mais racionais.

Mas não consigo dormir. Muitos pensamentos circulam na minha mente e não me deixam desligar.

Sinto uma vontade incontrolável de ir embora. Quero fugir do Billy, de Londres, desse mundo patético do *showbiz* e voltar para Rosefont Hill, onde me sinto amada e segura. Pensar em estar em casa com a minha mãe me enche de saudade. E eu quero, mais do que tudo, conversar com a Molly, me enterrar nos seus braços enquanto ela fala baixinho comigo, feliz por eu ter v oltado.

Olho para o Billy e vejo que ele está apagado. Não é possível perceber um sinal sequer de preocupação.

Não quero mais ficar aqui, isso já está óbvio para mim.

O dia começa a clarear e a luz entra pelas cortinas. Saio da cama. Tomo cuidado para não acordá-lo. Me visto em silêncio e faço a mala. Por sorte, não tenho muitas coisas aqui. A não ser pelas fotografias do papai e da mamãe, nada é insubstituível, ou ao menos, como o vestido da Vera Wang, não é mais necessário.

Sei que o Billy vai me seguir até em casa, então deixo um bilhete.

Billy,

Não posso ficar. Preciso ir para casa e pensar em tudo, sozinha. Não foi apenas

o último incidente. Já há algum tempo estou me sentindo mal, mas não sei dizer ao certo por quê.

Não posso continuar tão infeliz. Preciso me concentrar em mim, seguir os meus sonhos, em vez de observar outra pessoa alcançar os dela sem sequer pensar em mim por um segundo. Desculpa ir embora assim, mas não suporto mais confronto. Por favor, me dê tempo e espaço.

Beijos,
Sophie

Deixo o bilhete na cozinha e vou embora.

***

Assim que chego à estação, tenho ainda quinze minutos antes de o trem partir. A curiosidade me mata diante de uma banca de revista. Pego o jornal com o Billy na capa, mas não ouso ler antes de entrar no trem, pois sei que vou entrar em colapso.

"Ah, sim, isso é horrível…", diz a garota no caixa.

"Quem diria que o Billy é um cafajeste, hein? Ainda mais porque faz tão pouco tempo que ele apresentou aquela moça normal pro mundo! Que pena dela. Coisa horrível!"

Eu ignoro as palavras, pago o jornal, pego a sacola e sigo direto para o trem. Sento num canto, longe dos outros passageiros.

Olho pela janela, aturdida, tentando entender o que deu errado. Não devia ter ido morar com ele tão rápido? É verdade que pulamos uma etapa emocionante do namoro por medo da distância. Eu me doei completamente para o Billy, e assim me perdi, sobrou apenas uma vida chata.

Por fim, quando o trem parte, pego o jornal da sacola de plástico e analiso a capa. A foto é exatamente como Billy descreveu: a Heidi o puxa pelo pescoço com uma mão, enquanto coloca a outra na virilha dele, os lábios estão enlaçados, o rosto dela mostra intensidade e paixão. O mais interessante é a posição do Billy: suas mãos estão ao lado do corpo, com os dedos flexionados, sem tocá-la. Na verdade, ele parece prestes a empurrar a Heidi. Além disso, virou a cabeça para trás, tentando fugir, e estampou uma careta no rosto. Ele estava obviamente incomodado e irritado, chocado com tudo. Eu enxergo isso, mas as pessoas pensam que eles foram pegos no auge da paixão, ainda mais porque são influenciados pela manchete da matéria.

BILLY PECANDO COM A BLACK

Billy Buskin e Heidi Black parecem prontos para rea vivar o romance após anos separados, graças à tensão sexual no *set* do novo filme, *Batida ambulante*.

Apenas há alguns meses, quando recebeu o prêmio Bafta de melhor ator, Billy Buskin estava completamente apaixonado pela namorada Sophie May. No entanto, parece que o casal terminou a relação e ele voltou correndo para os braços da ex-namorada, Heidi Black.

Ainda no começo da semana, Billy e Sophie estavam juntos, mas fontes afirmam que a tensão sexual crescente no *set* gerava discussões constantes entre o casal.

Uma fonte disse: "Billy e Heidi estavam tentando se manter afastados no trabalho, mas a ligação entre eles era aparente, desde o começo. Todos sabiam que era questão de tempo.

"[Billy] trouxe a namorada Sophie para as gravações, numa tentativa de colocar uma barreira entre ele e a Heidi. No entanto, as intensas cenas de sexo provocaram uma explosão no *set*, interrompendo a gravação enquanto o casal discutia em voz alta no *trailer*.

"Não foi uma surpresa quando a Sophie surtou, o inesperado foi ter demorado tanto para acontecer. Ela tinha que ser cega para não ver a química entre os dois."

E a fonte continuou: "A Heidi ficou constrangida pelo drama e se sentiu péssima por ter causado um problema no relacionamento. Ela foi vista sorrindo, reconfortando o Billy quando ele retornou ao *set*. Continuaram a sussurrar um para o outro ao longo do dia".

Pela imagem exclusiva obtida, Billy deixou as discussões com Sophie de lado e aceitou o apoio de Heidi. Os antigos amantes foram flagrados em um abraço apaixonado depois de um jantar romântico no Hakasan, em Mayfair, ponto conhecido da cidade por receber casais. Eles foram ao restaurante logo após filmar cenas quentes juntos.

Um amigo de Heidi conversou conosco: "Está no começo. E claro que antes de ir além a Heidi quer que o Billy resolva o fim do namoro. Mas ela realmente acredita que dessa vez é pra valer. Eles estão mais maduros e capazes de entender as pressões da profissão.

"No começo da filmagem, Heidi também estava sofrendo, após terminar o noivado com o produtor Roger Szams. Billy notou que ela estava triste e a apoiou, o que fez com que reatassem a amizade.

"Particularmente, não entendo como ficaram longe um do outro por tanto tempo, a ligação entre os dois sempre foi muito forte."

O par trabalhou junto no filme adolescente *Halo* e formaram um casal na vida real por anos. A separação foi amigável e, de acordo com eles, provocada pela distância e pela agenda conturbada.

Embora seja tudo mentira e a fonte, identificada como "um amigo", provavelmente seja a própria Heidi, fico triste por saber que todos vão acreditar nessa história. Também sinto raiva por mais uma vez minha dor pessoal estar exposta publicamente. Minha vida virou um espetáculo. Após ter passado a adolescência toda me escondendo, é aterrador ser exposta ao julgamento de todos. Me sinto ridicularizada.

***

Ao chegar em casa, aperto a campainha. Estou sem energia para procurar as chaves na bolsa.

Quando minha mãe vem atender, sua expressão passa de alegria à preocupação assim que me vê.

"Amor, o que foi?", ela pergunta ao se aproximar.

"Ah, mãe!", eu choramingo, caio nos seus braços e começo a soluçar.

22

Quero ficar só. Subo ao meu antigo quarto e fecho a porta. Ali, fico decepcionada com as paredes cor-de-rosa e a decoração infantil dos últimos quinze anos. Tudo que já foi tão familiar agora é estranho. Após finalmente me permitir sair de Rosefont Hill e experimentar a vida, o meu quarto parece apertado e mal-cuidado. Sinto como se tivesse regredido, é humilhante.

Mas sei que aqui estou segura.

Jogo a mala no chão e fecho a cortina – irritada com a luz do sol, que faz do mundo um lugar claro e límpido quando ele obviamente não é. Na cama, me enfio debaixo das cobertas e encontro o sr. Blobby à minha espera. Escondo o rosto na sua barriga.

Não quero fazer nada, sinto que preciso hibernar pelo resto da vida. Deitada na escuridão, sem ver nenhum rosto.

As lágrimas finalmente pararam de jorrar. Secaram por enquanto. Em vez disso, sou tomada pela insensibilidade enquanto penso em tudo que deu errado.

Olho para trás e vejo que nunca me senti integrada. No começo, o sentimento não foi provocado pelo Billy, de jeito nenhum. Mas as pessoas a sua volta não entendiam como ele poderia ter se apaixonado por uma garota "normal".

Na noite da imprensa, quando fiquei sozinha observando ao redor, me senti completamente excluída. Como se eu não estivesse à altura daquela grandiosidade. Mesmo depois, quando já estava mais à vontade nesse meio, ninguém realmente quis conversar comigo, apenas com o Billy. Muitos fingiam interesse, se fossem educados, e alguns simplesmente me ignoravam, ficavam parados ao meu lado, esperando a atenção do Billy. Nesses momentos, eu me questionava se na verdade faria sentido alguém querer conversar comigo. E meu jeito inseguro certamente fazia isso transparecer. Posso dizer que não me dei valor desde o começo. Tudo partiu de dentro de mim.

Deixei sonhos e ambições de lado, contente, para tentar fazer o relacionamento dar certo. Billy é uma estrela com grandes méritos e sucesso de crítica. Os sonhos e a profissão dele sempre vão ser mais importantes se eu considerar que a escala de seu sucesso é maior. Em comparação, o que quer que eu tente fazer na vida sempre será diminuto. Pensamentos assim tornaram nossa vida a dois incompleta. Demos ênfase ao que ele estava fazendo e em como eu podia me encaixar para facilitar as coisas. Meu objetivo de vida se reduziu a fazê-lo feliz, recebê-lo de braços abertos em uma casa limpa e acolhedora. Tudo isso soa muito tradicional e até lindo, mas eu acabei vivendo apenas para ele. Não me orgulho. Perdi a mim mesma.

De vez em quando, penso em algumas coisas e em seguida avalio se são reais ou se

meu cérebro escolheu olhar para trás de maneira que possa aliviar a dor. Afinal, eu não me senti esse tempo todo tão triste. Contudo, o sentimento perdura nesses pensamentos, pois vejo que são verdadeiros. Eles alimentam minhas inseguranças.

Estou com saudade do Billy.

Se fosse possível tirar o Billy de sua vida atual e permanecer apenas com o homem por quem me apaixonei, sei que seríamos felizes juntos, teríamos um relacionamento mais equilibrado. Mas nunca atingiremos a igualdade enquanto ele tiver essa profissão. Sinceramente, muita gente puxa o saco dele, faz elogios, dá palpites. Ele não consegue viver a vida para si mesmo.

Ele não veio até a casa da minha mãe, respeitou meu pedido, mas mandou uma enxurrada de mensagens e ligou inúmeras vezes. Sempre que olho para o telefone, há uma mensagem dele, além de uma ou duas ligações perdidas da Molly. Sei que ela leu o jornal e que se preocupa, mas estou sem energia até para conversar com ela. Fico surpresa por ela não ter aparecido na porta com um bolo para curar o meu coração partido. Talvez a minha mãe tenha avisado que não estou disposta a receber visitas ainda.

Observo as fotos que pendurei de novo na parede cor-de-rosa assim que cheguei. Penso no papai para evitar que qualquer outra ideia martele em minha cabeça. Fico concentrada no sorriso radiante, nos olhos castanhos gentis e no amor que rodeia todas as imagens.

***

Durante cinco dias, fiquei debaixo da coberta. O tempo passou numa mistura de lágrimas, fungadas e infinitas xícaras de chá com torrada. Até o momento, a necessidade de me isolar do mundo foi atendida e pude acalentar a dor, mas sei que a mamãe não vai permitir isso para sempre. Nos últimos dois dias, sempre que ela entrava, permanecia um pouco na cama, com vontade de falar algo, mas se censurava e ia embora. Nunca estivemos nessa situação antes, em que é ela a cuidadora que tenta encontrar as palavras certas para tirar a outra do estupor. Sinto pena dela e de seus esforços.

Quando minha mãe bate na porta, pela quarta vez nesta manhã, percebo que está falando sozinha, consigo mesma. Agora sei que ela não vai desistir de conversar comigo.

Depois de entrar, ela coloca outra xícara no criado-mudo, próxima à montanha de lencinhos usados, e se senta na cama. Então mostra uma expressão triste, cheia de empatia, um reflexo de meu próprio rosto.

“Amor, você não pode ficar aqui na cama, amuada, pra sempre”, ela fala suavemente, enquanto afasta alguns fios de cabelo de meu rosto.

“Por que não?”, retruco, emburrada.

“Porque… não.”

Insatisfeita com a resposta, fico quieta e a encaro de volta.

“Soph, sei como é querer fugir do mundo, mas isso não faz bem.” Ela suspira e desvia o olhar. Observa o quarto – bonecas, ursinhos, livros. Seus olhos param sobre uma foto. “Eu fui uma péssima mãe, né? Depois que o seu pai morreu.”

“Não!”

“Fui, sim. Tudo bem”, ela continua calmamente. “Eu consigo admitir isso para mim mesma. Sei que fui horrível. Eu não era capaz, sabe?” Ela me olha antes de voltar a atenção para as fotografias. “Não via motivo para levantar de manhã. Não aceitava aquela perda.”

“Foi difícil pra você, mãe”, digo e me sento.

Não era essa a conversa que pensei que teríamos. Imaginei que o assunto seria garotos e corações partidos. Não esperava que ela falasse sobre o papai, muito menos sobre a sua morte.

“Foi, mas eu devia ter me lembrado de que tinha uma filha de onze anos em casa, que precisava da mãe. Não considerei quão afetada você estava. Esqueci que você também sentia dor. Isso foi horrível.”

“Mãe, você não precisa…”

“Preciso, sim, Sophie. Eu estava tão absorvida na minha própria dor que não consolei você. Você devia ter sido minha prioridade, mas eu fui egoísta.”

“Mas você tinha tanto com que lidar e…”

“Sophie, não quero justificativas. Estou tentando explicar”, ela me interrompe. “Eu não me conhecia mais. Tinha perdido o meu presente e o meu futuro. Sobrou apenas o passado, mas ele era doloroso demais. A gente era tão feliz, e de repente isso acabou.” Ela pausa e olha para as mãos que se esfregam. “Ele era tão jovem… Foi tão injusto. Eu não entendia. Só pensava na vida perdida. Não suportava ter que viver tanto tempo sem ele. Tanta coisa que ele poderia ter feito.”

Não falo nada. Deixo que ela exprima esses sentimentos. Eu me aproximo e seguro sua mão com um aperto suave. Mostro que estou aqui. Ouvindo.

“E penso no seu irmãozinho ou irmãzinha. Eu falhei com ele. Falhei com o seu pai, pois não fui capaz de cuidar do bebê.”

“Mãe, isso é um absurdo!”, protesto. Sinto a garganta apertada.

“E você… o meu maior arrependimento é que deixei a sua vida parar.”

“Mas a culpa foi minha”, eu solto.

“Culpa do quê?”

“Da morte do papai… de tudo.”

“Por que você acha isso?”

"Por causa da nossa briga. Porque eu era uma pirralha mimada que queria *marshmallows*. Porque se eu não tivesse feito isso, ele ainda estaria aqui."

"Se quer partir por esse caminho, eu posso dizer que a culpa foi minha por não ter comprado *marshmallows* no supermercado."

"Não tem comparação."

"O seu pensamento também não faz sentido", ela afirma e sacode a cabeça. "Eu devia ter procurado ajuda para nós duas. Terapia, sei lá. Não acredito que permiti que a gente vivesse como zumbis por tanto tempo. Que eu deixei você ficar em casa pra cuidar de mim em vez de permitir que você vivesse."

"Mas eu não queria ir a lugar nenhum, mãe."

"E por que não? Fale honestamente por que você quis ficar em casa." Ela aperta minha mão.

Emudeço antes de responder. Falar o que está na minha cabeça pode chateá-la, mas é melhor dizer, finalmente, o que não conseguimos desde o evento que alterou as nossas vidas?

"Eu estava com medo", afirmo, sem emoção, em voz alta e clara. Finalmente estamos nos comunicando. "Medo do que você poderia fazer se ficasse sozinha."

Ela me olha com uma expressão triste.

"Eu nunca me ressenti por isso, mãe."

"Mas você parou a sua vida pra cuidar de mim."

"Que vida?", falo ao mesmo tempo que rio. "Eu não tinha mais nenhum amigo de verdade. Não sentia vontade de ir atrás de ninguém. Quando você surtou, me senti tão aliviada por vislumbrar a minha antiga mãe que teria feito de tudo para ficar. Sim, foi difícil. Foi doloroso ver você naquele estado. Mas eu nunca abandonaria você."

Olho para as nossas mãos entrelaçadas, que puxam memórias de minha infância.

"Às vezes eu penso em como a minha vida seria se ele não tivesse morrido. E não apenas porque ele estaria aqui conosco, mas analiso quem sou agora e imagino quem eu seria se não tivesse enfrentado a perda."

"Antes você era uma coisinha esperta, cheia de energia."

"É isso, eu me vejo como duas pessoas diferentes. Antes e depois, sabe?"

Ela faz que sim com a cabeça.

"Além da perda do papai, sinto que minha infância foi tirada de mim. Eu era tão diferente de todos. Eu sabia demais sobre a crueldade da vida e como ela pode ser rapidamente destruída."

"Você foi forçada a enfrentar muita coisa, tão jovem."

"Fui… e acho que por isso me afastei de todos."

"Você acha que isso afetou seus relacionamentos na vida adulta?"

Fico surpresa com a honestidade da pergunta, com a discussão como um todo, mas

me sinto bem. É um alívio soltar os pensamentos perturbadores.

"Com certeza. Estou melhor agora, mas ainda tenho medo de me aproximar demais de alguém e depois ser abandonada."

"Mas com o Billy você baixou a guarda."

"É, e olha o que aconteceu!" "Soph, você não acha que tomou uma decisão precipitada?"

"O que você quer dizer com isso?", eu rebato e puxo minhas mãos. Com essa atitude defensiva, acabo com o clima da conversa. Imediatamente me arrependo do tom, sei que ela só quer ajudar. "Me desculpa", resmungo.

"Tudo bem, meu amor", ela se levanta e pega fiozinhos que estão soltos na colcha. "Mas se trancar num quarto não vai ajudar…"

"Eu sei, mãe, mas não estou pronta pra ver ninguém ainda. Preciso de tempo."

Ela se inclina e dá um beijo na minha bochecha. "Só lembre-se de que estamos todos esperando por você."

Ela vai embora e eu me escondo debaixo das cobertas outra vez.

***

Após mais alguns dias de solidão, reúno energia suficiente para descer até a cozinha. Preciso de algo além de chá e torrada. No meio da escada, ouço minha mãe e Colin sussurrando. Estou prestes a dar meia-volta, sem ânimo para encontrar o Colin, quando as palavras da minha mãe me seguram.

"Não consigo acreditar. Eles disseram que ela está piorando rápido."

"Você precisa contar agora."

"Mas ela ainda tá tão fragilizada, Colin. Não sei como vai lidar."

"Jane, ela só está chateada com um fim de namoro. Só isso."

Tenho vontade de gritar, protestar, chamar o Colin de idiota por ser tão insensível comigo, mas não faço nada, é mais importante saber o que estão escondendo de mim.

"Dá pra imaginar como ela vai se sentir se não se despedir?", ele continua. "Seria devastador. Você precisa contar."

"Contar o quê?", pergunto em voz baixa, da porta. Tenho medo da resposta.

Ambos me encaram por um tempo, que parece horas.

"Amor…", minha mãe fala por fim. Rugas de preocupação surgem em sua testa, vejo que ela está entristecida.

"Fala logo."

"A Molly não está bem."

"O que ela tem?"

"Câncer."

Meu coração para. Não falo nada. Fico quieta e apenas ouço os detalhes.

“Parece que ela sabe faz tempo, desde que você foi pra Londres. Na mesma época ela descobriu um caroço no seio, que era maligno. Apenas com mais testes confirmaram que já tinha se espalhado para os pulmões e a coluna. Disseram que é terminal.”

Fico boquiaberta, em choque. Ela estava muito d oente e escondeu por meses.

“Por que ela não me contou?”

“Ela não contou pra ninguém. Não queria ser um peso.”

“Mas a gente podia ter ajudado”, eu guincho. Não entendo por que ela quis passar por isso sozinha. “Onde ela está?”

O silêncio domina o ambiente. Mamãe hesita e cobre o rosto com a mão.

“Onde?”

“Numa casa de cuidados paliativos.”

“Quê?”

Não conheço bem esses lugares, mas em geral seus hóspedes são pessoas muito doentes, prestes a morrer ou incapazes.

Então entendo: Molly está morrendo.

A minha melhor amiga, a pessoa que mais amo está morrendo.

A pessoa que amo, mas que ignorei na última semana porque estava absorta demais em mim mesma, está morrendo. Ela não tentou me ligar para ver como eu estava. Tentou me ligar para contar da própria dor.

“Eu dou uma carona até lá”, o Colin oferece. É a primeira vez que ele fala desde que cheguei.

Faço que sim, ainda tentando entender a notícia.

“Pode ser agora?”, pergunto, sem me importar com o fato de ter passado dias no quarto, sem tomar banho e ainda estar vestindo a calça listrada do pijama e uma blusa enorme. Estou um lixo.

“Claro, mas…”

“Mas o quê?”

Ele olha para o chão e aperta os lábios, hesitante.

“Tem um fotógrafo lá fora.”

“O quê?”

“Ele está lá há dias.”

“Ah, querida, eu não queria preocupar você. Ainda mais porque você nem tinha planos de sair do quarto mesmo”, minha mãe explica. “A gente imaginou que uma hora ele desistiria.”

Balanço a cabeça diante da mediocridade da situação.

“Então, basicamente, ele está esperando pela primeira foto minha depois do fim do namoro, de preferência uma em que eu esteja com cara de bosta.”

“Sophie!”, mamãe me repreende, pois nunca me ouviu falando desse jeito.

"Então, vamos dar o que ele quer, certo? Aí ele pode voltar pro buraco de onde saiu e me deixar em paz. Vamos", eu ordeno, marchando para a porta e calçando as botas.

Os dois me seguem, sem dúvida assustados com a atitude.

Assim que abro a porta, vejo o canalha sair correndo da *van*, de boné e jaqueta de couro, e pular diante de mim. Levanta a câmera na altura do meu rosto e começa a tirar fotos.

"Que bom ver você, srta. May. Estava começando a achar que tinha o endereço errado", ele berra, andando de costas. "Sinto muito por você e o Billy. Tem algo a dizer? Tem falado com ele? Ele pediu perdão?"

Com olhos concentrados na calçada, cerro os dentes para evitar uma retaliação e caminho rapidamente até o carro do Colin, ignorando o fotógrafo. Ele busca uma reação, mas sei que uma fotografia minha nesse estado já é o suficiente.

Notando a relutância, ele continua:

"Todo mundo ficou com muita pena de você. Deve ter sido horrível ver o namorado agarrado com a H eidi daquele jeito. Parece que ele já voltou a trabalhar, como se nada tivesse acontecido. Deve ter sido difícil pra você ficar sabendo disso… Ele no *set*, com ela. Pra cima dela de novo, sem nem pensar em você. Mas saiba que eles não foram mais vistos juntos. Mas isso não significa nada, devem estar enfurnados na cama, compensando o tempo perdido."

Antes de entrar no carro, faço o impensável: mostro o dedo do meio para ele.

***

No carro, não falo nada. Estou indignada por testemunhar a insensibilidade da mídia, capaz de vir atrás de mim só para escrever uma matéria idiota sobre como estou devastada sem o Billy. Mas, sinceramente, isso não me importa. A vaidade e a insignificância daquele mundo não são nada perto do que está acontecendo com a Molly.

Olho pela janela, à minha volta. Vejo as pessoas cuidando da vida, sem nem saber que uma das melhores pessoas que conheço está à beira da morte.

Penso nas chamadas perdidas, em quantas vezes ela tentou me ligar. Foi ontem ou antes de ontem? Por que ela não deixou uma mensagem? Mas o que ela diria? "Oi, Sophie. Só queria avisar que estou morrendo. E você é uma péssima amiga."

Ah, Molly…

Quando estacionamos na casa de cuidados paliativos, o Colin e a mamãe permanecem no carro.

"Você está bem, amor?", ela pergunta ao girar no assento para me ver.

Faço que sim, mas com hesitação.

"Posso ir sozinha?"

“Claro, Sophie”, ela fala e se estica para alcançar minha mão. “Vai. Depois eu vou.”

“Obrigada.”

“Quer que eu entre com você? Ou espero aqui?”

“Não, fica aqui.” E desço do carro.

Meus passos estão inseguros sobre o chão de cascalho. A ansiedade provoca convulsões involuntárias no corpo.

Na recepção, uma moça gordinha de cabelo curto e loiro, com uma franja pesada, me cumprimenta:

“Olá. Como posso ajudar?”

“Gostaria de visitar a Molly. Molly Cooper?”

“Você pode me falar o seu nome?” Ela preenche um formulário.

“Sophie May.”

Ela me analisa antes de sorrir.

“Então você é a Sophie! Ela fala de você desde que chegou.”

“Verdade?”

“É. Ela vai ficar superfeliz!”

Apenas devolvo o sorriso, não sei o que responder.

“Ela está no quarto sete, no corredor à esquerda.”

“Obrigada”, digo e saio rapidamente.

“O quarto da Molly é o único que está com a porta fechada. Ela anda reclamando do barulho dos outros pacientes. Acho que fica frustrada de não poder ver o que está acontecendo.” Ela dá um sorriso receoso. “Preciso avisar que ela está muito fraca e cansada. Não se assuste. E não se ofenda se ela dormir no meio da conversa, já fez isso comigo um monte de vezes. Não é por nada. Ela vai ficar feliz com a visita.”

Não consigo responder, a emoção aperta minha garganta. Dou um sorriso pesado e sigo o caminho para o quarto da Molly.

Ao atravessar o corredor verde, ouço gemidos de dor e choro em cada quarto por onde passo. Olho discretamente, embora saiba que não devo. Alguns gritos são dos pacientes, de dor ou confusão por não saber onde estão ou o que está acontecendo. Outros vêm dos familiares ou entes queridos, ao lado das camas, devastados por ver alguém amado tão perto da morte. É terrível. Sinto meu corpo tremer.

Meus passos desaceleram, ficam pesados, conforme me aproximo da porta da Molly. Tenho medo. Do lado de fora do quarto, espero um instante antes de entrar. Tento regular a respiração, que se tornou errática.

Sei que o que verei do outro lado da porta vai me chocar, me deixar chateada. Preciso estar preparada para o pior, para ver a Molly magra e adoentada, mas isso não parece real ou possível. Gostaria de sair correndo e fingir que nada está acontecendo, mas não posso fazer isso com a Molly. Ela precisa de mim, pediu pela minha presença

e apenas aumentei sua angústia ao não atender os telefonemas.

Aterrorizada, giro lentamente a maçaneta e abro a porta. Ao entrar, fico arrepiada. Cerro a mandíbula e as mãos para impedir as lágrimas que ameaçam despencar.

Não consigo prestar atenção em mais nada além da Molly: a doce, gentil e maravilhosa Molly. Deitada numa cama de hospital, pequena e frágil. Está com as costas apoiadas em travesseiros e sufocada por lençóis brancos.

O rosto está magro e pálido, quase transparente. É possível ver todas as suas veias. As órbitas afundadas no rosto e o queixo diminuto são resultado da perda de peso. As bochechas, no entanto, estão saltadas, o que lhe dá uma aparência alienígena. Observo seu peito subir e descer dramaticamente, a respiração é pesada e ofegante.

Lentamente, ela abre os olhos ao perceber alguém no quarto. Fico tensa quando ela me encara: os olhos, antes de um azul brilhante, agora estão opacos e acinzentados. Atrás deles, o vazio, como se ela já tivesse desaparecido.

"Oi, fofa", ela diz com a voz rouca e fraca, mas ainda animada. "Você conseguiu!"

Ela levanta uma mão trêmula. Minha presença parece ter lhe dado energia. Corro para pegá-la, com cuidado, assombrada pela magreza, pela fragilidade dos dedos ossudos, a pele tão fina e delicada, sem vida.

"Oi, você!", falo calorosamente. E de imediato me repreendo internamente, pois permito que as lágrimas escapem.

"Estou tão feliz com você aqui, pequena. Tão feliz!", ela diz e faz um esforço para levantar minha mão e beijar. O gesto provoca um aperto no peito. Observo enquanto ela fecha os olhos por um momento, em paz e satisfeita.

Mais lágrimas rolam, não sei o que dizer.

"Ah, Molly", choramingo ao deixar a emoção tomar conta.

"Não adianta chorar agora, fofa", ela diz e abre os olhos para me olhar com preocupação.

"Você devia ter me contado."

"Eu não queria que ninguém soubesse."

"Por quê?"

Ela não responde, apenas faz uma careta e fecha os olhos.

"Você é a minha amiga mais antiga, Mol. Eu não estive aqui pra você e isso não podia ter acontecido. Eu devia ter cuidado de você, Mol. Em vez disso, só pensei em mim mesma."

"Você aqui agora é mais do que imagina", ela fala baixinho, mas ainda de olhos fechados e com a mão sobre o peito. "Minha melhor amiga. Minha menina."

Com a mão livre, pego a outra mão dela e me ajoelho ao seu lado. Observo ela entrar e sair do sono. Às vezes, seu rosto é a imagem da calma, em paz com o que está por vir. Talvez esteja sonhando em rever o Albert, cheia de alegria. No entanto, há também

momentos de espasmos de confusão e dor, difíceis de assistir.

Me sinto inútil ao pensar que não posso fazer nada para impedi-la de morrer, não importa o quanto queira.

Ela tenta acordar e conversar comigo, mas não tem energia. Em vez disso, respira fundo e abre os olhos, apenas para checar se ainda estou lá. Ela está cansada e precisa descansar, mas não vai conseguir enquanto eu permanecer aqui.

Como sei que minha mãe também queria vê-la, me levanto e me preparo para sair antes de fatigá-la.

"Estou tão orgulhosa de você, Sophie", ela fala ao abrir novamente os olhos.

Não me sinto digna do comentário, não há nada em mim do que se orgulhar. Ainda mais ultimamente, que ando estragando tudo.

Eu me inclino e lhe dou um beijo na bochecha, antes de cochichar em seu ouvido:

"Eu te amo, Molly. Obrigada por mudar a minha vida. Eu não teria conseguido sem você. Te amo, Mol." Aperto a mão dela e me viro para a porta.

"Eu te amo, Sophie", ela responde e abre os olhos novamente. "Te amo, Sophie. Eu te amo, Sophie", ela repete inúmeras vezes com a voz rouca. Tento me controlar ao caminhar para a porta e fechá-la atrás de mim.

Mal consigo dar dois passos e preciso me apoiar na parede. Escorrego para o chão e abraço os joelhos. A última frase ressoa em meus ouvidos. Sinto o amor abundante e o luto ao mesmo tempo. Compreendemos que nunca mais vamos nos ver. É isso. Anos de amizade que levaram a este adeus.

Estou abismada com a transformação e consternada com a fraqueza.

Por que a vida pode ser tão cruel com alguém tão generoso?

***

Nem preciso dizer que não consigo dormir. Só lembro da Molly naquela cama. Sozinha.

Imagino no que ela deve estar pensando. Está com medo? Preocupada porque em algum momento vai fechar os olhos e nunca mais abrir? Ou, depois de meses, está aliviada pelo fim próximo? O fim da dor e do tormento.

Quando o telefone toca logo cedo, já sei. Me encolho na cama e escuto a mamãe descer para atender. Pouco depois, ela bate na porta, entra e se senta na cama. Percebo que está alterada ao colocar a mão sobre o meu corpo.

"Soph, era da casa de cuidados paliativos. A Molly faleceu ontem à noite."

Embora eu já soubesse, ainda fico em choque.

"Disseram que ela não sentiu dor, que ela estava em paz. Ah, querida, sinto muito", ela engasga no choro.

Suas lágrimas incentivam as minhas, que se tornam soluços incontroláveis. Meu

corpo todo treme. Minha amiga amada se foi. Fico aliviada de poder ter dito adeus, mas triste porque não consegui falar tudo que deveria. Agora, nunca mais terei chance.

Sou completamente agradecida a ela, e nem sei se esse sentimento poderia ser expresso em palavras. Espero apenas que ela soubesse o quão importante foi para mim, o quanto eu a adorava e como sou grata à mulher que tanto me ensinou, com paciência e bondade, e quis me consertar.

Agora o que mais dói é me lembrar do rosto pálido e dos olhos baços. Quando penso nela, sinto um nó no estômago, pois é a imagem da Molly enfraquecida a que vem à cabeça, não aquela que conheci e amei por anos. A visão da Molly tão fragilizada e vazia, no leito de morte, está gravada no meu cérebro, não quer ir embora, e me enche de dor.

23

Alguns dias depois, estou na sala, tentando ler, mas minha mente não é capaz de absorver qualquer informação. Devo ter lido o mesmo parágrafo vinte vezes, mas os pensamentos conseguem se infiltrar na leitura, se sobrepor às palavras escritas e apagar seu significado. Elas se tornam formas sobre as quais os olhos passam com indiferença. É muito frustrante, justamente porque ler é uma tentativa de dar folga à mente. Não importa o quanto tente, não consigo tirar Billy, Molly e minha falta de futuro da consciência. Eles demandam atenção, me angustiam.

Uma batida inesperada na porta pausa os esforços.

Embora eu não tenha saído de casa e me sinta fragilizada, sem vontade de ir para a rua e encarar as pessoas, consegui sair do quarto. Não fico mais enfurnada lá, percebi que estava enlouquecendo com aquelas paredes cor-de-rosa. Por enquanto, tomar banho de manhã e trocar o pijama são duas realizações gigantescas. Isso significa que, embora eu esteja um caco, com o cabelo num coque bagunçado, roupas largas e descombinadas, a visita pelo menos vai me encontrar limpinha.

Abro a porta e dou de cara com um homem de trinta e tanto anos. Sei quem ele é. O cabelo clareado pelo sol, bagunçado, e as mãos bronzeadas que esfrega no rosto também dourado são a dica.

"Olá", digo apenas isso, pois não sei qual é a melhor maneira de cumprimentá-lo.

"Sophie?", ele pergunta, com ar exausto.

"Sim."

"Sou o Peter. O filho da Molly."

Eu não conhecia o filho da Molly. Ele tinha ido para a Austrália antes de eu começar a trabalhar na casa de chá, mas ela falava dele e do falecido marido sem parar. Sempre imaginei que ela fecharia a loja e se mudaria para lá, mas esse dia nunca chegou.

"Ouvi falar tanto sobre você", digo, sem conseguir disfarçar um sorriso.

"Posso dizer a mesma coisa", ele responde com um sorriso triste. "Podemos conversar?"

"Sim, claro."

Eu o levo até a cozinha, onde preparo chá para nós dois.

"Há quanto tempo está de volta?"

"Alguns dias. Por sorte, consegui vê-la antes de…"

"Sim."

"Você também, né?"

Faço que sim ao colocar xícaras e pires na mesa, além da lata de bolachinhas.

“Que bom”, ele continua. “As enfermeiras disseram que ela estava esperando para dizer adeus.”

“Você sabia?”, eu pergunto ao servir o chá e oferecer açúcar.

“Não, mas devia ter desconfiado.”

“Como?”

“Ela vinha ligando mais, falava muito sobre o meu pai, as viagens que fizemos e tal”, ele interrompe apenas para dar um gole. “Ela ficava muito sentimental.”

“Quando ficou sabendo?”

“Quando ela foi para a casa de cuidados paliativos. Ela me ligou na primeira noite lá. Eu peguei o primeiro voo. Acho que ao ir pra lá ela entendeu que o fim estava próximo e não seria mais possível esconder das pes soas. Não que isso fosse mudar alguma coisa, mas queria ter ficado sabendo antes. Seria bom para me preparar. Assim, foi tudo rápido demais.”

“Mas para ela não.”

Ele dá outro gole enquanto eu brinco com a asa da xícara.

Pobre Molly. O que será que passou pela mente dela nos últimos meses? Ela realmente achou que não ficaríamos tristes se não soubéssemos? Imaginou que a gente preferiria receber a notícia já perto de sua morte, em vez de apoiá-la? Ou ela não suportava a ideia de ter alguém cuidando dela, como de costume? Ela devia estar com muitas dores, e mesmo assim seguiu em frente.

“Por quanto tempo você vai ficar aqui?”, eu quebro o silêncio.

“Não muito, uma semana mais ou menos. Preciso resolver algumas questões legais, da casa e da loja. Mas assim que terminar, volto pra Sidney.”

“Sei.”

“Vim aqui porque ela deixou uma coisa muito clara pra mim, além de ter registrado no testamento.” Ele pousa a xícara e olha para mim. “Você vai ficar com a loja.”

Eu o encaro, pasma, e tento entender suas palavras. A Molly me deixou a Tea-on-the-Hill?

“Quê?”, eu exclamo. “Até parece. E você? Ela com certeza queria que você ficasse com a loja”, falo, confusa por ele não estar revoltado que a mãe tenha deixado a herança para uma desconhecida. Ele parece calmo e satisfeito com a decisão.

“Não, Sophie. Faz sentido. Lá da Austrália, eu não consigo tomar conta, mesmo com um gerente. Cedo ou tarde, eu teria que vender. E então a loja viraria um bar de peixe frito? Eu me sentiria muito mal, e a mamãe viria me assombrar. Além disso, chá nunca foi a minha praia”, ele brinca e estica a mão para colocar sobre a minha, com um sorriso simpático. “Você amava aquela loja tanto quanto ela, Sophie. Pra mim, era apenas um lugar que vendia chá e bolinho. Nunca entendi o que tinha de especial. Mas você sim.”

“É que eu não esperava. Por que ela fez isso?”, pergunto, ainda sem compreender completamente o que está acontecendo.

“Ela mesma vai explicar”, ele diz ao retirar um envelope do bolso e deslizá-lo sobre a mesa. “Ela escreveu uma carta pra você e pediu para eu entregar. Sem dúvida, ela explica tudo aí.”

“Quando ela escreveu?”

“Não sei. Mas tenho a impressão de que foi antes de ela ir pra casa de cuidados paliativos. Acho que lá ela já não conseguia fazer muita coisa”, ele fala com tristeza.

Encaro o envelope com o meu nome, na caligrafia da Molly. Não sei o que fazer ou dizer. Devo abrir para lermos juntos? Ou é melhor esperar para ler sozinha?

“É um pouco esquisito receber carta de uma pessoa morta”, ele comenta antes de respirar fundo, ficar de pé e bater as mãos ao lado do corpo, desajeitado. “Certo, melhor eu ir.”

***

Assim que o Peter vai embora, pego o envelope e corro para cima, preciso da segurança das quatro paredes cor-de-rosa. Sentada no pé da cama, encaro as mãos por instantes. Tento me preparar para o conteúdo da carta antes de abri-la.

Tremo ao puxar o papel e desdobrá-lo. Encaro a página com as últimas palavras da Molly para mim.

Minha querida menina,

Escrevo esta carta sem saber há quanto tempo não estou mais entre vocês… Dramático, não? Esperava ver você mais uma vez, mas parece que o tempo não está a nosso favor.

Sei que você vai ficar brava comigo por não ter contado. Eu não contei para ninguém. Você vai pensar que foi o meu orgulho – para que eu não fosse vista como uma inválida pela sra. Sleep e cia. Mas não foi isso. Primeiro, não quis admitir o que estava acontecendo. Simplesmente não queria enxergar, florzinha. Infelizmente, não percebi quão rápido eu ia piorar.

Então, qual o propósito desta carta? É falar o quanto eu amo você, o quanto nosso tempo juntas me proporcionou algumas das minhas lembranças mais queridas. Você é uma mulher de tirar o fôlego. Observar o seu florescimento em um ser humano tão maravilhoso foi um dos pontos altos da minha vida. Digo isso com a mais absoluta sinceridade e espero que um dia você acredite em si mesma como eu acredito. Você merece tanta felicidade.

A casa de chá significa tanto para você quanto para mim, ela nos deu um propósito e curou os nossos corações. Desse modo, gostaria que você ficasse com

ela. Não quero que pare tudo na sua vida para cuidar dela ou que se sinta presa a isso; é sua para fazer o que desejar.

O Billy veio me visitar hoje. Que bobo ele foi. Não tenho dúvidas de que ele ama você tanto quanto eu. Você precisa se lembrar de que o amor, por mais poderoso que seja, nunca é simples, linear. Sei que você e o Billy vão ter uma vida de felicidade juntos, como o Albert e eu. Ele te ama muito. Lembre-se disso. Acredite nisso. Nada mais importa no mundo – isso o Billy finalmente percebeu.

Oh, minha querida Sophie, vê-la novamente encheria meu coração de alegria. Você está sempre nos meus pensamentos.

Amo você.

Beijos,
Molly

Fico sentada na cama por horas, lendo e relendo, bebendo aquelas palavras, grata por ter essa lembrança para guardar, estimar e saborear.

Mas algo me incomoda: o Billy foi visitar a Molly? Como ele soube que ela estava doente? Ele soube antes de mim?

É tão estranho pensar que ele veio até aqui e não tentou me visitar. Não que eu quisesse vê-lo – até pedi para ele me dar um tempo –, mas achei que pelo menos ele tentaria, considerando as circunstâncias.

Sem aguentar de curiosidade, pego o celular e envio uma mensagem. Não quero começar uma conversa, então a mensagem é curta e direta, sem emoção.

Como você ficou sabendo da Molly?

Sem boas maneiras, direto ao ponto.

Assim que pressiono o botão de enviar, me arrependo. Sinto que perdi qualquer controle que pudesse ter adquirido. Então sento e espero a resposta.

Dentro de alguns minutos, ela chega.

Oi! Tudo bem? Que bom ter notícias suas, Sophie. A Molly ligou aqui. Pensei que ela ia me dar um esporro, mas ela estava atrás de você. Percebi que tinha alguma coisa errada. Ela acabou me contando onde estava e eu fui até lá. Ela me deixou ligar pra sua mãe de lá. Você tá bem?

Isso explica como a mamãe e o Colin souberam da notícia. Ela nunca me falou, mas isso não me surpreende.

Antes que eu decida se respondo ou não, chega outra mensagem dele.

Eu ia passar pra ver você, mas eu precisava voltar pra Londres e resolver umas coisas, não podia ficar fora. E achei que você não ia querer me ver mesmo. Por isso eu liguei. Como a Molly tá?

Uma parte de mim quer brigar, quer perguntar a ele como ainda pode colocar o trabalho em primeiro lugar. Mas não. Preciso contar sobre a Molly. Seria errado fazer picuinha no meio dessas palavras.

Ela morreu na terça à noite. Dormindo.

A tristeza toma conta de mim quando envio.

Ah, Soph. Sinto muito. Você tá bem?

Eu escrevo honestamente. De repente, preciso do amor dele.

Não muito. Estou em choque. Não consigo acreditar.

Eu entendo. É horrível. Mas ajuda a colocar as coisas em perspectiva, não? Ah, Sophie, queria poder abraçar você. Estou com tanta saudade. Podemos nos ver?

Essas palavras me causam dor só de ler e percebo quanta falta sinto dele. Quero que ele me abrace e me console, que diga que tudo vai ficar bem, que me assegure que a Molly está em um lugar melhor agora. Eu o amo tanto. Preciso dele.

Mas, ao mesmo tempo, me sinto traída pelo meu coração, fico com raiva por ter baixado a guarda. Estou arrasada por ter saltitado de emoção diante das mensagens e cedido, quando precisava permanecer forte. Tenho vontade de mostrar ao Billy que mensagens carinhosas não vão apagar o que ele fez. Se não estamos mais juntos, a culpa é dele.

Não.

Sou direta. Sem ceder. Decisiva.

Por favor. Tenho tanta coisa pra contar.

Eu não quero saber, Billy. Vou jogar este celular fora. Agora estou em casa e a única pessoa que me liga nele é você. Além disso, a última coisa que desejo

é saber sobre a sua vida incrível. Adeus.

Rapidamente, desligo o telefone e o arremesso contra a parede. Me sinto bem por meio segundo, mas depois concluo que foi uma ideia idiota. Meu celular descascou a parede e ficou com a tela quebrada. Não que eu tenha intenção de usá-lo outra vez. Não tenho um milhão de amigos com quem conversar.

***

Quando minha mãe chega em casa, estou sentada na escada, à espera dela, abraçada a um dos pilares de madeira.

"Quando você ia me contar que falou com o Billy?", pergunto assim que ela entra.

"Ah, amor", ela coloca a bolsa no chão e tira o casaco. Então olha para mim e solta um suspiro curto. "Ora, isso não importa. O que importa é que descobrimos sobre a Molly antes que fosse tarde demais."

"Eu sei", digo, emburrada.

"Ninguém sabia. Nem mesmo a June Hearne." Ela se aproxima e pega a minha mão.

"Mas ela parecia tão doente, mãe! Como as pessoas não perceberam?"

"Pensaram que ela estivesse estressada por cuidar da loja sozinha. Era muita coisa pra alguém da idade dela."

"Então, depois que a Sally foi embora, ela não arranjou mais ninguém pra ajudar?"

"Não. Acho que ela ficou com medo…"

"Por minha causa?"

"Não seja boba", ela fala e se senta ao me lado, depois me abraça. "Não se culpe por nada disso. Ela sabia que tinha câncer antes de você ir embora. Por favor, não pense isso."

"Por que ela não me contou quando descobriu?"

"Porque ela sabia que você não iria embora."

Isso é verdade. De jeito nenhum eu teria decidido mudar se soubesse. E, vendo o resultado, eu preferiria ter sabido.

"Mas tem uma coisa que eu não entendo, mãe… Quando ela ficou doente demais pra cuidar da loja, pra onde as pessoas pensaram que ela foi? Ela simplesmente desapareceu. O pessoal não achou estranho?"

"Ela deixou uma mensagem pregada na janela dizendo que tiraria uma folga. Como ela estava cuidando de tudo sozinha, fez sentido. Todo mundo pensou que ela tinha ido para a Austrália visitar o Peter."

"Sem contar pra ninguém?"

Mamãe não fala nada, mas parece arrependida de não ter se questionado à época.

"Então, em vez de estar tomando sol com a família, como as pessoas pensaram, ela

estava a poucos quilômetros morrendo sozinha."

"Sophie, ela podia ter contado, mas escolheu não fazer isso. Era o que ela queria e…"

Ela para de falar quando o telefone começa a tocar e dá um tapinha no meu joelho antes de se levantar para atender.

"Alô? Oh!"

Eu observo o seu cenho franzir. Ela alisa os fios soltos do cabelo para trás, depois ajeita os óculos. Claramente está desconfortável. Logo percebo que é o Billy, que decidiu ligar em casa depois que eu desliguei o telefone. Ouço a voz dele ao fundo perguntando se pode falar comigo.

Balanço a cabeça energicamente.

"Não, não, não! Não quero falar com ele!", sussurro quando ela coloca a mão sobre o bocal para que ele não ouça.

"Soph, acho que você precisa ouvir o que ele tem a dizer. Ele realmente…"

"Não, mãe! Não quero saber."

Ela inspira profundamente e segura o telefone contra o peito.

"Tem certeza?"

"Sim. A gente não tem nada o que conversar."

Ela olha com tristeza e vira as costas.

"Sinto muito, querido", ela responde educadamente. "Receio que ela não deseja conversar com você. Eu sei que sim, querido…"

Corro escada acima, quero fugir de volta para o meu porto seguro.

24

No dia seguinte, recebo uma carta. Meu nome e endereço estão escritos com a letra do Billy. Penso em não ler, queimar, rasgar, mas sou tomada pela curiosidade.

Abro e encontro uma fotografia em preto e branco que mostra Billy, Molly, mamãe e eu, no Hyde Park, naquele piquenique quando elas nos visitaram. Estamos juntinhos, vejo o Billy com o braço esticado para enquadrar os nossos rostos. Ele está com uma sobrancelha levantada e sorri, fazendo a maior cara de metido. Ao lado dele, a Molly estreia o cabelo curto, com a ponta dos dedos enfiada nos fios da franja, cobrindo o olho direito. Não tinha reparado antes, mas ela parece atormentada. Exausta. Embora saiba que é possível que outra pessoa olhasse a imagem e a achasse feliz, em paz, satisfeita. Acho que estou vendo coisas onde não têm. Naquele dia ela estava feliz. Eu a vi rindo e fazendo as piadas de sempre. Como poderíamos saber que ela estava escondendo um segredo tão devastador?

Me lembro da conversa que tivemos aquele dia, na qual a Molly falou sobre aproveitar as oportunidades e não deixar a vida passar, como ela fez. Na hora, pensei que ela estivesse falando sobre o meu emprego no Coffee Matters. Imaginei que ela estivesse me convencendo a pedir demissão, para não desperdiçar a vida num emprego ingrato. Será que na verdade ela estava fazendo uma alusão ao fim da sua vida? Fui egoísta a ponto de não perceber algo errado com ela.

Na foto, estou sentada entre Molly e minha mãe, abraçada com as duas, puxando-as ainda mais para perto de mim. Os meus olhos estão bem fechadinhos por conta de um sorriso gigante. Minha mãe foi flagrada rindo, exibindo o brilho que a iluminava naquele dia e desde então. É uma foto linda, que capturou um momento perfeito.

Na parte de trás da fotografia, o Billy escreveu:

> *Não há alegria como a de ser amada por seus entes queridos e sentir que sua presença é um acréscimo ao bem-estar deles.*

Reconheço a frase na hora. É do *Jane Eyre*, da Charlotte Brontë, meu livro preferido. É do momento que Jane retorna à Thornfield Hall após um mês cuidando da tia megera. Isso significa que o Billy se deu ao trabalho de ler depois de admitir no nosso primeiro encontro que ele nunca tinha lido um livro na vida? Claro que não. Duvido que ele encontraria tempo na agenda lotada para algo chato como ler.

Mas a escolha não poderia ter sido mais adequada para a fotografia.

Fico sentada na cama por horas, olhando a foto, analisando cada detalhe. Não quero

perder nada, nem deixar de sentir a sensação que reverbera dela.

***

Fico surpresa quando outro envelope do Billy chega no dia seguinte. Desta vez, com uma foto de nós dois, na Trafalgar Square, sem pombos, no dia em que ele me levou para conhecer sua casa em Londres. Depois da excitação com a ideia de morarmos juntos, ele decidiu me levar para a praça e provar que não estava mentindo sobre a história dos pombos. Eu fiquei decepcionada quando chegamos e vi que era mesmo verdade. Então ele me puxou até uma das estátuas de leão e tiramos várias fotos bobas. Subimos em cima do leão de bronze, fizemos caretas fingindo que ele ia nos devorar. Era uma brincadeira divertida e rimos à beça.

A fotografia que ele mandou é uma das que estamos mais tranquilos. Pedimos a uma pessoa que tirasse a foto e fizemos pose entre as patas do leão. Eu olho para a câmera com um sorriso meigo, minha mão está sobre a coxa do Billy. Ele abraça minha cintura e posiciona a testa na minha cabeça, para me olhar. Há algo de mágico no modo como ele me observa, como se nada mais no mundo importasse.

Viro a foto e encontro outra citação de *Jane Eyre*:

> *Pela primeira vez, encontrei algo que posso verdadeiramente amar: encontrei você. Você é a minha compaixão – o meu melhor eu –, meu anjo bom. Estou ligada a você por um forte laço. Você é bom, talentoso, adorável: uma paixão ardente e solene foi concebida no meu coração; ela se inclina para você, atrai você ao meu centro e gera vida, envolve minha existência ao seu redor, e, atiçada em uma chama pura e poderosa, funde nós dois em um só.*

PARTE QUATRO

25

Preto. É tudo o que vejo ao me olhar no espelho no dia do funeral da Molly. Preto, preto, preto. Vestido preto, sapato preto, meia preta, casaco preto e um laço preto no cabelo para prender a trança que a Molly tanto gostava.

Mas não são apenas as roupas que estão escuras. Tudo está assim. Vejo a negritude das olheiras e a escuridão de minha existência.

"Está pronta, querida?", minha mãe pergunta ao bater na porta.

"Sim", respondo enquanto tento fechar a fivela do casaco. "Não acho que aguento encontrar todo mundo, mãe. Quero me despedir, mas…" Engasgo em minhas próprias palavras.

"Está tudo bem, amor", ela fala e me ajuda com a fivela. Depois, pega minhas mãos.

Além de toda a cidade estar presente na igreja, haverá uma reunião na casa de chá para o funeral – organizada pelo Peter e pelas amigas da Molly do Instituto Feminino. Apenas dei-lhes permissão para usar o local, já que agora sou a nova proprietária. É uma ideia linda, e a Molly teria amado, mas acho que por enquanto não serei capaz de ir até a loja sem a presença dela.

"É demais pra mim, mãe."

"Eu sei", ela diz e me puxa para um abraço. "Por que não esperamos todo mundo entrar na igreja primeiro? Hein? A gente também pode sair escondido antes do fim, se você quiser."

Faço que sim com a cabeça. Passar despercebida é o que mais quero hoje.

***

Sentamos no fundo e somos as primeiras a ver o caixão da Molly entrando. A imagem é de quebrar o coração.

De repente, tenho a percepção de que tudo é muito real.

A Molly está lá dentro.

Ela se foi.

Nunca mais vou vê-la.

Com tantas questões ocupando a mente, nem presto atenção na cerimônia. Por que a Molly? Por que agora? Ela tinha se doado tanto para todas as pessoas que conheceu. Como uma morte tão lenta e dolorosa pode acontecer a alguém como ela?

Não demora para a minha mãe se inclinar e avisar que devemos sair se não quisermos ser vistas.

Eu concordo e ela me guia pelas portas de madeira da igreja.

Caminhamos de volta em silêncio, ambas absortas nos próprios pensamentos.

***

Ao chegar em casa, Colin está no jardim, debruçado sobre uma fogueira, tentando atear fogo. Vamos até ele sem entender o que está acontecendo.

"Colin?", mamãe o chama.

"Oh!", ele se assusta. "Achei que iam demorar mais."

"O que você está fazendo?", ela pergunta e aponta para a fogueira.

"Eu, hum…" Ele se vira para o fogo e depois se volta para nós, tímido. "Quando a minha esposa faleceu, eu não soube direito como os meus filhos poderiam se despedir da mãe. Eu queria que eles expressassem os sentimentos, mas o funeral é uma experiência muito pesada." Ele faz uma pausa, pega um graveto e atiça o fogo. As chamas dançam loucamente. "Então eu acend i uma fogueira no jardim e nós sentamos em volta e conversamos sobre ela. Falamos sobre as pequenas coisas que fizeram dela a mulher maravilhosa que foi. Queria que eles se lembrassem dos bons momentos. Acabamos escrevendo cartas para ela, que lemos em voz alta e depois jogamos no fogo. O fogo levou as palavras para o céu. Então… Eu pensei que a gente poderia fazer isso pela Molly."

Que homem incrível, eu penso, e que gesto atencioso.

"Que lindo!", diz mamãe.

"Não precisamos ler em voz alta se não quiserem." Ele olha para mim. "Não quero ninguém desconfortável. Mas pensei que seria bom enviarmos nossos pensamentos para o alto."

"Obrigada", eu agradeço.

"Vamos trocar de roupa primeiro. Vestir algo mais confortável", minha mãe sugere e segue na direção da porta.

Sorrio para o Colin e depois sigo a mamãe.

Minha querida Molly,

Eu acordo e penso em você.
Vejo uma xícara de chá e penso em você.
Vejo um bolo e penso em você.
Vejo uma flor e penso em você.
Provo um bolinho e penso em você.
Observo um sorriso e penso em você.
Ouço uma risada e penso em você.

Sinto um abraço e penso em você.

Vou dormir e penso em você.

Nunca vou esquecer você, Molly, pois é parte de tudo ao meu redor. Cada objeto, cada pensamento, cada sentimento, tudo o que eu faço… TUDO.

Espero que um dia possa tocar a vida dos outros como você fez comigo. Você provocou uma reviravolta em mim e devolveu o brilho ao meu mundo.

Vou amar você para sempre.

A sua menina,

Sophie.

26

Quase duas semanas passaram desde a morte da Molly. A loja permanece fechada enquanto me recupero da perda tão próxima de duas pessoas importantes na minha vida.

Todos os dias, chega uma fotografia, com apenas uma frase no verso, nada mais. De fato ele anda lendo os clássicos que comentei durante nosso relacionamento. *O morro dos ventos uivantes*, *Razão e sensibilidade* e *Judas, o obscuro* são alguns dos títulos que citou. Ainda não consigo imaginá-lo perdendo tempo com leitura, concentrado nisso, mas parece que é verdade.

As últimas imagens trazem trechos de *Orgulho e preconceito* e são ainda mais comoventes, pois me lembram de quando nos conhecemos e ensaiávamos na casa de chá.

Sei que não é certo abri-las, devia jogar fora na hora que chegam, mas a alegria que enche o meu coração, ainda mais se são fotografias com a Molly e a mamãe, me faz ceder. Não consigo me desfazer delas nem depois de ler. Não dá. Eu as guardo numa caixa debaixo da cama, na ordem em que chegam. Sempre que as vejo, percebo o amor ali estampado e sinto um reconforto. Por um instante, a dor arrefece.

Não preciso comentar que não respondi. Justifico a abertura das cartas por saber que ele continuará mandando, mesmo que eu não as leia.

***

Apesar de eu não sair em público, as pessoas da cidade estão me consolando. Muitas freguesas da loja levaram comida para mim, deixaram cartões e entregaram flores para a mamãe na biblioteca, sempre com perguntas sobre como estou, mandando lembranças. Fico tocada pela bondade, mas incerta se mereço todo esse carinho. Felizmente, ninguém passou em casa, respeitaram a intimidade que necessito nessa época tão complicada. Embora eu não esteja usando esse tempo de forma produtiva, tento manter a mente ocupada para não pensar demais no passado nem no futuro, mas não consigo me concentrar. Acabo me perdendo no meio das ideias, não importa o que eu faça.

Dias depois do funeral, estou sentada na cozinha, imersa no quebra-cabeça superdifícil que o Colin trouxe há meses. As peças idênticas me enfurecem a ponto de querer jogar tudo no chão, frustrada, mas uma batida na porta me impede.

Peter está na entrada, batendo nas pernas com impaciência.

“Peter, oi!”

“Olá, Sophie! Como vai?”

“Vou indo, acho, mas não sei pra onde.”

“Sei como é”, ele responde com um sorriso triste.

“Você quer entrar para um chá ou café?”

“Na verdade, não posso, estou a caminho do aeroporto”, ele fala e aponta para um táxi com o motor ligado. “Hora de voltar pra casa.”

“Ah, sei.”

“Eu só queria deixar isso. Imagino que você deve ter as suas cópias, mas essas são as da minha mãe.” Ele me entrega um envelope pardo. “Tem uma papelada burocrática aí, mas acho que já está tudo resolvido. É tudo seu.”

“Nossa… Obrigada”, digo ao olhar para as chaves na minha mão.

“Você tem ideia de quando vai reabrir?”

Olho para ele, cansada, e mordo o lábio inferior ao pensar em qual é a melhor resposta. Não quero que ele pense que a Molly tomou a decisão errada ao deixar a loja para mim, que não vou honrar os desejos dela.

“Logo, acho.”

“Que bom. Ela ia querer isso. Foi muito bom finalmente conhecer você, apesar da situação. Tchau, Sophie”, ele fala e me dá um abraço desengonçado, meio de lado, com uns tapinhas nas costas.

“Obrigada, Peter. Boa viagem.”

Ele vira de costas, mas logo se volta para mim.

“A minha mãe sempre dizia que é um lugar que cura corações. Não demore.”

Observo enquanto ele corre para o táxi e o carro vai embora.

Olho para as chaves e as fecho dentro da mão.

***

Algumas horas se passaram desde que o Peter me visitou. O céu escureceu, o que trouxe sensação de calma, apesar de as corujas estarem piando nos ninhos.

É uma da manhã. Nas últimas horas, fiquei sentada na cama, olhando as chaves sobre o criado-mudo, imaginando o que fazer. Não posso continuar escondida. Foi assim que reagi à morte do papai, me fechei, não falei com ninguém. Isso não ajudou. Ao contrário, apenas prolongou a agonia. Sei que não devo agir assim outra vez. É preciso dar tempo à dor, mas está na hora de recomeçar.

Num impulso, visto um moletom rosa e calça esportiva cinza. Pego as chaves, desço as escadas e calço as botas. Saio no ar frio da noite e sigo para o Tea-on-the-Hill; a alameda e a High Street estão vazias. Sinto fogo nas veias, por isso o caminho passa rápido, como se eu chegasse à loja em segundos.

Fico sem ar quando vejo as mensagens e os desenhos grudados na janela e na porta, os maços de flores deixados pelas pessoas, as homenagens para a Molly. Não são

apenas de clientes, mas de habitantes da cidade, os quais Molly também influenciou. São lindas mensagens de amor e agradecimento, que mostram o quanto ela foi importante para a comunidade.

Assim que li todos – e inevitavelmente absorvi o carinho direcionado a ela –, coloco a chave na fechadura e entro. Não acendo a luz. Apenas fecho a porta, puxo uma cadeira e sento na escuridão.

O amor emana de todas as coisas ao meu redor, ao lembrar quanta devoção e alegria eram despejados neste lugar todos os dias. E não apenas pela Molly e por mim, mas por todas as senhoras, mães e estudantes que escolheram frequentar este lugar diariamente. Isso me faz perceber que não fui a única a sofrer com a perda: todos sofreram. Pensar o contrário é egoísmo.

A Molly contou ao Peter que este lugar cura o coração. Bem, concordo com isso. Por essa razão também sei que ele não pode ficar muito tempo fechado. As pessoas precisam dele. Agora mais do que nunca.

Um dia, sonhei que teria minha própria casa de chá e a encheria de presentinhos, flores e livros; é o sonho que contei ao Billy no nosso primeiro encontro, no bosque. Mas, assim como tantos dos meus sonhos, foi empurrado de lado quando outra coisa mudou meu foco. Cometi um erro ao permitir isso, após anos de planejamento secreto. Embora não seja tarde demais para tornar o sonho realidade.

Fico sentada ali por horas, sorrindo com as lembranças da mulher e do lugar que me trouxeram de volta à vida e imaginando como vou recompensá-los.

Vou embora assim que o sol nasce, caminhando sem ser notada.

***

Embora eu tenha ficado em Londres por alguns meses, não precisei mexer nas minhas economias. Não porque deixei o Billy pagar tudo, de jeito nenhum. Mas porque fui frugal e tomei cuidado. Comprei apenas o necessário, nada de fútil. Então ainda possuo uma boa quantia de dinheiro para investir no negócio. E, graças à Molly, não preciso gastar com o local. Mas ainda preciso de dinheiro para fazer as mudanças e deixar a loja com a minha cara.

Sento no sofá com um caderno e tenho ideias para presentes e lembrancinhas. Coisas que posso fazer ou comprar em lojas da cidade: velas, plaquinhas, cartões com frases motivacionais e porta-retratos de madeira. Minha mente viaja, animada, inspirada no futuro pela primeira vez em meses.

Horas depois, ainda estou no sofá, mapeando as ideias de presentes feitos em casa, quando minha mãe chega e se senta ao meu lado, já desconfiada do que está me deixando tão empolgada.

“O que é isso?”, ela pergunta

“Só umas ideiazinhas…”

“São bonitas.”

Ela me observa enquanto rascunho.

No momento, penso em objetos de pendurar na parede, como placas e lousas. Uma lousa em formato de estrela ou coração seria um lindo presente, que serve para mulheres de todas as idades, desde a menina que quer algum lugar para rabiscar o nome da paixonite até a mulher mais velha, que pode anotar a lista de compras ou recados importantes.

“Estou pensando no que fazer com a loja da Molly”, explico após alguns minutos, sem tirar os olhos do caderno.

“Que bom, amor. O que andou pensando?”

“Quero que o lugar continue parecendo dela. Acho que seria horrível tirar as coisas que todos amam. Ao mesmo tempo, queria introduzir coisas novas. Como presentinhos feitos em casa.”

“Você vai fazer tudo isso sozinha?”

“A maioria. Ou isso é dar um passo maior que a pena?”, pergunto, já receosa.

“Acho que não.”

“Mas em primeiro lugar preciso saber como vão ser as vendas, assim consigo avaliar melhor.”

“Quando você quer reabrir?”

“Não sei ainda, antes vou fazer esses planejamentos. Pode ser algo bom pra me concentrar. Mas vai saber como vou conseguir transformar isso tudo em realidade.”

“Você pode pedir ajuda ao Colin.”

“O Colin?”, pergunto com uma careta confusa. O que ele pode entender de objetos delicados?

“Bom, ele era carpinteiro. Não vai se importar de ajudar… ou ensinar.”

Um sorriso enorme se abre no meu rosto. Abraço minha mãe e dou um beijão na bochecha dela, animada com a possibilidade de transformar os planos em realidade.

27

A reinauguração chega mais rápido do que eu esperava. Os dias que a antecederam passaram voando. Lá dentro, tudo parece meio igual, eu apenas pintei as paredes e trouxe um armário grande, que foi colocado nos fundos, onde os presentes são expostos.

Do lado de fora, estão penduradas algumas das lousas em formato de coração que o Colin e eu montamos juntos nas últimas semanas. Dentro do armário, atrás da porta de vidro, ficam as outras criações.

Nas prateleiras do armário, coloquei alguns dos meus livros favoritos, clássicos na maior parte, com uma plaquinha dizendo "devorem-nos". A ideia é que as pessoas possam ler algo enquanto tomam o seu chá.

A única coisa que ainda não consegui incluir são flores, por falta de espaço. Sei que vou encontrar algum lugar para elas, mas, por enquanto, estou satisfeita.

Como a loja ficou fechada por alguns meses, decido fazer uma festa de reabertura. Na semana passada, deixei folhetos nas outras lojas da cidade e com os antigos fregueses, anunciando uma festinha de rua para dar boas-vindas de volta à casa de chá.

Então aqui estou, do lado de fora da loja, com uma placa nova sobre mim, ainda coberta, esperando para ser revelada. Ela será a primeira coisa que vão perceber de diferente. À minha frente, montei uma mesa com bolos de todas as formas e tamanhos, além de dúzias de bules, para todos se servirem à vontade. No começo, achei que tinha exagerado, mas agora estou preocupada por ter percebido que pode faltar comida.

Olho em volta e vejo a srta. Brown, a sra. Sleep e a sra. Williams em uma rodinha, bebericando chá e conversando alegremente; do mesmo modo, as colegiais J anet, Ella e Charlotte. June Hearne, e as sras. W oodsman, Wallis e Tayler estão à minha frente e decidem qual bolo experimentar primeiro (elas sabem que vai ter repeteco). Me surpreendo com a felicidade que sinto ao ver todos esses rostos sorrindo para mim outra vez.

Minha mãe e o Colin vêm até mim, após atravessar o monte de pessoas que está enchendo as xícaras de chá.

"Tá pronta, amor?", mamãe sussurra.

"Acho que sim."

"Você vai se sair bem." Colin dá uma piscada.

Sempre gostei do Colin, mas nas últimas semanas ele realmente me surpreendeu. A sua ajuda foi inestimável. Gostei de conhecê-lo um poucos mais e entender o porquê da enorme mudança da mamãe. Eu o admiro muito.

"Ok… Seja o que Deus quiser", digo e aperto o braço da minha mãe.

Pego uma colher e uma xícara e bato metal contra porcelana. Consigo a atenção de todos.

"Olá", eu digo e respiro fundo antes de continua r: "Primeiro, gostaria de agradecer muito a todos pelo apoio nos últimos meses e pela presença hoje. Vocês não têm ideia do que isso significa para mim. Peço desculpas por ter demorado pra reunir coragem, mas…"

Interrompo a fala porque um nó na garganta ameaça me sufocar. Olho para o chão e cerro os dentes para controlar as emoções.

"Vai, Sophie! A gente tá aqui por você!", a sra. Sleep grita alegremente e provoca os aplausos dos outros.

Olho e sorrio para o grupo que se juntou a mim hoje. Sei que ela tem razão. Essas pessoas estão lá por mim, como sempre estiveram, me apoiando.

Inspiro devagar e continuo:

"Obrigada. Me desculpem", digo assim que me recomponho. "Um mês atrás, perdemos a mulher com um dos maiores corações que já conhecemos. Não tenho dúvidas de que em algum momento a Molly estendeu a sua mão caridosa a todos aqui. A Molly fazia de tudo pelos outros. Na verdade, acho que eu nunca a ouvi falando não a alguém, em todos esses anos. Nada era demais para ela, principalmente se sentia que ajudava alguém. Ela me ensinou tanto e me deu, como a vocês, um lugar para se esconder quando a vida ficava difícil. Para mim, o coração desta casa sempre será ela, e é por isso que tomei a decisão de mudar o nome. Senhoras e senhores, eu lhes apresento… Molly's-on-the-Hill!" Puxo o lençol e revelo a nova placa que fiz com o Colin. O nome foi escrito em uma letra rodopiante sobre um fundo de bolinhas brancas e rosas.

Quando o lençol cai, ouço murmúrios surpresos da plateia.

"Nossa!", fala a sra. Sleep.

"Uaaaaau!", exclama Janet. "É lindo!"

"Ela teria amado!", grita June.

A srta. Brown puxa o aplauso, que se espalha.

"Para a Molly!", grita minha mãe.

"Para a Molly!", todos ecoamos e levantamos xícaras e bolos para os céus.

28

No chão da sala, rodeada por potes de *glitter*, rolos de fita, laços, cola, botões e canetas, produzo mais presentinhos.

No momento, trabalho nas placas em formato de coração que o Colin e eu entalhamos. Decoro as bordas antes de escrever à mão algumas das minhas citações favoritas. O mais caprichado possível, começo por uma do livro *Mulherzinhas*: "Não tenho medo de tempestades, pois elas me ensinam a navegar". Exatamente como me sinto na última semana, desde a reabertura da loja. Foi incrível receber os clientes outra vez. Às vezes, fico um pouco sobrecarregada de lidar com tudo sozinha, mas estou me adaptando.

Por incrível que pareça, os presentinhos estão vendendo como pãozinho quente (nem acredito). Estou muito feliz, era exatamente o que eu queria. No geral, os fregueses estão satisfeitos com as mudanças que fiz. A única exceção foi a srta. Brown, que teve seu cantinho de espionagem predileto levemente realocado para ceder lugar ao armário, de modo que ela não consegue mais observar tudo. Ela foi para casa com um bolo de limão no lugar de desculpas, o que deve ter funcionado, pois não ouvi mais reclamações. Agora ela encontrou uma nova posição, perto da janela, onde ela pode espiar os fregueses e a rua – duplamente saboroso!

Um dos pontos altos da semana foi quando as colegiais apareceram depois da aula e cada uma escolheu um livro. Ficaram em silêncio por uma hora e meia, lendo. Não contive a alegria com a cena e decide presenteá-las com uma rodada de *muffins light*. Juro que somente nessas duas ocasiões dei comida. Ops, teve também um *cupcake* de aniversário para o sr. Tucker!

"Quer um chá, querida?", minha mãe pergunta ao se levantar do sofá.

"Sim, por favor!"

Ela muda de canal antes de sair da sala. Bernard Sharland, o apresentador do Bafta, aparece na tela, em seu *talk show*. Ele está no fim de uma piada, que provoca gargalhadas na plateia.

"Agora, senhoras e senhores", ele tenta acalmar a plateia em polvorosa, "meu próximo convidado possui uma carreira selvagem. Ele saiu do anonimato quando era apenas um garoto e foi levado para L.A., onde conseguiu um papel em *Halo* que mudou a sua vida. Desde então, conquistou o coração de milhões de adolescentes e ganhou o grande prêmio Bafta. Ele vem hoje aqui para divulgar o seu novo papel na mais recente adaptação para o cinema de *Orgulho e preconceito*. Por favor, deem boas-vindas a Billy Buskin."

“Mãããããe!”, eu grito. Rapidamente tiro tudo de cima do colo e corro para achar o controle remoto.

Um vislumbre da tela me paralisa.

Observo o Billy entrar no estúdio, pálido e fragilizado. O rosto está mais magro, e sombras obscurecem seus traços. Ele não parece o mesmo; está triste e desanimado. Fico chocada com a mudança, ele parece inseguro e frágil. De joelhos, me arrasto até a TV.

“Billy, seja bem-vindo”, Bernard diz e o cumprimenta, depois os dois se sentam no sofá de couro.

“Olá, Bernard. Obrigado por me receber”, Billy fala enquanto esfrega as mãos nas coxas, ansioso.

O que está acontecendo? Este não é o Billy que eu conheço…

“Imagina. Bem, da última vez que o vi, que foi durante o Bafta, você parecia estar no topo do mundo, tinha acabado de ganhar o prêmio de melhor ator!”

“É…”, Billy responde com desinteresse. “Uma loucura.”

“E agora você anda ocupado com as filmagens do *Batida ambulante*, certo?”

Billy nem fala, apenas assente com a cabeça, olhos baixos.

“Ok…” Bernard franze o cenho. “Vamos ao assunto da noite. Você gravou *Orgulho e preconceito* ano passado. Pode nos contar como foi? Você contracenou com atores incríveis. O que pode dizer sobre essa experiência?”

Os olhos do Billy reluzem.

“Foi a melhor época da minha vida.” Ele sorri, como se lembrasse ao falar. “Eu acordava de manhã muito animado, ansioso pelo dia.”

“Projetos assim são ótimos, nem parecem trabalho”, concorda Bernard.

“Não, nada disso”, Billy declara. “Não tinha nada a ver com o trabalho.”

“Não?”

“Foi o período que passei naquela cidadezinha pitoresca, a falta de preocupação, as pessoas acolhedoras.”

“E uma pessoa em particular? Sophie May?”, o apresentador incentiva.

Estou sem ar.

“Sim”, Billy responde animadamente. “Eu ficava ansioso por vê-la, todos os dias, admirar aquele sorriso dela. Ela anima qualquer ambiente, mas não percebe o quanto é especial.”

“Vocês ainda estão juntos? Pensei que a Heidi Black estivesse…”

“Nem começa a falar nela”, Billy retruca, o rosto sombrio outra vez. “Não quero que pensem que sou aquele cara da matéria. Não aconteceu absolutamente nada entre a Heidi Black e mim.”

“Você está falando da matéria de alguns meses atrás? Quando vocês foram,

supostamente, pegos num momento quente?"

"Sim, mas não era nada disso. Foi uma armadilha. Ela me agarrou. Eu nunca seria infiel à Sophie. Ainda estou magoado com a situação em que a Heidi me colocou e como ela me usou."

"Deve ter sido difícil trabalhar ao lado dela depois disso."

"Eu não trabalhei mais ao lado dela. Eu abandonei o projeto."

O meu queixo cai. Ele saiu do filme? Quando?

"Sério?"

"Sim. O mais importante, em tudo que faço, é confiar nas pessoas ao meu redor", ele continua. "Eu não podia continuar naquelas condições. Não foi fácil. Tive reuniões sem fim com advogados, por causa de todas as questões envolvidas. Nem posso dar detalhes."

"Entendo. E como você está agora?"

"Sinceramente, não sei", Billy responde com um suspiro. A expressão é confusa. Ele cruza as pernas e balança. "Não sou totalmente inocente. Tenho minha parcela de culpa. Fui egoísta e vaidoso. Fiquei empolgado com os papéis, perdi a noção do que era apropriado, não conseguia refletir sobre isso. Fui absorvido pelo trabalho, sugado para uma vida que não é real nem satisfatória. Ignorei a opinião de alguém que eu amo muito e…" Ele para e cobre o rosto.

"Tudo bem", Bernard o conforta e dá um tapinha na perna irrequieta dele.

"Quando eu estava com a Sophie, tudo fazia sentido", ele fala e levanta o rosto inchado. "Percebi que muitas coisas na minha vida não têm valor. São sem sentido. Infelizmente, desde então, e principalmente depois que ganhei o prêmio, fiquei cada vez mais envolvido com a minha profissão. Me empolguei outra vez com a atuação, mas minha vida acabou se resumindo a isso. As pessoas me colocavam pra cima, falavam que eu teria mais sucesso se fizesse isso ou aquilo. Segui esses conselhos, sem parar pra questionar se minhas ações afetariam outras pessoas, sem pensar no que a Sophie queria."

"O que ela queria?"

"Estabilidade? Se sentir o centro do meu mundo…? Coisas que ela devia ter conseguido sem precisar pedir."

"E o que você quer?"

"A Sophie."

Meu coração sobe à garganta, um som gutural escapa da boca.

"Quando conheci a Sophie, eu observei como ela se doava aos outros. Dava seu tempo, paciência, gentileza, sem nunca pedir nada em troca. E em relação à atuação, o que fazemos pra merecer admiração? Nada. Fui egoísta durante toda a carreira, só pensei em mim, mais nada, como a maioria dos atores."

“Você está sendo muito duro consigo mesmo, Billy.”

“Talvez, mas acho que não.” Ele balança a cabeça. “Acho que pela primeira vez estou me enxergando de verdade.”

“Você não está pensando em atirar tudo para o alto, né, Billy?” Bernard tenta deixar o clima da entrevista mais leve.

“Para sempre, não. Mas desde a infância eu não havia parado de trabalhar. Acho que é hora de uma pausa. Talvez um ou dois anos livres seja o suficiente pra saber como é ter uma vida normal.”

“Oh!”

“Acho que é hora de eu mudar o foco. Eu era tão próximo da minha família. Eles eram tudo pra mim. Mas o sucesso significa não vê-los. Passei a achar normal só mandar dinheiro para eles. E você quer saber se isso ajuda a diminuir a culpa, a compensar pela minha ausência? Não. É o amor que faz a vida valer a pena, não o dinheiro.”

“Sei que muitos espectadores concordam…”

“A Sophie é uma pessoa melhor do que eu jamais serei porque ela sempre colocou o amor em primeiro lugar e eu não lhe dei crédito por isso. Agora ela nem atende mais as minhas ligações.”

“Se você pudesse falar com ela, o que diria?”

Assisto, sem respirar, enquanto Billy baixa a cabeça e esfrega o rosto, pensativo. Ele levanta os olhos, inseguro, e morde o lábio.

“Eu diria que o meu mundo sem ela não tem graça e que, desde que a conheci, ela é tudo que sempre quis.”

“Que romântico. Espero que ela esteja ouvindo”, Bernard comenta e estica a mão para cumprimentá-lo. “Boa sorte com tudo. Aproveite a pausa e venha nos visitar quando decidir voltar para a telona… Por favor, não demore! Billy Buskin, senhoras e senhores.” B ernard encoraja a plateia a aplaudir e chama o convidado seguinte.

Desligo a tevê e deito no chão, com o rosto enterrado no tapete. Em poucos segundos, o choramingo se transforma em gemidos intensos.

Sinto tanta falta do Billy. Como nos metemos nessa bagunça? Tudo deveria ser perfeito.

Sinto uma mão quente nas minhas costas, massageando e me acalmando.

“Sophie. Me desculpa.”

Quem…?

Fico parada.

Espero para ouvir a voz outra vez.

Espero para ter certeza.

Por um momento, silêncio. Nada. Tento entender o que está acontecendo.

“É sério. Agora eu sei. Você é tudo que sempre quis”, ele fala baixinho.

Ele está aqui.

Ele está aqui mesmo.

Embora eu o tenha ignorado por semanas e dito que não viesse atrás de mim, ele está aqui. Fico confusa. Soluço incontrolavelmente. No entanto, algo dentro de mim brilha e se expande de alegria.

O que eu faço?

“Gata?”, ele chama. Sua mão para nas minhas costas.

Respiro fundo e lentamente saio da posição fetal. Eu o observo, para ver se é real, se não estou alucinando. Primeiro, vejo os pés, com o mesmo tênis roxo de quando nos conhecemos. Depois, as pernas, o peito, as mãos que ele usava para me acariciar, os braços que me abraçavam. A boca. A boca linda… Paro nela. Não sou capaz de olhá-lo nos olhos.

“Como?”, pergunto com a voz trêmula e aponto para a televisão.

“Foi filmado ontem.”

Isso não importa, o que importa é que ele está na minha frente.

Ele pega uma das minhas mãos e faz carinho na palma com o dedão.

Sem saber o que dizer, olho para as mãos entrelaçadas e tento entender os sentimentos rodopiando dentro de mim.

“A loja”, ele fala sem ar. “Você conseguiu. Está incrível! Ela estaria tão orgulhosa.”

A menção à loja provoca outro fluxo de emoção e meu peito se estufa de orgulho. Consegui tanta coisa. Fiz algo por mim mesma pela primeira vez na vida. E alcancei tudo ainda que estivesse perdida, de coração partido. Eu consegui.

“Estou tão orgulhoso de você.”

Pela primeira vez, me sinto digna do elogio.

Olho nos olhos dele, olhos grandes, honestos, da cor de chocolate. Um sorriso surge na minha face.

“Eu fui um idiota, Sophie. Me desculpa por não…”

Puxo Billy para perto de mim e o beijo.

Já estou cansada de sentir culpa, tristeza e dor. Não quero mais saber disso. Chega de viver sem as pessoas que amo ao meu lado.

A Molly uma vez me disse para agarrar todas as oportunidades que surgissem no caminho. Agora, vou levar o conselho ao pé da letra… Ela ficaria orgulhosa.

SOBRE A VERSÃO DIGITAL
1a edição: 2014



EQUIPE DE REALIZAÇÃO
Assistência editorial
Liris Tribuzzi

Assessoria editorial
Maria Apparecida F. M. Bussolotti

Edição de texto
Balão Editorial (Supervisão de revisão, preparação do original, copidesque e revisão)

Editoração eletrônica
Évelin Kovaliauskas Custódia (Projeto gráfico e diagramação de capa)
Balão Editorial (Diagramação)
Sara Gibb (ilustração de capa)
Penguin Books (capa)
Douglas Docelino (Adaptação de capa)